



Ministério da Administração Interna  
**POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA**  
Comando Distrital de Polícia de Aveiro



# *Análise da Criminalidade*

## *Para Solucionadores de Problemas*

*Em 60 Pequenos Passos*

De

**Ronald V. Clarke & John E. Eck**

**COPS**

COMMUNITY ORIENTED POLICING SERVICES  
U.S. DEPARTMENT OF JUSTICE

[www.cops.usdoj.gov](http://www.cops.usdoj.gov)

[cpaveiro@psp.pt](mailto:cpaveiro@psp.pt)

[www.psp.pt](http://www.psp.pt)

Tradução: Chefe Evaristo Ferreira

[ijeferreira@psp.pt](mailto:ijeferreira@psp.pt)

[chefevaristo@gmail.com](mailto:chefevaristo@gmail.com)

CDPAVR/SPPP

Março – 2012



*Este projeto foi apoiado pelo acordo de cooperação n.º 2003CKWXK048 pelo Office of Community Oriented Policing Services, do U.S. Department of Justice. As opiniões expressas neste trabalho são as dos autores e não representam, necessariamente, a posição oficial do U.S. Department of Justice. As referências específicas a companhias, produtos, ou serviços não devem ser consideradas como de apoio a esses mesmos produtos pelos autores ou pelo U.S. Department of Justice. Em vez disso, aquelas referências são meras ilustrações para complementar a discussão dos assuntos.*

***Nem os autores nem o U.S. Department of Justice se responsabilizam pela exatidão desta tradução.***



## ÍNDICE

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>6</b>
<b>Autores</b> .....	<b>7</b>
<b>Prefácio</b> .....	<b>8</b>
<b>Leia Isto Primeiro</b> .....	<b>11</b>
<b>Organize-se</b>	
1. Repense o seu trabalho .....	14
2. Seja um perito da criminalidade local .....	17
3. Saiba o que é eficiente (e o que não é) no policiamento .....	21
<b>Saiba Mais sobre Policiamento Orientado-aos-Problemas (POP)</b>	
4. Torne-se um perito em POP .....	24
5. Seja fiel ao POP .....	27
6. Seja muito específico em relação ao crime .....	31
7. Guie-se pelo IARA – não se desvie! .....	35
<b>Estude Criminologia Ambiental</b>	
8. Use o triângulo de análise do problema .....	38
9. Saiba que a ocasião faz o ladrão .....	41
10. Coloque-se no lugar do infrator .....	44
11. Espere pela reação dos infratores .....	47
12. Não se desencoraje pelo pessimismo associado à deslocalização .....	50
13. Espere uma difusão dos benefícios .....	53
<b>Identifique Problemas Criminais</b>	
14. Use o teste CHEERS ao definir problemas .....	56
15. Saiba qual é o tipo de problema que tem .....	59
16. Estude o dia-a-dia do crime .....	63
17. Saiba como se desenvolvem os hot-spots .....	66
18. Saiba se a regra 80-20 se aplica .....	69
<b>Análise em Profundidade</b>	
19. Pesquise sobre seu problema .....	72
20. Formule hipóteses .....	76
21. Recolha os seus próprios dados .....	79
22. Examine a distribuição dos seus dados .....	82
23. Diagnostique o seu hot-spot .....	86
24. Saiba quando usar mapas de alta definição .....	89
25. Preste atenção nos ritmos diários e semanais .....	92
26. Considere as mudanças a longo prazo .....	95
27. Saiba como usar taxas e denominadores .....	98
28. Identifique estabelecimentos de risco .....	102
29. Esteja preparado para vitimização repetida .....	106
30. Tenha em consideração a reincidência no crime .....	109
31. Conheça os produtos que são desejados pelos ladrões .....	112
32. Realize estudos de caso-controlo .....	116
33. Aprenda como avaliar as associações .....	119
34. Procure os facilitadores do crime .....	122
35. Entenda o crime do começo ao fim .....	125
36. Certifique-se que respondeu às perguntas dos cinco “W” (e um “H”) .....	129

37. Reconheça que errar é humano .....	132
<b>Encontre uma Resposta</b>	
38. Assuma o seu papel central na resposta .....	135
39. Aumente o esforço do crime .....	138
40. Aumente os riscos do crime .....	141
41. Reduza as recompensas do crime .....	144
42. Reduza as provocações .....	147
43. Remova as desculpas para o crime .....	149
44. Encontre o causador do problema .....	152
45. Escolha respostas possíveis de serem implementadas .....	156
<b>Avalie o Impacto</b>	
46. Conduza um processo de avaliação .....	159
47. Saiba como usar controlos .....	162
48. Tenha em consideração a deslocalização geográfica e temporal .....	166
49. Examine a deslocalização para outros alvos, táticas e outros tipos de crime .....	169
50. Esteja atento à chegada de novos infratores .....	172
51. Esteja alerta para benefícios inesperados .....	175
52. Espere uma diminuição antecipada do crime .....	179
53. Teste a significância dos resultados .....	182
<b>Comunique Eficientemente</b>	
54. Conte uma história clara .....	185
55. Faça mapas claros .....	189
56. Use tabelas simples .....	192
57. Use figuras simples .....	195
58. Organize apresentações influentes .....	198
59. Seja um apresentador competente .....	201
60. Contribua para acumulação de conhecimentos .....	205
<b>Glossário</b> .....	208

## AGRADECIMENTOS

*Esta é uma versão revista e ampliada do manual “**Become a Problem-Solving Crime Analyst**” que elaboramos para o Instituto Jill Dando de Ciências Criminais da University College London, com o apoio financeiro do Home Office. Estamos gratos àquele Instituto e ao Home Office por nos ter permitido produzir esta versão para os Estados Unidos. Também, agradecemos ao Office of Community Oriented Policing Service por, formalmente, apoiar a produção deste trabalho. Na página de agradecimentos da versão anterior, agradecemos a muitos colegas e amigos, cujos trabalhos utilizamos sem qualquer restrição. Aqueles que nos ajudaram a completar esta versão, fornecendo material para inclusão, comentando os esboços ou, de alguma outra forma, deram contributos, incluem: Stacy Belledin, Rachel Boba, Karen Bullock, Barbie Brookover, Christopher Bruce, Andy Brumwell, Graham Farrell, Rob Guerette, Samantha Gwinn, Shane Johnson, Johannes Knutsson, Gloria Laycock, Nancy Leach, Deborah Loewen, Tamara Madensen, Mangai Natarajan, Cynthia Pappas, Ken Pease, Nanci Plouffe, Barry Poyner, Jerry Ratcliffe, George Rengert, Nick Ross, Kim Rossmo, Rana Sampson, Matthew Scheider, Karin Shmerler, Michael Scott, Nick Tilley, Susan Wernicke, Matt White, e Deborah Lamn Weisel. A todos agradecemos.*

## Os Autores

### **RONALD V. CLARKE**

*Ronald Clarke é professor universitário na School of Criminal Justice da Rutgers University, do Estado de New Jersey, e professor convidado do Jill Dando Institute of Crime Science da University College London. Durante muitos anos, trabalhou na Unidade de Planeamento e Pesquisa do Home Office onde contribuiu para o desenvolvimento do modelo de prevenção situacional do crime e do Crime British Survey. É diretor associado do Center for Problem-Oriented Policing e presidente do júri do Prémio Anual Herman Goldstein para a Excelência em Policiamento Orientado-aos-Problemas. Poderá ser contactado através do e-mail: [rclarke@andromeda.rutgers.edu](mailto:rclarke@andromeda.rutgers.edu)*

### **JOHN E. ECK**

*John Eck é professor de justiça criminal da University of Cincinnati. Tem contribuído para o desenvolvimento do policiamento orientado aos problemas desde 1984, quando estudou a primeira tentativa de implementação deste conceito em Newport News, Virgínia, nos EUA. Ajudou a desenvolver um número de técnicas que, hoje, são padrão no Policiamento Orientado-aos-Problemas, incluindo o modelo SARA e o triângulo de análise do problema. O Dr. Eck é membro do Center for Problem-Oriented Policing. É membro do júri do Prémio Tilley para a Excelência em Policiamento Orientado-aos-Problemas. O Dr. Eck foi membro do Comité de Revisão de Pesquisas sobre Políticas e Práticas Policiais (2000-2003), da National Academy of Sciences. Poderá ser contactado através do e-mail: [john.eck@uc.edu](mailto:john.eck@uc.edu)*

## PREFÁCIO

*Hoje em dia, nos EUA – e previsivelmente no futuro - uma das principais preocupações relativas ao policiamento é sobre a contração nos gastos. A parte de leão dos orçamentos policiais é consumida nos custos com o pessoal. Como resultado, muitas agências policiais já estão a operar significativamente abaixo das suas capacidades. Os fundos para a contratação de novos elementos, para ir ao encontro das necessidades crescentes, são difíceis de obter e, com especial relevância, as formas tradicionais de policiar, porque são tão pesadamente dependentes do pessoal, têm vindo a ser reduzidas. Os pedidos de intervenção policial já não são respondidos de forma tão rápida e completa como no passado. O pessoal já não pode ser empregue tão livremente, para aumentar a presença policial nas ruas, em táticas de trabalho intensivo, como em operações de combate específicas, em limpezas de área, e com forças especiais de intervenção.*

*Esta realidade constitui-se como uma ponderosa nova força que obriga a repensar a forma como políciamos. Ela liga-se a esforços prévios, tendentes a promover um maior interesse sobre a eficácia da polícia, os quais emprestam um ímpeto novo para ir ao encontro de uma necessidade que se mantém, desde há muito, negligenciada - a necessidade de dotar a polícia de capacidade institucionalizada, para examinar o resultado do seu desempenho; para questionar, rotineiramente, antes de se comprometer com mais do mesmo, sobre o que se espera que a polícia realize e como é que ela o poderá realizar de forma mais efetiva.*

*Repensar os métodos tradicionais requer um novo entendimento do papel da polícia - tanto da parte da polícia como do público que ela serve. É essencial reconhecer que a função policial não é tão simples como, por vezes, é retratada. Ela é incrivelmente complexa. Não se restringe à função singular, como normalmente é definida, de obrigar ao cumprimento da lei. Ela obriga a lidar com uma ampla gama de problemas comportamentais, cada qual completamente diferente dos outros. Ela não consiste em, simplesmente, reagir a um infindável conjunto de incidentes. Espera-se que a polícia, agora e em primeira instância, previna a sua ocorrência.*

*Uma nova perspetiva sobre o policiamento requer que a polícia examine, em profundidade, cada um dos numerosos problemas comportamentais que, juntos, constituem o seu trabalho; que considere um conjunto mais alargado de estratégias para, melhor, prevenir, reduzir, ou eliminar cada um desses problemas; e que avalie com mais precisão a sua eficácia após adotar uma nova resposta focalizada. É esta a essência do Policiamento Orientado-aos-Problemas.*

*Muitos avanços foram conseguidos sob a égide do Policiamento Orientado-aos-Problemas, desde a sua primeira introdução em 1979. Mas estes avanços não foram incorporados no policiamento. A implementação destes tem sido pontual, inconsistente e sem raízes profundas e duradouras. Os avanços permanecem obscuros pelo dominante e contínuo compromisso para com o policiamento tradicional e sua grande dependência de inúmeros elementos policiais a fazerem ações de patrulhamento e a procederem a detenções.*



*Um maior interesse pela eficiência da polícia, em lidar com problemas comportamentais específicos, não precisa começar do zero. Em geral, sabemos muito sobre a vasta gama de problemas comportamentais que constituem o trabalho da polícia e qual a melhor maneira de os prevenir. Esse conhecimento pode ser encontrado na inúmera literatura sobre o crime e prevenção do crime - especialmente na literatura sobre prevenção situacional do crime. Muitos conhecimentos de grande importância podem ser encontrados, também, entre as práticas dos organismos policiais e nas reflexões de inúmeros elementos policiais experientes mas, apesar destas experiências e perícia deverem ser aproveitadas, elas devem ser submetidas a análises rigorosas.*

*O Center for Problem-Oriented Policing (POP Center) ([www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)) serve, agora, de armazém à coleção do conjunto de conhecimentos, crescentes, relativos aos problemas habitualmente encontrados pela polícia. Ele dissemina este material de várias formas, mas em primeiro lugar, através da publicação dos seus guias de orientações para os problemas. Cada guia sintetiza os conhecimentos existentes e avalia as práticas com vista a problemas específicos, e estimula a polícia a avançar com o seu próprio entendimento sobre como, melhor, lidar com o problema no seu contexto local.*

*Embora o POP Center tenha documentado centenas de casos bem sucedidos de policiamento orientado-aos-problemas, um dos maiores impedimentos ao avanço do conceito tem sido a ausência de capacidade analítica por parte das agências policiais. Muitas agências policiais empregam um ou mais analistas criminais, mas muitas das maiores e mais avançadas organizações policiais não os têm. Quando empregue, o trabalho de um analista criminal, frequentemente, limita-se a compilar, em tabelas, os crimes que ocorrem. Noutros casos, ele estende-se à identificação de padrões criminais com o principal objetivo de identificar os prováveis ofensores, para que possam ser detidos. Na sua forma mais ambiciosa, o trabalho do analista criminal poderá incluir a identificação dos fatores que contribuem para o padrão criminal, mas a competência para decidir a forma como responder a esses fatores é, normalmente, deferida para o pessoal operacional que, então, tende a usar os meios tradicionais para lidar com eles.*

*Entretanto, o campo de ação do analista criminal tem crescido para uma forma muito mais sofisticada. Existe, disponível, sólida literatura sobre as suas potencialidades. A capacidade para, eletronicamente, recolher, armazenar, e recuperar quantidades massivas de dados, que a polícia rotineiramente compila, é infinitamente maior do que há uma década atrás. A capacidade de, geograficamente, mapear a criminalidade é estonteante e, agora, é indispensável e é uma das melhores ferramentas para a análise do crime. Têm sido desenvolvidas abordagens normalizadas para a recolha, a análise, e a disseminação de informações estratégicas pelas linhas jurisdicionais.*

*Neste manual, Ronald Clarke e John Eck definem uma mais ambiciosa, e potencialmente mais produtiva, agenda para o analista. Eles esboçam um papel no qual o analista criminal investe bastante na procura de novas respostas para os problemas que foram diagnosticados e*

*participa, diretamente, nos esforços para as testar e implementar. É espectável que o analista contribua para explorar novas, mais criativas e potencialmente mais eficazes, formas de realizar o trabalho policial. Através deste manual, Clarke e Eck demonstram como um analista, devidamente treinado e utilizado, tem o potencial de aumentar, muitas vezes, a produtividade e a eficácia de, porventura, centenas de elementos policiais. Compreendido desta forma, um investimento em analistas criminais poderá ser uma forma inteligente de aumentar o retorno de substancial parte do investimento que as comunidades fazem no pessoal policial ajuramentado.*

*Combinando as suas perícias, enquanto investigadores com os seus profundos conhecimentos sobre o policiamento, Clarke e Eck compilaram todos os conhecimentos e metodologias que são relevantes e que estão disponíveis atualmente; organizada em 60 pequenos segmentos ou passos, que se erguem de forma lógica uns sobre os outros; e comunicando esse material num estilo que é tanto conciso como envolvente. Este volume constitui um pacote de informações vitais e sofisticadas que o tornam uma das mais significativas publicações, visando o campo do policiamento, elaboradas nas últimas décadas.*

*O objetivo mais imediato deste manual é o de ajudar o relativo pequeno número de indivíduos que, agora, são habitualmente empregues pelas agências policiais como analistas criminais, para expandir as suas funções e, assim, para contribuírem, mais ainda, para a eficácia das operações do seu organismo. Existe a intenção, mais ambiciosa, de contribuir para o treino de novos analistas criminais ou solucionadores de problemas, para aumentar o seu número e para o seu desenvolvimento enquanto profissão distinta e vital. Mas, a análise de problemas não é domínio exclusivo dos técnicos. Esperamos que todos os que integram uma agência policial, desde os agentes da patrulha aos responsáveis policiais e, de forma mais abrangente, todos aqueles, tanto do setor público como do privado, que se preocupam com a criminalidade, venham a incorporar a linha de pensamento definida neste manual nas perspetivas que tenham quanto ao seu trabalho.*

*Herman Goldstein  
Professor Emérito de Direito  
University of Wisconsin-Madison*

## **Leia isto primeiro**

*Este manual de 60 passos assume que você é já um analista experiente e de que está acostumado a fornecer o tipo de informações necessárias para apoiar as operações policiais. Isto significa que:*

- 1. Está habituado a trabalhar com computadores modernos e que sabe como aceder e como manipular bases de dados detalhadas.*
- 2. Sabe como usar software para mapear a criminalidade, para identificar zonas críticas, e como relacioná-las com dados demográficos e de outros tipos.*
- 3. Você, rotineiramente, produz gráficos demonstrativos das mudanças quanto à criminalidade, semanais e mensais, ao nível do departamento e dos diversos giros de patrulha, talvez como forma de apoio a operações do tipo CompStat.*
- 4. Você está acostumado a realizar análises de tópicos, como a relação entre as moradas de infratores conhecidos e os focos de furtos locais, de e em viaturas e em residências.*
- 5. Você poderá ter já realizado algum tipo de avaliações, antes-e-depois, a operações policiais de combate a tipos específicos de criminalidade, como contra furtos em residências e furtos de viaturas.*
- 6. Você possui algum tipo de conhecimentos relativos a estatísticas e sobre metodologia de investigação, como os tipos de conhecimentos fornecidos pelos cursos de ciências sociais.*

*Este manual destina-se a assentar neste tipo de experiência prévia e no sentido de o preparar para um papel analítico diferente enquanto membro-chave de uma equipa de resolução de problemas. De facto, os últimos documentos sobre o policiamento orientado-aos-problemas encaram os analistas criminais como figuras centrais nesta nova forma de policiar as comunidades. Aqueles documentos abordam o facto de que muitas das fraquezas da prática policial atual resultarem do insuficiente envolvimento dos analistas criminais, devidamente treinados, em cada fase do processo de resolução de problemas.*

*O manual prepara-o para este novo papel através do fornecimento de conhecimentos básicos sobre policiamento orientado-aos-problemas e dos campos a ele relacionados, como a criminologia ambiental e a prevenção situacional do crime. Você não poderá funcionar adequadamente, enquanto analista criminal solucionador de problemas, sem que esteja familiarizado com estes campos. Nem conseguirá preencher os requisitos deste papel sem repensar a forma como desempenha as suas funções e as primeiras secções deste manual explicam como adotar uma abordagem mais proativa. Você não pode, simplesmente, ficar à espera que os seus colegas policiais venham ter consigo com pedidos para serem informados. Em vez disso, você deve tomar a iniciativa, em cada fase do projeto, para a definição da extensão dos esforços a desenvolver para a resolução do problema, na tentativa de analisar as causas do problema, para ajudar a ser encontrada uma resposta eficaz e na definição e implementação do projeto, para que possa vir a ser avaliado e para que a polícia possa vir a aprender algo com os resultados. Isto significa que você deve passar a ser um membro integral*

*da equipa de resolução de problemas, que você deve explorar as fontes de informação e os dados, muito para além da forma como, habitualmente, costuma fazer na sua função, que você se deve manter a trabalhar num projeto em particular durante muito mais tempo que o costume e, finalmente, que você deve partilhar os créditos do sucesso, ou os desapontamentos do falhanço, em igual percentagem com os restantes membros da equipa.*

*O manual parte do princípio que os analistas que aceitam este novo papel estão interessados em contribuir para o desenvolvimento da sua profissão. Assistida por vastas bases de dados melhoradas e por sistemas e equipamentos informáticos e software adequado, a análise criminal está na eminência de vir a tornar-se numa nova e excitante especialidade. De facto, ela já começou a atrair um esquadrão de profissionais, altamente motivados e bem treinados, que são vitais para o desenvolvimento do policiamento no século XXI. Você pode contribuir através da comunicação dos resultados do seu trabalho, nas reuniões de trabalho e nos jornais da sua profissão. Ao fazê-lo, não só, no geral, ajudará a sua profissão a policiar, mas passará a estar melhor informado e a ser um recurso valioso para a sua força policial.*

*O manual é pequeno que chegue para ser lido num fim-de-semana. Será trabalhoso de o pôr em prática e, provavelmente, valerá a pena fazê-lo, mas não foi concebido para ser lido e para depois ser colocado na prateleira. Em vez disso, esperamos que ele venha a ser uma fonte de referência, indispensável, que mantenha na sua secretária e que o consulte sempre que necessite no decurso de projetos de resolução de problemas. Por isso é que foi concebido para ser robusto, e para permitir o seu uso continuado. Quando aberto num passo em particular ele foi concebido para ficar aberto na sua secretária para que possa consultá-lo com facilidade quando estiver a trabalhar com o computador.*

*Organizamos os passos a seguir numa ordem lógica, um após o outro, seguindo o modelo SARA (ou IARA em português - Identificação, Análise, Resposta e Avaliação), embora cada um deles tenha seu próprio significado e trate de um tópico específico. Isto deve tornar desnecessário que folheie o manual, saltando página a página, quando tratar de um tema específico. Para obter o melhor do manual, você deve estar completamente familiarizado com a lista de conteúdo e deve ter navegado pelas secções que mais lhe interessam, para obter uma ideia do seu conteúdo geral. Mas, você, só precisa, apenas, estudar um passo específico quando tiver a necessidade imediata das informações contidas no mesmo. Em todo caso, esta é a melhor forma de aprender: procurar e usar informações quando tiver uma necessidade prática disso.*

*Nalguns casos, discutimos um determinado tópico em mais do que um local. Por exemplo, o Passo 12 fornece uma introdução geral do conceito de deslocalização, enquanto os Passos 48 e 49 explicam como examinar as diversas formas de deslocalização nas fases de avaliação. O glossário e o índice devem ajudá-lo a encontrar onde um mesmo tópico é referido em mais do que um local.*

*Utilizamos exemplos de outros países, bem como dos EUA. Procuramos os melhores exemplos para explicar o nosso ponto de vista. Assim, mesmo sendo o contexto estrangeiro, os princípios são universais. Esperamos que esta diversidade de ideias estimule pensamentos criativos:*

*“Poderá esta abordagem ser adaptada a este problema?”, “Como poderemos fazer isto?” Não temos referências no manual, tão completas, como numa publicação académica, por várias razões. Mas tentamos destilar a essência do que existe publicado sobre cada passo. Também, duvidamos que os analistas criminais muito ocupados tenham muito tempo para fazer leituras académicas. Finalmente, alguns de vós terão acesso imediato a bibliotecas especializadas que disponham desse material. Mas, às vezes, precisará saber mais sobre um dado tópico e, em cada passo, referimo-nos a artigos-chave ou livros que deve procurar obter mais facilmente. Sempre que possível, optamos por aqueles que são acessíveis na internet. Se precisar de ajuda com as referências, sintá-se à vontade para enviar um e-mail a um de nós, através do endereço dado anteriormente. Também, teremos o maior prazer em receber quaisquer comentários sobre o manual, especialmente sugestões para melhorias, o que poderá vir a ser útil se resolvermos preparar outras edições no futuro. Mais importante, ainda, por favor não se acanhe em sugerir a inclusão das suas próprias análises!*

### **O Home Office e a Polícia Britânica**

*Como foi explicado nos Agradecimentos, desenvolvemos este manual a partir de uma versão anterior que preparáramos para o Instituto Jill Dando de Ciências Criminais do College University London. Removemos termos e ortografias britânicas e substituímos muitos dos exemplos britânicos por exemplos americanos. Mesmo assim, ainda irá encontrar muitas referências a temas britânicos. Em particular, irá notar menções frequentes ao Home Office, o qual é o equivalente britânico do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Aquele tem a responsabilidade global pelas questões relacionadas com o crime e a justiça, na Inglaterra e no País de Gales, incluindo a sobre a ação da polícia. Há apenas 43 forças ou unidades policiais na Inglaterra e no País de Gales (para uma população de cerca de 50 milhões) logo, as forças ou unidades policiais são muito maiores do que a maioria dos departamentos de polícia americanos. Existe, também, muito mais uniformidade entre as forças policiais britânicas em termos de políticas, estruturas hierárquicas, de equipamentos e de emprego de recursos humanos. Isto é devido, em parte, à visão macroeconómica do Home Office (que fornece 51% do orçamento de cada uma das unidades) e das inspeções regulares realizadas pelos inspetores militares das forças armadas da Rainha. O Home Office, também, financia muitas pesquisas sobre o crime e a justiça criminal e dispõe de um grande departamento de pesquisa, próprio, que publica muitos estudos de direta, e prática, relevância para a polícia. Recentemente, tem patrocinado muitos trabalhos sobre policiamento orientado-aos-problema, incluindo a versão original deste manual.*

## Organize-se

### 1. REPENSE O SEU TRABALHO

*Como a maioria dos analistas criminais, provavelmente pensa a respeito do seu trabalho de uma forma bastante modesta. Você não resolve crimes em primeira mão. Nem é a pessoa que tem a liderança do departamento para estabelecer as prioridades de combate ao crime. Em vez disso, fornece um conjunto de dados para aqueles que fazem o "verdadeiro" trabalho, o de encontrar a melhor maneira de deter os criminosos. Responde aos pedidos de estatísticas atualizadas, sobre arrombamentos ou furtos de carros, por exemplo, dos chefes das guarnições, como oficiais e sargentos operacionais. Elabora mapas da criminalidade para as reuniões semanais, para que o superior hierárquico responsável saiba onde existe maior necessidade de esforço. E compila estatísticas mensais necessárias para a elaboração de relatórios. Por outras palavras, você está sentado no banco de trás enquanto outros conduzem, solicitando a sua ajuda apenas quando precisam dela. Este manual ajudá-lo-á a repensar o seu papel. Até alguém sentado no banco de trás pode ajudar o motorista perdido a encontrar a direção certa. O controlo sobre as informações é crucial e a habilidade de analisá-las é, igualmente, muito importante. A pessoa que aprende como fazer isto torna-se num membro essencial da equipa. Mas nós não estamos a falar a respeito de poder ou status. Ao contrário, estamos-nos a referir ao desafio a que todas as unidades policiais estão expostas: como resolver problemas criminais repetitivos e persistentes. Pense-se como membro de uma equipa que ajuda a resolver esses problemas, com um papel particular. Enquanto estiver a usar este manual, você começará a ver como desenvolver esse papel e verá, também, o quanto ele é essencial.*

*Para desempenhar esse papel essencial, você precisa saber mais. Não nos estamos a referir à melhoria das competências em lidar com computadores ou à habilidade em fazer mapeamentos, por mais que essas tarefas sejam importantes. Você precisa aprender mais sobre o crime em si, sobre como tornar-se um recurso valioso para seu departamento, como perito do crime da sua área. Se existe uma nova onda de assaltos, você deve ser o primeiro a saber e o primeiro a falar sobre o assunto. A analisar e a mapear as estatísticas e a obter os factos por si mesmo. Se ficar à espera, outros irão dizer-lhe o que está a acontecer sem qualquer base factual. Uma vez mais, será deixado no banco de trás. Você é a pessoa dos "factos" e deve descobri-los o mais depressa possível, usando os melhores meios possíveis. Isso, frequentemente, significará ir além dos dados da polícia, e este manual irá contar-lhe como utilizar outras fontes de dados, incluindo as entrevistas com as vítimas e os infratores, e os registos de crimes mantidos pelas empresas. Tornar-se numa fonte de informação é um primeiro passo. O ideal é ser, também, uma fonte de aconselhamento. A possibilidade de o fazer depende da abertura a isso por parte do seu supervisor mas, pelo menos, você pode fornecer opções ou apoiar as sugestões de outras pessoas com informações e dados.*

*Em particular, você deveria saber o que funciona em policiamento e o que não funciona. O quanto o policiamento aleatório é eficiente? Com que frequência a polícia acode a um crime em flagrante? Com que frequência os crimes são resolvidos posteriormente através do trabalho paciente dos detetives ou das provas recolhidas? O quanto são produtivos, em termos de detenções, os serviços de investigação encoberta e a vigilância? Quanto custam, em termos do uso de tempo dos recursos humanos, as operações policiais de combate a crimes específicos? Quais são as taxas de detenção para diferentes tipos de crimes? Quantos crimes, de diferentes tipos, são ainda comunicados à polícia? Saber as respostas para estas perguntas indicar-lhe-á o porquê de, até mesmo, os elementos policiais que mais trabalham no duro são relativamente ineficazes na prevenção do crime, e o porquê de um número crescente de forças policiais, agora, estarem a mudar o foco da sua atenção para o policiamento orientado-aos-problemas.*

*O principal objetivo deste manual é o de informá-lo sobre o policiamento orientado-aos-problemas e sobre o papel vital que você pode ter na implementação do mesmo. O manual ajudá-lo-á a distinguir o policiamento orientado-aos-problemas de outras formas de policiamento comunitário. O manual mostra como o policiamento orientado-aos-problemas pode tornar-se mais eficiente através da criminologia ambiental e da prevenção situacional do crime. Descreve cada uma das quatro fases de um projeto orientado-ao-problema - identificando os problemas criminais, analisando cada problema específico em profundidade, respondendo ao problema através da implementação de soluções e avaliando os seus resultados - e dá exemplos de dados e de informações que você poderá fornecer em cada etapa. Finalmente, ilustra o tipo de análise que você pode realizar em todas as quatro fases, para trabalhar eficientemente como membro de uma equipa de resolução de problemas.*

*Estas fases de um projeto orientado-ao-problema exigirão que continue a trabalhar num único projeto muito mais tempo do que o seu papel tradicional de analista costuma exigir. Você poderá esperar ficar com um projeto de resolução-de-problemas durante semanas ou meses, em vez de, apenas, umas poucas horas necessárias para mapear um ponto crítico relativo a arrombamentos de residências, ou a fornecer um relatório mensal. Onde quer que uma avaliação detalhada de resultados seja necessária, o seu envolvimento poderá ser prolongado, até mesmo por mais de um ano. Você pode ter que explicar isto para os colegas que venham a ajudá-lo. Em primeiro lugar, eles poderão ficar surpreendidos ao vê-lo na disposição de continuar com um projeto por tanto tempo mas, dentro de pouco tempo, irão apreciar o mérito do esforço do seu compromisso.*

*O seu tempo será desperdiçado se não conseguir comunicar os resultados do seu trabalho. As secções posteriores do manual dão sugestões para fazer as suas comunicações com mais eficiência, as quais contarão uma história através de mapas e de tabelas simples. As suas apresentações devem ser orientadas para um decurso de ação, mas você deve, sempre, explicar os limites dos seus dados e deve informar os restantes elementos policiais sobre onde as suas recomendações se baseiam em boas intuições ao contrário de factos.*

*Este manual não lhe consegue dizer tudo o que deve saber, ou fazer, para se tornar num analista solucionador de problemas. Você deve procurar, constantemente, aprimorar a sua*

*habilidade técnica e profissional e manter-se atualizado com as mais recentes evoluções nas áreas relevantes. Deve ter a iniciativa de encontrar maneiras mais eficientes de obter informações, e formas mais eficientes de processá-las. Com o tempo, ficará livre das tarefas de rotina, o que significa mais tempo disponível para novos trabalhos de análise de problemas. Você precisa realizar leituras mais abrangentes e explorar outras fontes de informação. Leituras adicionais são recomendadas em todo este manual mas, também, terá de encontrar material por si próprio. Uma boa maneira de fazer isso é através da ligação em rede com analistas de outros departamentos e pela participação em reuniões profissionais de analistas, polícias e criminologistas. E tentando transmitir o que tem aprendido através da participação e de apresentações nesses encontros onde análises valiosas, ou diferentes, são feitas.*

*Em suma, deve começar a se ver como mais do que apenas um técnico capacitado em manipular e apresentar dados. Deve tornar-se mais parecido com um pesquisador - alguém que está a trazer a lume o melhor que a ciência pode oferecer para tornar o policiamento mais eficiente. Pela mesma razão, também, reconhecer que fazemos parte de uma profissão emergente, a qual poderemos ajudar a desenvolver.*

**Em suma, repense o seu trabalho:**

- *Torne-se num perito em crime.*
- *Saiba o que funciona em termos de policiamento.*
- *Promova soluções para os problemas.*
- *Assuma o seu lugar na equipa do projeto.*
- *Saiba mais sobre a criminologia ambiental.*
- *Aprimore as suas habilidades de pesquisa.*
- *Comunique eficientemente.*
- *Melhore a sua profissão.*

**Leia Mais:**

- *Braga, Anthony (2002). **Problem-Oriented Policing and Crime Prevention**, Monsey, NY: Criminal Justice Press.*



## **2. SEJA O PERITO NA CRIMINALIDADE LOCAL**

Com que frequência já lhe foram postas as seguintes questões no seu trabalho:

- *Quais são, no momento, os locais mais críticos para o furto de automóveis?*
- *Quais as lojas de conveniência que são repetidamente assaltadas? E porquê?*
- *O que é que os ladrões estão a furtar das lojas e onde é que eles revendem esses produtos? Quem são os recetadores?*
- *Há menos crime nas ruas bem iluminadas?*
- *Quais são os condomínios de apartamentos que são utilizados como pontos de tráfico de drogas?*

*Talvez, a algumas destas perguntas, não tenha sido capaz de responder na totalidade - a outras, só depois de uma análise cuidada. Mas, suponhamos que você tivesse nas suas mãos todas as respostas para estas e muitas mais questões? Suponhamos que você seja o perito do crime na sua área de responsabilidade? De facto, ninguém mais pode preencher esse papel, porque:*

- *Os elementos policiais estão demasiado ocupados a atender às solicitações do serviço;*
- *Os investigadores estão focados em casos específicos;*
- *Os sargentos estão a supervisionar os seus subordinados;*
- *Os tenentes estão a fiscalizar as respostas das patrulhas em grandes áreas geográficas e;*
- *O seu chefe, ou o seu assistente e os capitães estão ocupados com questões administrativas.*

*Em suma, ninguém consegue ver todas as dimensões da criminalidade. Mas, se você fosse o perito da criminalidade local, isso ajudaria o seu departamento a tornar-se mais informado, mais eficiente e capaz de utilizar os próprios recursos para reduzir o crime. Isso proporcionaria mais oportunidades para alertar os cidadãos, para detetar os criminosos, bem como para iniciar esforços preventivos. Em resumo, você poderia ajudar muitas pessoas através da recolha das informações certas.*

*Para se tornar num perito da criminalidade local, reúna-se regularmente com quem despacha o serviço e converse com os elementos operacionais sobre o que eles têm observado no seu dia-a-dia. Lembre-se que os elementos policiais do último turno de serviço podem não se encontrar com os seus colegas do turno anterior, e que os agentes policiais de uma área da cidade podem não se encontrar, com regularidade, com os seus colegas que trabalham noutra parte da cidade. Muitas vezes, eles costumam discutir a respeito de exceções, não sobre o que é a regra, sobre o que os inquieta ou sobre o que os deixa enfurecidos, não sobre a rotina. No entanto, a rotina é o pão-nosso-de-cada-dia da análise criminal.*

*Acompanhe os agentes operacionais dos carros de patrulha, sempre que o seu tempo o permita. Não só poderá ficar a conhecer melhor os elementos policiais do seu departamento, como, também, ficará com uma melhor noção do seu trabalho, bem como dos problemas que eles costumam enfrentar nas ruas. Matt White, que é analista criminal do departamento do Xerife de Jacksonville, na Flórida, recomenda que se devam fazer acompanhar de um laptop carregado com dados do Sistema de Informação Geográfica (GPS). Assim, poderá comparar as informações existentes sobre a área com a percepção dos elementos policiais.*

*Os locais do crime recebem uma grande parte da atenção no caso de crimes graves mas, geralmente, não tanta assim no caso dos crimes rotineiros. Podemos aprender muito indo aos locais do crime, especialmente quando estivermos a tentar compreender um determinado problema criminal. Comparando os relatórios dos incidentes com as nossas próprias observações poderá revelar detalhes importantes sobre o cenário e as circunstâncias dos incidentes que possam não ter sido registados - talvez porque, especificamente, o formulário de relatório não os requisitava. Armado com este tipo de conhecimentos, você pode sugerir alterações aos formulários para a obtenção de informações que sejam de grande ajuda, tanto para a identificação de infratores como para a formulação de novas ideias sobre como prevenir determinados crimes para que, os mesmos, não se repitam no futuro.*

*Tente manter-se informado das novas tendências do crime. Acompanhe a evolução das ocorrências, lendo as participações policiais, a cada semana, para ver se surgiu algo novo. Tente, também, prestar atenção às tentativas dos crimes mal sucedidas (veja o diagrama). Alguns infratores usam o processo de tentativa e erro enquanto procuram novas maneiras de conseguirem alguma coisa em troca de nada. Aqueles que tentam falsificar ou burlar senhas das máquinas de venda de bebidas e salgadinhos, ou caixas multibanco, podem ter dificuldades em encontrar um método que funcione. Mas, assim que o conseguem, as informações sobre o método são disseminadas e outros começam, também, a utilizá-lo. Se tivermos conhecimento do método que os criminosos estão a usar, seremos capazes de alertar os colegas operacionais e outras partes interessadas.*

*Muitas vezes, um determinado problema criminal local, também, é encontrado noutros locais. A sua subunidade poderá experimentar uma onda de assaltos em áreas de condomínios de apartamentos quando isso, nunca antes, foi um problema. Mas podemos ter a certeza de que algum outro local já sofreu esse problema, antes. É por isso que é importante estarmos atentos às mudanças dos alvos do crime e dos modus operandi. A Internet é um boa fonte de informações sobre quais os crimes com que outros se estão a deparar. Também, deveremos perguntar aos nossos colegas analistas das unidades policiais próximas da nossa. Eles poderão estar a experienciar, exatamente, o mesmo problema, talvez com o mesmo grupo de infratores envolvidos.*

*Não nos devemos limitar, somente, à polícia, pois muitas outras pessoas poderão saber muito sobre problemas criminais específicos:*

- *Os fiscais municipais sabem que o ambiente se está a deteriorar, antes que isso se torne óbvio para outras pessoas;*
- *Os proprietários de bares sabem muito sobre o consumo de álcool por menores de idade, sobre as práticas pouco higiénicas e de gestão inadequadas (de outros bares, é claro!);*
- *Os diretores das escolas sabem muito bem sobre a intimidação entre alunos e o vandalismo nos terrenos das escolas;*
- *Os proprietários de pequenas empresas estão atentos aos problemas que ocorrem nos seus estabelecimentos. Por exemplo, um farmacêutico sabe o que está sendo furtado da sua loja ou se há toxicodependentes nas redondezas;*
- *Os médicos e os enfermeiros das urgências dos hospitais veem muitas lesões causadas por crimes que registam, mas que, talvez, não relatem à polícia;*
- *Os abrigos de mulheres, ou os centros de vítimas de violação, sabem muito mais sobre os padrões da violência doméstica do que a maioria dos polícias;*
- *Os seguros privados são, muitas vezes, os primeiros a saberem sobre um determinado incidente. Mas eles, também, têm informações que podem contribuir para compreensão geral dos padrões da criminalidade local.*

*Os próprios infratores são fontes de informações surpreendentes. Embora, eles mesmos, possam não admitir nada do que fazem, muitas vezes estão dispostos a contarem "como as coisas são feitas normalmente." Muitos infratores falam bastante sobre a arte de cometer os delitos e contarão, exatamente, como escolhem os alvos, como compram e vendem as coisas furtadas com valor, o que os infratores estão procurando na atualidade, e coisas do género. Pedir aos colegas de trabalho para obterem estas informações dos infratores pode ser bastante útil.*

*Por último, as vítimas podem-nos contar muitas coisas sobre o crime. Para delitos como arrombamentos a residências, elas poderão não ser capazes de nos referir a hora exata da ofensa mas, ainda assim, podem-nos dizer por onde o infrator arrombou para entrar, o que está a faltar, que parte ou andar da residência não foi remexida, etc.*

### **Em suma, saiba como se tornar no perito criminal da sua área:**

- *Afaste-se do seu computador!*
- *Fale com os colegas operacionais sobre o que eles estão observando no seu dia-a-dia.*
- *Acompanhe os agentes dos carros patrulha e reúna com quem despacha o serviço policial.*
- *Visite os locais dos crimes e analise os relatórios.*
- *Verifique as tentativas fracassadas para saber, exatamente, o que aconteceu.*
- *Fale com as autoridades da cidade sobre os problemas relativos a crimes específicos.*
- *Troque informações com os comerciantes e os seguros privados.*
- *Pergunte a analistas de cidades vizinhas sobre as mudanças de alvos e de métodos.*

- Peça aos outros agentes para apurarem, junto dos infratores, sobre os métodos que usam.
- Obtenha informações exatas das vítimas sobre: quando, onde, e como.
- Ajude a melhorar os formulários de registo das ocorrências e de obtenção de dados.

### Aprender a partir das tentativas mal sucedidas

O departamento de polícia de Chula Vista, na Califórnia, tomou consciência de que o sucesso do crescimento da construção civil na cidade poderia vir a contribuir para piorar o problema dos assaltos a residências. As novas casas eram destinadas a casais com boas condições financeiras que estariam fora durante o dia, altura em que os assaltos tinham mais probabilidades de ocorrerem. A polícia, por isso, decidiu analisar a eficácia das medidas de segurança existentes para verificar se algumas dessas poderiam ser implementadas nas novas casas, ou sugeridas aos proprietários. Cathy Burciaga, uma das analistas criminais daquele departamento, comparou os assaltos consumados com as tentativas mal sucedidas, de uma amostra de 569 casas, num período de 18 meses, na cidade. Essa análise indicou que deveriam ser instaladas trancas em ambas as portas laterais e frontais das novas casas. Foram realizadas entrevistas a 250 vítimas e 50 ladrões que revelaram que nenhum ladrão havia tentado entrar em nenhuma das casas quebrando janelas de vidros duplos. Isto levou à recomendação de que fossem aplicados vidros duplos em todas as janelas nas novas habitações e de acordo com os padrões relativos a entradas seguras.

	Assaltos Consumados	Tentativas Infrutíferas	Efícaz? *
Entardecer ao amanhecer	18%	29%	Não
Luz intensa acesa	26%	29%	Não
Censor de luz interna	9%	11%	Não
Tranca na porta frontal	28%	25%	Não
Trancas nas portas laterais e frontais	15%	29%	Sim
Detetor de movimento externo	23%	36%	Sim
Rádio/TV deixados ligados	9%	28%	Sim
Placa da companhia de alarmes	19%	36%	Sim

\*"Sim", significa presente numa maior proporção de tentativas infrutíferas do que em assaltos consumados.

### **3. SAIBA O QUE É EFICIENTE (e o que não é) NO POLICIAMENTO**

*As evidências sobre o que torna a polícia eficiente apontam para o papel vital do analista criminal no policiamento do século XXI. Compreender esta pesquisa poder-nos-á ajudar a usar as lições que a polícia profissional tem aprendido ao longo do último terço de século.*

*Têm sido realizadas um número considerável de pesquisas sobre quais as práticas policiais que são mais eficientes, na redução do crime, e quais as práticas que não são eficientes. Recentemente, a Academia Nacional de Ciências (EUA) estabeleceu um painel de peritos em ciências sociais para reavaliarem todas as pesquisas realizadas sobre a polícia, incluindo a questão da eficiência policial. O quadro é adaptado a partir desse relatório. As abordagens menos eficientes, para a redução do crime, encontram-se no quadrante inferior esquerdo e as mais eficientes estão no superior direito.*

*No canto inferior esquerdo do quadro temos o “modelo padrão” de policiamento. Essa é a estratégia dominante de policiamento nos EUA. O modelo padrão é caracterizado pela sua dependência em relação à imposição da lei e à falta de concentração nos problemas. Aqui, encontramos o patrulhamento generalizado para deter infratores, a resposta rápida a uma grande variedade de chamadas para os serviços de polícia, a realização de investigações iniciais aos crimes, e outras atividades direcionadas para garantirem o cumprimento da lei, que fazem pouca distinção entre as características das pessoas, dos lugares, das horas, ou outras situações. Confrontados com as solicitações do público para a redução do crime, as autoridades públicas e a imprensa, que estão apegadas ao modelo padrão, irão solicitar mais efetivos policiais, uma diminuição nos tempos de resposta policial, uma maior visibilidade da polícia, taxas mais altas de sucesso nas investigações, e mais detenções. Igualmente importante é o que a imprensa e as autoridades públicas não exigem - maior precisão sobre quem, o quê, quando, onde, porquê, e como os crimes acontecem, a distinção entre tipos de crime, a participação de outras instituições públicas e privadas nas soluções contra a criminalidade, ou a implementação de alternativas ao modelo padrão.*

*Algumas das primeiras pesquisas sobre eficiência policial abordaram aspectos do modelo padrão. Essas têm, consistentemente, falhado em descobrir que o modelo padrão não tem nenhum efeito perceptível sobre o crime, a desordem, ou medo de crime. O patrulhamento aleatório, a resposta rápida, a realização de investigações iniciais, e as políticas de detenção podem ser muito benéficas para outros fins, mas não deveríamos esperar que essas práticas venham a ter algum impacto sobre o crime ou a desordem. Tampouco, existem provas sólidas de que o recrutamento de novos agentes policiais, para levar a cabo essas práticas, afetará o crime.*

*Para se ter algum efeito sobre a criminalidade, a pesquisa sugere, fortemente, que as estratégias policiais devem incluir dois elementos - esses estão representados nos eixos do quadro: Primeiro, a estratégia deve diversificar as suas abordagens em relação ao crime e à*

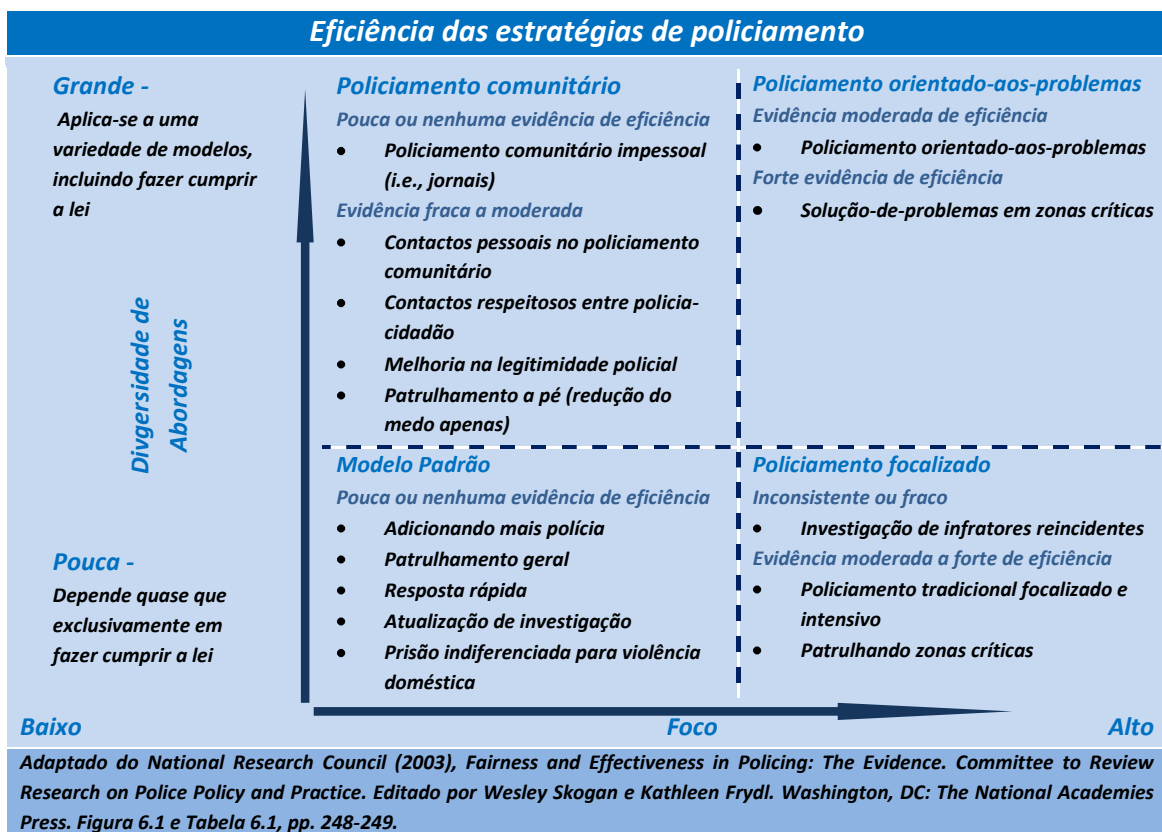
*desordem. Isto é, o policiamento deve abordar o crime e a desordem utilizando um maior leque de ferramentas do que, simplesmente, garantir o cumprimento da lei. Esta ideia é expressa sobre o eixo vertical. Existem evidências de que trabalhando com o público, e indo além de garantir o cumprimento da lei, pode ter um efeito modesto na redução do crime e da desordem e, quanto maior o contato pessoal, entre a polícia e o cidadão, maior é a probabilidade que essas estratégias venham a ter efeitos sobre a criminalidade; O segundo elemento necessário enfatiza o foco na eficiência policial - esse elemento é demonstrado no eixo horizontal do quadro. No geral, existem evidências sólidas de que pode ser eficiente uma concentração geográfica do policiamento nas zonas críticas onde ocorrem mais crimes e desordens, pelo menos a curto prazo. Isto é, o patrulhamento centrado em pequenas áreas com alta incidência de crime (por exemplo, em cruzamentos e quarteirões) tem um efeito modesto sobre o crime e um grande efeito sobre a desordem. Isso pode ser alcançado com, ou sem, ações intensivas visando as detenções. As "CompStat" e outras inovações do gênero, surgidas nos finais dos anos 90, tentaram tirar vantagem dessas constatações. O COPS Office publicou um Guia sobre Policiamento Orientado-aos-Problemas que analisa quando as operações policiais de combate a determinados crimes e as táticas relacionadas são, ou não são, eficientes (ver Leia Mais).*

*Se poucas pessoas são responsáveis pela maioria dos crimes ou das desordem, então, retirando-as de circulação deveria reduzir os crimes. Embora pareça ser bom, em princípio, a pesquisa que testa esta ideia é muito fraca, desta forma não sabemos se, até que ponto, os programas direcionados para os infratores reincidentes funcionam na prática atual, ou se eles são uma noção aparentemente promissora mas que não pode ser, eficientemente, realizada.*

*O policiamento orientado-aos-problemas emprega ambos os elementos - combina o uso de diversos modelos com a ação focalizada. O quanto isso é eficiente? Existe um grande número de avaliações às evidências, aqui empregando métodos de pesquisa de fraco-a-forte que, consistentemente, demonstram que essa combinação, realmente, reduz o crime e a desordem: Em primeiro lugar, muitos esforços para resolução-de-problemas têm sido empregues depois dos esforços, concentrados na garantia do cumprimento da lei, falharem na produção de efeitos duradouros no crime. Então, algo mais necessita ser feito. Num dos primeiros exemplos, a polícia de Newport News, na Virgínia, teve que lutar contra as taxas excepcionais de assalto em apartamentos de Nova Briarfield, por mais de uma década. Eles obtiveram alguns resultados a curto prazo, a partir do emprego de vários métodos direcionados para garantir o cumprimento da lei, tais como as patrulhas apeadas e de programas implementados em zonas policiais mais pequenas. Mas, cada vez que a polícia não era direcionada para Nova Briarfield, o aumento da taxa de ocorrências ressurgia. Foi apenas após o emprego do modelo orientado-aos-problemas - envolvendo os cidadãos, a autoridade de habitação pública, o departamento de bombeiros, o departamento de regulação de códigos da cidade, e o departamento de moradias e desenvolvimento urbano dos Estados Unidos - que a polícia foi capaz de reduzir, substancialmente, as ocorrências de assaltos a edifícios; Em segundo lugar, David Weisburd e Lorraine Green descobriram, através de uma experiência aleatória, que a solução de problemas teve um impacto muito maior quando o modelo de policiamento orientado-aos-problemas, aplicado em zonas críticas de tráfico de droga, foi comparado ao modelo tradicional de garantir o cumprimento da lei, nas mesmas zonas da cidade de Jersey, em New Jersey. Assim,*

apesar da estratégia focalizada de garantir o cumprimento da lei ser mais eficaz do que a não focalizada, o método focalizado de solução de problemas ainda é o mais eficaz.

As lições tiradas durante um terço de século de pesquisas são agora claras: O trabalho eficiente da polícia exige tanto a atenção focalizada quanto o emprego de diversos métodos. O policiamento menos eficiente não usa nenhum desses elementos. A explicação para isto é igualmente clara: Se diversos métodos são utilizados sem uma atenção focalizada, é mais difícil empregar o método adequado para os lugares e para as pessoas que mais necessitam dele. Se os elementos policiais estão centrados nas zonas críticas, mas apenas fazem cumprir a lei, eles limitam a eficiência do método. Uma agência de polícia inteiramente eficiente deve tirar vantagem dos detalhes das situações criminais para reduzir as oportunidades do crime. Os analistas criminais têm papéis importantes no emprego de ambos os elementos - focando com precisão, através do uso dos seus métodos analíticos, e ajudando a criar táticas policiais apropriadas que levem em conta os detalhes dos problemas que, por eles, se têm revelado. Isso torna o século XXI o século da análise do crime aplicada ao policiamento.



**Leia Mais:**

- Michael Scott (2003). **The Benefits and Consequences of Police Crackdowns. Problem-Oriented Policing Guides. Response Guides Series, No. 1.** Washington, DC: Office of Community Oriented Policing Services (disponível em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)).
- David Weisburd e John Eck (2004). **What Can Police Do to Reduce Crime, Disorder and Fear?** *The Annals of the American Academy of Political and Social Science* 593:42-65.

## **Saiba mais sobre Policiamento Orientado-aos-Problemas (POP)**

### **4. TORNE-SE NUM PERITO EM POP**

*Quando ocorre um crime grave, é expectável que a polícia reaja imediatamente. Ela deve prestar-se a ajudar e a tranquilizar as vítimas e deve mover-se rapidamente para deter os criminosos. No entanto, temos visto que, muitas vezes, a polícia não é capaz de deter os culpados e nem é capaz de garantir uma condenação quando os culpados são detidos. Também, temos visto que o patrulhamento aleatório, no qual o público deposita esperança, não é uma maneira eficiente de deter criminosos. Isso significa que a maior parte do trabalho que é realizado pela polícia, para atender às expectativas da população, tem um valor limitado no controlo da criminalidade.*

*Se a população estivesse a par destes factos, ela não ficaria satisfeita com a polícia se esta abandonasse o patrulhamento ou diminuísse o atendimento às chamadas para os crimes graves. Em vez disso, a população esperaria que a polícia encontrasse novas e melhores formas de controlar o crime, ao mesmo tempo que esperaria que, a polícia, continuasse a desempenhar o mesmo trabalho tradicional. Na verdade, é isso que as lideranças policiais estão a tentar fazer através de experiências como o CompStat, a tolerância zero, o policiamento comunitário, e o policiamento orientado-aos-problemas (ou solução de problemas, como é frequentemente chamado). Embora os analistas criminais tenham um papel a desempenhar em todas estas inovações, no policiamento orientado-aos-problemas (POP) estes são considerados como o principal foco da atenção e dá-lhes uma importante função dentro da equipa. Daí a necessidade de se aprender mais sobre o policiamento orientado-aos-problemas.*

*Herman Goldstein introduziu o conceito de policiamento orientado-aos-problemas num ensaio publicado em 1979. A sua ideia era simples: O conceito de policiamento deveria ser, fundamentalmente, sobre como alterar as condições que dão origem aos problemas decorrentes de crimes repetitivos e não deveria ser, simplesmente, sobre como responder a incidentes quando eles ocorrem, ou tentar impedi-los através de patrulhas preventivas. A polícia considera desmoralizante voltar repetidamente ao mesmo local, ou lidar, constantemente, com os problemas causados pelo mesmo pequeno grupo de infratores. A polícia sente-se sobrecarregada com o volume de chamadas para as ocorrências e pela urgência em atendê-las, num esforço inútil para lidar com todas elas. Para escapar desta enrascada, Goldstein disse que a polícia deveria adotar o método de resolução-de-problemas, no qual a polícia trabalha a partir das quatro etapas seguintes:*

- 1. Exame cuidadoso dos dados, para identificar padrões relativos aos incidentes com os quais a polícia lida rotineiramente;*
- 2. Análise profunda das causas desses padrões (ou problemas);*



3. *Descoberta de novas formas de intervir proativamente na cadeia das causas, a fim de reduzir a probabilidade desses problemas ocorrerem no futuro. Essas novas estratégias não são limitadas aos esforços para identificar, deter e, oficialmente, acusar e levar a julgamento os infratores. Mais do que isso, sem abandonar o uso do direito penal, quando ele parece ser, provavelmente, a resposta mais eficiente, o policiamento orientado-aos-problemas procura descobrir outras respostas potencialmente eficazes (que podem exigir parcerias com outros) dando enorme prioridade à prevenção;*
4. *Avaliação de impacto das intervenções e, se elas não tiverem sucesso, iniciar o processo novamente.*

*A sigla SARA (ou IARA tal como é traduzido nesta versão do manual) é usada para se referir a essas quatro fases da solução de problemas - Identificação, Análise, Resposta e Avaliação. Outras secções deste manual irão discutir essas fases de maneira mais detalhada, mas já se pode perceber o porquê dos analistas criminais terem um papel central no policiamento orientado-aos-problemas. Você é a pessoa mais familiarizada com os dados da polícia e sabe como analisar e mapear esses dados da melhor maneira possível para identificar os padrões subjacentes. Provavelmente, deve saber, melhor do que ninguém do seu departamento, como usar os dados para avaliar as novas iniciativas. Se faz disso a sua função para se tornar num perito da criminalidade local, também, saberá onde encontrar outras informações relevantes sobre os problemas que acontecem; onde encontrar informações na Internet e na literatura especializada sobre respostas bem sucedidas que foram usadas noutros locais; como utilizar ideias inspiradas na criminologia ambiental para desenvolver a análise do problema; e como antecipar e avaliar qualquer possível deslocalização. Sem o seu envolvimento diário em todas aquelas quatro fases, o projeto de POP não alcançará uma redução substancial, e permanente, do problema.*

*Solucionar problemas pode ser difícil. As maiores dificuldades são encontradas nas fases de análise e de avaliação, precisamente onde o analista criminal poderá prestar uma maior contribuição. Entretanto, desde o começo, Goldstein argumenta que o policiamento orientado-aos-problemas depende, decisivamente, da disponibilidade, imperiosa, da capacidade analítica do departamento, um argumento que tem sido repetido nas suas publicações mais recentes. Daí o grande apoio que prestou à ideia da realização deste manual, o qual é direcionado, diretamente, ao papel do analista criminal no policiamento orientado-aos-problemas.*

*Você pode até concordar que tem um papel importante nos projetos orientados-aos-problemas mas, eventualmente, questionar-se-á de que forma poderá, algum dia, vir a ter êxito nesse papel, dada a realidade do seu trabalho. Como pode dedicar o tempo necessário para o tipo de análise detalhada que lhe é exigida? Como pode assumir um compromisso a longo prazo com um projeto quando, continuamente, é requisitado a produzir, imediatamente, relatórios estatísticos e mapas, coisa que deveria ser feita com antecedência? Como poderá ser aceite como membro igual aos outros membros da equipa, especialmente se for um mero “impedido”? Como pode desempenhar a sua função como um membro igual aos outros da equipa quando o seu chefe quer aprovar todas as análises*

*que você lhe sugere e quer ver todo o seu trabalho antes de ele ser enviado ao seu destino? Como pode controlar a natural impaciência dos oficiais em avançarem para uma solução antes de a análise estar concluída? Como é que poderá persuadi-los a considerarem outras soluções para além de identificar e deter infratores? Como lidaria com as críticas que dizem que está mais interessado em pesquisa do que em ações concretas? Em resumo, podemos interrogar sobre em que planeta é que se está a viver porque, certamente, este não se assemelha a nada do que já tenhamos visto.*

*Estas são boas questões, mas estamos convencidos de que o policiamento está a mudar e que você poderá ajudar a acelerar essas mudanças. Ainda existe pouca mas, cada vez mais e de forma crescente, a polícia tem vindo a sofrer pressões para se tornar mais eficiente e já lá vai o tempo em que os responsáveis da polícia diziam que iriam diminuir a criminalidade se tivessem, apenas, mais recursos. Agora, pelo menos nos grandes departamentos, eles devem fazer uma análise detalhada com base em provas evidentes, para cada caso, para requererem recursos e têm que explicar com precisão como os mesmos serão utilizados. O desempenho dos responsáveis da polícia está sendo examinado mais de perto todos os dias, e as reduções das taxas de criminalidade, que a polícia afirma ter alcançado em muitas cidades, têm amenizado as desculpas de fracasso.*

*Em suma, não há dúvida de que a polícia se tornará, cada vez mais, dependente de dados para adquirir recursos e para geri-los eficientemente. Ao fornecer esses dados, você pode embarcar nesta maré de mudanças para uma carreira mais compensadora na polícia, mas terá que trabalhar pacientemente para fornecer informação atualizada em tempo preciso e num formato que seja útil para a organização. Se fizer isso, e permanecer firmemente focado na redução do crime, você e sua profissão irão, gradualmente, evoluir para um papel mais central no policiamento - e o policiamento orientado-aos-problemas fornece-lhe o meio perfeito. Nós todos sabemos que o policiamento experimenta novas tendências que são aplicadas a quente, a todo momento, uma após outra, e que desaparecem, muito rapidamente, quando algo de novo surge. Muitos elementos policiais, empenhados nas novas tendências da polícia, fazem o seu trabalho enquanto o novo modismo permanece e ficam esperando que os responsáveis policiais percam o interesse para que possam voltar ao trabalho tradicional de polícia, como de costume. Mas o policiamento orientado-aos-problemas não é apenas uma moda. Ele fornece resultados e está para ficar.*

#### **Leia Mais:**

- Goldstein, Herman (1979). **"Improving Policing: A Problem-Oriented Approach."** *Crime & Delinquency* abril: 234-58.
- Goldstein, Herman (1990). **Problem-Oriented Policing.** New York: McGraw Hill.
- Goldstein, Herman (2003). **"On Further Developing Problem-Oriented Policing."** In *Problem-Oriented Policing. From Innovation to Mainstream. Crime Prevention Studies, Volume 15*, editado por Johannes Knutsson. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

## 5. SEJA FIEL AO POP

*Alguns gestores de polícia, atraídos pelo policiamento orientado-aos-problemas, também empregam outras estratégias, tais como o policiamento comunitário, o policiamento “janelas quebradas”, o policiamento orientado-pela-inteligência, e o CompStat. Dependendo da forma como essas outras estratégias são implementadas, elas podem ou não ser compatíveis com o POP. Até mesmo, quando implementadas de uma maneira compatível, elas não são o mesmo que o POP. Por essas razões, é crucial entender como o POP se distingue dessas outras estratégias.*

*O policiamento orientado-aos-problemas é um método usado para a análise e a resolução de problemas decorrentes da criminalidade. O policiamento comunitário, por outro lado, representa uma filosofia organizacional mais ampla. O policiamento comunitário inclui a resolução de problemas, como é mencionado no policiamento orientado-aos-problemas, mas, também, inclui o desenvolvimento de parcerias externas com membros e grupos da comunidade. Além disso, o policiamento comunitário discute as mudanças organizacionais que devem ser implementadas numa organização policial (por exemplo, a descentralização da tomada de decisões, a responsabilidade territorial fixa, o treino abrangente de todo o pessoal policial e a avaliação deste) destinada a apoiar um modelo colaborativo de resolução-de-problemas, as parcerias com a comunidade, e uma orientação proativa, geral, para assuntos relacionados com o crime e para as questões de desordem social. O policiamento comunitário é, portanto, mais focalizado na interação polícia-cidadão do que o policiamento orientado-aos-problemas e representa uma filosofia organizacional mais ampla que incorpora os princípios do policiamento orientado-aos-problemas. Quando bem feito, o policiamento comunitário oferece uma forte e inclusiva filosofia na qual o policiamento orientado-aos-problemas é incorporado, mas o policiamento comunitário que falhe em incorporar nos seus conceitos os princípios do POP, diferentemente, terá um impacto substancial na redução do crime.*

*O policiamento orientado-aos-problemas identifica os parceiros cuja ajuda será necessária para lidar com os problemas específicos. Numa concepção ideal, o policiamento comunitário também faz isso. Se o problema está nos assaltos que ocorrem nas proximidades das paragens de transportes públicos, um parceiro necessário é a autoridade de trânsito local. Se o problema é o furto de mercadorias em lojas, então, a cooperação dos comerciantes locais é necessária. Os membros da comunidade, frequentemente, identificam os problemas. Assim, alguns membros específicos da população (incluindo os infratores) podem fornecer ideias que sejam importantes e úteis para a análise do problema. Os membros da comunidade podem ajudar a implementar soluções (por exemplo, instalando fechaduras mais eficazes ou evitando dar dinheiro aos mendigos). O sucesso dos esforços para a resolução dos problemas pode ser definido em termos da reação da comunidade. Mas, raramente, a comunidade alargada poderá ajudar com trabalho técnico especializado necessário para a análise dos problemas, para o desenvolvimento de soluções, e para a avaliação. Além das parcerias desenvolvidas em torno de problemas específicos, o policiamento comunitário, também, procura parcerias com a*

comunidade em geral (e com organizações governamentais), a fim de aumentar o nível de confiança e de cooperação ampla entre eles. Nesse sentido, este tipo de policiamento vai além das parcerias descritas sob o conceito de policiamento orientado-aos-problemas. As agências policiais que adotam uma filosofia, ampla e mais geral, de policiamento comunitário deveriam ser mais cuidadosas em evitar que essas parcerias, com diferentes propósitos (construir confiança e cooperação), se diluam e os esforços mais focalizados para a solução de problemas, que a filosofia de policiamento comunitário também enfatiza.

Estas distinções são, mais facilmente, confundidas quando o foco de um projeto orientado para os problemas é um bairro carenciado de infra-estruturas básicas. Neste caso, o projeto deveria iniciar com a identificação do conjunto de problemas individuais que, juntos, contribuem para um problema maior (ver passo 14). Ao invés de tentar construir relações com a comunidade em geral, um projeto orientado para os problemas focaliza-se na resolução de problemas específicos, por exemplo, nas casas de consumo de drogas, nos assaltos a estabelecimentos comerciais, e nas rixas de bares. À medida que os membros da comunidade se envolvem, de forma produtiva, na resolução desses problemas distintos, eles podem constituir-se em grupos diferentes para cada caso. Parcerias mais amplas com a comunidade poderão ser desenvolvidas a fim de se desenvolver a confiança entre a polícia e a comunidade e, isso poderá tornar o processo da resolução dos problemas mais fácil; No entanto, mesmo na ausência de apoio generalizado da comunidade, os problemas devem ser sistematicamente examinados.

É, também, importante que entendamos a diferença entre o policiamento orientado-aos-problemas e o policiamento "janelas quebradas". Sob o primeiro, as soluções específicas para os vários tipos de problemas enfrentados pela polícia emergem de uma análise cuidadosa e detalhada das causas que contribuem para cada um. Em contraste, o policiamento "janelas quebradas" defende a mesma solução geral - policiar as incivilidades e manter a ordem - sempre que o crime der sinais de estar descontrolado. Este método baseia-se em dois princípios: O primeiro deles diz que os pequenos delitos ajudam a destruir a vida das comunidades - por exemplo, atirar um pedaço de papel ao chão não é nada de terrível, mas se todas as pessoas do bairro fazem isso, sistematicamente, o bairro transforma-se numa lixeira; O segundo princípio das "janelas quebradas" é o de que os pequenos delitos incentivam os delitos maiores - por exemplo, as propriedades abandonadas e em ruínas, geralmente, tendem a transformar-se em locais de tráfico de droga e podem desencadear delitos ainda mais graves. Esta importante ideia tem levado algumas cidades a prestarem muito mais atenção ao policiamento contra os pequenos delitos.

Todo o policiamento requer discricionariedade, e o policiamento das "janelas quebradas" exige que algumas decisões de muita importância sejam tomadas pelos agentes policiais na rua (esta é a razão pela qual o policiamento das "janelas quebradas" não deve ser confundido com uma "tolerância zero", que é um slogan político impossível de ser praticado pela polícia porque, em pouco tempo, resultaria em tribunais entupidos de processos e numa população alienada. Alguém tem que descobrir quais dos pequenos delitos acabam por estimular a multiplicação de mais crimes e quais aqueles que o não provocam. Por exemplo, os gerentes do sistema de

*transportes do metropolitano da cidade de Nova York chegaram à conclusão que os jovens que avançavam as portas de controlo de acesso, para poderem viajar gratuitamente, frequentemente, cometiam furtos dentro do metropolitano. Controlando os crimes de menor poder ofensivo ajudou a reduzir a criminalidade mais grave. Mas os gestores do metropolitano, também, chegaram à conclusão que aqueles que costumavam pintar graffiti nas carruagens dos comboios, normalmente, não cometiam crimes mais graves. Embora os esforços dos gestores para controlar os graffiti fossem muito eficazes (ver passo 41), eles não conseguiram reduzir os furtos e os roubos.*

*O policiamento orientado-aos-problemas, também, lida com esses delitos menos graves, mesmo não havendo a expectativa de que eles venham a resultar em problemas piores. O vandalismo num parque público pode não aumentar as hipóteses de furto e de roubo, mas destrói as construções públicas e, por isso, é um problema que precisa ser discutido. Os cidadãos de um bairro podem estar muito preocupados com os excessos de velocidade, o congestionamento do trânsito, ou o barulho. Desde que estas questões satisfaçam os critérios de um problema, (Passo 14) elas são passíveis de serem abrangidas pelo POP, mesmo se não houver a expectativa de que o bairro se irá deteriorar, elas devem ser examinadas.*

*Os analistas criminais têm um papel central no policiamento orientado-pela-inteligência, o qual atribui grande valor à necessidade de informação para guiar as operações policiais. No entanto, o policiamento orientado-pela-inteligência é, essencialmente, uma metodologia para produzir informação e inteligência que sejam utilizáveis. Este policiamento não orienta a polícia em todo o processo de desenvolvimento e implementação de uma iniciativa de redução do crime, da maneira pela qual o modelo IARA pretende fazer. Ele, também, não atribui um papel central aos analistas criminais em cada fase dessa iniciativa. Isso explica o porquê do policiamento orientado-aos-problemas ter muito mais para oferecer aos analistas criminais e o porquê desse modelo esperar muito mais desses profissionais.*

*Finalmente, o policiamento orientado-aos-problemas não é o mesmo que o CompStat, embora eles tenham algumas características em comum. Ambos focalizam a atenção da polícia, embora o CompStat, como normalmente é praticado, se limite a locais geográficos considerados pontos quentes, enquanto o POP pode ser implementado numa variedade ampla de concentrações de crime. Embora os dois se sirvam de dados para realizarem ações policiais, a variedade de dados e a profundidade das análises usadas no POP é superior à forma rápida pela qual o CompStat visa atingir os seus alvos. O CompStat usa táticas que procuram garantir o cumprimento da lei quase que exclusivamente, enquanto o POP as utiliza juntamente com uma ampla variedade de respostas. O modelo CompStat pode causar impacto a curto prazo sobre os locais geográficos considerados críticos, em termos da criminalidade, que perde gradualmente a sua força e exige mais táticas direcionadas para garantia do cumprimento da lei. O método orientado para os problemas procura soluções a longo prazo. Se o CompStat é utilizado como uma resposta de "primeiros socorros" e o POP é utilizado para agir como uma cura a longo prazo, então os dois métodos podem trabalhar bem em conjunto.*

<b>Diferenças entre o policiamento orientado-aos-problemas E outras estratégias novas</b>					
<b>ESTRATÉGIA</b>	<b>FOCO</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>RACIONALIDADE</b>	<b>MÉTODO</b>	<b>PRIMEIROS PASSOS</b>
<b>POLICIAMENTO ORIENTADO-AOS-PROBLEMAS</b>	<i>Problemas de crimes específicos e recorrentes</i>	<i>Remover as causas desses problemas</i>	<i>A prevenção é mais eficiente do que fazer cumprir a lei</i>	<i>Pesquisa-ação (IARA)</i>	<i>Identificação dos problemas que requerem atenção</i>
<b>POLICIAMENTO COMUNITÁRIO</b>	<i>Relações polícia-público, mudanças organizacionais, solução de problemas</i>	<i>Prevenção proactiva do crime e da desordem e aumento da confiança e do apoio à polícia por parte do público</i>	<i>O apoio da comunidade é crítico para a eficiência da polícia. Mudanças organizacionais são essenciais para a manutenção das mudanças, a solução de problemas é o método central para lidar com o crime e as questões de desordem social</i>	<i>Construir a confiança através de contactos com residentes e encontros com a comunidade. Fortalecer mudanças organizacionais para apoiar os esforços, recrutar outros para a resolução dos problemas</i>	<i>Indicar um agente policial com funções comunitárias para o bairro, identificar os problemas que requerem atenção, identificar as mudanças organizacionais necessárias para apoiar os esforços</i>
<b>JANELAS QUEBRADAS</b>	<i>Bairros e vizinhanças em péssimas condições</i>	<i>Impedir que o bairro tenha sérios problemas de criminalidade</i>	<i>Cortar o mal pela raiz</i>	<i>Policar as incivildades e manter a ordem</i>	<i>Identificar um bairro em péssimas condições</i>
<b>POLICIAMENTO ORIENTADO-PELA-INTELIGÊNCIA</b>	<i>No processo de recolha, análise e disseminação de inteligências</i>	<i>Basear estratégias e táticas policiais nas inteligências</i>	<i>A ação só é eficiente se for baseada nas inteligências</i>	<i>Promove o ciclo inteligente de recolha, avaliação, exame e comparação, análise e disseminação</i>	<i>Desenvolvimento da organização, do processamento e dos sistemas de disseminação</i>
<b>COMPSTAT</b>	<i>Padrões de criminalidade geográfica grave, de curto período</i>	<i>Reduzir os pontos críticos (hot spots) da criminalidade</i>	<i>Os hot spots menores reduzem o crime em geral</i>	<i>Identificação informatizada de hot spots e patrulhamento intensivo e fazer com que as pessoas obedeçam à lei</i>	<i>Aumentar a responsabilidade geográfica e o mapeamento da criminalidade</i>

**Leia Mais:**

- Wilson, James Q. e George Kelling (1982). **"Broken Windows."** The Atlantic Monthly março: 29-38.

## **6. SEJA MUITO ESPECÍFICO EM RELAÇÃO AO CRIME**

*O seu departamento, eventualmente, irá organizar uma operação de combate intensivo, visando um determinado tipo de crime, como contra os furtos de automóveis ou contra os assaltos a edifícios, pelo que poderá vir a ser solicitado a mapear esses delitos ou a fornecer outros dados para apoiar aquela operação. Mas estas categorias são demasiado abrangentes para o policiamento orientado-aos-problemas. Elas incluem muitos tipos diferentes de crime, os quais devem ser analisados separadamente. Por exemplo, o “crime contra veículos” poderia incluir:*

- *Furto de capotas para revenda ou emblemas para coleção.*
- *Arrombamento de viaturas para o furto de bens deixados no interior.*
- *Arrombamento de viaturas para o furto de auto-rádios e outros acessórios.*
- *Furto de viaturas para condução perigosa envolvendo jovens.*
- *Furto de viaturas para uso temporário.*
- *Furto de viaturas para uso noutra crime.*
- *Furto e uso permanente de viaturas.*
- *Furto de viaturas para desmantelamento e venda de peças.*
- *Furto de viaturas para revenda.*
- *Furto de viaturas para exportação.*
- *Roubo de viaturas (carjacking).*

*Como se pode verificar, estes crimes são cometidos por uma grande variedade de motivos, por diversos infratores, com diversos níveis de organização, conhecimentos e habilidades. O furto de capotas é o menos difícil, e o menos ousado, e costuma ser cometido por pessoas muito jovens. O furto para condução perigosa ou “para fazer corridas ao despique” exige mais coragem e alguns conhecimentos básicos sobre como fazer ligações diretas e como conduzir automóveis. O furto de viaturas para exportação é um crime muito mais complexo, exigindo um alto nível de organização, com muito mais etapas e pessoas envolvidas. Os infratores podem tanto ser empresários desonestos quanto criminosos profissionais. Mais impiedosamente, os criminosos mais cruéis cometem roubos de viaturas (carjacking) com o propósito de assaltar o condutor, ou para fazerem com que o condutor os leve para um local estratégico determinado.*

*Estas diferenças entre os crimes explicam porque razão a solução para um tipo de crime não pode ser a mesma que para um outro tipo. O furto de carros para condução perigosa pode ser reduzido através de um maior investimento na segurança dos veículos, o que explica porque razão os sistemas de imobilização de viaturas contribuem para reduzir os níveis de furto de veículos. No entanto, os imobilizadores não podem impedir os roubos de viaturas (carjacking) porque as vítimas podem ser obrigadas a entregarem as chaves, isso se essas já não estiverem na ignição. De facto, alguns comentadores acreditam que este tipo de crime tem aumentado porque os novos carros com imobilizadores de ignição são difíceis de serem furtados da maneira habitual. O facto de as viaturas mais modernas disporem de imobilizadores, também,*

*pode ser contornado pelos assaltantes com suficiente habilidade técnica e, assim, poderão ter pouco efeito na redução de furto de viaturas para exportação. A solução para esse problema poderá passar por um melhor controlo nos portos e nas fronteiras, e dos documentos, para torná-los mais difíceis de serem falsificados.*

*Dividir uma categoria mais geral de um tipo de crime em categorias mais específicas é, apenas, o primeiro passo para dar início a um projeto de POP, de uma maneira mais concreta e focalizada. Por exemplo, um recente projeto de POP, levado a efeito em Charlotte, na Carolina do Norte, originalmente focalizado nos assaltos de automóveis no centro da cidade, tornou-se, pouco a pouco, mais específico à medida que a análise do problema foi sendo desenvolvida. Em primeiro lugar, tornou-se claro que o problema estava concentrado nos estacionamento. Apenas 17% dos assaltos envolviam carros estacionados nas garagens das residências ou nas ruas. Então, verificou-se, após uma contagem do número de vagas nos estacionamento, que os carros estacionados em parques abertos estavam seis vezes mais expostos ao risco de furto do que aqueles carros estacionados em parques de garagens cobertas, os quais são, geralmente, mais seguros (ver Passo 27). Isto significou que o projeto poderia concentrar-se na melhoria da segurança desses estacionamento, em parques ao ar livre, através de uma melhor iluminação e da instalação de vedações, e de uma maior supervisão dos empregados responsáveis pelo local. Isso seria muito mais fácil do que tentar reduzir os níveis, já de si baixos, dos assaltos em estacionamento de garagens cobertas. Estreitar o foco de um projeto de POP, dessa maneira, aumenta a probabilidade de sucesso e o uso eficiente dos recursos.*

*Existem algumas regras para determinar, com precisão, o nível de especificidade necessária para o sucesso de um projeto de POP. Centralizando o foco da atenção, demasiadamente, pode resultar em poucos delitos a serem examinados que justifiquem os gastos em recursos, embora isto dependa da natureza e da gravidade dos crimes. Se, apenas, algumas capotas estão a ser furtadas, então esse problema não merece um projeto completo de POP. Por outro lado, um projeto de POP para reduzir os furtos em lojas de bairro poderá valer a pena ser desenvolvido, mesmo se, apenas, poucos furtos dessa natureza ocorressem em cada ano, porque esses podem resultar em crimes piores como, por exemplo, em homicídios, e porque eles aumentam o medo da população.*

***“Porque muito esforço tem sido concentrado no agrupamento rudimentar de diferentes tipos de crime, como os arrombamentos, os furtos de e em viaturas, que tem sido praticamente impossível encontrar verdadeiros factos em comum sobre as condições que propiciam cada um desses grupos de crimes. Isto significa que nós temos que ser muito pacientes e tentar solucionar os problemas criminais gradualmente e de forma progressiva, parte por parte.”***

***Fonte: Poyner, Barry (1986). "A Model for Action". In Situational Crime Prevention, editado por Gloria Laycock and Kevin Heal. London: Her Majesty's Stationery Office.***



## ***Sendo mais específico sobre os arrombamentos a residências***

*Barry Poyner e Barry Webb argumentam que prevenir os assaltos a residências, direcionados a bens eletrônicos, exige medidas bem diferentes daquelas para prevenir os assaltos a residências direcionados a dinheiro ou joias. Isto é assim porque eles descobriram muitas diferenças entre estes dois tipos de assalto na cidade que estudaram. Quando os alvos eram dinheiro e joias, os assaltos ocorriam, principalmente, em casas mais antigas, em áreas perto do centro da cidade e, aparentemente, eram cometidos por infratores que se deslocavam a pé. Quando os alvos eram bens eletrônicos, como televisores e videogravadores, os assaltos, geralmente, ocorriam nos subúrbios mais novos e mais distantes e eram cometidos por criminosos que se deslocavam em viaturas. Os carros eram necessários para transportar os bens furtados e tinham que ser estacionados próximos das casas, mas não tão perto para não atraírem a atenção. A disposição das casas, nesses subúrbios mais novos, permitiu que essas condições fossem encontradas, e as medidas de prevenção sugeridas por Poyner e Webb consistiram, principalmente, de meios para combater a falta de vigilância natural dos locais de estacionamento e das artérias. As sugestões deles, para prevenir os assaltos nas áreas próximas, ou no centro da cidade, concentraram-se mais na melhoria da segurança e da vigilância nos pontos de entrada da cidade.*

**Fonte: Poyner, Barry e Barry Webb (1991). *Crime Free Housing*. Oxford: Butterworth -Architecture.**

*Alguns crimes mais graves, tais como os tiroteios que têm ocorrido em escolas, são tão raros que não podem ser devidamente tratados ao nível local, através do policiamento orientado-aos-problemas. Isso ocorre porque essa metodologia depende de um certo nível de repetição para permitir que as causas subjacentes sejam identificadas. Para estes tipos de crimes, as forças policiais devem-se assegurar que as medidas de segurança de rotina estão em vigor e que elas têm um plano bem elaborado para ser colocado em prática em resposta aos incidentes.*

*Enquanto se deve evitar começar pela solução, sem uma análise prévia do problema, algumas soluções para crimes específicos são tão promissoras que elas podem ajudar a definir o foco de atenção de um projeto de POP. Retomando o exemplo dos furtos em lojas de bairro, existe uma boa pesquisa demonstrando que a presença de, pelo menos, dois funcionários a trabalhar ao mesmo tempo pode contribuir para reduzir os furtos, que acontecem a altas horas da noite, nessas lojas. Sendo assim, o analista criminal poderá contabilizar a quantidade de furtos em lojas de bairro, da sua área, que ocorrem a altas horas da noite. Se ocorrerem muitos, o analista criminal poderá convencer o seu departamento a organizar um projeto de POP, focalizado nesses furtos que ocorrem a altas horas da noite, simplesmente porque está consciente de que existe uma solução eficiente para o problema.*

*Finalmente, à medida que se aprende mais sobre um problema na etapa da análise, poderemos chegar à conclusão que esse problema é tão semelhante a um outro problema do mesmo género que valerá a pena cuidar dos dois em conjunto. Por exemplo, quando se trabalha num problema de ofensas corporais a taxistas, podemos vir a descobrir que muitos deles estão relacionados com tentativas de roubo e que seria mais económico focalizar o nosso projeto nos dois problemas, roubos e ofensas corporais. Desta forma, poderemos identificar um pacote de medidas que, eventualmente, venham a reduzir os dois problemas ao mesmo tempo.*

### Problemas distintos, soluções comuns

Os problemas específicos num bairro ou num complexo de apartamentos em condições péssimas deveriam, sempre, ser analisados separadamente mas, por razões de efetividade-custo, as soluções devem ser consideradas em conjunto. No exemplo hipotético abaixo, a última solução identificada, um porteiro e um sistema de videovigilância (CCTV), é a solução com custo mais alto entre todas as listadas. Mas, também, é previsto que seja a solução mais eficiente para cada problema. Poderia, portanto, ser escolhida como a solução para todos os três problemas quando os custos poderiam ter excluído a sua seleção para, apenas, um dos problemas.

<i>Soluções identificadas (de menor para maior custo)</i>	<i>Vandalismo em elevadores</i>	<i>Furto de carros (ou furto de itens do interior)</i>	<i>Arrombamento de apartamentos</i>
<i>Cortar arbustos para melhor a vigilância (\$)</i>		**	**
<i>Esquema de vigilância de quarteirão (\$)</i>	***	*	*
<i>Alarmes nos elevadores (\$\$)</i>	****		
<i>Acesso eletrónico nos estacionamentos (\$\$)</i>		****	****
<i>Instalações de intercomunicadores (\$\$\$)</i>	**		
<i>Patrulha de segurança (\$\$\$\$)</i>			
<i>Fortalecimento das janelas e portas dos apartamentos (\$\$\$\$)</i>	*	**	**
<i>Porteiro e complexo amplo e sistema de CCTV (\$\$\$\$)</i>	****	****	****
<i>\$ Custo previsto</i>	<i>*Eficiência prevista</i>		

## **7. GUIE-SE PELO IARA – NÃO SE DESVIE!**

*Dentro do policiamento orientado-aos-problemas, a polícia é obrigada a: (1) definir cuidadosamente os problemas de forma específica (Veja o Passo 14 para a definição do "problema"); (2) Realizar análises em profundidade para compreender as causas desses problemas; (3) Empreender a procura de soluções, em grande escala, para eliminar as causas e conseguir uma redução duradoura dos problemas; (4) avaliar o êxito dessas atividades. Isso é uma forma de pesquisa-ação, que é um método das ciências sociais, bem estabelecido, no qual os pesquisadores trabalham juntamente com outros profissionais de áreas específicas, ajudando a formular e a aprimorar as intervenções até que o sucesso seja atingido. Isto pode ser contrastado com o papel tradicional dos pesquisadores, no qual eles trabalham separados de outros profissionais, recolhendo informações detalhadas sobre os problemas, e realizando avaliações independentes. Na pesquisa-ação, no entanto, o pesquisador é membro integrante de uma equipa de resolução-de-problemas. É este o papel do analista criminal. As suas análises devem informar e orientar a ação em cada etapa.*

*Veremos que o processo SARA (ou IARA em português) o irá ajudar e à sua equipa a permanecerem no caminho certo. Esta é a sigla formulada por John Eck e Bill Spelman para descrever as quatro fases de resolução-do-problema: Identificação, Análise, Resposta e Avaliação. Este processo é muito semelhante a muitos outros processos analíticos, incluindo o processo padrão de análise do crime que inclui a recolha, a comparação, a análise, a disseminação e o feedback. Dividindo o projeto inteiro em etapas distintas, o IARA ajuda a assegurar que as etapas necessárias serão realizadas numa sequência apropriada, por exemplo, que as soluções não serão adotadas antes que uma análise ao problema tenha sido realizada. Trata-se de uma verificação útil da tendência natural de se pular etapas e ir direto à resposta final, enquanto se atropela a fase da definição e da análise do problema, esquecendo-se de avaliar o impacto dessas sobre o problema.*

*Os projetos de resolução-de-problemas podem ser complexos. Na pesquisa-ação, espera-se que a equipa persista até que o sucesso seja alcançado, refinando e melhorando a intervenção à luz do que se tem aprendido a partir de experiências anteriores. O processo não está, necessariamente, concluído até que a avaliação tenha sido realizada. Se o problema persiste, ou muda de forma, a equipa possivelmente terá que começar o processo novamente. Isso é representado na figura onde as setas exteriores descrevem os comentários, ou feedback, entre a avaliação e a identificação.*

*Porém, as quatro etapas de resolução-do-problema nem sempre se seguem umas às outras numa ordem estritamente linear. Na verdade, os projetos raramente seguem um caminho linear a partir das fases de identificação e da análise até às fases de resposta e da avaliação. Pelo contrário, o processo geralmente dá muitas voltas, para que uma análise reveladora possa resultar numa reorientação do projeto e as dúvidas, em relação às possíveis respostas, podem levar à necessidade de novas análises. Quanto mais demorado e complicado for o projeto, mais*

voltas dessa natureza são suscetíveis de acontecerem. O conjunto de pequenas setas no interior da figura ilustra a dinâmica desse processo.

Por exemplo, alguém pode pular da identificação para a implementação de uma resposta de emergência, a curto prazo, para estabilizar o problema, enquanto uma análise é desenvolvida. Uma avaliação da resposta a curto prazo poderá acrescentar à análise e contribuir para a formulação de uma nova resposta, a qual é, então, avaliada. Isto poderá desencadear o regresso à etapa de identificação quando novas informações forçam a uma revisão da definição do problema ou à descoberta de novos problemas. O ponto importante é o de que a análise e a avaliação sejam significativamente incorporadas na sequência de eventos e que ninguém, simplesmente, salte da etapa de identificação para a resposta e declame vitória.

### O processo IARA para a solução dos problemas



Um de nós (Clarke), recentemente, trabalhou com Herman Goldstein num projeto para reduzir os furtos de eletrodomésticos de casas em construção em Charlotte, na Carolina do Norte. As casas estavam a ser construídas em áreas rurais, bastante isoladas, que eram impossíveis de serem patrulhadas adequadamente. Era difícil de se fazer a segurança, pois os construtores queriam incentivar os potenciais compradores a visitarem as casas em construção, durante os finais de tarde e aos fins-de-semana. Devido aos poucos criminosos detidos, sabíamos muito pouco sobre eles ou o que faziam com os eletrodomésticos furtados. Consideramos um amplo leque de soluções, possíveis, incluindo a manutenção daqueles aparelhos em caixas seguras, no próprio local, e a utilização de alarmes portáteis e da videovigilância. Então, encontramos uma solução que já estava a ser utilizada por alguns pequenos construtores - atrasar a instalação daqueles aparelhos até o dia em que o comprador tomasse posse da propriedade.

Muitos construtores discordaram, "a priori", da ideia. Porque acreditavam que a instalação dos aparelhos tornava a casa mais atraente para os eventuais compradores, e porque a falta daqueles aparelhos, se fosse atribuída ao furto, talvez, pudesse alarmar os compradores a respeito da área para a qual eles se pretendiam mudar. Os supervisores das construções acreditavam que a entrega e a instalação daqueles aparelhos, à medida que as casas iam sendo ocupadas, seriam mais difíceis do que a entrega e a instalação dos aparelhos por

atacado. Alguns, erradamente, acreditavam que os inspetores da obra não aprovariam as casas como estando adequadas para habitação, a menos que os eletrodomésticos já estivessem instalados. Outros, erradamente, acreditavam que isso era uma exigência dos financiadores das casas ou das hipotecas. Finalmente, a instalação individual significaria que os construtores não poderiam organizar a visita dos inspetores da obra ao local a fim de conseguirem os certificados de conformidade para habitação, de todas as casas, de uma vez só.

Uma vez que a solução tinha muitas vantagens, decidimos voltar à fase da análise para encontrar respostas para as objeções dos construtores. Por último, estas informações foram úteis para persuadir os construtores a adotarem a solução e, assim, para reduzir o número de furtos de eletrodomésticos.

Isto mostra como o policiamento orientado-aos-problemas é um processo em que a gradual aquisição de dados e de informações esclarece o projeto, levando a mais perguntas, para redefinições e, até mesmo, a mudanças do enfoque à medida que o projeto se desenvolve. Logo que uma resposta promissora é identificada, os seus custos e benefícios têm que ser analisados em profundidade. A alternativa de se explorar, exaustivamente, todas as opções de resposta disponíveis corre o risco de fazer com que o projeto perca seu dinamismo e o apoio das pessoas envolvidas.

### O IARA e os cinco "I's"

**Paul Ekblom do Home Office britânico, recentemente, propôs uma inovação do IARA constituída por: Intelligence (Inteligência), Intervention (Intervenção), Implementation (Implementação), Involvement (Participação) e Impact and process evaluation (Impacto e processo de avaliação). Os Cinco "I's" baseiam-se numa grande diversidade de conceitos práticos e instrumentos.**

Um resumo pode ser encontrado em [www.crimereduction.gov.uk](http://www.crimereduction.gov.uk) ou em [www.jdi.ucl.ac.uk](http://www.jdi.ucl.ac.uk)

#### Leia Mais:

- Ronald Clarke e Herman Goldstein (2002). **Reducing Theft at Construction Sites: Lessons from a Problem-oriented Project**. In *Crime Prevention Studies*, volume 13, editado por Nick Tilley. Monsey, New York: Criminal Justice Press. (disponível em: [www.popcenter.org/library.htm](http://www.popcenter.org/library.htm))
- John Eck (2003). **Why Don't Problems Get Solved? In Community Policing: Can It Work?**, editado por Wesley Skogan. Belmont, CA: Wadsworth.

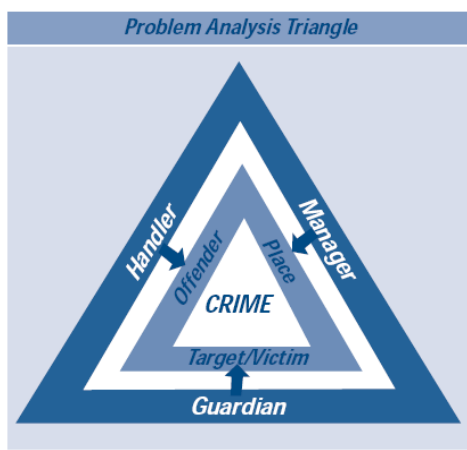
## Estude Criminologia Ambiental

### 8. USE O TRIÂNGULO DE ANÁLISE DOS PROBLEMAS

A maioria das teorias da criminologia concentra-se nos factos que fazem com que os cidadãos se tornem "criminosos". Descubrem as causas em fatores distantes, como as práticas de educação das crianças, as componentes genéticas e os processos psicológicos ou sociais. Essas teorias são muito difíceis de serem testadas; são de validade científica desconhecida e diversa; e abrangem políticas públicas ambíguas que, na sua grande maioria, estão fora do alcance da prática da polícia.

Mas iremos descobrir que as teorias e os conceitos da criminologia ambiental (e da nova disciplina da ciência do crime) são muito úteis no trabalho diário da polícia. Isto é assim porque elas lidam com as causas situacionais imediatas das ocorrências criminais, incluindo as tentações e as oportunidades e a proteção insuficiente dos alvos. Poderemos ser um forte membro da equipa orientada-aos-problemas se estivermos familiarizados com estes conceitos.

O triângulo de análise do problema (também conhecido como o triângulo do crime) surge de uma das principais teorias da criminologia do ambiente - a teoria da atividade rotineira. Esta teoria, originalmente formulada por Lawrence Cohen e Marcus Felson, afirma que o crime predatório ocorre quando um provável infrator e um alvo adequado convergem no mesmo tempo e lugar, sem a presença de um guardião capacitado. A teoria assume, como dado adquirido, a existência de um provável infrator uma vez que a ganância e o egoísmo do ser humano são explicações suficientes para a maioria das motivações para o crime. Esta teoria não faz distinção entre uma vítima humana e um alvo inanimado, já que ambos podem servir ao propósito do ofensor. E define um guardião capacitado em termos de agentes humanos e de dispositivos de segurança. Esta formulação remete para o triângulo original de análise do problema com os três lados representando o infrator, o alvo e o local (ver a parte central do triângulo).



*Focalizando a atenção nas três principais componentes de qualquer problema, a parte interior do triângulo ajuda a garantir que a sua análise engloba todos os três. A polícia está acostumada a pensar a respeito de um problema em termos dos criminosos envolvidos. De facto, a atenção, geralmente, vira-se para a sua identificação e a sua detenção. Mas o POP requer que se explore uma série mais ampla de fatores e isso exige informação sobre as vítimas e os locais envolvidos.*

*A formulação mais recente do triângulo de análise de problema acrescenta um triângulo exterior de "controles" para cada um dos três elementos originais (ver figura):*

- *Para o alvo/vítima (target/victim), o controlo é o guardião (guardian) capaz da definição original da teoria da atividade rotineira - geralmente são pessoas que se protegem a si próprias, que protegem os seus próprios pertences e os pertences dos membros da sua família, dos amigos e dos colegas de trabalho. Na classificação de guardiões, também, incluem-se a polícia e os elementos da segurança privada.*

- *Para o infrator (offender), o controlo é o supervisor (handler), alguém que conhece bem o infrator e que está na posição de exercer algum controlo sobre as ações daquele. Na figura de supervisor podem-se incluir os pais, os irmãos, os professores, os amigos e os cônjuges. Os agentes das autoridades públicas, como os guardas da liberdade condicional e os oficiais de justiça que acompanham infratores que não foram colocados na prisão e que cumprem pena em liberdade, frequentemente, aumentam a eficiência dos supervisores comuns ou, até, os substituem.*

- *Para o local (place), o controlo é o gestor (manager) do mesmo, o proprietário ou seu representante que têm alguma responsabilidade em controlar os comportamentos em locais específicos como, por exemplo, um motorista dos transportes públicos ou um professor de uma escola, os proprietários de bares que vendem bebidas alcoólicas, os locatários, ou os assistentes de bordo dos aviões comerciais.*

*O triângulo de análise do problema é a base para outra útil ferramenta analítica - uma classificação dos três principais tipos de problemas que desafiam a polícia e uma teoria sobre como esses problemas surgem. John Eck e William Spelman propuseram classificar esses problemas como "**LOBO**", "**PATO**" e "**TOCA**":*

1. *Os problemas que surgem do infrator repetido, que envolvem infratores que atacam diferentes alvos em diferentes locais. São chamados de problemas LOBO. Um ladrão armado que ataca uma série de diferentes bancos é um exemplo puro de um problema LOBO. Os problemas LOBO ocorrem quando os criminosos são capazes de localizar ocasionalmente alvos e lugares vulneráveis. Os controlos desses alvos e locais podem atuar para prevenir ataques futuros, mas os infratores passam a atacar outros alvos e outros locais. É a falta de controlo dos supervisores que facilita os problemas LOBO.*
2. *Os problemas de vitimização repetida, que envolvem vítimas que são repetidamente atacadas por infratores diferentes. São chamados de problemas PATO. Os taxistas que*

*são assaltados repetidamente, em locais diferentes, por pessoas diferentes, são um exemplo puro de um problema PATO. Os problemas PATO ocorrem quando as vítimas, continuamente, interagem com os potenciais ofensores em lugares diferentes, mas as vítimas não aumentam as suas medidas de precaução e os seus guardiões estão ausentes ou são ineficientes.*

- 3. Os problemas de ocorrências repetidas no mesmo local, que envolvem diferentes ofensores e alvos que interagem no mesmo local, são os problemas TOCA. Um estabelecimento que serve bebidas alcoólicas e que tem um alto índice de rixas, mas sempre entre pessoas diferentes, é um puro exemplo de um problema TOCA. Esses problemas ocorrem quando novos e potenciais ofensores e novos e potenciais alvos se encontram num local cuja gerência é ineficiente. O local continua a facilitar a ocorrência de problemas.*

*Devemos ter em atenção que os problemas puros são raros, sejam LOBO, PATO ou TOCA. A maioria dos problemas envolve uma mistura deles. A pergunta a fazer é, "Qual dos três é o mais dominante num determinado tipo de problema: o lobo, o pato ou a toca?"*

*Quando um crime está a ocorrer, todos os elementos no interior do triângulo devem estar presentes e todos os elementos externos do triângulo estarão fracos ou ausentes. Se os ofensores em potencial estão constantemente presentes, por exemplo, mas os delitos ocorrem apenas quando os guardiões estão ausentes, então, designar e escalar guardiões pode ser uma solução útil. Devemo-nos questionar, "Como é que o triângulo de análise do problema se configura antes, durante e após o crime?"*

*Compreender como os problemas são criados, através das oportunidades, ajudar-nos-á a pensar sobre o que pode ser feito: para prevenir que os ofensores cometam novos delitos através dum melhor uso dos supervisores; para ajudar as vítimas a reduzirem as probabilidades de se tornarem alvos e; para alterar os locais onde os problemas ocorrem, sejam escolas, tabernas, ou parques de estacionamento. Em suma, desde o início, isto vai-nos ajudar a concentrar a recolha de dados nos seis aspetos mais prováveis de resultarem em soluções práticas.*

### **O que é ciência do crime?**

*A criminologia tradicional procura entender melhor as forças sociais e psicológicas que fazem com que pessoas se tornem criminosas, na esperança de encontrar formas de alterar essas causas. A ciência do crime tem um método radicalmente diferente. Ela não se concentra em explicar as razões pelas quais os criminosos nascem ou são feitos, mas sim nos atos de cometer crimes. Ela busca formas para reduzir as oportunidades e as tentações para cometer o crime e a aumentar os riscos de vir a ser detetado. Ao fazer isto, a ciência do crime procura contributos a partir de uma vasta combinação de disciplinas, incluindo a psicologia, a geografia, a medicina, o urbanismo, e a arquitetura. A ciência do crime, explicitamente, pretende ser julgada pela extensão com que ajuda a reduzir a criminalidade nas nossas ruas, casas e empresas.*

*Fonte: Jill Dando Institute de Crime Science. (2004). [www.jdi.ucl.ac.uk](http://www.jdi.ucl.ac.uk)*



## 9. SAIBA QUE A OCASIÃO FAZ O LADRÃO

*Para os criminólogos do ambiente "a ocasião faz o ladrão" é mais do que apenas um provérbio popular, é o princípio mais importante do seu modelo. Eles acreditam que, se a oportunidade aumenta, conseqüentemente o crime também aumentará. Para ver se concorda, considere o cenário sugerido por Gloria Laycock e Nick Tilley do Instituto de Ciência do Crime Jill Dando:*

*"Suponha que todos controles situacionais fossem abandonados: nenhuma fechadura, nenhum controle personalizado, dinheiro para estacionamento deixado em caixas abertas, nenhum controle na saída da biblioteca, nenhum controle de bagagem nos aeroportos, nenhum controle de bilhete nas estações de comboio, nenhum semáforo, etc., não haveria nenhuma alteração no volume de crimes e de desordens?"*

*Se responder que, evidentemente, o crime e a desordem aumentariam, então, também, acredita que a oportunidade é uma das causas do crime. Por incrível que pareça, a maioria dos criminólogos não concordam. Eles acreditam que oportunidade só pode determinar quando e onde o crime ocorre, não se o crime ocorre. Na perspectiva deles, se o crime ocorre é totalmente dependente das disposições para tal, por parte dos delinquentes, e essas disposições, coletivamente, determinam o volume dos crimes na sociedade.*

*De facto, os níveis de criminalidade são determinados tanto pelas oportunidades proporcionadas pela organização física e social da sociedade quanto pelas atitudes e disposições da população. Isso é difícil de provar sem se realizarem experiências, mas seria antiético criar novas oportunidades para os arrombamentos ou os assaltos e esperar para ver o que acontece. No entanto, têm sido realizadas experiências com pequenas transgressões. Na década de 1920, alguns pesquisadores criaram oportunidades para que algumas crianças copiassem nos testes escolares, para que mentissem sobre os seus "copianços" e para furtarem moedas nos jogos que foram utilizados. Outros pesquisadores lançaram para as ruas diversas cartas seladas e carimbadas, algumas contendo dinheiro, para verificarem se essas cartas seriam colocadas no correio. Num terceiro grupo de experiências de laboratório, foram instruídos diversos indivíduos a "punirem" outros, que estavam a desobedecer às instruções do teste, através de fortes choques elétricos desencadeados pelo aparelho de teste. (Na verdade, nenhum choque era, efetivamente, produzido.)*

*Os resultados dessas experiências sustentam o papel causal da oportunidade. A maioria dos sujeitos testados, mesmo aqueles que geralmente resistiram à tentação, usaram algumas oportunidades para se comportarem desonestamente, ou agressivamente - oportunidades que eles não teriam encontrado se não fosse pela participação naquelas experiências. Mas não podemos fazer generalizações daquelas transgressões menores para crimes de roubo ou furto de viaturas. Portanto, devemos direcionar-nos para algumas outras fontes de evidências sobre a importância da oportunidade como causadora do crime.*

**Suicídio e oportunidade.** O suicídio não é um crime mas, como em muitos crimes, geralmente, é assumido que ocorre devido a motivações profundas. Porém, existem provas claras, provenientes do Reino Unido, que a oportunidade desempenha um papel importante no suicídio. Durante a década de 1950, cerca da metade das pessoas que cometeram suicídio, no Reino Unido, utilizaram gás doméstico, o qual tinha quantidades letais de monóxido de carbono (CO). Esta prática ficou conhecida como "colocar a cabeça no forno". Na década de 1960, o gás começou a ser feito a partir do petróleo em vez do carvão. O novo gás tinha menos CO e o número de suicídios com gás começou a diminuir. Por volta de 1968, apenas cerca de 20% dos suicídios envolviam gás. Isto aconteceu quando uma segunda mudança surgiu: o gás fabricado foi substituído por gás natural proveniente do Mar do Norte. O gás natural não contém nenhum CO e é quase impossível utilizá-lo para o suicídio. Por meados de 1970, menos de 1 por cento dos suicidas, no Reino Unido, utilizaram este método.

O que é profundamente surpreendente é que os suicídios não se deslocaram, inteiramente, para outros métodos. O quadro mostra que, entre 1958 e 1976, os suicídios diminuíram quase 30%, de 5.298 para 3.816. (Isto ocorreu durante o declínio económico, quando se poderia esperar um aumento dos suicídios e, na verdade, o suicídio estava a tornar-se cada vez maior noutros países europeus.) As pessoas não voltaram a usar outros métodos, pois todos esses apresentavam inconvenientes: As overdoses são bem menos letais que o monóxido de carbono; O enforcamento exige mais conhecimentos, assim como mais coragem; Nem todas as pessoas têm acesso a armas, o que pode resultar em desfiguramentos ao invés da morte. Por outro lado, o gás doméstico estava imediatamente disponível na maioria dos lares. Era altamente letal e usá-lo era considerado inofensivo e indolor. Não é de surpreender que este fosse o método preferido por tanto tempo e que, quando a oportunidade de usá-lo foi removida, o número de suicídios diminuiu.

<b>Instituto de Ciência do Crime, 1958-1977</b>			
<b>Ano</b>	<b>Total de Suicídios</b>	<b>Suicídios com gás doméstico</b>	<b>Percentagem total</b>
1958	5,298	2,637	49.8
1960	5,112	2,499	48.9
1962	5,588	2,469	44.2
1964	5,566	2,088	37.5
1966	4,994	1,593	31.9
1968	4,584	988	21.6
1970	3,940	511	13.0
1972	3,770	197	5.2
1974	3,899	50	1.3
1976	3,816	14	0.4

Fonte: Estatísticas da mortalidade, Inglaterra e País de Gales: Causas. London: Her Majesty's Stationery Office, Annual

**Homicídio e oportunidade.** A oportunidade também desempenha um papel causal importante no homicídio, como foi demonstrado numa comparação feita, há alguns anos, entre as taxas de homicídio dos Estados Unidos e do Reino Unido. Entre 1980-84, o período coberto pelo estudo, a taxa geral de homicídio nos USA foi 8,5 vezes maior do que na Inglaterra e no País de Gales. As taxas de homicídio com armas de fogo e, principalmente, com armas de fogo curtas foram, respetivamente, 63 vezes e 75 vezes superiores. Em toda Inglaterra e País de Gales,

durante este período (com aproximadamente 50 milhões de pessoas), apenas 57 assassinatos com armas de fogo curtas ocorreram. Nos Estados Unidos, com uma população de cerca de 230 milhões (quase cinco vezes maior) um total de 46.553 pessoas foram assassinadas com armas de fogo curtas.

Estes resultados tendiam a ser improcedentes porque a taxa total de crime nos E.U.A era, geralmente, superior às taxas da Inglaterra e do país de Gales, durante esse período. No entanto, nos últimos 15 anos, a taxa total de crime nos dois países tem convergido e, agora, existem poucas diferenças entre ambos, com a notória exceção do homicídio. Existe ainda uma taxa muito mais elevada de homicídios nos E.U.A. porque muito mais gente possui armas de fogo, especialmente armas de fogo curtas, do que no Reino Unido. Até mesmo a polícia do Reino Unido não transporta armas nas suas ações de rotina! Portanto, quando as pessoas brigam nos E.U.A., é muito mais provável que um indivíduo venha a ser baleado do que no Reino Unido. Da mesma maneira, alguns resultados, não tão marcantes, emergem a partir da comparação das taxas de homicídio nos E.U.A e no Canadá (ver quadro). Em conjunto, essas comparações mostram que a disponibilidade para o uso de armas (uma variável da oportunidade) desempenha um papel importante nas causas de homicídio.

Compreender os argumentos desta secção, e aceitar que oportunidade é causa de crime, não significa que se deva negar a importância das outras causas como, por exemplo, as personalidades herdadas, as famílias divorciadas, e uma disciplina inconsistente. Mas há pouco que se possa fazer para mudar as personalidades das pessoas, ou a taxa de divórcio, ou uma deficiente parentalidade. No entanto, podemos alterar as situações criminógenas nas quais eles se encontram. Entender que “a ocasião faz o ladrão” irá ajudar-nos a direcionar a nossa atenção aos meios práticos de prevenção criminal, e irá ajudar-nos a defendermo-nos das críticas.

### Homicídio com arma de fogo nos Estados Unidos e no Canadá

Um estudo clássico comparou as taxas de homicídios e assaltos em Seattle (E.U.A.) e Vancouver (Canadá), entre 1980-1986, para determinar o efeito da disponibilidade das armas de fogo curtas sobre a taxa de crime. Embora semelhante a Seattle em muitos aspetos, Vancouver tem uma abordagem mais restritiva em relação a posse de armas de fogo curtas. O estudo constatou que uma maior disponibilidade das armas de fogo curtas aumenta a taxa de homicídio. As principais conclusões foram:

1. As duas cidades diferenciaram-se pouco em relação as suas taxas de assaltos.
2. O risco de assassinato era significativamente maior em Seattle do que em Vancouver, principalmente devido ao risco de ser assassinado com uma arma de fogo curta, em Seattle, ser cinco vezes maior.
3. As taxas de homicídios sem o uso de arma de fogo diferenciaram-se pouco entre as duas cidades.

Fonte: Sloan, John e colegas (1988). "Handgun Regulations, Crime Assaults, and Homicides" *The New England Journal of Medicine*, 319: 1256-1262

#### Leia Mais:

- Felson, Marcus e Ronald Clarke (1998). **Opportunity Makes the Thief**. Police Research Series, Paper 98. London: Home Office.

## **10. COLOQUE-SE NO LUGAR DO INFRATOR**

*Sempre que se analisar um problema criminal ou se pensar sobre as possíveis soluções, devemos tentar ver o crime pela perspectiva do infrator. Devemos tentar entender as razões que os levam a cometer o crime - não as causas sociais ou psicológicas distantes, mas os benefícios que procuram obter. Uma crítica radical da criminologia, levantada há 30 anos atrás, é a de que não são os genes que impulsionam os assaltantes de bancos a cometerem os crimes: eles roubam bancos, porque querem ficar ricos.*

*Em muitos casos de roubo e furto as vantagens são óbvias, mas essas podem não ser evidentes como no caso da violência dos gangues ou o tão chamado vandalismo "gratuito" e as pichagens (graffiti). Na verdade, os graffiti podem ser uma maneira de marcar o território de um gangue juvenil, de indicar onde comprar drogas, ou, simplesmente, ser uma maneira de se exibirem. Saber quais dessas razões são dominantes ajuda a definir o foco de um projeto de resolução de problemas e a desvendar os fatores que contribuíram para o problema. Isso, também, poderá ajudar a equipa do projeto a identificar soluções. Assim, as autoridades do metropolitano da cidade de Nova York, somente, conseguiram ser bem sucedidas, na erradicação dos graffiti, quando compreenderam qual era a motivação dos "grafiteiros", a qual consistia em ver suas obras expostas quando as carruagens passavam em todos os seus percursos (ver passo 41).*

*Aprender como os criminosos cometem os crimes é tão importante quanto aprender porque razão, eles, os cometem. Irá achar a teoria de escolha racional útil para pensar sobre estas questões. O nome é enganador, porque a teoria não parte do princípio que os delinquentes planeiam cuidadosamente os crimes, mas apenas assume que eles estão tentando beneficiar com os crimes que cometem, o que é bastante racional. A teoria nem, mesmo, assume que os delinquentes serão bem sucedidos na obtenção dos benefícios que procuram.*

*Isso ocorre porque os infratores, raramente, dispõem de todas as informações que precisam, eles não dedicam tempo suficiente ao planeamento das suas ações, eles assumem os riscos, e cometem erros. É assim que todos nós nos comportamos nas nossas decisões diárias e é, isto, aquilo que os teóricos chamam de racionalidade limitada ou delimitada.*

*Frequentemente, os infratores decidem, rapidamente, como devem alcançar os seus objetivos e como fugir sem serem detidos pela polícia. Entrevistar infratores ajudar-nos-á a entender como é que eles tomam essas decisões. (O Guia COPS sobre as entrevistas aos infratores ajudará a pensar sobre as dificuldades jurídicas e técnicas de realizar essas entrevistas. Consulte Ler Mais). Surpreendentemente, não é difícil fazer com que infratores falem, especialmente se nos limitarmos à natureza geral do problema que estamos a tentar resolver e se evitarmos questões específicas sobre outros delitos que tenham cometido. Os infratores não são exceções à regra de que gostamos de falar a nosso respeito e sobre o que fazemos.*

*Martin Gill da Universidade de Leicester, na Inglaterra, costuma contar a história de quando entrevistou um experiente infrator na prisão. Quando o abordou sobre o crime que o levou à prisão, Gill perguntou: "Você achou que seria detido?" O prisioneiro reclinou-se na sua cadeira e olhou para ele, longamente, antes de responder: "Eu nunca esperei ouvir alguém de uma universidade a fazer uma pergunta tão estúpida. Então, você acredita que eu teria feito o que fiz se pensasse que poderia ser preso?"*

*Se não pudermos entrevistar os infratores, devemos tentar imaginar o decurso de um crime (veja o passo 35). O que deve ser feito em cada etapa? Como é que os alvos são selecionados? Como é que as vítimas podem ser enganadas? Como escapar à polícia? Como se ver livre das mercadorias? Mesmo que não possamos responder a todas estas perguntas sobre os modus operandi, a tentativa de entrar na mente do infrator pode ajudar-nos a refletir sobre as respostas. Isto não é um convite para nos fazer entrar no domínio da psicanálise. Ao invés de tentar invadir o subconsciente do infrator, deveremos tentar entender quais são os benefícios palpáveis que o infrator está procurando obter e como é que ele deve gerir todo o trabalho envolvido no crime sem muito esforço ou risco da sua parte. Isto é o que Paul Ekblom do departamento de pesquisa do Home Office quer dizer quando ele aconselha aos solucionadores de problemas a "pensarem como o ladrão".*

*Paul Ekblom entrevistou ladrões no London Underground (o sistema de metropolitano), que lhe disseram que ficavam perto dos sinais de alerta que diziam que "os carteiristas" andavam em ação. Ao lerem aqueles avisos, os passageiros, instantaneamente, colocavam as mãos nos bolsos onde tinham as suas carteiras, o que era uma grande ajuda para os ladrões que ficavam logo a saber onde procurar.*

*Outra alternativa, para entrevistar o nosso próprio grupo de infratores, é pesquisar na literatura estudos que elaboraram relatórios de entrevistas feitas com grupos semelhantes de infratores. Os criminólogos do ambiente têm expandido, enormemente, o nosso conhecimento sobre os métodos utilizados pelos criminosos através de entrevistas feitas a ladrões de carros, assaltantes que roubam pessoas em lugares públicos, pessoas que furtam mercadorias em lojas, e assaltantes de residências e de estabelecimentos comerciais. Pode ser que os criminosos não sejam exatamente iguais aos do nosso grupo, mas um exame cuidadoso desses estudos com entrevistas pode sugerir hipóteses que possamos explorar em relação ao nosso próprio problema.*

## Assaltantes à mão armada conversando

### Motivos

"Você está sentado, ali, sozinho, e sente os bolsos vazios, tem o aluguer para pagar, a fatura de luz e do gás, está constantemente a receber cartas dos cobradores dessas faturas e diz, "Como gostava de ter algum dinheiro. Eu preciso de dinheiro!" Estes são os seus fantasmas. (Ele fantasia conseguir isto, fantasia conseguir aquilo). A sua mente começa a pensar sobre as causas, o porquê de não ter dinheiro e com os lobos à porta... (Depois do meu último roubo) Dei algum dinheiro ao senhorio para pagar o aluguer e enviei algum dinheiro para a companhia elétrica, um pouco mais para a companhia do gás. Ainda fiquei com uns vinte ou trinta dólares no bolso. Comprei algumas cervejas, alguns cigarros, e gastei um pouco do dinheiro numa pedra (de crack); desfrutei de um minuto para mim próprio" (pp. 43-44).

### Vantagens do Roubo

"O roubo é sinónimo de dinheiro mais rápido. O roubo é a maior quantidade de dinheiro que vais conseguir rapidamente... Se assaltares uma casa ou um estabelecimento, vais ter que vender a mercadoria para arranjares dinheiro. Com a droga, tens que lidar com muitas pessoas, um monte de pessoas. Vendes um pacote de 50 dólares ou de 100 dólares a um, outro saco de 50 ou de 100 dólares a outro, e isso leva muito tempo. Mas se descobrires onde o dinheiro está e apenas fores lá pegá-lo, pegas no dinheiro todo de uma vez só" (pp. 51-52).

### Escolhendo a vítima

"Olha, eu sei dos sítios aonde ir (para localizar bons alvos para roubar). Normalmente, vou para todos os sítios onde os drogados gostam de estar... mas, também, tenho assaltado algumas pessoas à saída dos caixas multibanco" (p. 78).

"Eu costumo roubar os traficantes... eles não se vão queixar à polícia. O que é que eles vão dizer à polícia? Ele roubou-me a droga? Para mim, eles são as iscas mais fáceis. Não quero prejudicar nenhum inocente, basicamente só assalto traficantes " (pp. 64).

### Violência

"Bem, se (a vítima) reagir, dessa forma indecisa, comesças a ser um pouco mais agressivo e empurra-la... Eu, até, posso pegar na pistola e rachar-lhe a cabeça. "Dá-me logo o dinheiro e para de me enrolar, senão vais estar em perigo! "Normalmente, quando veem que estás a falar sério... entregam-te logo o dinheiro " (pág. 109).

Fonte: Wright, Richard e Scott Decker (1997). *Armed Robbers in Action*. Boston: Northeastern University Press.

### Leia Mais:

- Decker, Scott (2004). *Using Offender Interviews to Inform Police-Solving Guide NO. 3. Problem-Oriented Guides for Police, Problem Solving Tool Series*. Washington, DC: Office of Community Oriented Policing Services, U.S. Department of Justice. (Disponível em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org) e [www.cops.usdoj.gov](http://www.cops.usdoj.gov)).

## 11. ESPERE PELA REAÇÃO DOS CRIMINOSOS

Os criminosos fazem as suas escolhas com base nas suas percepções a respeito das oportunidades. Compreender como os infratores veem as coisas é importante para prevenir o crime, porque quase toda a prevenção criminal envolve uma mudança nas percepções dos infratores quanto às oportunidades do crime. Alguns programas de prevenção trabalham diretamente com as "percepções" dos criminosos, da mesma forma quando a polícia diz aos infratores que eles estão a ser atentamente vigiados. Mas, a maioria dos esquemas de prevenção utiliza mais do que uma fase intermédia como, por exemplo, no esquema de identificação das propriedades onde os residentes colocam autocolantes nas janelas demonstrando a sua participação no programa. As alterações no ambiente mudam as percepções do infrator. Estas percepções influenciam o comportamento dos delinquentes que, por sua vez, modificam os seus padrões criminais.

Em muitos casos, as medidas de prevenção impedem que os infratores cometam outras atividades criminosas no futuro. Estas, também, poderão ter efeitos positivos não esperados: (1) uma redução do crime para além do enfoque das medidas, o que é conhecido como **difusão de benefícios** (ver Passos 13 e 47); e (2) uma redução do crime antes das medidas terem sido implementadas, conhecido como **antecipação de benefícios** (Passo 52). No entanto, as medidas preventivas nem sempre alcançam os efeitos desejados, às vezes porque os infratores ignoram, completamente, a existência das intervenções no local. Por exemplo, pode ser que os delinquentes continuem a cometer delitos, mesmo na presença de elementos policiais disfarçados, porque não percebem que os riscos de serem detidos aumentaram. Noutros casos, pode ser que os delinquentes se adaptem negativamente às medidas de prevenção. Essas adaptações negativas incluem a deslocalização e as adaptações a longo prazo.

- **Deslocalização:** ocorre quando os infratores mudam de comportamento para frustrarem as ações preventivas. A deslocalização é o oposto da difusão de benefícios. A deslocalização é uma possível ameaça, mas está longe de ser inevitável. As revisões da literatura existente demonstram que muitos programas de prevenção situacional demonstram poucas ou nenhuma evidências de deslocalização e, quando a deslocalização é descoberta, ela raramente compensa, plenamente, os benefícios da prevenção (Passo 12).

- **Adaptação:** refere-se a um processo a longo prazo em que a população de infratores, como um todo, descobre novas vulnerabilidades para o cometimento do crime após as medidas preventivas já terem sido adotadas por algum tempo. Paul Ekblom, Ken Pease e outros pesquisadores, frequentemente, usam a analogia do "braço de ferro" entre aqueles que promovem a prevenção e os infratores, quando discutem este processo. Portanto, a prazo, podemos esperar que muitos dos crimes, que foram reduzidos através de medidas preventivas, reapareçam sempre que os criminosos descobrem novas maneiras de os cometerem. A adaptação pode ocorrer sempre que os infratores originais (os criativos), lentamente,

*descobrem novos métodos, ou pode ocorrer quando novos infratores se aproveitam da mudança de oportunidades.*

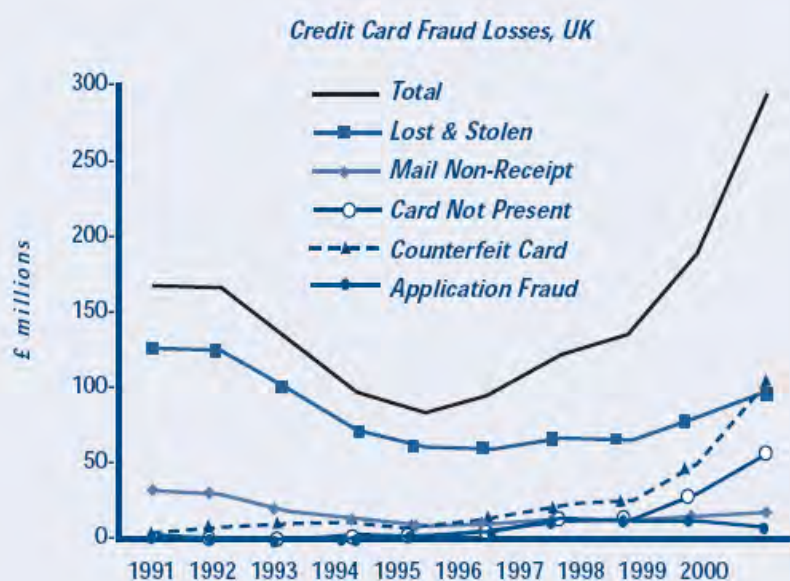
*Um bom exemplo de adaptação é a fraude com cartões de crédito (ver o gráfico). Outro exemplo mais recente de adaptação envolve a colocação de cadeados nas bicicletas. Os ladrões de bicicletas acabaram por descobrir que podiam abrir os cadeados, eficazes e largamente utilizados, usando uma caneta esferográfica barata e muito comum. Mas, nem todas as medidas preventivas são tão vulneráveis à ingenuidade criminal. Por exemplo, Neal Shover tem alegado que a tecnologia conseguiu uma solução duradoura para os arrombamentos de cofres, o que agora é raro de ocorrer, embora isto já tenha sido muito comum.*

*Nalgumas circunstâncias, as ações preventivas podem estimular o desrespeito. Isso ocorre quando os infratores desafiam a legitimidade dos esforços de prevenção e cometem mais crimes, em vez de menos como se pretendia. A polícia está legitimamente preocupada, por exemplo, que a prematura exibição da força possa, muitas vezes, vir a estimular as multidões a participarem em protestos envolvendo comportamentos indisciplinados e violentos, de modo que a polícia, frequentemente, prefere não envergar o traje completo usado para as situações de controlo de manifestações, protestos e rebeliões, até que hajam fortes indícios de que os maus comportamentos sejam prováveis. Existem algumas investigações que provam que o desrespeito é mais provável de ocorrer quando a polícia está a ter um comportamento entendido pelas pessoas como injusto e abusivo, e que estas são mais respeitadoras da lei quando os polícias as tratam com justiça, até mesmo quando o resultado não é o que as pessoas pretendem. Em geral, o desrespeito não é um fenómeno bem documentado, mas não pode ser tido como uma possibilidade improvável, especialmente quando a polícia utiliza a aplicação da lei como a principal ferramenta de prevenção.*



## Adaptação do criminoso e a fraude com cartão de crédito

Michael Levi e seus colegas descreveram como a parceria entre a polícia, o British Home Office (similar ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos) e os utilizadores de cartão de crédito resultou numa ação bem sucedida em meados de 1990 para reduzir as fraudes com cartão de crédito. As medidas introduzidas incluíram novos limites mais baixos para vendedores que procuravam autorização para transações e métodos mais seguros de distribuição de cartões de crédito aos consumidores, via correio. Como a tabela mostra, houve uma redução considerável nas perdas com fraudes (Total, Perda & Furto (Lost & Stolen), e Não Recebimento pelo Correio (Mail Non-Receipt)). Nos anos recentes, contudo, as perdas com cartão de crédito começaram a subir novamente. Isso deve-se, principalmente, ao crescimento das perdas resultantes das “fraudes com cartão inexistente” (devido a rápida expansão das vendas pela Internet) e falsificação de cartões (que dizem ser o trabalho de gangs organizadas da Ásia Ocidental).



Legenda em ordem decrescente: perda e furto; não recebimento pelo correio; cartão inexistente; falsificação de cartão; aplicação fraudulenta.

### Leia Mais:

- Ekblom, Paul (1997). "Gearing up Against Crime: a Dynamic Framework to Help Designers Keep up with the Adaptive Criminal in a Changing World" *International Journal of Risk, Security and Crime Prevention*, 2: 249 - 265. (Disponível em [www.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs/risk.pdf](http://www.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs/risk.pdf))

## **12. NÃO SE DESENCORAJE PELO PESSIMISMO ASSOCIADO À DESLOCALIZAÇÃO**

*O policiamento orientado-aos-problemas, frequentemente, tenta reduzir as oportunidades para o cometimento de crimes. Por exemplo, a colocação de trancas nas janelas pode ser uma medida apropriada para impedir os assaltos num complexo de apartamentos, ou a instalação de videovigilância para evitar os furtos em parques de estacionamento. Estas formas de redução das oportunidades do crime, frequentemente, convergem para a mesma objeção: todas elas, apenas, fazem com que o crime se deslocalize, não o previne. Esta teoria da deslocalização identifica cinco formas pelas quais o crime é deslocalizado:*

- 1. O crime é deslocalizado de um local para outro (geográfico).*
- 2. O crime é deslocalizado de um horário, e dia de semana, para outro (temporal).*
- 3. O crime é direcionado de um alvo para outro (alvo).*
- 4. Um método de cometer o crime substitui um outro (tático).*
- 5. Um tipo de crime é substituído por outro (tipo de crime).*

*Em cada caso, a teoria assume que os infratores se sentem obrigados a cometerem crimes, independente das barreiras encontradas. A base desse pressuposto é a de que a propensão para cometer crimes aumenta com o tempo e deve ser aliviada da mesma forma que se procura a satisfação do desejo sexual, ou quando os criminosos, "profissionais" ou viciados na droga, procuram obter determinados benefícios económicos com o crime para manterem os seus estilos de vida. Não há provas de que os criminosos procurem satisfazer algumas das suas necessidades psicológicas mais profundas através do cometimento de crimes. De facto, existem muitas evidências de que as pessoas escolhem se, onde, e quando, cometem crimes. Qualquer que seja o ponto de vista, o pressuposto da deslocalização negligencia o importante papel da tentação e da oportunidade para o crime (Passo 9).*

*Mesmo no caso dos infratores mais empenhados no crime, a teoria da deslocalização falha em dar importância suficiente à oportunidade. As pesquisas sobre os viciados na droga têm demonstrado que estes se adaptam às modificações da oferta das drogas. Também, não existe qualquer mudança fácil no uso de drogas. Ao contrário, os dependentes de químicos podem ser forçados a utilizar quantidades reduzidas, ou a usar drogas menos gratificantes, porque a oferta de droga foi reduzida.*

*Quanto aos criminosos profissionais, como os ladrões de bancos, não há razão para se supor que eles tenham necessidade de, regularmente, obterem dinheiro com o crime. Certamente, eles cometeriam menos assaltos, caso estes se tornassem difíceis e arriscados e, da mesma forma, cometeriam mais assaltos, caso estes se tornassem mais fáceis. Os ladrões de bancos, como qualquer outra pessoa, podem, às vezes, ter de se ajustar à redução das circunstâncias e satisfazerem-se com níveis mais baixos de benefícios económicos.*

*Isto não significa que podemos ignorar a deslocalização. De facto, a teoria da escolha racional prevê que os infratores se deslocam quando os benefícios do crime ultrapassam os seus custos. Por exemplo, no início dos anos 90, a polícia de Nova York empregou a sua Equipa Tática de Combate aos Narcóticos nos bairros onde os traficantes de droga se concentravam. Os traficantes reagiram, deslocalizando os locais de venda das esquinas das ruas para o interior de apartamentos em edifícios. Mas muitos outros estudos têm constatado que a deslocalização nem sempre ocorre, ou ocorre somente de forma limitada. Por exemplo:*

- As patrulhas intensivas para o controlo de armas reduziram os delitos com armas de fogo num bairro de alta incidência desses crimes em Kansas City, no Missouri, sem que se registasse uma deslocalização destes, ou outros, crimes para as comunidades limítrofes.*
- Os novos procedimentos de identificação reduziram, bastante, as fraudes com cheques na Suécia, sem que surgissem evidências de substituição dessas fraudes por uma série de eventuais delitos alternativos.*
- O extensivo fortalecimento das medidas contra o roubo, adotadas pelos bancos na Austrália, baixaram as taxas de roubo, mas não se registaram sinais de que as lojas de conveniência, os postos de gasolina, as casas de venda de jogos, os hotéis, ou os transeuntes começassem a experienciar mais roubos.*
- Os assaltos com arrombamento em edifícios não se deslocalizaram para complexos residenciais, nas redondezas, quando um modelo de resolução de problemas levou à diminuição dos furtos num complexo de apartamentos, com uma alta taxa de incidência deste tipo de crime, em Newport News, na Virgínia.*
- Quando as ruas foram encerradas, no bairro Londrino de Finsbury Park, e o policiamento foi intensificado, surgiram poucas evidências de que as prostitutas, simplesmente, se haviam mudado para outros locais das imediações. De acordo com os pesquisadores, muitas das mulheres que trabalhavam nas ruas, em Finsbury Park, não estavam diretamente envolvidas na prostituição, mas encaravam esta atividade como uma forma relativamente fácil de ganhar a vida. A mudança das condições fizeram com que o seu envolvimento também mudasse e muitas delas parecem terem desistido daquela atividade (Passo 50).*
- A redistribuição das estações de comboio, para controlar os roubos e os furtos, resultou na redução dos crimes violentos numa localidade de San Diego, na Califórnia, sem transferir esses crimes para outras estações.*

*Nestes exemplos, e em muitos outros, os custos da deslocalização para os ofensores parece terem superado os benefícios, e os exemplos apoiam a argumentação de que a deslocalização ocorre muito menos do que habitualmente se crê. Este é o consenso a que se chegou das quatro diferentes revisões da literatura, sobre as deslocalizações, feitas no Reino Unido, no Canadá, nos Estados Unidos, e na Holanda. A revisão dos holandeses (a mais recente) relata que em 22 dos 55 estudos realizados em diferentes países, nos quais a deslocalização foi examinada, nenhuma evidência foi encontrada. Nos 33 estudos restantes, nos quais as provas de deslocalização foram identificadas, apenas alguns dos crimes parece terem sido*

deslocalizados. Em nenhum caso, porém, a quantidade de crime deslocalizado foi igual à quantidade de crime prevenido. E, em nenhum caso, a deslocalização fez o crime aumentar.

A deslocalização, normalmente, é limitada porque os infratores têm dificuldade em, rapidamente, se adaptarem. Se, na realidade, eles mudam algo, o mais provável é que mudem de locais, de horários, de alvos, de métodos, e de tipos de crimes que sejam semelhantes aos que o programa de prevenção bloqueia, porque essas lhes são as mudanças mais fáceis de realizarem. Isto sugere que a deslocalização pode ser prevista pela antecipação das mudanças mais fáceis para os infratores. Se as mudanças fáceis são óbvias, então devemos considerar a forma de as incorporar no nosso plano de prevenção. E se as não pudermos incluir, então, deveremos considerar a realização de uma monitorização às mesmas para detetar as possíveis deslocalizações.

Em suma, a deslocalização é sempre uma ameaça, mas há fortes razões teóricas para se acreditar que está longe de ser inevitável. Além disso, os estudos sobre a deslocalização mostram que, mesmo quando ela ocorre, a deslocalização pode estar longe de ser completa e que a importante quantidade dos crimes remanescentes podem ser alcançados através de medidas de redução das oportunidades.

### **As alegações de deslocalização evaporam-se, frequentemente, Sob uma análise mais detalhada**

Em meados dos anos 80, John Eck observou uma discussão sobre deslocalização no Departamento de Polícia de Newport News, na Virgínia. Uma ação policial intensiva e repressiva ao tráfico de haxixe, que vinha a ocorrer na esquina de uma rua, resultou na eliminação do tráfico. Alguns elementos da polícia afirmavam que os criminosos se tinham, apenas, mudado para uma esquina próxima para continuarem com o tráfico. No entanto, uma inspeção detalhada feita por outros agentes revelou vários factos importantes:

- Nas esquinas mais próximas, os traficantes estavam a vender heroína, não haxixe.
- Nenhum dos traficantes de haxixe foi encontrado no mercado de heroína.
- O mercado de heroína era uma operação em menor escala.
- O mercado de heroína era anterior ao mercado de haxixe.

As alegações de deslocalização surgiram, provavelmente, devido a uma percepção seletiva. Antes do mercado de haxixe, o tráfico de droga na esquina daquela rua era menor e não atraía muita da atenção do público. Consequentemente, os mercados de droga não eram uma das grandes prioridades da polícia. Quando os moradores do bairro se queixaram do mercado de haxixe, foi dada uma maior atenção, também, aos outros mercados de droga.

#### **Leia Mais:**

- Hesseling, Rene (1994). "Displacement: A Review of the Empirical Literature." In *Crime Prevention Studies*, volume 3, editado por Ronald Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press (Disponível em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)).

### **13. ESPERE UMA DIFUSÃO DOS BENEFÍCIOS**

*Os pesquisadores que procuram deslocalizações têm, por vezes, encontrado precisamente o seu oposto. Ao contrário de descobrirem que o crime se deslocou para outro local, ou horário, eles constatam que o crime foi reduzido de forma mais ampla do que o esperado, para além do enfoque pretendido pelas medidas. Esta é uma descoberta relativamente recente, mas já existem muitos exemplos:*

- Tal como foi esperado, a identificação eletrónica de livros numa biblioteca da Universidade de Wisconsin resultou numa redução substancial dos furtos de livros. No entanto, os furtos de cassetes de vídeo, e outros materiais que não tinham sido submetidos a identificação eletrónica, também diminuíram.*
- Quando uma loja de aparelhos eletrónicos baratos, de Nova Jersey, introduziu um regime de contagem diária das mercadorias valiosas em depósito, os furtos desses itens, cometidos por empregados, caíram na vertical - mas os furtos dos itens que não foram submetidos à contagem constante também diminuíram.*
- Quando o sistema LoJack de monitorização de veículos foi introduzido em seis grandes cidades, as taxas de furto e roubo de viaturas diminuíram em todos os municípios, e não apenas para os proprietários dos carros que compraram os dispositivos.*
- Simon Hakim e os seus colegas da Temple University demonstraram que a posse generalizada de alarmes contra intrusão, numa comunidade limítrofe da cidade de Filadélfia, teve o efeito de reduzir as taxas de assalto a residências na generalidade da comunidade.*
- Quando foram instaladas câmaras de videovigilância em certos cruzamentos de Strathclyde, uma grande cidade da Escócia, não só fez com que menos pessoas ultrapassassem o sinal vermelho nesses locais mas, também, o mesmo ocorreu noutros semáforos das imediações. (Numa cidade menor, com mais tráfego local, esse efeito poderá vir a durar pouco tempo à medida que as pessoas vão tomando consciência onde é que, exatamente, as câmaras estão colocadas).*
- A implementação de sistemas de segurança em casas que tinham sido, repetidamente, assaltadas, num complexo habitacional público, em Kirkholt, no Reino Unido, teve o efeito de reduzir os arrombamentos em todo o estado, e não apenas nas residências onde foi aplicada proteção adicional.*

*Estes são exemplos da "difusão dos benefícios" resultante de medidas de prevenção criminal. Ao que parece, os infratores potenciais podem estar conscientes de que foram introduzidas novas medidas de prevenção, mas, frequentemente, não têm a certeza quanto à sua exata extensão. Eles devem ser levados a acreditar que as medidas foram implementadas de forma muito mais ampla do que elas realmente foram, e que o esforço necessário para cometerem crimes, ou os riscos a que estão expostos, foram aplicados numa diversidade, mais ampla, de locais, horários ou alvos, do que na realidade é o caso. Isto significa que a difusão pode assumir diversas formas, assemelhando-se a diferentes tipos de deslocalização (ver tabela).*

A difusão de benefícios é um ganho inesperado que amplia, em muito, o recurso prático da prevenção situacional do crime, mas ainda não sabemos como reforçá-la propositadamente. Um método importante poderá ser o recurso à publicidade. Uma campanha publicitária ajudou a difundir os benefícios da videovigilância numa frota de 80 autocarros de passageiros do norte da Inglaterra, embora esse sistema tenha sido instalado apenas nalgumas das viaturas. Um dos autocarros com câmaras foi levado às escolas da área para demonstrar aos alunos que eles poderiam vir a ser detidos caso se comportassem mal e vandalizassem a viatura, tendo sido amplamente divulgadas, nos OCS, as primeiras detenções resultantes do funcionamento daquelas câmaras.

<b>Deslocalização e Difusão de Benefícios na decorrência de Arrombamento de Apartamentos</b>			
<b>Tipo</b>	<b>Definição</b>	<b>Deslocalização</b>	<b>Difusão</b>
<b>Geográfico</b>	<b>Mudança geográfica</b>	<b>Mudança para outro edifício</b>	<b>Redução dos arrombamentos em edifício-alvo e nos prédios das proximidades</b>
<b>Temporal</b>	<b>Mudança de horário</b>	<b>Mudança de dia para a noite</b>	<b>Redução dos arrombamentos durante o dia e durante o entardecer.</b>
<b>Alvo</b>	<b>Mudança do alvo do crime</b>	<b>Mudança dos apartamentos para as casas</b>	<b>Redução dos arrombamentos de apartamentos e de casas</b>
<b>Tático</b>	<b>Mudança do modus operandi</b>	<b>Mudança da tática de destrancar as portas para o arrombamento de fechaduras.</b>	<b>Redução dos arrombamentos de portas trancadas e destrancadas</b>
<b>Tipo de Crime</b>	<b>Mudança de crimes</b>	<b>Mudança do arrombamento para o furto</b>	<b>Redução de arrombamentos e furtos.</b>

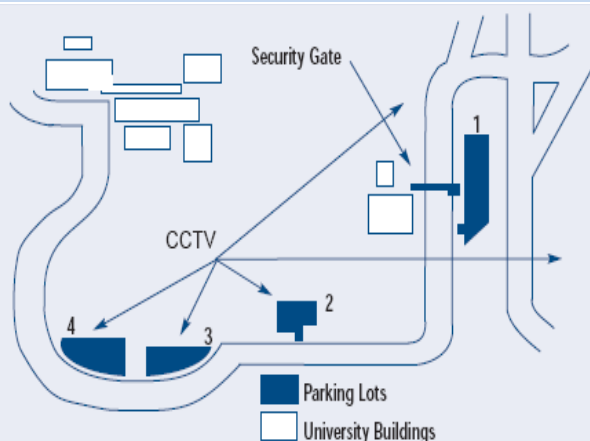
Devemos esperar que a difusão dos benefícios diminua quando os criminosos descobrem que os riscos e os esforços para cometer os crimes não aumentaram tanto quanto eles pensavam. As pesquisas demonstram que isso mesmo ocorreu nos primeiros dias do uso do alcoolímetro no Reino Unido, que teve um impacto imediato muito maior na condução de veículos por motoristas alcoolizados do que se esperava, dado o real aumento do risco de virem a ser detidos. No entanto, quando os motoristas aprenderam que os riscos de serem mandados parar eram ainda muito pequenos, a condução de veículos por motoristas alcoolizados começou a aumentar novamente. Isto pode significar que as formas de se manterem os infratores a conjecturar sobre os níveis precisos de ameaça, ou sobre quanto esforço adicional ser-lhes-á necessário para continuarem a cometer os crimes, terão que ser descobertas.

Ao nível prático, a difusão é importante como contra-argumento à deslocalização, defendido por aqueles que resistem à introdução de medidas de prevenção. E, certamente, encontraremos muitas dessas pessoas. Em segundo lugar, é importante que se planeie a nossa avaliação tendo em conta a difusão. As maneiras para se fazer isso são discutidas na Passo 51, através do uso de dois conjuntos de áreas-controlo, tanto próximas como mais distantes. Caso contrário, podemos vir a descobrir que as pessoas questionam a eficiência da iniciativa

preventiva baseadas no facto de que o crime diminuiu numa área muito maior do que aquela à qual a medida foi direccionada.

### **Difusão dos benefícios e videovigilância Nos estacionamento de uma universidade**

O novo chefe da segurança da Universidade de Surrey, no Reino Unido, decidiu lidar com uma onda de furtos nos parques de estacionamento da universidade com a implementação de um sistema de videovigilância. Ele mandou instalar uma câmara no cimo de um mastro para poder vigiar as viaturas estacionadas. Como mostra o diagrama, aquela câmara não conseguia vigiar, por igual, os quatro parques de estacionamento, porque existiam edifícios a bloquear a visão para o estacionamento 1.



Poder-se-ia esperar, portanto, que se a câmara tivesse algum valor na prevenção do crime isso seria, apenas, nos parques cobertos, adequadamente, por aquela câmara. Poder-se-ia, também, esperar que o crime seria deslocado, por efeito da presença daquela câmara, daqueles estacionamentos para algum outro parque sem vigilância adequada. De facto, no ano seguinte à introdução da câmara, os incidentes de furto e vandalismo nos parques de estacionamento foram reduzidos a metade, de 138 no ano anterior para 65 no ano seguinte. Os incidentes diminuíram tanto no estacionamento 1, onde não havia câmaras, como nos outros três estacionamentos. Esta difusão dos benefícios da videovigilância, provavelmente, resultou do facto dos potenciais infratores estarem conscientes de que a vigilância tinha sido introduzida na universidade, mas sem conhecerem as limitações do sistema. Muitos, provavelmente, concluíram que já não valia a pena fazer o esforço e correrem o risco de irem para os parques de estacionamento da universidade para cometerem crimes.

Fonte: Poyner, Barry (1997). "Situational Prevention in Two Parking Facilities". *Situational Crime Prevention: Successful Case Studies*, edited by Ronald V. Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

#### **Leia Mais:**

- Clarke, Ronald e David Weisburd (1994). "**Diffusion of Crime Control Benefits: Observations on the Reverse of Displacement**". *Crime Prevention Studies*, volume 2. Monsey, NY: Criminal Justice Press (Disponível em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)).

## IDENTIFIQUE OS PROBLEMAS CRIMINAIS

### 14. USE O TESTE CHEERS PARA DEFINIR OS PROBLEMAS

Um problema é um conjunto de eventos repetitivos e relacionados entre si e que causam algum tipo de prejuízo a uma comunidade na qual os seus membros esperam que a polícia faça alguma coisa. Esta definição chama a atenção para seis elementos necessários para que um problema ocorra: **Community** (Comunidade); **Harm** (Dano ou prejuízo); **Expectation** (Expetativa); **Events** (Eventos); **Recurring** (Recorrentes); e **Similarity** (Similaridade). Estes elementos são assegurados pela sigla CHEERS:

- **Comunidade.** Os membros da população conhecem, por experiência, os eventos que os prejudicam. Nestes incluem-se indivíduos, empresas, agências governamentais, e outros tipos de grupos. Apenas alguns - nem todos, ou mesmo a maioria - dos membros da comunidade têm que experienciar o problema.

- **Dano ou Prejuízo:** As pessoas ou as instituições devem sofrer algum tipo de dano. O prejuízo pode envolver a perda ou o dano em propriedades, a lesão ou a morte, aflições mentais graves, ou o enfraquecimento da capacidade da polícia (como repetidas chamadas telefônicas com pedidos de intervenção falsos). A ilegalidade não é uma característica que defina os problemas. Alguns problemas envolvem comportamentos legais que a polícia tem de enfrentar. As reclamações de barulho, decorrentes do impacto de atividades comerciais legítimas, pelos residentes de uma vizinhança, são um exemplo comum. Alguns problemas são, inicialmente, denunciados à polícia como envolvendo comportamento ilegal, mas um exame mais detalhado acaba por mostrar que esses problemas não envolvem ilegalidades. Se tais denúncias cumprem todos os critérios do CHEERS, então são problemas.

- **Expetativa.** Alguns membros da comunidade devem esperar que a polícia identifique e examine as causas do prejuízo (os seus números não necessitam de ser grandes). A expetativa nunca deve ser presumida, mas deve ser evidente através de procedimentos, tais como telefonemas dos cidadãos, de reuniões comunitárias, de relatórios da imprensa, ou por outros meios. Este elemento não exige que a polícia aceite, sem uma maior análise, a definição do problema dada pela população, o que esta pensa a respeito das causas do problema ou o que deve ser feito a esse respeito. O público pode estar equivocado quanto à causa e às características do prejuízo. Por isso cabe à análise revelar as causas.

- **Eventos.** Devemos ser capazes de descrever o tipo de eventos que compõem o problema. Os problemas são feitos de eventos distintos. Alguns exemplos de eventos podem incluir o arrombamento de uma residência, uma pessoa que ataca outra, duas pessoas envolvidas num ato de prostituição, ou um surto de excesso de barulho. Muitos eventos são breves, embora alguns possam demorar bastante tempo - algumas fraudes, por exemplo.



• **Repetição.** Esses eventos devem-se repetir. A recorrência poderá ser sintomática de problemas agudos ou de um problema crônico. Os problemas agudos surgem subitamente, como no caso de um bairro com poucos furtos no interior de veículos e que, de repente, passa a ter muitos desses crimes. Alguns transtornos agudos dissipam-se rapidamente, mesmo quando nada é feito. Outros podem-se transformar em problemas crônicos se não forem resolvidos. Por este motivo, os problemas agudos devem ser investigados para se determinar se, na sua gênese, não estará algo mais sério. Os problemas crônicos persistem por muito tempo, como é o caso de uma zona de prostituição localizada numa rua durante muitos anos. A não ser que algo seja feito, os eventos problemáticos crônicos vão continuar a ocorrer.

• **Semelhança.** Os eventos recorrentes devem ter algo em comum. Pode ser que sejam cometidos pela mesma pessoa, que aconteçam com o mesmo tipo de vítima, que ocorram nos mesmos tipos de locais, que se manifestem em circunstâncias semelhantes, que envolvam o mesmo tipo de arma, ou que tenham um ou mais outros fatores em comum. Sem características comuns, teremos uma coleção arbitrária de eventos, e não um problema. As classificações comuns dos crimes - como a utilizada pelo Uniform Crime Reports - não são úteis. O furto de veículos, por exemplo, inclui uso do carro furtado para "fazer corridas ilegais", o desmantelamento do veículo furtado e a venda das peças para sucatas, a exportação do veículo furtado para outros países, o uso do veículo furtado noutros crimes, e uma série de outros eventos diferentes. Assim, um grupo de furtos de veículos pode não ser um problema simples. É necessária mais informação. Com características comuns, temos um padrão de eventos que poderá indicar a existência de um problema - por exemplo, os furtos de carrinhas em bairros dos subúrbios para serem utilizadas como táxis ilegais no centro da cidade.

Os problemas devem ser analisados detalhadamente (ver Passos 6 e 15), porque os pequenos detalhes podem fazer a diferença entre um conjunto de circunstâncias que dão origem a eventos prejudiciais, e um conjunto de circunstâncias que produzem eventos inofensivos. O CHEERS sugere seis questões básicas que necessitaremos de responder na fase da identificação do problema:

- Quem é que na comunidade é afetado pelo problema?
- Quais são os prejuízos causados pelo problema?
- Quais são as expectativas em relação à resposta da polícia?
- Que tipos de ocorrências contribuem para o problema?
- Com que frequência estas ocorrências se repetem?
- Quão semelhantes são as ocorrências?

Nem tudo o que se pede para a polícia resolver é um problema. O teste CHEERS pode ajudar a identificar as solicitações que não são problemas. Estamos a usar o termo "problema" no sentido técnico do POP, não como usaríamos no dia-a-dia. Então, algumas das coisas que não são problemas podem incomodar e exigir a atenção da polícia. Essas são as seguintes:

• **Eventos isolados.** Um caso isolado, independentemente da gravidade, não é um problema a menos que exista uma possibilidade razoável de que um outro incidente semelhante ocorra se nada for feito. Uma ocorrência isolada pode merecer uma investigação ou alguma outra ação policial, mas a resolução de problemas (em termos de POP) não pode ser direcionada para ocorrências isoladas, porque nem tudo pode ser evitado.

• **Vizinhanças.** Algumas pequenas áreas, como os centros das cidades ou alguns complexos de apartamentos particulares, têm por vezes a reputação de serem problemáticos, mas estas vizinhanças raramente são problema. Ao contrário, essas são, normalmente, áreas que contêm diversos problemas. Os problemas individuais podem estar relacionados entre si, mas nem sempre. Lidar com toda uma área como se ela fosse um único problema aumenta a complexidade do esforço e reduz as hipóteses de se encontrarem respostas eficazes. Ao contrário, devemos identificar os problemas específicos de uma vizinhança, ou bairro, e resolvê-los individualmente. Se os problemas estão relacionados entre si (por exemplo, se a disposição das ruas contribuir para vários problemas), então, resolver essa relação poderá ser útil. Não devemos presumir que os problemas estarão interligados apenas porque eles estão próximos uns dos outros. Nalguns casos, naturalmente, poderá haver soluções comuns para problemas distintos (ver Passo 6).

• **Costumes condicionantes.** Os alunos que faltam às aulas, os adolescentes desocupados, os vagabundos, e os criminosos condenados não são problemas “per se” devido ao seu costume de faltarem à escola, de não terem o que fazer, de estarem desempregados, ou de terem sido condenados por algum crime. A comunidade poderá esperar que a polícia faça algo em relação a eles, mas as condicionantes dos seus costumes são desprovidas das características de dano e de ocorrências. Algumas dessas pessoas podem ter um papel nos problemas, como alvos, como infratores, ou nalguma outra posição, mas isso não as transforma num problema. Definir um problema pelos costumes condicionantes é uma prova de falta de precisão e da necessidade de um exame mais aprofundado da questão. Os costumes condicionantes poderão constituir-se como partes de um problema maior.

Use sempre o teste CHEERS - O eventual problema apresenta todos aqueles seis elementos? Caso não os tenha, provavelmente, não será um foco adequado para um projeto de policiamento orientado-aos-problemas.

## 15. SAIBA QUAL É O TIPO DE PROBLEMA QUE TEM

Uma vez que a polícia local deve lidar com uma vasta gama de problemas que correspondem à definição do CHEERS (Passo 14) desenvolvemos uma classificação para esses problemas. Este sistema de classificação poder-nos-á ajudar a definir, precisamente, o problema. Ajuda-nos a separar os problemas que são, superficialmente, semelhantes mas que são, realmente, distintos. Este sistema, também, permite-nos comparar o nosso problema com outros problemas semelhantes que já foram objeto de análise e ajuda a identificar as características importantes para a análise. A título de exemplo, existe um conjunto extenso de guias para tratar de problemas comuns que está disponível nos sites do Office of Community Oriented Policing Services e do Center for Problem-Oriented Policing (Passo 19). Conhecendo o tipo de problema que estamos a investigar poderá ajudar-nos a identificar os guias que poderão ser úteis, mesmo que eles não tratem diretamente do nosso problema. O sistema de classificação baseia-se em dois critérios: os ambientes onde os problemas surgem, e os comportamentos dos participantes. (O sistema é diferente da classificação lobo/pato/toca do Passo 8, que é uma classificação para os problemas persistentes).

Os **Ambientes** regem os alvos disponíveis, as atividades com as quais as pessoas podem estar envolvidas e quem controla o local. Especificar um ambiente permite-nos fazer comparações entre os ambientes com, e sem, o problema. Os ambientes têm proprietários que poderão ser importantes na solução do problema (ver Passo 44). Existem 11 ambientes diferentes para os problemas mais comuns da polícia:

- **Residenciais** - São os locais onde as pessoas moram. Casas, apartamentos, e quartos de hotel são exemplos disso. Embora a maioria esteja em locais fixos, alguns são móveis, tais como as caravanas e as auto caravanas.
- **Recreativos** – São os lugares onde as pessoas vão para se divertirem. Bares, boates, restaurantes, cinemas, parques infantis, marinas, e jardins públicos são exemplos.
- **Escritórios** – São locais de trabalho de funcionários de colarinho branco onde não existe muita interação direta entre os trabalhadores e o público em geral. As repartições públicas e ou de negócios são deste tipo. O acesso a esses locais é, frequentemente, limitado.
- **Comerciais** – São lugares para negócio com clientes, que se deslocam a pé ou de carro, envolvendo transações monetárias. Lojas e bancos são exemplos.
- **Industriais** – São locais para o processamento de mercadorias. Operações com dinheiro não são atividades importantes nesses ambientes e o público raramente está incluído. As fábricas, os armazéns, e os estabelecimentos de triagem de encomendas são exemplos.
- **Agrícolas** – São locais para plantações e para a criação de animais.

- **Educação** – São locais de aprendizagem ou de estudo, incluindo as creches, as escolas, universidades, bibliotecas, e locais de culto.
- **Serviços Humanos** – São lugares onde as pessoas vão quando algo está errado. Os tribunais, as prisões, as esquadras de polícia, os hospitais e os centros de reabilitação são exemplos.
- **Vias públicas** – São os trajetos que ligam todos os outros ambientes. As estradas e as auto-estradas, os caminhos e os trilhos para bicicletas, e os parques de estacionamento são alguns exemplos.
- **Transportes** – São locais para a circulação de pessoas em massa. Esses incluem os autocarros de passageiros, os terminais de autocarros, os aviões e os aeroportos, as estações ferroviárias e os comboios, os barcos e os embarcadouros, e os navios transatlânticos e os portos.
- **Aberto/de transição** – São áreas sem uso específico ou regular. Esses diferem dos parques na medida em que não foram concebidos para a recreação, embora as pessoas possam usá-los para isso. As áreas transitórias incluem as propriedades abandonadas e as áreas de construção civil.

O **Comportamento** é a segunda dimensão utilizada para classificar um problema. Especificar os comportamentos ajuda a identificar aspetos mais importantes relativos aos danos, à intenção, e às relações entre o criminoso e o alvo. Há seis tipos de comportamento:

- **Predatório** – O criminoso é claramente distinto da vítima e a vítima opõe-se às ações do infrator. São deste tipo a maioria dos crimes mais comuns. Exemplos disso incluem o roubo, os abusos a crianças, o arrombamento, a intimidação, e o furto.
- **Consensual** – As partes envolvidas interagem de forma consciente e voluntária. Este tipo de comportamento, geralmente, envolve alguma forma de transação. Exemplos disso incluem a venda de droga, a prostituição, e as vendas de artigos furtados. É de referir, no entanto, que os assaltos a prostitutas são comportamentos predatórios.
- **Conflituante** – São as interações violentas envolvendo, mais ou menos, pessoas de mesma condição que têm alguma relação pré-existente. Algumas formas de violência doméstica entre adultos envolvem esse tipo de comportamento, embora a violência doméstica contra crianças e contra idosos seja classificada como predatória porque as partes envolvidas não compartilham da mesma condição.
- **Incívico** – Os infratores são distintos das vítimas, mas as vítimas se distribuem entre inúmeros indivíduos e os prejuízos não são graves. Muitas preocupações relativas a distúrbios, situações desagradáveis de serem presenciadas, barulho, ou perturbações diversas, mas que não envolvem danos materiais graves ou ferimentos caem nesta categoria. As festas com muito barulho são, disso, exemplo. Se o vandalismo se enquadra nesta categoria depende dos detalhes. Algumas formas de vandalismo são predatórias. Algumas incivildades são

problemáticas, independentemente do ambiente, enquanto outras o são apenas em ambientes específicos.

- **Perigoso** – O agressor e a vítima são a mesma pessoa ou o agressor não tinha qualquer intenção de prejudicar a vítima. As tentativas de suicídio, as overdoses, e os acidentes de viação são exemplos deste tipo de comportamento.

- **Mau uso do serviço policial** – Esta é uma categoria reservada para as solicitações injustificadas do serviço policial. As indicações de ocorrências criminais falsas e as chamadas repetidas sobre questões que os próprios cidadãos podem resolver são exemplos deste comportamento. Esta é uma categoria de último recurso - para uso exclusivo quando o dano resultante do comportamento é o dispêndio dos recursos policiais e quando nenhuma das outras categorias se enquadram.

<b>Esquema de classificação para os problemas mais comuns enfrentados pela polícia</b>						
<b>AMBIENTE</b>	<b>COMPORTAMENTO</b>					
	<i>Predatório</i>	<i>Consensual</i>	<i>Conflituante</i>	<i>Incívico</i>	<i>Perigoso</i>	<i>Mau uso dos serviços policiais</i>
<i>Residencial</i>						
<i>Recreativo</i>			<b>A</b>			
<i>Escritórios</i>						
<i>Comercial</i>		<b>C</b>				<b>B</b>
<i>Industrial</i>						
<i>Agrícola</i>						
<i>Educacional</i>						
<i>Serviços Humanos</i>						
<i>Via pública</i>	<b>G</b>	<b>F</b>		<b>E</b>	<b>D</b>	
<i>Transporte</i>						
<i>Aberto/Transitário</i>				<b>H</b>	<b>F</b>	

O quadro mostra a classificação completa. Um problema é classificado colocando-o na célula onde a coluna se cruza com uma linha apropriada. Assim, por exemplo, o Prémio Tilley de 2001 estudou os ferimentos causados com garrafas de vidro em bares, um problema do tipo conflituante-recreativo (A). Os elementos policiais de San Diego tiveram de lidar com repetidas chamadas falsas de alegadas ameaças que estariam a ser cometidas por um membro de um gangue a uma loja de conveniência (B). Devemos entender como este problema difere do problema candidato ao Prémio Goldstein de 2003, que trata de lojas que vendiam bebidas alcoólicas a menores na cidade de Plano, no Texas (C). O vencedor do Prémio Goldstein de 2002 lidou com acidentes rodoviários que envolveram trabalhadores agrícolas imigrantes, um problema do tipo situações de perigo na via pública (D). O vencedor do Prémio Goldstein de 1999 tratou de lixo e da vagabundagem, um problema de via pública/incívico (E). Consideremos a diferença entre um problema de venda de droga na rua (F) e um problema de tiroteio devido a vingança por roubo decorrente de disputas entre traficantes (G). Estes dois problemas sobrepõem-se, mas não são o mesmo.

*Embora a maior parte dos problemas se encaixem numa única célula, às vezes um problema pode envolver comportamentos ou ambientes múltiplos. Por exemplo, a polícia de Staffordshire (na Inglaterra) teve um problema quando manifestantes ocuparam edifícios abandonados num empreendimento em construção à direita da via. Estes eram ambientes abertos/de transição. Os protestos envolveram incivilidades, mas as táticas de ocupação desses edifícios, também, representaram um perigo para os manifestantes. Assim, perigosidade foi outro comportamento relevante (H). Apesar de vários tipos de comportamentos ou ambientes serem, às vezes, necessários para se classificar o problema, um uso excessivo de vários tipos pode levar a imprecisões.*

*Ao classificar problemas, a polícia pode comparar os esforços para a resolução de problemas que ocorrem nos mesmos ambientes e envolvem a mesma categoria de comportamento. Existem problemas de análise comuns ou respostas eficazes para estes problemas? A análise e a resposta a questões deste tipo diferem de outros tipos de problemas? Responder a perguntas como estas pode melhorar tanto a resolução de problemas quanto o treino de resolução-de-problemas, e ajudar-nos-á a aumentar nosso conhecimento sobre o que pode funcionar para diferentes tipos de problemas em diferentes tipos de ambientes.*

**Leia Mais:**

- Eck, John e Ronald Clarke (2003). "**Classifying Common Police Problems: A Routine Activity Approach**". *Crime Prevention Studies*, volume 16, editado por Martha Smith e Derek Cornish. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

## 16. ESTUDE O DIA-A-DIA DO CRIME

Enquanto o triângulo da análise de problemas (Passo 8) identifica os três elementos essenciais do crime, o mesmo não explica como os infratores encontram os alvos adequados. De acordo com Marcus Felson, eles fazem isso de três maneiras principais:

1. Através do conhecimento pessoal da vítima (o filho do seu vizinho poderá saber quando você está fora de casa).
2. Através do seu trabalho (um ladrão a trabalhar como técnico de telefones poderá ouvir que alguém irá de férias na próxima semana).
3. Através da sobreposição de "áreas de atuação".

O conceito de "espaços de atividade" é central para a teoria dos padrões criminais que foi desenvolvida pelos criminologistas ambientais canadianos Pat e Paul Brantingham (ver figura). Eles usam este conceito para descrever como os infratores encontram os seus alvos no decurso das suas rotinas diárias. Começando com um triângulo, eles consideram os infratores saindo de casa para o trabalho e daí para as suas atividades de lazer. Em torno de cada um destes três nódulos, e ao longo de cada um destes três caminhos (com exceção da zona divisória onde podem ser reconhecidos), os infratores procuram as oportunidades para o crime. Eles podem encontrá-las um pouco fora dos seus trajetos mas, normalmente, não vão muito além da área que conhecem. Isto porque é mais fácil cometer crimes no decurso das suas rotinas diárias do que fazerem um trajeto diferente e propositado para isso.

Os Brantinghams também usam o termo "margens" para se referirem aos limites das áreas onde as pessoas vivem, trabalham, fazem compras, ou procuram divertimento. Alguns crimes têm mais probabilidades de ocorrerem nestas margens - tais como ofensas de cariz racial, roubos, ou furtos em lojas - porque este é o lugar onde pessoas de diferentes bairros, que não se conhecem, se juntam. Num dos seus primeiros estudos, os Brantinghams constataram que os furtos a residências em Tallahassee, na Flórida, tinham tendência a se aglomerarem onde as áreas mais ricas faziam fronteiras com as áreas mais pobres. A explicação foi a de que as áreas ricas proporcionavam alvos atraentes para os ladrões de zonas mais pobres, mas que os ladrões preferiam não se arriscarem muito dentro dessas áreas porque não estavam familiarizados com o território e poderiam ser reconhecidos como não pertencentes a esses locais. Eles, também, poder-se-iam tornar mais vulneráveis porque teriam que se deslocar numa distância maior com o produto do crime.

Os trajetos que as pessoas fazem no decorrer de suas atividades quotidianas, e os nódulos em que vivem, explicam tanto os riscos de vitimização como, também, os padrões do crime. Esta é a razão pela qual os Brantinghams, e outros teóricos da teoria dos padrões criminais, dão muita atenção à distribuição geográfica do crime e ao ritmo das atividades diárias. Por exemplo, estes pesquisadores geraram mapas criminais para diferentes horas do dia e dias da semana, relacionando tipos específicos de crime aos fluxos de pessoas que transitam da casa para o trabalho, crianças saindo da escola, horários de encerramento de lojas, ou qualquer

outro processo que leve as pessoas a deslocarem-se entre nódulos e ao longo de caminhos. Os carteiristas e alguns ladrões de lojas procuram as multidões, enquanto outros têm formas de atuar apostando na ausência das pessoas. Por exemplo, o fluxo de pessoas para o trabalho gera um contra fluxo de assaltantes para as áreas residenciais, que se aproveitam da ausência dos trabalhadores. O fluxo de trabalhadores para casa, durante a noite e nos fins-de-semana, resulta num contra fluxo, poucas horas depois, de assaltantes que têm como alvos os locais de comércio e as indústrias.

Muitos estudos têm demonstrado que a jornada do crime é, tipicamente, muito curta - geralmente, os criminosos cometem crimes entre 1 e 3 quilómetros de distância das suas casas. Por exemplo, Andy Brumwell, um analista criminal da polícia de West Midlands, que é uma das maiores forças policiais do Reino Unido, concluiu uma análise a 258.074 jornadas de crimes, feita ao longo de 2 anos, tendo descoberto o seguinte:

- Cerca da metade dos trajetos eram menores do que 1,6km. (Na maioria dos estudos Americanos as jornadas podem ser um pouco mais longas, por causa da menor densidade populacional e dum maior acesso a automóveis).
- A distância percorrida variava com o crime. Por exemplo, os ladrões de lojas tinham tendência a deslocarem-se para mais longe do que muitos outros tipos de criminosos.
- As mulheres percorriam uma distância maior do que os homens, possivelmente porque muitas cometiam furtos em lojas.
- Os infratores individuais variavam, consideravelmente, nas suas jornadas de crime. Alguns, geralmente, cometiam crimes nas vizinhanças da sua residência. Outros viajavam para mais longe, especialmente quando trabalhavam com parceiros.
- Os infratores mais jovens cometiam crimes mais perto de casa, enquanto aqueles situados na faixa etária dos 20 anos percorriam uma distância maior.

Susan Wernicke, uma analista criminal da cidade de Overland Park, no Kansas, apresentou informações mais detalhadas sobre os jovens na Conferência Nacional de Mapeamento Criminal de 2000, do Instituto Nacional de Justiça, em San Diego, na Califórnia. Ela revelou que, em Overland Park, os jovens de 11 anos de idade detidos haviam cometido crimes a uma distância média de 1,6Km de suas casas. Essa distância aumentava progressivamente com a idade, e aos 17 anos aumentou para 4,3Km. Ela atribuiu parte deste aumento da distância a um maior acesso aos automóveis (a idade legal para se poder conduzir, nos EUA, é os 16 anos).

### **A Jornada do Crime e o Índice de Auto-Contenção**

**Andy Brumwell desenvolveu o chamado "índice de autocontenção", que analisa a percentagem de crimes de uma área, cometidos por criminosos que também vivem nessa mesma área. Um valor de 100 indica que os criminosos locais são responsáveis por todos os crimes, enquanto um valor igual a zero indica que os criminosos locais não cometem nenhum crime. Este valor deve ser calculado durante a análise de um problema local. Se os predadores são locais ou se vêm de longe isso terá influência sobre o tipo de medidas de prevenção situacional do crime que poderão ser implementadas com êxito. Por exemplo, fechar as ruas de um determinado bairro só será eficiente se muitos dos infratores se costumam deslocar para o bairro para cometerem os seus crimes.**



Podemos usar os conceitos da teoria dos padrões criminais para compreender os crimes na nossa jurisdição. Devemos tentar relacionar os padrões do infrator e do crime, descobrindo nódulos, caminhos, e margens. Podemos começar por fazer a distinção entre quando os criminosos estão procurando oportunidades para cometer o crime e quando eles as encontram por acaso. Podemos descobrir onde e quando os infratores estão ausentes e onde e quando é que eles se reúnem num determinado ponto quente e devemos refletir sobre as razões disso (Passo 17). Veremos que os padrões de crime, em muito locais, contam uma história. Assim, um distrito com muita criminalidade, eventualmente, terá algumas ruas onde não costumam ocorrer crimes e algumas moradas que geram a maior parte do problema. Os residentes devem saber que é, bastante, seguro andar à vontade numa rua, mas não noutra. Eles podem, até mesmo, escolher um dos lados da rua para circular, em vez do outro. Se os residentes conhecem o seu território local tão bem, o que é que nos impede de nos informarmos a esse respeito? A teoria dos padrões criminais ajuda-nos a fazer isso, e irá ajudar-nos a definir um problema específico na fase da sua identificação e a entender as causas que o constituem durante a análise.

### Teoria do Padrão de Crime dos Brantingham



Kim Rossmo preparou este diagrama para representar a teoria dos Brantinghams. O diagrama mostra o espaço de atividade de um criminoso (residência "Residence", trabalho "Work", lazer "Recreation") bem como os trajetos entre eles. A zona amortecedora "Buffer Zone" próxima às suas residências e na qual os criminosos, geralmente, não cometem crimes, e as cinco áreas-alvo "Target Areas" potenciais (estacionamentos, por exemplo). Os crimes (cruzes) acontecem sempre onde a área de atuação de um criminoso se cruza com uma área-alvo. Note que, neste exemplo, nenhum crime ocorre em torno do local de trabalho do criminoso, uma vez que, aí, não existem alvos adequados. Além disso, há duas áreas-alvo com nenhum crime, porque este infrator não tem conhecimento desses lugares.

Fonte: Rossmo, Kim (2000). *Geographic Profiling*. Boca Raton, FL: CRC Press

#### Leia Mais:

- Brantingham, Patricia e Paul (1993). **"Environment, Routine, and Situation: Toward a Pattern Theory of Crime."** *Routine Activity and Rational Choice, Advances in Criminological Theory*, volume 5, editado por Ronald Clarke e Marcus Felson. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.
- Felson, Marcus (2002). **Crime and Everyday Life**. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Wiles, Paul e Andrew Costello (2000). **The Road to Nowhere: The Evidence for Travelling Criminals**. Home Office Research Study 207. London: Home Office (acessível em [www.homeoffice.gov.uk](http://www.homeoffice.gov.uk))

## 17. SAIBA COMO SE DESENVOLVEM OS HOT-SPOTS

Frequentemente, os analistas analisam os hot-spots (pontos quentes), somente, a partir da geografia. Muitas vezes, isto pode ser um ponto de partida útil mas, para reduzir ou para eliminar um hot-spot, devemos olhar com mais profundidade para entendermos porque razão esse local é um hot-spot. Focalizamo-nos no desenvolvimento de uma melhor compreensão dos processos que criam os hot-spots. Mais adiante, nos Passos 23 e 55, estudaremos um modo de analisar e mapear os hot-spots sem deixar que o nosso software de mapeamento dê as ordens. Conforme vimos nos passos anteriores, as pequenas áreas – ou locais - são cruciais para a compreensão de muitos problemas e para o desenvolvimento de respostas eficientes. Focamo-nos, portanto, nos locais que se constituem como hot-spots neste passo. Em passos posteriores adotaremos por base esta ideia para analisarmos os hot-spots em ruas e áreas.

Existem três tipos de locais que, habitualmente, criam os hot-spot, cada qual com os seus próprios mecanismos causais subjacentes:

- **Geradores de Crime:** São locais para os quais são atraídas grandes multidões por motivos alheios às motivações criminosas. Proporcionando um grande número de oportunidades para os criminosos e alvos que convergem ao mesmo tempo e para o mesmo lugar, esses locais originam crime e/ou desordem. Nalguns exemplos de geradores de crime podemos incluir as áreas comerciais, os centros de transporte, os festivais e os eventos desportivos. O grande número de ocorrências criminais ou de desordem devem-se, principalmente, à grande afluência de pessoas e alvos.

- **Atrativos de crime:** Caraterizam-se por proporcionarem muitas oportunidades criminais bem conhecidas dos criminosos. As pessoas motivadas a cometerem crimes são atraídas para esses locais. A curto prazo, os infratores poderão vir de fora da área mas, a longo prazo e sob algumas circunstâncias, os infratores podem-se transferir para essas áreas. Como exemplos, temos a prostituição e os pontos de venda e consumo de drogas. Alguns locais de diversão, também, são conhecidos por permitirem atividades ilícitas. Esses locais, no início, podem ser conhecidos apenas pela população local, mas quando a sua reputação se espalha, um crescente número de criminosos é atraído para esses locais, aumentando, assim, o número de ocorrências criminais e as desordens.

- **Facilitadores de crime:** ocorrem quando há pouca regulamentação sobre os comportamentos nos locais: não existem regras de conduta, ou não são aplicadas. A remoção de um vigilante de um parque de estacionamento, por exemplo, permite que as pessoas passem mais tempo no local. Isto poderá resultar num aumento dos furtos de veículos. Este é um exemplo de uma mudança brusca na gestão do local. Por vezes, a gestão do local vai-se desgastando lentamente, resultando num aumento dos problemas. Os facilitadores de crime, também, ocorrem com um enfraquecimento dos mecanismos de proteção e de supervisão por parte daqueles que podem, e devem, fazer algo para evitar que o crime ocorra. Por exemplo, se os

*pais estão presentes numa área de lazer com os seus filhos e, simultaneamente, protegem as crianças (proteção) e impedem os seus filhos de se comportarem mal (supervisão). Se os estilos de parentalidade mudarem lentamente, ao ponto das crianças serem cada vez mais deixadas sozinhas, o risco de vitimização e de se tornarem delinquentes poderá aumentar.*

*Patricia e Paul Brantingham sugerem que as áreas podem ser neutras em relação ao crime, ou seja, elas não atraem nem criminosos nem alvos, se as formas de controlo dos comportamentos forem apropriadas. Estas áreas tendem a ter, relativamente, poucos crimes, da mesma forma que os crimes tendem a não apresentarem, relativamente, nenhum padrão. Por isso, as áreas neutras de crime raramente chamam a atenção da polícia. Embora elas, raramente, requeiram uma análise criminal, essas áreas são importantes porque proporcionam uma comparação útil com os outros tipos de áreas. Comparar as áreas neutras de crime, por exemplo, com um hot-spot poderá ajudar a identificar as diferenças entre os locais que criam problemas, porque são geradores, atrativos, ou facilitadores do crime. Os estudos de controlo-de-caso (Passo 32) são úteis para esta finalidade.*

*Em resumo, quando um hot-spot de crime ou desordem se transforma num problema maior é porque, geralmente, o número de alvos aumentou, o número de criminosos que beneficiam do hot-spot aumentou, ou porque o nível de controlo, exercido no local, diminuiu. Frequentemente, todos os três atuam ao mesmo tempo. O número de clientes das lojas poderá aumentar numa área devido a novas estradas, por exemplo. Isto poderá levar ao aumento de furtos e roubos uma vez que os criminosos tirariam proveito das novas oportunidades surgidas. Os crimes bem sucedidos podem atrair mais criminosos. O aumento do número de crimes pode diminuir o número de clientes nas lojas. Isso remove o sentimento de proteção (clientes). Mas, ainda, tem outro efeito: Isso poderá reduzir a gestão adequada do local à medida que os recursos das empresas diminuem. Assim, um problema que começou como um local gerador de crime evoluiu para um local atrativo de crime e, de seguida, para um local facilitador de crimes.*

*Podemos comparar os números e as taxas para diagnosticar quais desses mecanismos podem estar a funcionar. Dividir os crimes em questão pelo número de possíveis alvos cria taxas (Passo 27). Isso é, muitas vezes, expresso como o número de crimes por 100 alvos disponíveis. Assim, por exemplo, se um determinado estacionamento apresentar 15 arrombamentos de carros durante um ano, e o estacionamento contiver 150 vagas e, habitualmente, tiver uma taxa de ocupação próxima do limite da sua capacidade, a sua taxa de arrombamentos é de 15/150, ou seja 0.1. Isto se traduz em 10 arrombamentos por vaga, por ano. Note que esta análise só é útil se o estacionamento estiver a funcionar próximo da sua capacidade. Se apenas 50 vagas são utilizadas na maioria dos dias, então a taxa é três vezes maior ( $15/50 = 0,3$  ou seja 30 arrombamentos de veículo por ano).*

*A Tabela 1 ilustra as diferenças na classificação de importância dos hot-spots dependendo se são utilizados números ou taxas. O local A é o hot-spot mais intenso, em termos de números, mas o segundo em termos de taxas e, o local C, que varia de terceiro hot-spot mais intenso para o primeiro, quando se muda de números para taxas.*

Vejamos como os mecanismos de hot-spots geram combinações indicativas de números e de taxas. Os locais geradores de crime têm muitos crimes, mas na medida em que o seu número de alvos é elevado, eles têm taxas de crime baixas (Local B do Quadro 1). Os locais atrativos de crime, também, têm muitos crimes mas, como eles têm relativamente poucos alvos, as suas taxas de crime são elevadas (Local A). Os locais facilitadores, com os seus controlos de comportamento enfraquecidos, tendem a ser pouco atrativos para os alvos. No entanto, os poucos alvos disponíveis encontram-se em maior risco. Assim, um local com relativamente poucos delitos, mas com uma elevada taxa de crime, sugere tratar-se de um local facilitador de crime (Local C). Finalmente, o número de crimes em locais neutros serão baixos, então, mesmo que o número de alvos não seja, particularmente, grande a taxa de crime nesses locais também será baixa (Local D). A tabela 2 resume essas relações.

As classificações dos números e das taxas são relativas, por isso esse processo é útil para efeitos comparativos. E podem existir múltiplos mecanismos atuando ao mesmo tempo. Os controlos de comportamento baixos (facilitadores), também, podem atrair infratores (atrativos). No entanto, tais comparações fornecem um indicador antecipado de como proceder e estabelecer hipóteses para uma análise posterior (ver Passo 20). Tal análise ajudar-nos-á a sugerir os tipos de respostas que poderão ser eficientes. Isto está resumido na Tabela 3.

<b>Tabela 1: Números e taxas</b>				
Local	Crimes	Alvos	Taxas	Por 100 alvos
A	341	898	0,350	35
B	148	1.795	0,082	8
C	117	243	0,481	48
D	28	638	0,044	4

<b>Tabela 2: Diagnosticando mecanismos dos hot-spots</b>		
	Número	Preço
Atrativos de Crime	Alto	Alto
Geradores de Crime	Alto	Baixo
Facilitadores de Crime	Baixo (Alto)	Alto
Neutros	Baixo	Baixo

<b>Tabela 3: o que fazer com o agravamento de hot-spots</b>			
Tipo de hot-spot	Causa	Tipo de Resposta	Questões a responder
Gerador de Crime	Muitos alvos desprotegidos	Aumentar proteção	Em que circunstâncias os alvos são vulneráveis? Como é que a vulnerabilidade poderá ser modificada?
Atrativo de Crime	Atrai os criminosos	Desencorajar a vinda de infratores	O que está atraindo os criminosos? Como podemos mudar isso?
Facilitador de Crime	Enfraquecimento dos controlos	Restaurar a proteção, a supervisão, ou a gestão do local	Quem poderá controlar os comportamentos? Como poderão ser encorajados a exercerem o controlo?

#### Leia Mais:

- Brantingham, Patricia e Paul (1995). "Criminality of Place: Crime Generators and Crime Attractors". *European Journal on Criminal Policy and Research* 3 (3): 1-26.

## 18. APRENDA A REGRA DOS 80-20

*Um princípio muito importante na prevenção criminal é o de que o crime é altamente concentrado nas pessoas, nos lugares e em coisas específicas. Isto sugere que focar os recursos onde o crime mais se concentra originará os efeitos preventivos mais benéficos. Estas concentrações (tratadas com mais detalhe em passos posteriores) têm originado rótulos que, cada vez mais, se estão tornando conhecidos da maioria dos analistas criminais:*

- **Criminosos reincidentes** – No famoso estudo de grupo de Wolfgang, na Filadélfia, cerca de 5% de todos os infratores estudados foram responsáveis por mais de 50% dos delitos.
- **Vítimas repetidas** – Segundo uma pesquisa criminal britânica, as vítimas repetidas (pouco mais de 4% de todas as vítimas) sofrem 40% dos crimes relatados naquela pesquisa (ver Passo 29).
- **Hot-spots** – No artigo pioneiro que colocou este conceito no mapa, por assim dizer, Lawrence Sherman e os seus colaboradores descobriram que 6% das moradas de Minneapolis foram responsáveis por 60% de todas as chamadas para serviços policiais.
- **Produtos Quentes** – Os dados anuais produzidos pelo Highway Loss Data Institute demonstram que as denúncias de furto de alguns modelos de automóveis são 30 vezes maiores do que alguns outros veículos (ver Passo 31).
- **Estabelecimentos de risco** – Em Danvers, no Massachusetts, 3 em cada 78 lojas (5%) foram responsáveis por 55% dos incidentes de furtos a lojas denunciados à polícia (ver Passo 28).

*Este tipo de concentração não é inerente ao crime e à desordem, mas é quase uma lei universal. Uma pequena porção da superfície da Terra detém a maior parte da vida do planeta. Somente uma pequena proporção de terremotos causa a maior parte dos danos. Uma pequena parcela da população detém a maior parte das riquezas. Uma pequena proporção dos agentes policiais é responsável pela maior parte das detenções.*

*Este fenómeno é comumente chamado da regra dos 80-20 que, na teoria, significa que 20% de algo é responsável por 80% dos resultados. Na prática, raramente a proporção é exatamente 80-20, mas é sempre uma pequena percentagem de algo ou de algum grupo que é responsável por uma grande percentagem de algum resultado. A tabela mostra esta regra na prática. Ela relata uma análise feita por Stacy Belledin sobre os assaltos e furtos em locais de construção civil para 55 construtoras de Jacksonville, na Flórida. Onze das construtoras (20% do grupo) que denunciaram ocorrências criminais ao Departamento do Xerife de Jacksonville, de janeiro a setembro de 2004, experienciaram 85% de todos os assaltos e furtos nos locais de construção civil.*

*Ao investigar qualquer problema devemos, portanto, questionar sempre se a regra dos 80-20 se aplica. Um procedimento simples, feito em seis etapas, mostra como responder a essa questão:*

- 1. Fazer uma lista de pessoas, lugares, ou produtos com a contagem do número de ocorrências associadas a cada um deles.*
- 2. Organizá-las de acordo com o número de ocorrências associadas a cada um - daquele com mais associações para aquele com menos.*
- 3. Calcular as percentagens de ocorrências para as quais cada pessoa, lugar, ou produto contribui. Na tabela, há 386 incidentes de furto e arrombamento. Sessenta desses incidentes (15,5%) ocorreram em locais de construção pertencentes à Construtora 1.*
- 4. Somar as percentagens acumuladas de incidentes começando com a pessoa, o lugar ou o produto mais envolvido, (ou neste caso, as construtoras).*
- 5. Somar as percentagens acumuladas de pessoas, lugares, ou produtos (no nosso exemplo, a percentagem acumulada de construtoras na coluna 5).*
- 6. Comparar as percentagens acumuladas de pessoas, locais, ou produtos (coluna 5) com a percentagem acumulada de resultados (coluna 4). Isso mostra o quanto as pessoas ou os locais mais envolvidos contribuem para o problema.*

*Esses tipos de cálculos podem ser muito úteis na fase de identificação com vista aos esforços de prevenção. Assim, no exemplo de Jacksonville, apenas cinco construtoras sofreram mais de 50% dos incidentes. Na teoria, concentrar a ação preventiva nestas cinco construtoras, ao invés de concentrá-la no grupo total de 55, poderia ser uma estratégia muito eficiente para reduzir o problema geral dos assaltos e dos furtos nos locais de construção. Na fase de análise, estes tipos de tabelas podem ajudar a determinar se existem diferenças importantes entre as pessoas, os lugares, ou os produtos no topo e aqueles no final da lista. No nosso exemplo, Stacy Belledin descobriu que uma medida aproximada do número de casas construídas correlacionavam-se, bastante, com os números de furtos e assaltos sofridos por cada construtora, mas essa medida não explicou todas as diferenças de risco. Outras possíveis e importantes fontes dessas diferenças poderiam ser os bairros onde as construtoras estavam a laborar, as suas práticas de denunciarem à polícia, bem como as suas precauções de segurança.*

**Furtos e assaltos denunciados em locais de construção  
55 Construtores Cíveis, de Jacksonville, entre janeiro e setembro de 2004**

<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
<i>Número de Construtores</i>	<i>Número de Incidentes</i>	<i>Porcentagem de Incidentes</i>	<i>Porcentagem acumulada de Incidentes</i>	<i>Porcentagem acumulada de construtores</i>
1	60	15.5%	15.5%	1.8%
2	39	10.1%	25.7%	3.6%
3	38	9.8%	35.5%	5.5%
4	34	8.8%	44.3%	7.3%
5	34	8.8%	53.1%	9.1%
6	31	8.0%	61.1%	10.9%
7	29	7.5%	68.7%	12.7%
8	26	6.7%	75.4%	14.6%
9	19	4.9%	80.3%	16.4%
10	11	2.9%	83.2%	18.2%
11	8	2.1%	85.2%	20.0%
12	7	1.8%	87.1%	21.8%
13	7	1.8%	88.86%	23.7%
14	6	1.6%	90.4%	25.5%
15	5	1.3%	91.7%	27.3%
<b>3 Construtores 4 Incidentes</b>	12	3.0%	94.8%	32.7%
<b>3 Construtores 3 Incidentes</b>	9	2.4%	97.2%	38.2%
<b>1 Construtor 2 Incidentes</b>	2	0.5%	97.7%	40.0%
<b>9 Construtores 1 Incidente</b>	9	2.3%	100%	56.4%
<b>24 Construtores 0 Incidentes</b>	0	0.0%	100%	100%
<b>55 Construtores</b>	<b>386</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

## ANALISE EM PROFUNDIDADE

### 19. PESQUISE A RESPEITO DO SEU PROBLEMA

*Outras agências policiais poderão já ter lidado com o problema que estamos a ter ou alguns pesquisadores podem tê-lo já estudado.*

*Poderemos poupar muito tempo ao descobrir como o analisaram e o que foi que fizeram, que respostas pareceram mais eficientes e quais o não foram. Estudar os esforços desenvolvidos pelos outros pode-nos oferecer hipóteses úteis para serem testadas no nosso problema (Passo 20).*

*Devemos começar pelos Guias de Orientação para os Problemas que foram desenvolvidos para a polícia (POP Guides) e que estão disponíveis online nos sites [www.cops.usdoj.gov](http://www.cops.usdoj.gov) e [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org). Cada guia resume as pesquisas realizadas sobre um determinado problema e discute as formas de responder ao problema em questão (As versões dos guias, no site, incluem links para materiais que não estão disponíveis nas versões impressas.) Atualmente, estão a ser produzidos, continuamente, novos guias, mas se não existir nenhum a respeito do nosso problema devemos procurar por guias relacionados. Por exemplo, não existe atualmente nenhum guia sobre o consumo de drogas em habitações públicas, o que, eventualmente, poderia ser o problema que estamos a enfrentar. No entanto, estão disponíveis guias em "Drug dealing in privately-owned apartment complexes" (Tráfico de droga em complexos de apartamentos privados) e em "Open-air drug markets" (mercados de droga ao ar livre), e lê-los poderá vir a ser útil.*

#### WEBSITES ÚTEIS

*Para ampliar a nossa pesquisa, é útil visitar os sites listados abaixo. Devemos analisar todos eles, mesmo os da Austrália e do Reino Unido, pois o policiamento orientado-aos-problemas é, amplamente, praticado nesses países e os problemas com o crime são semelhantes aos que temos aqui. Na verdade, o crime em San Francisco pode ser mais semelhante ao tipo de crime que ocorre em Sydney, na Austrália, do que aquele que ocorre numa pequena cidade do Louisiana ou do Tennessee.*

- **Center for Problem-Oriented Policing**

*([www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)). Além dos Guias POP, este site também contém centenas de relatórios de projetos orientados-aos-problemas e que foram submetidos, ao longo dos anos, aos prémios Goldstein e Tilley. O mecanismo de busca do site permite que se procure esses projetos por tema e podemos lê-los e copiá-los.*



- **NCJRS Abstracts Database**

*(<http://abstractsdb.ncjrs.gov>). Apenas uma pequena percentagem dos resumos, neste grande banco de dados, lida diretamente com policiamento, mas ele pode conter material que nos sirva. Alguns resumos contêm hiperligações para o texto integral do artigo ou relatório e podemos copiá-lo. Noutros casos, podemos obter uma cópia emprestada. Este serviço é gratuito e eficiente - e, geralmente, não leva mais de três semanas para se receber o material.*

- **The Home Office, Reino Unido**

*([www.homeoffice.gov.uk](http://www.homeoffice.gov.uk)). O Home Office é o equivalente aproximado ao Departamento de Justiça dos EUA, responsabiliza-se e patrocina excelentes pesquisas sobre tópicos policiais. Começamos com uma "pesquisa rápida" usando a caixa de pesquisa da página inicial. Um resumo é fornecido para cada entrada. Clicando nele seremos direcionados para o texto integral.*

- **Crime Reduction Website, Home Office**

*([www.crimereduction.gov.uk](http://www.crimereduction.gov.uk)). Podemos navegar no "toolkit" e nos "mini-sites" que nos oferecem uma orientação prática sobre a forma de lidarmos com muitos delitos, incluindo roubos, assaltos a residências, violência doméstica, crime de rua, e vitimizações de estudantes universitários.*

- **Australian Institute of Criminology**

*([www.aic.government.au](http://www.aic.government.au)). Iniciamos com uma pesquisa na página inicial. É fornecida uma breve descrição de cada entrada obtida com a pesquisa. Podemos obter uma descrição mais completa clicando no título. Estão disponíveis downloads de textos completos para muitos dos documentos.*

### **Outros recursos úteis**

- **Google.** *Se os sites renderem poucos resultados, podemos tentar uma pesquisa através do "Google". O Google é considerado a principal ferramenta de pesquisa na Internet. Para fazer uma consulta basta digitar algumas palavras descritivas do assunto e clicar no botão de pesquisa para surgir uma lista de páginas relevantes da web. Estas são listadas por ordem de importância, calculadas pelo número de hiperligações para cada site. Restringir a pesquisa é tão simples como adicionar mais palavras aos termos de pesquisa que já se digitou. A nova consulta dar-nos-á um subconjunto menor das páginas encontradas na nossa consulta mais ampla, anteriormente feita.*

- **Outros departamentos de polícia.** *Se acharmos que outros departamentos policiais têm combatido o mesmo problema, podemos tentar entrar em contacto com eles. Podemos tentar falar com os analistas criminais ou com os elementos policiais inicialmente envolvidos no projeto. A não ser que existam relatórios disponíveis, não devemos confiar demasiado no que nos for dito, porque a memória é, notoriamente, pouco confiável.*

- **Universidade local.** Quando a Universidade local tem um programa de Justiça Criminal, poderemos obter conselhos úteis de um membro da mesma. Poderemos saber mais a respeito dos interesses da instituição através do seu site antes de entrar em contato com alguém. Para mais ou menos uma hora de consulta, o membro do corpo docente poderá esperar uma compensação, embora algumas universidades estatais considerem a assistência aos órgãos do governo como parte das suas obrigações cívicas enquanto universidade.

- **Especialistas nacionais.** Se virmos o nome de um especialista referido repetidas vezes durante a nossa pesquisa, podemos tentar enviar e-mails para essa pessoa pedindo aconselhamento. Devemos pedir apenas informações específicas que ele (a) possa fornecer rapidamente. Quando pedirmos referências, devemos listar aquelas que já encontramos, o que permitirá ao especialista ver se omitimos algo importante.

- **Empréstimo entre bibliotecas.** A maioria das grandes bibliotecas públicas e bibliotecas de escolas de ensino superior obrigam à assinatura desse serviço, o que lhes permite obter livros e artigos que possamos precisar de outras bibliotecas. É preciso preencher um formulário fornecido pela biblioteca e esperar cerca de 2 semanas para a chegada do material.

- **Criminal Justice Abstracts (CJA).** O acesso ao CJA é um recurso vital que, normalmente, só encontramos em faculdades que oferecem programas de justiça criminal. Podemos tentar persuadir o nosso departamento a aprová-lo. Ele abrange as principais revistas, livros e relatórios de campo. Fornece uma cobertura da literatura acadêmica, maior do que os Resumos do NCJRS, embora este último forneça mais cobertura de pesquisas governamentais e de revistas profissionais.

### **Limitações da Informação**

As nossas melhores fontes de informação são suscetíveis de serem: (1) os artigos de investigadores que estudaram o problema com que estamos a lidar e; (2) os relatórios dos projetos da polícia que tratam do problema. Entretanto, ambos têm as suas limitações, como as seguintes:

- A maioria dos criminologistas interessam-se mais na criminalidade e na delinquência em geral do que em formas específicas de crime. Também, estão mais interessados nas causas remotas do crime, tais como nas desigualdades sociais e nas disfunções familiares, do que nas causas mais próximas de um problema, como a segurança ineficiente ou a falta de vigilância. Portanto, mesmo quando encontrarmos artigos que lidam com o nosso problema, podemos descobrir que as causas identificadas ajudam pouco para se chegar a uma resposta eficaz.

- A menos que o nosso problema seja muito comum, não devemos esperar encontrar muitos projetos relevantes da polícia. Devemo-nos acautelar quanto às alegações de sucesso, a menos que sejam apoiadas por dados provenientes de avaliações. Mesmo os projetos que foram galardoados com os prémios Goldstein ou Tilley podem não ter sido bem avaliados.

Igualmente, devemos estar cientes de que uma determinada resposta, que funcionou numa determinada cidade ou bairro, poderá não funcionar na nossa área devido a circunstâncias específicas o que torna diferente a nossa situação. No entanto, as experiências policiais anteriores em lidar com um problema determinado são, sempre, uma importante fonte de ideias acerca do que pode ser útil na nossa situação.

### Examinando Artigos Académicos

A maioria dos artigos académicos começa com um curto resumo. Se esse nos parecer interessante, devemos ler o Resumo, a Discussão e/ou as Conclusões. Se essas, também, nos parecem úteis, passamos a analisar a Revisão da literatura no início do artigo. Normalmente, poderemos ignorar as partes dos métodos que lidam com os dados, a análise, e os resultados. Mesmo que o artigo não seja diretamente relevante, ainda poderemos encontrar materiais úteis listados nas Referências Bibliográficas.

Se precisarmos de informações mais detalhadas para uma determinada resposta (por exemplo, a videovigilância), voltar ao computador e à biblioteca poderá permitir-nos encontrar os factos de que precisamos e, assim, podemos beneficiar das experiências alheias.

### Identificando as respostas

Resuma as respostas que identificar construindo uma tabela como a encontrada nos Guias POP, com uma linha para cada resposta e cinco colunas o feito abaixo

	Resposta	Fonte	Como funciona o programa	Funciona melhor se...	Funciona melhor se...
1					
2					

#### Leia Mais:

- Clarke, Ronald e Phyllis Schultze (2004). **Researching a Problem. Problem-Oriented Guides for Police, Problem-Solving Tool Series No. 2.** Washington, DC: Office of Community Oriented Policing Services. (Disponível em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org) e em [www.cops.usdoj.gov](http://www.cops.usdoj.gov)).

## 20. FORMULE HIPÓTESES

*Sempre que enfrentamos um novo padrão criminal é complicado formularmos hipóteses a respeito das suas causas, muitas vezes baseados em informações incompletas. A experiência e a teoria são boas fontes de hipóteses. Devemos (1) indicar claramente as nossas hipóteses, (2) não se apegar a elas, e (3) utilizar dados para testá-las objetivamente. Também, devemos esperar que todas as hipóteses sejam alteradas ou descartadas assim que os dados relevantes sejam analisados, porque nenhuma hipótese é completamente correta. Por esta razão, é melhor testar várias hipóteses conflitantes.*

*Um conjunto de hipóteses serve de guia para a análise. As hipóteses sugerem que tipos de dados devemos recolher, como esses dados devem ser analisados, e como devemos interpretar os resultados da análise. Se estivermos a investigar rixas violentas relacionados com o consumo excessivo de álcool dentro de bares poderemos começar com a pergunta: “Quantos bares constituem problema na nossa área?” Baseado na regra dos 80-20 (Passo 18), colocaríamos a hipótese de que alguns bares terão muitas rixas, mas que a maioria deles terá poucas brigas ou nenhuma. Então, testaríamos essa hipótese, listando os lugares com licença para venda de bebidas e contando o número de denúncias de brigas em cada um deles ao longo dos últimos 12 meses.*

*Se a nossa hipótese for relevante e tiver sustentação, podemos fazer a pergunta, “O que é diferente nos bares com muitas brigas violentas, em comparação com os bares com poucas brigas?” O conceito de estabelecimentos perigosos (Passo 28) irá ajudar-nos a formular um conjunto de três hipóteses:*

- 1. Os bares onde o risco de violência é maior têm mais clientes.*
- 2. Os bares onde o risco de violência é maior têm características que atraem os agressores.*
- 3. Os funcionários dos bares onde o risco de violência é maior, umas vezes não conseguem controlar as brigas, outras vezes são eles que as provocam.*

*Podemos testar essas hipóteses recolhendo dados relativos ao número de clientes dos bares de alto e de baixo risco, analisando o número e a taxa de agressões por cliente, observando as interações entre as pessoas nos bares problemáticos e não problemáticos e entrevistando funcionários e clientes.*

*Se a nossa primeira hipótese for contrariada pelos dados, e descobrirmos que não houve grande diferença nos números de brigas nos bares, então podemos fazer a pergunta, “Porque é que tantos bares causam problemas?” Isto sugere uma outra hipótese: é um problema de percepção; a cidade tem mais ou menos tantas ocorrências de brigas em bares quanto outras cidades comparáveis. Esta hipótese sugere que precisaremos dos dados das cidades comparáveis.*

*Se, depois de recolhidos os dados relevantes, descobrirmos que a nossa cidade tem um número anormalmente elevado de problema em bares, a seguinte pergunta pode ser feita, "O que é comum a muitos bares da cidade e que produz um grande número de rixas?" Uma das hipóteses é o modo como as licenças para bebidas alcoólicas são concedidas e o regulamento dos bares. Outra hipótese é a de que existirá algo próprio da natureza dos clientes dos bares da nossa cidade. Testar cada uma dessas hipóteses implicará a recolha de dados relevantes para se avaliar a legitimidade de cada uma.*

*Devemos perceber como é que as questões e as hipóteses estruturam a análise. Testar os resultados - positivos ou negativos - revela questões novas, mais específicas. O objetivo é começar com questões e hipóteses amplas e, através de um processo de cortes, chegar a um conjunto de questões altamente focadas que apontem para as possíveis respostas.*

*As hipóteses sugerem o tipo de dados a serem recolhidos. No exemplo das brigas em bares, o teste de cada hipótese requer dados específicos. Às vezes, os mesmos dados podem testar múltiplas hipóteses (como é o caso da escolha que se fez entre as três explicações alternativas para os bares de risco). Muitas vezes uma diversidade de dados é necessária para se selecionar entre hipóteses alternativas (como é o caso do último conjunto de hipóteses). Quanto mais específicas forem as nossas hipóteses, mais centrada será a nossa recolha de dados. É por isso que é mais importante ter uma hipótese mais clara que, pessoalmente, não gostamos do que uma hipótese vaga que nos agrada, ou ainda, hipótese alguma.*

### **Paralisia através da análise**

***A falta de hipóteses explícitas pode conduzir a uma "paralisia através da análise", recolhendo demasiados dados, e levando-nos, também, a demasiada análise, e não chegando a qualquer conclusão útil.***

*As hipóteses podem-nos ajudar a direcionar a análise dos dados. Uma hipótese clara sugere-nos um padrão de dados que devemos ser capazes de observar, se a hipótese for correta. No exemplo acima, as hipóteses derivadas do conceito de estabelecimentos de risco podem ser testadas usando-se um simples processo analítico. Se um bar é um gerador de crimes, então, deveremos observar um número elevado de ocorrências, um elevado número de clientes, mas uma baixa taxa de ocorrências (ver Passo 17). A falha em se encontrar esse padrão sugere que a hipótese está errada. Deste modo, é importante ter uma ideia clara do que devemos observar, se a nossa hipótese for correta, e o que devemos observar, se a nossa hipótese for falsa (ver terceira coluna da tabela). Se isso não puder ser feito, então este é um indicador que a nossa hipótese poderá ser muito vaga.*

*As hipóteses ajudam a interpretar os resultados da análise. Suponhamos que a análise das brigas em bares mostrou que alguns bares tinham mais brigas, e as observações dos bares de alto e baixo risco indicaram que são os seguranças dos próprios bares quem provocavam as brigas. Isto, logo, sugere uma via possível para a intervenção. Em suma, a validade de uma hipótese deve fazer a diferença. Ou seja, se a hipótese for verdadeira vamos tomar uma*

decisão diferente do que se ela for falsa. Se formos tomar a mesma decisão, independentemente dos resultados do teste, então a hipótese e seu teste são irrelevantes.

Em resumo, as hipóteses são importantes para orientar a análise. Para formular hipóteses é necessário que façamos perguntas importantes e, em seguida, criemos respostas especulativas mais simples e diretas para essas perguntas. Estas respostas são as nossas hipóteses. As especulações devem ser suficientemente ousadas para que possam estar erradas, e deve haver uma forma de demonstrar se estão certas ou erradas. Se possível, criemos hipóteses concorrentes.

A formulação de hipóteses é uma atividade de grupo útil, uma vez que permite que os participantes, com visões opostas, discutam as suas perspectivas de uma forma clara e que permitam testes objetivos. Desta forma, os participantes que contribuem com hipóteses inválidas fazem contribuições substanciais para a análise do problema. Se cada hipótese estiver ligada a uma potencial solução, o teste dessas hipóteses direciona, simultaneamente, a atenção para as respostas possíveis e exclui as abordagens ineficazes.

<b>Questões, hipóteses e testes</b>		
<b>Pergunta</b>	<b>Exemplo de Hipótese</b>	<b>Teste Possível</b>
<b>Por que é este lugar perigoso?</b>	<b>Por causa de um grande número de alvos disponíveis</b>	<b>Conte os alvos no local e calcule a taxa de crimes. Compare esta taxa com as taxas da área circundante. Se o lugar tem uma taxa mais elevada, a hipótese é falsa, se tiver mais ou menos a mesma, ou for menor, então a hipótese é verdadeira.</b>
<b>Por que é que há mais furtos de carros na área problemática do que nas áreas próximas?</b>	<b>Os moradores estacionam as suas viaturas na rua, ao contrário dos moradores de outras áreas.</b>	<b>Se a área problemática tem as mesmas taxas de estacionamento que as ruas semelhante, ou mais baixas do que as outras, devemos rejeitar a hipótese. Se forem mais altas, devemos aceitá-la.</b>
<b>Por que é que o furto de tubos de cobre de construções novas aumentou de repente?</b>	<b>Uma sucata da vizinhança foi comprada por um novo proprietário</b>	<b>Compare os furtos de tubos antes e após a mudança de proprietário. Se a taxa de furto for a mesma, tanto antes como depois, ou se a tendência dos furtos já vinha a aumentar antes da mudança, então, a hipótese é, provavelmente, falsa. Caso contrário, a hipótese parece credível.</b>

## **21. RECOLHA OS SEUS PRÓPRIOS DADOS**

*No decurso do nosso trabalho diário de análise, provavelmente, utilizamos sobretudo os incidentes criminais e os dados das detenções mas, para os projetos destinados a remediar um problema, precisaremos de usar uma gama de dados mais ampla. Por exemplo, os dados dos telefonemas das solicitações de serviço policial poderão fornecer um meio melhor para se manusear os dados que respeitem à quantidade de tráfico de droga nos locais problemáticos, do que os dados sobre as detenções. E os dados recolhidos pela autarquia e pelas empresas poderão ser úteis na análise dos problemas de vandalismo ou de furtos em lojas, ambos os quais são pouco tidos em conta pelos relatórios da polícia. Mas, para a maioria dos projetos de resolução de problemas, será necessário ir ao terreno - para usar a terminologia de pesquisa - e recolher pessoalmente os dados. Por exemplo, a nossa equipa poderá ter que fazer observações sistemáticas das características ambientais dos locais dos crimes; podemos ter que entrevistar vítimas; e ter que interrogar criminosos ou persuadir colegas a fazer isso por nós. A necessidade da nossa própria recolha de dados pode surgir em qualquer uma das quatro fases do SARA, como mostram os exemplos seguintes:*

- 1. Ronald Clarke esteve envolvido num projeto relativo aos furtos no interior de veículos estacionados no centro de Charlotte, na Carolina do Norte. Concluiu que a cidade não possuía mapas atualizados que mostrassem a localização de cada estacionamento, porque novos parques estavam, continuamente, a ser abertos no lugar de edifícios demolidos e novos prédios eram erguidos nos locais dos antigos estacionamentos. Consequentemente, os agentes da polícia que trabalhavam no projeto tiveram que investigar toda a zona do centro da cidade para fazer um inventário completo dos estacionamentos. Mais tarde, durante o projeto, os polícias contaram os lugares de cada estacionamento, a fim de que os riscos de furto por lugares pudessem ser calculados. Isto permitiu que os estacionamentos fossem classificados de acordo com os riscos de furto, de alto a baixo risco. Então, a fim de explicar essas variações de risco, os polícias recolheram informações detalhadas sobre a segurança de cada estacionamento, incluindo a adequação da iluminação e das vedações e o emprego de vigilantes.*
- 2. Noutro projeto em Charlotte, relativo aos furtos em construções, dois polícias que trabalharam no projeto, Dan Cunius e Eric Rost, verificaram, regularmente, cada casa do projeto, para se certificarem de que as construtoras estavam a implementar as medidas de prevenção que estavam no acordo. Quando o estudo foi concluído, os agentes policiais haviam completado um total de 8.050 vistorias a casas individuais - o que constituiu um enorme exercício de recolha de dados, realizado debaixo de todas as condições climáticas.*
- 3. Num relatório elaborado para o National Law Enforcement & Corrections Technology Center, Karin Schmerler, um analista de segurança pública de Chula Vista, na Califórnia, compilou alguns outros exemplos de recolha de dados primários de projetos submetidos ao Prémio Goldstein de Excelência em Policiamento Orientado-aos-Problemas, incluindo os seguintes:*

- Para um projeto que reduziu as solicitações telefônicas de serviço, relacionadas com a prostituição em Buffalo, Nova York, a polícia efetuou 15 entrevistas mais detalhadas a prostitutas e 116 pesquisas com os “clientes”. A informação obtida foi utilizada para obter o apoio da comunidade para reforço da intervenção contra os clientes e para um aumento do tratamento medicamentoso e opções judiciais para as prostitutas.
- Ao longo de um projeto de patrulha das estradas na Califórnia, que conseguiu reduzir as mortes em 35% num trecho mortal de estradas rurais, a Task Force de 30 membros gastou 5 horas de autocarro para inspecionar 20 quilómetros de vias. A recomendação principal feita, por aquele grupo, consistiu na adoção da obrigação legal dos “faróis ligados”, fosse de dia ou de noite.
- Num projeto para reduzir o Bullying nas escolas em South Euclid, no Ohio, os elementos policiais realizaram entrevistas, na forma de grupos de discussão com alunos, para determinarem onde e quando é que eles se sentiam inseguros. Os alunos identificaram os corredores e as mudanças no sistema das aulas como sendo determinados horários e locais de maior risco de intimidação, dados que a polícia confirmou ao verificar os registos dos incidentes escolares. Com base nesses resultados, a mudança no sistema de aulas foi balanceada e os professores trabalharam em equipas para aumentar a fiscalização nos corredores. Isto levou a uma queda de 60% nos incidentes de bullying a alunos, nos corredores.

No seu artigo, Karin Schmerler salienta que, mesmo a recolha de dados ad hoc, pode ser útil – ela dá o exemplo de uma rápida visita que fez a um caixa multibanco, bastante visado, para inspecionar a sua localização e as condições da iluminação. Noutros casos, a recolha de dados poderá exigir a ajuda de uma universidade local para projetar e realizar a atividade.

### **Tenha cuidado ao recolher seus próprios dados**

**O policiamento orientado-aos-problemas exige bastante de nós, mas não exige que nos exponhamos ao risco de sermos assaltados ou de sofrer ofensas corporais.**

Embora possamos resistir a recolher os nossos próprios dados, por causa das dificuldades e do tempo envolvido, às vezes, isso é essencial para um projeto orientado-aos-problemas, e traz sempre benefícios, como os seguintes:

1. Ir para campo pode-nos dar uma tal compreensão do problema que nunca teríamos se ficássemos sentados em frente do computador, mesmo sendo ricos os dados de que dispomos.
2. Planear um instrumento de recolha de dados pode-nos forçar a pensar mais sobre a natureza do problema, sobre o tipo de respostas que podem ser satisfatórias, e como melhor avaliar os nossos esforços.
3. Envolver agentes da polícia na recolha de dados (e no planeamento desse exercício) oferece uma oportunidade valiosa para treiná-los na necessidade de uma abordagem rigorosa e sistemática a um projeto baseado num problema.



4. O comprometimento com a recolha dos nossos próprios dados permite-nos aprimorar a nossa capacidade de pesquisa e obriga-nos a ser, genuinamente, criativos.

### Identificando Placas Temporárias

Matt White e Charles Dean, que trabalham no departamento de polícia de Charlotte-Mecklenburg, apuraram que muitos criminosos estavam a usar placas de matrícula temporárias, falsas, nos seus veículos. Essas placas permitiam que usassem veículos que não eram multados e sem seguro durante meses, ou até anos, e que tornavam o uso das suas viaturas, nas suas atividades criminais, mais seguro. Para construir um processo de reforma do sistema de placas temporárias, White e Dean fizeram uma pesquisa noturna, informal, em dois bairros contíguos e de mesmo tamanho, em Charlotte – um com alto índice de criminalidade e o outro com baixo índice. A área com alta criminalidade (Belmont à esquerda no mapa) tinha 6,4 vezes mais crimes violentos denunciados, nos 12 meses anteriores à vistoria, e 5,6 vezes mais detenções de moradores que a área de baixa criminalidade (Plaza - Millwood). Como esperado, identificaram 12 viaturas (pontos azuis no mapa) com placas temporárias, falsas, em Belmont e nenhuma no Plaza Millwood. Isto, apesar das semelhanças entre os estacionamentos nas ruas de ambos os bairros e de uma maior proporção de carros em Belmont, estacionados em garagens para esconderem as suas placas de matrícula das patrulhas que passavam.



Fonte: White, Matt e Charles Dean (2004). "Abuse of Temporary License Tags in North Carolina". *Understanding and Preventing Car Theft, Crime Prevention Studies, Volume 17*, editado por Michael Maxfield e Ronald Clarke, Monsey, NY: Criminal Justice Press.

#### Leia Mais:

- Schmerler, Karin e Mary Velasco (2002). "**Primary Data Collection: A Problem-Solving Necessity**". *Advanced Crime Mapping Topics*. Denver, CO: National Law Enforcement & Corrections Technology Center, University of Denver.

## 22. EXAMINE A DISTRIBUIÇÃO DOS SEUS DADOS

*Depois de se recolher os dados, precisamos saber o que eles significam. Suponhamos que recolhemos dados sobre incidentes relativos a assaltos a taxistas. Os assaltos estão concentrados em alguns, poucos, taxistas? Estão concentrados em alguns dias da semana ou horas do dia?*

*Para responder a essas questões é necessário que se examine a distribuição dos dados. Quando estamos interessados em vítimas, criminosos, ou locais, estamos interessados em verificar se a regra dos 80-20 se aplica (Passo 18). Para responder a essa questão devemos distribuir o número de crimes para cada pessoa ou local, e ordená-los a partir do maior para o menor. Quando estamos interessados no horário, a distribuição do número de crimes, por cada período de tempo, mostramos as tendências e os ciclos presentes nos dados.*

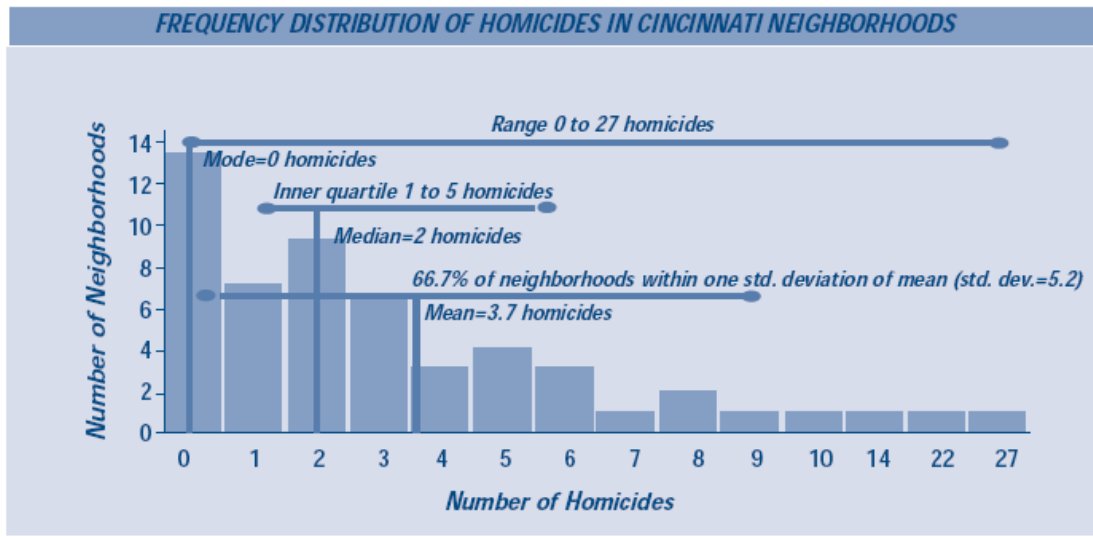
*A figura mostra a frequência da distribuição de homicídios em todos os 53 bairros de Cincinnati num período de 36 meses. O eixo horizontal exibe o número de homicídios que o bairro podia ter e o eixo vertical mostra quantos bairros tem cada um desses números. A maioria dos bairros tem poucos homicídios mas há uma tendência crescente para a direita onde poucos bairros têm muitos homicídios. A figura mostra a quantidade de bairros aglomerados.*

*De vez enquanto temos necessidade de resumir esta informação. Há duas descrições básicas da distribuição: o caso típico - ou as medidas de tendência central - e a dispersão - ou variabilidade dos casos.*

**Medidas de tendência central.** Estas medidas podem ser calculadas de três maneiras:

- **Média.** Esta é a medida mais comum. A média do número de homicídios nos bairros de Cincinnati é 3,7 homicídios por bairro – o que é calculado dividindo-se as 198 mortes pelos 53 bairros.
- **Mediana.** Este é o valor que divide a distribuição ordenada dos casos em dois grupos iguais: Metade dos bairros de Cincinnati têm dois ou mais homicídios e metade tem dois ou menos.
- **Moda.** É o valor mais frequente numa distribuição de casos. Neste exemplo, a moda é 0 homicídios porque o maior grupo de bairros não têm homicídios.

*A figura mostra a posição relativa dessas três formas de medidas.*



**Dispersão de Casos.** Há três métodos para medir a dispersão:

- **Amplitude da variação.** É a medida mais básica da dispersão. É o valor menor e o valor maior numa distribuição. No exemplo, a variação é de 0 a 27 homicídios.

- **A amplitude interquartil.** Observa os limites, inferior e superior, dos 50% dos casos centrais. No exemplo de Cincinnati, a amplitude interquartil é de 1 a 5 homicídios. Metade dos bairros cai nessa categoria. Outros 25% dos bairros têm 1, ou nenhum, homicídios e os últimos 25% têm 5 ou mais homicídios. Para se encontrar a amplitude interquartil, ordena-se os casos e divide-se em quatro grupos iguais. Os dois grupos do meio são os interquartis. A amplitude interquartil é o valor mais baixo e o valor mais alto destes dois grupos do meio.

- **Desvio padrão.** Esta medida de dispersão indica a diferença média da média da distribuição. Quanto menor for o desvio padrão, menor será a dispersão em torno da média. A fórmula é um pouco entediante, mas qualquer folha de cálculo ou pacote de software de estatística pode fazer o cálculo. Dois terços dos casos enquadram-se num desvio padrão em ambos os lados da média. No exemplo de Cincinnati, o desvio padrão é de 5,2 homicídios.

Podemos comparar essas três medidas de dispersão apresentadas na figura. Cada uma é associada a uma medida particular.

Quais as medidas de tendência central e de dispersão são melhores, depende de duas características dos dados:

- A primeira é a simetria da distribuição. Numa distribuição simétrica, a forma de um lado da média é espelhada no outro lado. A média equivale à linha mediana nas distribuições simétricas. Se o valor com a maioria dos casos estiver no centro, então a moda será a mesma que as outras duas medidas de tendência central. Mas a moda não se precisa igualar à mediana ou à média. A distribuição pode ter duas modas, uma de cada lado da mediana. Se a

*distribuição for aproximadamente simétrica, a média e o desvio padrão podem ser os adequados. Se a distribuição é assimétrica, então a média e o desvio padrão não devem ser usados. Devemos usar a mediana ou a moda e os interquartis ou a amplitude completa. Na análise de problemas, a assimetria é muito comum;*

*- A segunda característica utilizada para selecionar medidas de tendência central e dispersão e é o tipo de escala de medida utilizada para os dados. Existem três tipos comuns de escalas:*

- **A escala nominal** simplesmente rotula. O bairro, no exemplo, é medido numa escala nominal partindo do princípio que os seus nomes são apenas rótulos. Podemos rotulá-los novamente como A, B, C e assim por diante, ou 1, 2, 3 e assim por diante, que não haveria nenhuma diferença. Se o nosso dado é apenas nominal, então apenas a moda é apropriada.

- **A escala ordinal** ordena os casos, bem como os rotula. Uma lista ordenada de bairros, do maior para menor, em termos de homicídios (primeiro, segundo, terceiro, até ao quinquagésimo-terceiro) é um exemplo. Não podemos adicionar e subtrair, multiplicar e dividir dados ordinais. Podemos, apenas, determinar se um caso tem uma classificação maior, menor ou igual a outro caso. Se os dados forem ordinais, nem o desvio médio nem o padrão podem ser usados. Devemos usar a mediana e o intervalo interquartil.

- **As escalas de razão** permitem adicionar, subtrair, multiplicar e dividir, porque a diferença entre cada valor é igual e existe um valor zero significativo. O número de homicídios num bairro é medido com uma escala de razão: a diferença entre 0 homicídios e 1 homicídio é a mesma que a diferença entre 26 homicídios e 27 homicídios, e 0 homicídios tem significado. Podemos usar a média e o desvio padrão para este tipo de dados.

*A tabela mostra as características dessas escalas. Em resumo, tendo em conta que recolhemos os nossos dados, deveremos:*

- *Observar a distribuição.*
- *Resumir as suas características – medidas de tendência central e de dispersão.*
- *Usar a média e o desvio padrão para os dados da escala de razão com distribuição simétrica.*
- *Usar a mediana e o intervalo interquartil para dados ordinais, ou quando temos uma distribuição assimétrica.*
- *Usar a moda e o intervalo para os dados nominais.*

<b>Tipos de dados, seu uso e suas limitações</b>			
	<i>Nominal</i>	<i>Ordinal</i>	<i>Razão</i>
<i>Descrição</i>	<i>Nomes / categorias</i>	<i>Escala ordenada e nomes / categorias</i>	<i>Mesmo que intervalo, mas o zero tem significado definitivo (não é arbitrário)</i>
<i>Exemplo</i>	<i>0 = Nenhuma vítima 1 = Vítima É tão válido como: 0 = Vítimas 1 = Nenhuma vítima</i>	<i>0 = Nenhum crime 1 = 1 Crime 2 = Mais de um crime</i>	<i>Número de crimes: 0, 1, 2, ... (0 = significa nenhum crime)</i>
<i>As escalas da direita têm todas as propriedades daquelas da esquerda, mais as suas próprias características (por exemplo, qualquer coisa que possamos fazer com dado nominal ou ordinal podemos fazer com os dados de uma escala de razão, e não só).</i>			
<i>Matemática</i>	<i>Mesma ou diferente</i>	<i>Maior, menor ou igual</i>	<i>Adição, subtração, multiplicação e divisão</i>
<i>Tendência Central</i>	<i>Moda</i>	<i>Mediana</i>	<i>Média</i>
<i>Dispersão</i>	<i>Amplitude, intervalo</i>	<i>Amplitude interquartil</i>	<i>Desvio padrão</i>
<i>Comentários</i>	<i>Usada quando lidamos com categorias (por exemplo, gênero) e grupos (por exemplo, rede de lojas, nenhuma rede de lojas)</i>	<i>Usemos quando existe uma ordem natural ou uma ordem de categorias (por exemplo, hierarquias da polícia) mas a diferença entre as posições nem sempre é a mesma ou não é clara</i>	<i>Percentagens, somas, e outras medidas fazem parte dessa categoria</i>

### **Leia Mais:**

- Ajuda para estatísticas de básico ao avançado, com muitos hiperligações úteis, disponível em [www.prndata.com/statistics\\_sites.htm](http://www.prndata.com/statistics_sites.htm)—*hyperstat*.
- HyperStat Online Textbook, disponível em <http://davidmlane.com/hyperstat/index.html>.

## 23. DIAGNOSTICAR O NOSSO HOT-SPOT

Quando elaborarmos mapas criminais, é útil diferenciar os hot-spots agudos dos crônicos (Passo 17). Os hot-spots agudos exibem picos anormais de crime, que podem diminuir naturalmente, enquanto os hot-spots crônicos têm, persistentemente, níveis mais elevados de crime do que as outras áreas e que são de diminuição improvável, a menos que algo seja feito. Existem três formas básicas de hot-spots crônicos, cada uma associada a teorias específicas e a tipos de respostas.

- **Pontos quentes** são locais com níveis elevados de crime. Eles demonstram uma concentração de crimes em estabelecimentos ou em moradas de vítimas repetidas (ver Passos 28 e 29). As ocorrências de crimes múltiplos em determinados locais são representadas por pontos.

- **Linhas quentes** são segmentos de rua onde há concentração de crime. Podem ocorrer, por exemplo, se os veículos estacionados ao longo de determinadas ruas apresentam uma alta probabilidade de serem alvo de furto. Os crimes múltiplos ao longo dos segmentos de ruas são mostrados como linhas.

- **Áreas quentes** são áreas onde há concentração de crime. As áreas quentes surgem por várias razões. As características do local podem dar origem ao crime ou, então, uma área quente pode conter muitos problemas isolados e distintos. Nos mapas, as áreas quentes são ilustradas por áreas sombreadas, linhas de contorno, ou graduações de cor que demonstram os níveis de crime. A tipologia de áreas quente de Jerry Ratcliffe (ver quadro) divide-se entre dois tipos:

- Aquelas que têm um padrão de ocorrências bem agrupadas e
- Aquelas que têm uma dispersão relativamente nivelada de ocorrências ao longo da área quente.

A figura ilustra as três formas de hot-spots. As áreas de lazer problemáticas são exibidas como pontos, porque os assaltos estão localizados em determinadas moradas. Os arrombamentos de veículos, no entanto, localizam-se ao longo de segmentos de rua contínuos, por isso esta concentração é ilustrada por duas linhas de interseção. Finalmente, os contornos graduados para o hot-spot residencial sugere que o risco de arrombamento é mais alto numa área pequena mas diminui na medida em que se afasta do centro. Os pontos dentro desta área graduada descrevem os furtos em locais repetidos.

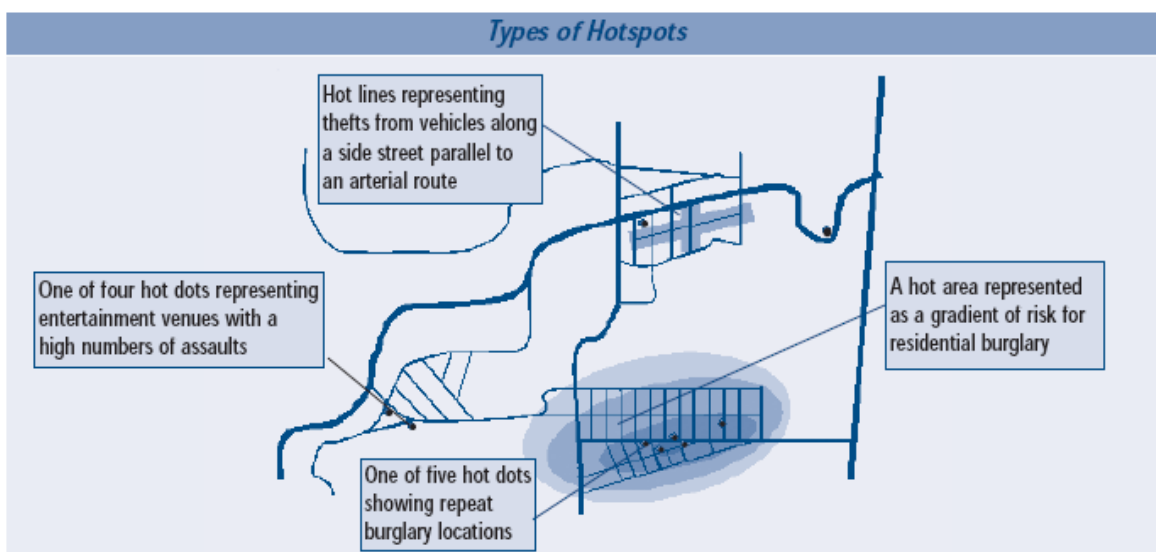
Tornar clara a natureza do nosso hot-spot dá-nos uma ideia da resposta:

- Os pontos quentes sugerem a necessidade de mudanças no ambiente físico de locais específicos ou uma mudança na gestão desses locais. Também, sugerem intervenções com vítimas de alto risco.
- As linhas quentes sugerem a necessidade de mudanças nas ruas, nos caminhos e noutros trajetos, ou nos ambientes junto deles.

- As áreas quentes sugerem a necessidade de parcerias em grande escala para implementação de modificações nos bairros ou vizinhanças.

A tabela mostra como a concentração de crime está relacionada com a forma como o crime é mapeado, e onde a resposta é focalizada.

<b>Concentração, mapeamento e ação</b>			
<b>Concentração</b>	<b>Hot-spots como:</b>	<b>Nível de ação</b>	<b>Exemplos de ação</b>
<b>Locais</b> Moradas específicas, esquinas, ou estabelecimentos	<b>Pontos</b>	<b>Estabelecimentos, esquinas e moradas</b>	<b>Videovigilância numa garagem, mudar a forma como o álcool é servido em bares</b>
<b>Vítimas</b>	<b>Pontos</b>	<b>Moradas das vítimas.</b>	<b>Ajudar as vítimas a prevenir crimes futuros, dificultando os alvos</b>
<b>Ruas</b> Ao longo de ruas ou frentes de quarteirões	<b>Linhas</b>	<b>Ao longo de caminhos, ruas e estradas</b>	<b>Criar ruas sem saída, mudar os padrões de tráfego, alterar o regulamento dos estacionamento</b>
<b>Área</b> Bairros	<b>Zonas sombreadas</b>	<b>Bairros, regiões e outras áreas</b>	<b>Parcerias comunitárias, restauração de bairros</b>



### **Tipologia dos hot-spots de Ratcliffe**

*Jerry Ratcliffe diferencia entre os três tipos de hot-spots. Ele começa com uma área quente e, em seguida, examina o padrão dos pontos. Se todos os eventos ocorrem no mesmo local, então, o hot-spot é um “ponto quente”. Os “pontos quentes” descrevem os mesmos fenómenos que os hot-spots. Se os eventos são bastante agrupados, dentro da área geral, Ratcliffe chama-os de hot-spots aglomerados. Finalmente, se os eventos estão espalhados de modo relativamente uniforme em toda a área hot-spot, ele apelida-os de “dispersos”. Os hot-spots aglomerados e dispersos são subcategorias da categoria “Hot-area”. A abordagem de Ratcliffe chama à atenção para a concentração das ocorrências e exige que o analista defina o perímetro das áreas quentes antes da classificação dos hot-spots.*

*Fonte: Ratcliffe, Jerry (2004). "The Hotspot Matrix: A Framework for the Spatio-Temporal Targeting of Crime Reduction". Police Practice and Research 5:5-23.*

*A análise dos hot-spots deve começar com os lugares e, em seguida, mover-se para as ruas e finalmente para áreas. Consideremos, por exemplo, o problema de carros vandalizados. Eles são repetidamente encontrados junto a moradas específicas? Se sim, então devemos nos questionar porque razão esses locais são escolhidos em vez de outras áreas mais próximas. Se não, devemos passar a examinar as ruas. Se encontrarmos a concentração ao nível das ruas, devemos comparar as ruas para descobrir porque razão algumas atraem o vandalismo de carros e outras não. Se houver pouca concentração ao nível das ruas (ou seja, o crime espalha-se de forma relativamente uniforme por muitas ruas), então, devemos ter em consideração a concentração geral da comunidade e comparar os bairros com alta e com baixa concentração de crime. Esta abordagem assegura uma resposta altamente focalizada.*

*Na figura, os pontos quentes relativos a arrombamentos indicam a existência de vítimas repetidas dentro do problema global do bairro. Uma área quente, por si só, não revelaria isso. Antes de continuar, devemos verificar se a área quente se deve, predominantemente, aos poucos pontos de arrombamento. Podemos fazer isso, tratando cada local de crime como se ele apresentasse apenas um único evento, e depois verificar a área. Se a área não é mais “quente”, então, o problema é impulsionado por alguns locais “quentes”. Se a área continua quente, então, estes pontos, que se referem a arrombamentos repetidos, são fragmentos de uma área onde existe uma concentração de furtos.*

*A análise de hot-spots pode ser uma ferramenta valiosa no início do processo de resolução de problemas mas, tendo-se descoberto os hot-spots, precisamos questionar porque razão alguns pontos são quentes e outros não. Parar a análise, após a descoberta dos hot-spots, pode resultar numa análise superficial e na implementação de respostas ineficazes. Se não houver nenhuma componente geográfico para o problema, o mapeamento de hot-spots tem pouca utilidade, pelo que devemos usar outras abordagens analíticas.*

#### **Leia Mais:**

- Eck, John, Spencer Chainey, e John Cameron (2005). **Mapping Crime: Understanding Hot Spots**. Washington, DC: U.S. Department of Justice, National Institute of Justice.



## **24. SAIBA QUANDO SE DEVE USAR MAPAS DE ALTA DEFINIÇÃO**

*Os softwares convencionais são de pouca utilidade para o mapeamento de crimes numa área do centro de uma cidade, de um campus universitário, de um projeto de habitação pública, ou de qualquer área com muitos edifícios. A razão disso é a de que a maioria dos edifícios, mesmo grandes, possuem apenas um endereço, e os crimes ocorridos em qualquer parte desse edifício serão atribuídos a esse endereço. O mapeamento poderia, portanto, sugerir que um determinado prédio, ou estabelecimento, tem problemas ligados ao crime, mas isso pode ser atribuído ao facto daquele edifício ser de grandes dimensões. Quando se leva em consideração as muitas pessoas que trabalham no edifício ou usam o estabelecimento, isso poderá ser uma prova de relativa segurança. Por exemplo, George Rengert mostrou que um estacionamento no centro de Filadélfia, identificado como hot-spot de crimes contra automóveis, na verdade tinha uma taxa menor de crimes do que as ruas adjacentes, uma vez que foi tido em consideração o grande número de carros que podiam ser estacionados ali.*

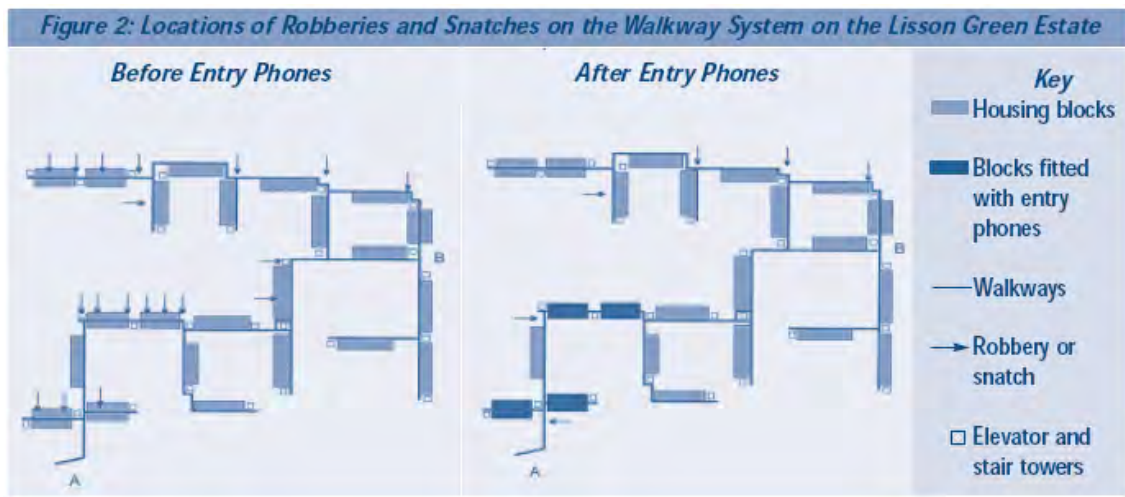
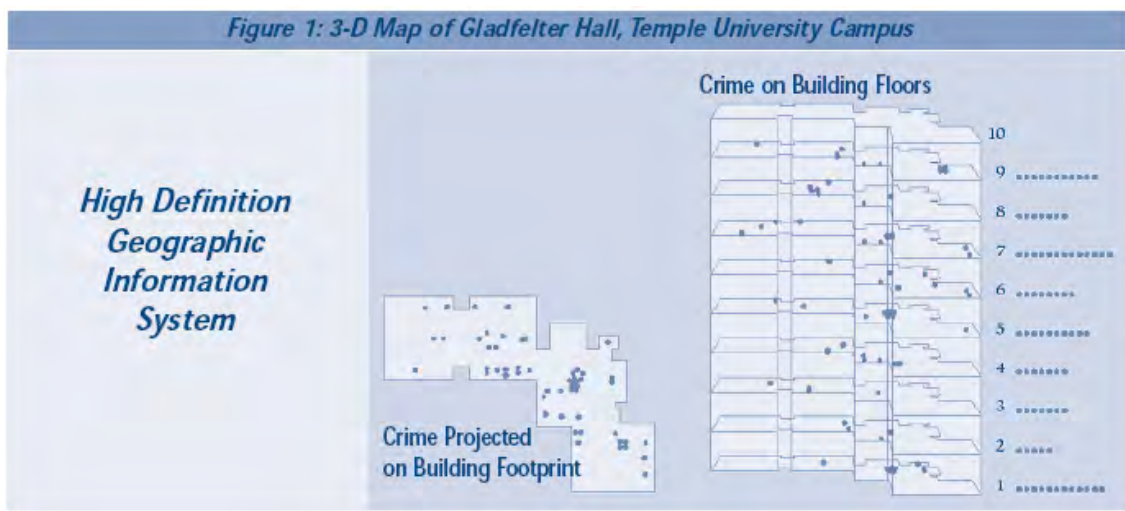
*De facto, muitos edifícios e estabelecimentos de grande dimensão não são seguros. Na crítica devastadora que fez a respeito das moradias americanas mais populares dos anos 60, Oscar Newman demonstrou que quanto mais alto é um prédio, maior a taxa de crime por 100 habitantes. Newman argumentou que os blocos habitacionais muito grandes atraíam delitos, porque os residentes não conheciam os seus vizinhos e o design e a disposição dos prédios dificultavam qualquer supervisão dos espaços comuns, incluindo os corredores, os elevadores e as áreas de lazer. As suas ideias foram, desde então, desenvolvidas num conjunto de princípios - a Prevenção Criminal através da Conceção Ambiental (Crime Prevention through Environmental Design - CPTED) - para projetar e construir edifícios e espaços públicos seguros.*

*Para entender porque razão um determinado edifício não é seguro, os crimes devem ser separados por categorias específicas e as suas localizações dentro do edifício mapeadas. É nesse ponto que a alta definição ou o mapeamento em 3D entra em jogo. Infelizmente, o mapeamento em alta definição é difícil e exige bastante tempo. Ele apresenta dois problemas principais:*

- 1. Os registos policiais de crime raramente fornecem a localização precisa dos incidentes dentro do edifício, embora os gestores do edifício ou os departamentos de segurança possam, às vezes, fornecerem tal informação. Quando tal não é possível, deverão ser implementados procedimentos para o registo especial dos crimes durante um período determinado de tempo, a fim de que essa informação seja obtida (Passo 21).*
- 2. Para os edifícios novos, poderá ser possível obter as plantas de construção em formato digital, o que poderá tornar o mapeamento mais fácil. Mas quando o edifício é antigo, pode ser difícil obter plantas atualizadas de modo que devemos tentar conseguir, de alguma maneira, o desenho do projeto.*

*Em muitos casos, estes problemas vão simplesmente excluir a possibilidade da utilização do mapeamento de alta definição, no entanto esses problemas podem ser superados, como*

George Rengert e os seus colaboradores mostraram no seu estudo sobre o crime no Campus de Temple University, em Filadélfia. Eles desenvolveram um GIS (Sistema de Informação Geográfica) de alta definição, combinando software de cartografia com desenhos de AutoCAD do campus. Traços como canalizações de água e instalações elétricas foram eliminados e os mapas foram alterados para que as ruas fossem representadas como linhas (com linhas de cada lado representando os passeios), enquanto foram usados polígonos para representar a área de projeção dos edifícios e as formas dos campos desportivos e os estacionamento. Arbustos, cercas, iluminação, e outras características físicas, também, foram representados nos mapas. Os crimes registados pela polícia do campus foram, então, assinalados exatamente onde ocorreram, de modo a que fossem relacionados às características ambientais, como a má iluminação ou os cantos escuros que permitem que os agressores se acoitem.



O crime foi mapeado nos andares de cada edifício e uma foto do arranjo horizontal do crime dentro do edifício foi projetada a partir do seu andar térreo. A figura 1 mostra o resultado para um dos edifícios – denominado Gladfelter Hall. O crime é distribuído entre todos os andares, com exceção do 10º andar. O mapa, também, mostra uma clara aglomeração de crime, comum à maioria dos andares, na área mais próxima dos quatro elevadores perto da parte central do edifício. É aí que cada “escritório-aquário”, das secretárias e das rececionistas do

departamento acadêmico, está localizado – “aquários”, porque são rodeados de janelas envidraçadas que permitem aos ladrões verem se há alguém dentro e se há algo que valha a pena ser furtado. O Departamento de Justiça Criminal – onde trabalha Rengert – instalou persianas que podem ser baixadas à noite para impedir que as pessoas vejam para dentro do “aquário”.

Já existe disponível software comercial que produz modelos das cidades com fotografias realistas, e os desenvolvimentos tecnológicos, com imagem em 3D a laser, irão simplificar a produção de mapas em computador como os do Gladfelter Hall. Entretanto, sendo o número de incidentes pequeno, desenhos claros e bem-feitos, com a localização de crimes claramente indicada, podem por vezes ter o mesmo efeito. A figura 2 é uma planta de uma área de moradias de Lisson Green em Londres, feito por Barry Poyner, que mostra os locais de assaltos e furtos de carteiras nas passagens que ligam os edifícios, durante dois períodos de 6 meses: antes de qualquer mudança preventiva ter sido feita e depois que quatro dos blocos terem sido equipados com intercomunicadores. Com efeito, os intercomunicadores permitiram o encerramento do acesso ao sistema de passadiço, a partir da entrada da rua principal. Neste caso, o mapeamento de alta definição ajudou na avaliação da ação preventiva. Mas a figura 2, também, ajudou ao diagnóstico do problema, pois demonstrou que os assaltos e os furtos dos carteiristas tinham tendência a ocorrer naquelas partes do passadiço que precisavam de vigilância, dos edifícios vizinhos ou do nível térreo.

#### **Leia Mais:**

- Crowe, Tim (1991). **Crime Prevention through Environmental Design. Applications of Architectural Design and Space Management Concepts.** Boston: Butterworth - Heinemann.
- Rengert, George, Mark Mattson, e Kristin Henderson (2001). **Campus de Security Situacional da prevenção da criminalidade na High - Density Environments.** Monsey, NY: Criminal Justiça Press.

## **25. PRESTE ATENÇÃO AOS RITMOS DIÁRIOS E SEMANAIS**

*Os ritmos das atividades têm enorme influência nos problemas. O fluxo e o refluxo de veículos, causados pelo deslocamento para o trabalho e o ritmo das compras, por exemplo, mudam o número de alvos e os vigilantes nos parques de estacionamento. Isso, por sua vez, influencia o período em que os furtos de, e em, veículos são mais frequentes. Os roubos a indivíduos embriagados podem ser mais suscetíveis por volta do horário de encerramento dos bares, às sextas-feiras e sábados, porque o número de alvos é maior. Neste exemplo, dois importantes ritmos concentram atividades problemáticas. O primeiro é o ciclo dia de trabalho/fim-de-semana que torna as noites de sexta-feira e de sábado tão populares para o divertimento e o lazer. O segundo envolve o ciclo diário de abertura e de encerramento dos bares. Nessa etapa iremos discutir as oscilações a curto prazo que ocorrem durante os horários e os dias. No passo 26, vamos observar períodos mais longos de tempo que incluem meses e anos.*

*Diferentes estabelecimentos têm diferentes ciclos de atividade que podem contribuir para os problemas a eles associados. Os ritmos escolares são semelhantes, embora distintos dos ritmos de trabalho. As paragens de autocarros de passageiros são influenciadas pelo ritmo das viagens e das compras mas, também, pelo mais frequente vaivém dos autocarros.*

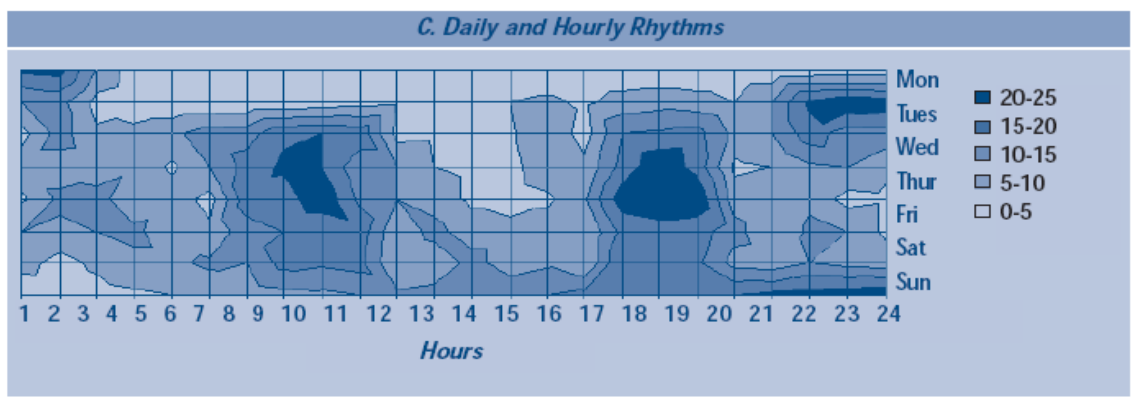
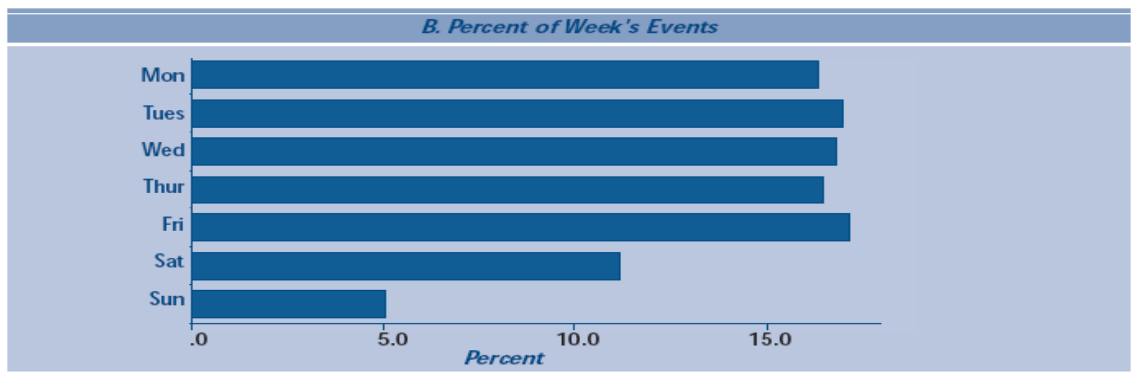
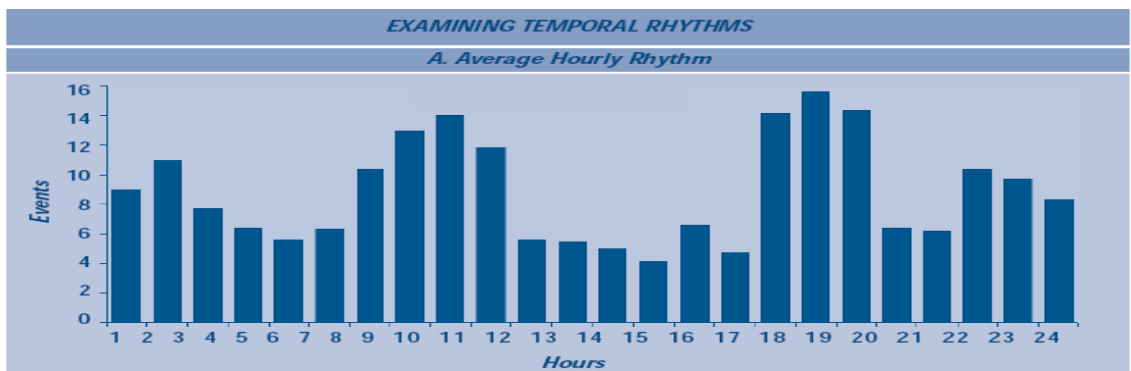
*Colocando em gráficos o ritmo das ocorrências criminais, ou de desordem, ajuda a identificar ciclos importantes de atividade que podem contribuir para um determinado problema. Conforme é mostrado na figura abaixo, calculamos a média do número de incidentes que ocorrem em cada hora (ou outro intervalo de tempo) ao longo de vários dias (dados matriz no topo), então, organizamos os resultados (Gráfico A). O Gráfico B mostra a percentagem de eventos da semana, que ocorrem a cada dia. Como alguns dias, geralmente, têm ritmos muito diferentes do que outros, Rachel Boba recomenda a colocação, no gráfico, dos dias e das horas juntos (Gráfico C). O resultado mostra picos de horários quentes durante a semana. Tais gráficos são fáceis de fazer; todos os três gráficos foram criados numa folha de cálculo, usando rotinas-padrão de desenho de gráficos.*

*A análise temporal é mais fácil quando as ocorrências-problema são frequentes. Assim, essa análise será mais útil para ocorrências comuns menos ofensivas, como reclamações de barulho e pequenos acidentes de trânsito, do que para ocorrências graves pouco comuns, como os homicídios. Se houver poucas ocorrências, então, podemos analisar um período mais longo para recolher mais ocorrências. Mas, se o problema se altera a longo prazo, a imagem que surge pode ser distorcida ou desatualizada.*

*Saber, razoavelmente, os horários exatos das ocorrências ajuda à análise temporal. Os crimes que envolvem contato pessoal com as vítimas, como o roubo, a violação, e as ofensas corporais, podem ser, precisamente, localizados no tempo, na medida em que as vítimas podem descrever quando esses crimes ocorreram. Os crimes contra a propriedade, tais como crimes envolvendo veículos, arrombamentos e vandalismo, são muito mais difíceis de serem localizados no horário exato da ocorrência porque, as vítimas, normalmente, fornecem apenas*

um intervalo de tempo durante o qual esses crimes teriam ocorrido. Embora seja comum utilizar o ponto central desses intervalos para se estimar os horários em que os crimes ocorreram, isto pode levar a distorções e deve ser evitado numa análise com períodos longos (por exemplo, mais de 8 horas).

Example of Number of Events by Hour and Day of Week																										
Days	Hours																								Mean	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24		
Mon	7	3	6	9	9	11	10	17	16	17	5	6	12	7	9	5	20	18	16	8	7	10	8	7	10.1	
Tues	10	9	10	11	7	6	13	15	15	18	6	12	7	7	8	5	16	18	17	12	5	11	10	4	10.5	
Wed	4	11	12	6	8	3	18	17	24	14	10	7	4	2	4	9	23	24	24	7	5	12	3	4	10.6	
Thur	8	8	7	9	4	10	17	21	20	11	10	5	4	3	9	6	17	24	18	4	5	4	10	6	10.0	
Fri	3	12	6	7	9	12	13	19	20	19	3	4	3	4	9	3	15	16	17	8	10	18	12	13	10.6	
Sat	10	12	3	1	1	1	1	1	2	3	4	3	4	5	6	4	7	8	7	5	10	21	24	23	6.9	
Sun	21	22	10	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	3.7	
Mean	9.0	11.0	7.7	6.4	5.6	6.3	10.4	13.0	14.0	11.9	5.6	5.4	5.0	4.1	6.6	4.7	14.1	15.6	14.3	6.4	6.1	11.0	9.7	8.3		



*Jerry Ratcliffe, também, identifica três formas de aglomerados temporais: Primeiro, as ocorrências podem ser, relativamente, distribuídas de modo uniforme ao longo de todo o dia - Ele chama a isto um padrão difuso; Em segundo lugar, os padrões centrados mostram aglomerações dentro de períodos de tempo distintos - Os eventos aglomerados em torno das horas de ponta (rush hour) seguem padrões centrados; Terceiro, os padrões agudos são acumulados, rigidamente, dentro de pequenos períodos - As confusões, imediatamente após o horário de encerramento dos bares, podem ser um exemplo. Os padrões agudos e concentrados, logo, sugerem ciclos temporais que devem ser investigados.*

*Embora Ratcliffe desenvolvesse a sua tipologia baseada em padrões diários, a ideia básica pode ser aplicada a ciclos semanais. Se nenhum dia específico é rotineiramente problemático, isto indica um padrão semanal difuso. Um conjunto de dias que mostra um aumento acentuado de ocorrências problemáticas indica um padrão concentrado. Finalmente, se um ou dois dias têm uma acentuada concentração de ocorrências, isto indica um padrão agudo.*

#### **Leia Mais:**

- *Boba, Rachel (2005). **Crime Analysis and Crime Mapping: An Introduction**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.*

## 26. CONSIDERE AS MUDANÇAS A LONGO PRAZO

*Será que o problema está melhor, ou pior? Oscila regularmente, ou aleatoriamente? Para responder a estas perguntas precisamos estudar o problema através de gráficos, ou com o recurso ao número de ocorrências, ou com uma taxa contra o tempo. A taxa é, tipicamente, o número de crimes, ou de ocorrências desordeiras, dividido pelo número de alvos em perigo (Passo 27).*

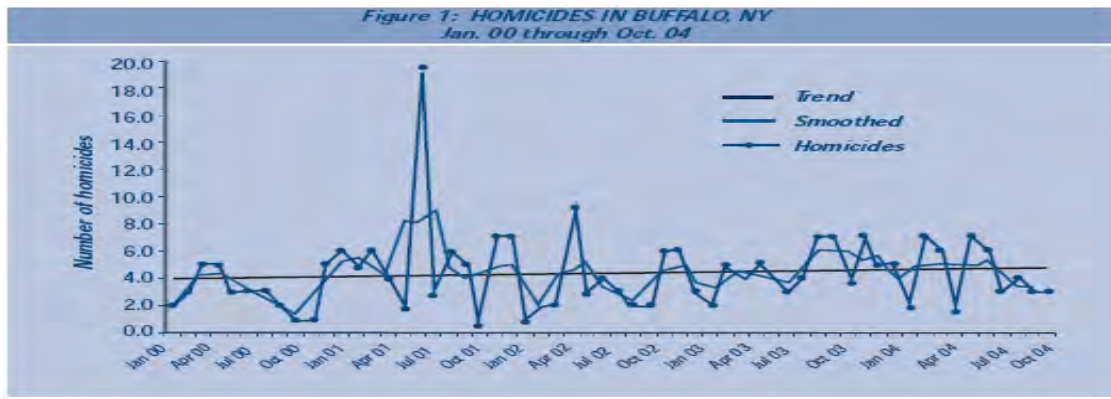
*O decurso de tempo de um problema pode ser dividido em três componentes básicas:*

- A **tendência geral**, que pode ser evidente a partir de uma inspeção visual, a qual demonstrará se o problema está a piorar, ou se, melhor, mantém-se igual durante um longo período.
- Os **Ciclos** sazonais periódicos, diários, e semanais.
- As **variações aleatórias** que são causadas por um grande número de influências menores.

*O estudo sistemático do decurso de tempo do crime é chamado de "análise da sequência temporal".*

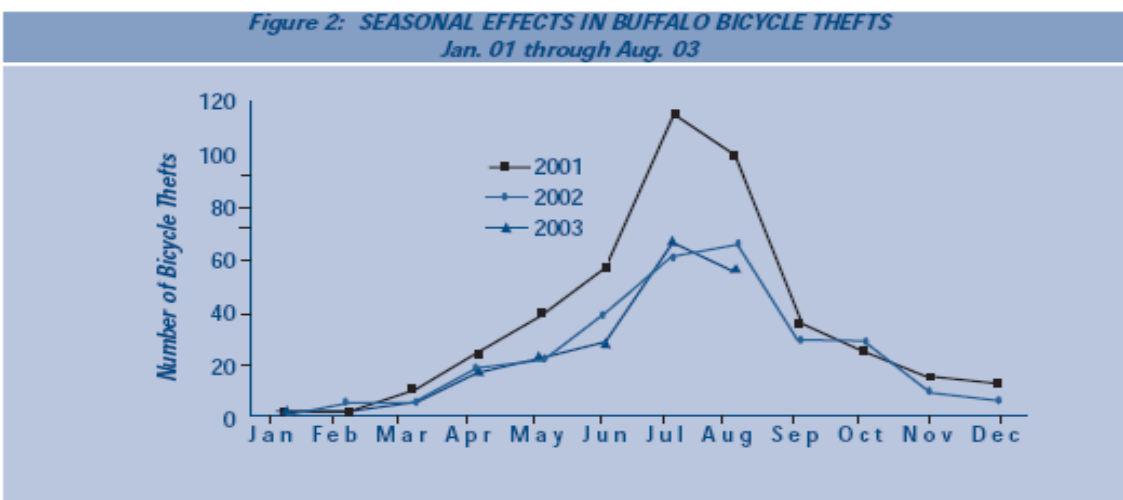
*A figura 1 mostra os homicídios em Buffalo, Nova York. A linha reta, através do meio do gráfico, mostra a tendência geral. É, praticamente plana indicando muito pouca tendência ascendente (embora esteja ligeiramente aumentando em, aproximadamente, 1 homicídio a cada 100 meses). maio de 2001 foi, particularmente, um mês mau, e outubro e novembro de 2000 foram meses mais baixos.*

*Em todos os 58 meses estudados existe uma considerável variação mensal, demonstrada pelos picos e vales no gráfico. Os problemas de baixa frequência tendem a ter essa característica, enquanto os problemas com muitas ocorrências por período de tempo, frequentemente, mostram alterações mais suaves. Estas variações aleatórias podem esconder uma variação sistemática. Um método para revelar uma tendência obscurecida pela variação aleatória é o uso da média móvel. Isto é chamado de "nivelamento". Uma média móvel de 3 meses foi utilizada neste exemplo. O valor de julho, por exemplo, é a média de junho, julho e agosto, enquanto o valor de agosto é o valor da média de julho, agosto e setembro. É de notar que não há dados para o primeiro e para o último mês da série, porque não temos 3 meses de dados para esses meses. As médias móveis preenchem os vales e anulam os picos. As médias móveis mais longas produzem gráficos mais planos do que as mais curtas, mas elas, também, podem esconder informações úteis ao tornar o gráfico muito plano.*



Os ciclos podem ser detetados através da comparação dos mesmos meses do ano (ou mesmas semanas do mês, ou mesmos dias de uma semana, ou mesmas horas de um dia, dependendo dos períodos de tempo que estamos a examinar). É importante notar que os meses são de tamanhos diferentes (e não nos podemos esquecer de fevereiro nos anos bissextos), pois isto pode influenciar o número de ocorrências-problema. Alguns analistas utilizam períodos de 4 semanas, ao invés de meses, para resolver esta questão.

Ciclos sazonais, óbvios, podem ser vistos na figura 2. Aqui, vemos o número de furtos de bicicletas por mês, ao longo de 32 meses. Os furtos, consistentemente, atingem o máximo em julho e agosto e, consistentemente, atingem o mínimo em janeiro e fevereiro. Também, podemos ver que numa base mensal (mês-a-mês), 2001 foi, geralmente, pior do que 2002 e os meses de 2003 para os quais temos dados. Isto faz algum sentido, uma vez que há mais bicicletas disponíveis para serem furtadas no verão e, também, porque as bicicletas têm pouca utilidade para os ladrões no inverno (especialmente em Buffalo!).



Separar as partes que constituem uma série temporal é muito útil para revelar as possíveis causas de um problema. A tendência de homicídios, por exemplo, poderia ser decomposta em dois gráficos mostrando os homicídios domésticos e os não-domésticos (ou com o uso de armas e sem o uso de armas). Então, se os homicídios não-domésticos tendessem a subir enquanto os



*homicídios domésticos diminuía, isso poderia sugerir que a atenção deveria ser direcionada para os homicídios não-domésticos.*

*A análise de séries temporais é uma ferramenta poderosa para avaliar a eficiência de uma resposta. O princípio básico é a obtenção de uma boa ideia sobre a tendência, os ciclos, e as variações naturais de um problema, antes que a resposta seja implementada, utilizando as técnicas que acabamos de discutir. Isto diz-nos o que podemos esperar do problema no futuro, se nada for feito em relação ao mesmo. Isso fornece uma base para a análise dos intervalos de tempo após a resposta. As mudanças na tendência, nos ciclos, ou mesmo na variação aleatória sugerem que a resposta surtiu efeito. Quanto mais longos forem os intervalos de tempo, antes e depois, maior é a segurança que podemos ter nas nossas conclusões.*

*As análises das séries temporais, também, podem ser muito complexas e, portanto, se muito for esperado de uma resposta precisa a uma análise de intervalo de tempo, pode ser útil procurar a ajuda de um especialista em estatísticas nessa área.*

## **27. SAIBA COMO USAR TAXAS E DENOMINADORES**

*Quando um local tem mais crimes do que um outro local, uma possível razão poderá ser a de que um tenha mais alvos do que o outro. Examinar as taxas ajuda-nos a compreender se o número de alvos contribui para o problema (ver Passo17).*

*As taxas descrevem o número de crimes por alvos em risco, durante um período de tempo: um assalto por cada 1.000 domicílios em 2002, por exemplo. As taxas de alvos mostram o risco que a média de alvos está sujeita de ser envolvida num crime, durante um determinado período de tempo.*

*Para calcular essas taxas precisaremos de:*

- 1. Definir o tipo de ocorrências nas quais estamos interessados (por exemplo, o furto de veículos).*
- 2. Definir a população em situação de risco (por exemplo, veículos).*
- 3. Definir os locais e o período de tempo (por exemplo, os estacionamento na área central da cidade, em 2004);*
- 4. Encontrar fontes de dados que forneçam contagens das ocorrências do nosso interesse e dos alvos para cada local a ser examinado (por exemplo, os dados de crimes relatados à polícia tem informações sobre a morada onde ocorreu o furto, que pode ser associado a parques de estacionamento específicos, e as observações realizadas aos estacionamentos do centro da cidade podem fornecer uma estimativa do número de veículos em cada estacionamento).*
- 5. Para cada local, devemos dividir o número de ocorrências (numerador) pelo número de alvos (denominador) para obter as taxas.*

*Definir os alvos em risco requer uma reflexão cuidadosa. Se estivermos a analisar furtos, o nosso alvo são as pessoas, ou as casas? "Casas" é a resposta mais provável. Mantendo tudo igual, se uma população de 1.000 pessoas mora em 500 unidades podemos esperar ter mais arrombamentos do que se a mesma população morasse em 250 unidades. Se estivermos a analisar roubos na via pública, então, a população de risco é o número de transeuntes presentes na área a ser analisada.*

*Os relatórios policiais dos incidentes, normalmente, contêm dados que descrevem as ocorrências do nosso interesse, incluindo informações sobre a morada, de modo a que as contagens das ocorrências nos locais possam ser obtidas. Entretanto, muitas vezes, é difícil obter informação descrevendo o número de alvos nos locais de risco. Por exemplo, os furtos de veículos relatados podem estar disponíveis para as localizações dos estacionamentos, mas o número de veículos que utilizam os estacionamentos podem não estar, imediatamente, disponíveis (ver quadro).*

Para superar este problema, podemos ter que encontrar o número aproximado dos alvos. O número de veículos que utilizam estacionamentos, por exemplo, pode ser proporcional ao tamanho do local. Assim, um número aproximado dos veículos em situação de risco poderá corresponder à área, ou ao número de vagas no estacionamento. A tabela dá alguns exemplos do cálculo das taxas dos alvos em risco.

Os números aproximados de alvos devem ter duas características: Primeiro, eles devem ser logicamente associadas aos alvos. Poder-se-ia esperar que as vagas fossem associados ao volume de veículos, mas não se espera que a dimensão da fachada do estacionamento esteja associada ao número de veículos, porque os parques de estacionamento muito grandes poderão ter uma fachada pequena mas conterem muitos veículos; Em segundo lugar, a associação entre o número aproximado de alvos e os alvos em situação de risco, também, não poderá variar muito consoante os locais. Se todos os estacionamentos da área central da cidade estiverem ocupados em cerca de dois terços da sua totalidade, durante a semana, o número de vagas é um valor útil aproximado. Mas se alguns estacionamentos são usados por completo e outros são pouco utilizados, então o número de vagas não é um bom indicador de alvos.

<b>Exemplo de percentagem para diferentes crimes</b>			
<b>Tipo</b>	<b>Localização</b>	<b>Taxa</b>	<b>Comentários</b>
<i>Furtos em apartamentos</i>	<i>Prédios de apartamentos</i>	<i>Furtos por apartamento, ou por domicílios</i>	<i>Os furtos cometidos por moradores dão ênfase aos domicílios grandes</i>
<i>Furto em lojas</i>	<i>Lojas de conveniência</i>	<i>Furto de itens em prateleiras, ou por metro quadrado do espaço comercial</i>	<i>Os furtos por cliente dão uma taxa de crime. Os tipos de itens vendidos devem ser um fator a considerar</i>
<i>Furto de motorizadas</i>	<i>Bairro</i>	<i>Número de furtos por motorizadas registadas</i>	<i>Problemático nas áreas que os motociclistas usam, mas onde não vivem</i>
<i>Graffiti</i>	<i>Áreas comerciais</i>	<i>Pichagens por metro quadrado</i>	<i>Difícil de avaliar</i>
<i>Furtos de Táxis</i>	<i>Companhia</i>	<i>Furtos por veículo, ou por motorista, ou por horário dos taxistas</i>	<i>É preferível utilizar os horários de exposição, mas os dados podem não estar disponíveis</i>
<i>Chamadas para desordem em motéis</i>	<i>Motéis</i>	<i>Chamadas por hóspede, ou por quarto</i>	<i>Outros fatores que devem ser considerados são as taxas de ocupação e o número de visitantes que não são hóspedes</i>

Mesmo com números aproximados, pode ser difícil obter-se dados sobre os alvos. As agências governamentais podem ter algumas das informações que necessitemos. Por exemplo, o auditor de Hamilton County, no Ohio, dispõe de informações sobre todas as parcelas de terreno da comarca, incluindo sobre as suas dimensões e localização. As empresas e as associações empresariais, por vezes, dispõem de informações sobre volume de vendas. E as informações governamentais sobre os impostos que recaem nas vendas podem ser utilizadas, como valores aproximados, para o número de clientes (quando se comparam lojas com itens similares).

*Calcular taxas pode ser muito útil na localização de estabelecimentos de risco (Passo 28). Karin Schmerler e os seus colegas do departamento de polícia de Chula Vista, na Califórnia, investigaram as ligações originadas pelos motéis da cidade. Os 10 motéis de uma cadeia nacional e os 16 motéis locais independentes geraram números semelhantes de chamadas, mas os primeiros continham mais quartos.*

*Quando todas as chamadas de serviço para a polícia dos motéis locais foram somadas e o resultado foi dividido pelo número de quartos nesses motéis, Schmerler constatou que a taxa média de chamada, relativamente a esses estabelecimentos, foi de 1,8 por quarto. Fazendo o mesmo para os motéis da cadeia nacional, constatou que a taxa de chamadas foi de 0,5. Claramente, os motéis independentes geram muito mais chamadas por quarto.*

*O gráfico, mais acima na figura, mostra os motéis ordenados a partir daquele motel com maior número de chamadas para o motel com menor número de chamadas. As barras claras do gráfico representam a rede nacional de motéis e as barras mais escuras os motéis independentes. O motel com maior número de chamadas (T) é parte da rede nacional, mas os outros motéis da rede nacional estão dispostos através do gráfico.*

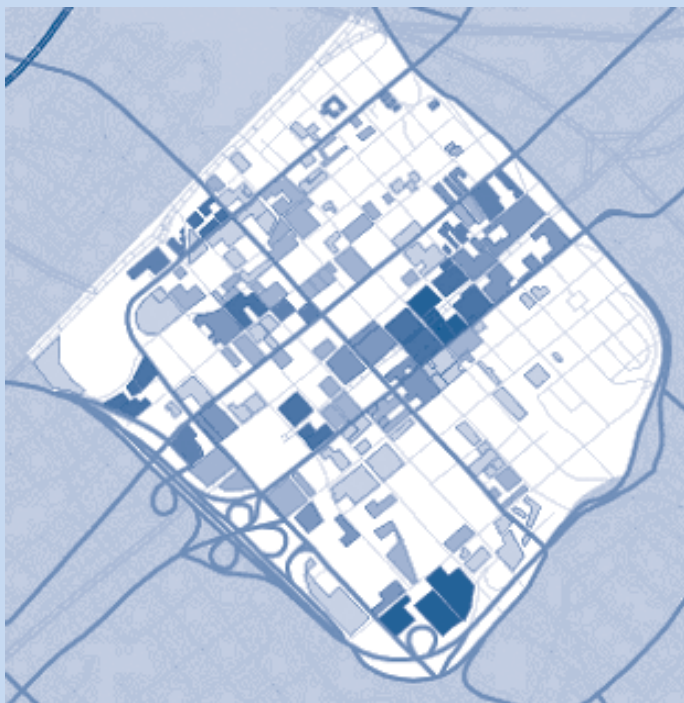
*O gráfico, mais baixo, ilustra as chamadas por quarto desses motéis. Tem o mesmo formato geral. O Motel B sai da posição do meio do gráfico e junta-se aos motéis com maior número de chamadas por quarto. Mas a posição de alguns motéis não muda muito: Os motéis J e U continuam, ainda, entre aqueles com maior número e o motel D continua, ainda, entre aqueles com o menor número de chamadas.*

*Deveríamos colocar mais ênfase nos números elevados ou nas taxas elevadas? Se o nosso objetivo é reduzir o volume de crime, concentrarmo-nos nos números pode, então, ser a melhor escolha. Mas se o nosso objetivo é o de reduzir as probabilidades da ocorrência de danos, então, devemos-nos concentrar nas taxas. Fixar a nossa atenção no motel T poderia vir a reduzir mais chamadas do que se nos focalizássemos no motel B, por exemplo, mas há algo seriamente errado quando o pequeno motel B gera chamadas com uma taxa tão alta.*

## Usando Taxas para Identificar Estacionamentos de Risco

A importância de se calcular taxas é ilustrada por um projeto, em Charlotte, Carolina do Norte, em que Clarke trabalhou com Herman Goldstein. Assistido por analistas locais e policiais, foram analisados os furtos de automóveis em estacionamentos no centro da cidade (localmente conhecido como "Uptown"). A análise do Hot-spot mostrou uma grande concentração indiferenciada desses furtos no meio da área, mas um mapa com base em taxas de furto foi muito mais revelador. Este mapa foi produzido pelo analista criminal Matt White, que teve a ajuda de elementos policiais do distrito na contagem do número de vagas em cada estacionamento. Então, calculou as taxas de furto para cada lote e garagem. O mapa resultante revelou uma imagem mais detalhada dos riscos. Outras análises mostraram que os carros estacionados nos lotes estavam seis vezes mais em risco do que aqueles em garagens e que alguns lotes eram facilitadores de crimes devido à inadequação da segurança.

Taxa de furto de carros por quarteirão, Charlotte NC, 1999



### Legenda

Áreas de estacionamento  
Furto de viaturas por blocos



Mais baixo

Mais alto

### Leia Mais:

- Clarke, Ronald e Herman Goldstein (2003). **Thefts from Cars in Center City Parking Facilities. From Innovation to Mainstream.** Crime Prevention Studies, vol. 15, Monsey, New York: Criminal Justice Press. (disponível em: [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)).

## 28. IDENTIFIQUE OS ESTABELECIMENTOS DE RISCO

Os estabelecimentos são ambientes com funções especiais (Passo 15): Os estabelecimentos educativos envolvem o ensino e o estudo; Os estabelecimentos industriais produzem e processam materiais; Os estabelecimentos públicos (escritórios) processam informação; Os estabelecimentos comerciais envolvem vendas e transações monetárias. Alguns estabelecimentos são, frequentemente, locais alvo de crimes e de incivilidades. Nestes incluem-se os bares, os parques, as estações ferroviárias, as cabines telefónicas, as lojas de conveniência, e as moradias. Aqueles estabelecimentos que contribuem, desproporcionalmente, para o crime e a desordem são chamados de “estabelecimentos de risco”.

Mas o termo tem, também, um significado mais preciso. Refere-se ao facto de que, dentro de cada tipo de estabelecimento, alguns deles serem, particularmente, de risco. Quando descrevemos a regra dos 80-20, no Passo 18, mencionamos que 5% das lojas em Danvers, no Massachusetts, eram responsáveis por 50% dos furtos denunciados que foram cometidos em lojas (consulte a tabela fornecida por Christopher Bruce, analista criminal do Departamento de Polícia de Danvers). Seguem-se alguns outros exemplos documentados de estabelecimentos de risco:

- **Lojas de Conveniência.** Uma pesquisa nacional constatou que 6,5% das lojas de conveniência sofrem 65% de todos os furtos registados.
- **Postos de gasolina.** 10% dos postos de gasolina de Austin, no Texas, foram responsáveis por mais de 50% das chamadas por furto de gasolina e por crimes envolvendo droga em 1998-1999.
- **Bancos.** 4% dos bancos britânicos têm taxas de roubo, quatro a seis vezes, maiores do que outros bancos.
- **Escolas.** 8% das escolas em Estocolmo sofreram 50% dos crimes violentos relatados no ano letivo de 1993-1994.
- **Paragens dos transportes públicos.** A recente dissertação de doutoramento de Andrew Newton refere que 9% das coberturas das paragens de transportes públicos de Liverpool, na Inglaterra, sofreram mais de 40% dos incidentes de vandalismo.
- **Locais de estacionamento.** Noutra cidade britânica, Nottingham, apenas um estacionamento (The Royal Moat House) representou cerca de 25% (103) dos 415 delitos relatados, de todos os 19 estacionamentos do centro da cidade, em 2001.

Há pelo menos oito razões para os estabelecimentos serem “de risco” e diferentes procedimentos de análise podem ajudar a determinar quais as razões disso em determinadas circunstâncias:

1. **Variação aleatória.** É possível ter concentrações de crime nalguns locais através de alguns casos imprevisíveis e aleatórios. Isso é mais provável que ocorra quando estamos a observar apenas alguns estabelecimentos com poucos incidentes. Devemos

tentar verificar os mesmos estabelecimentos em períodos diferentes. Se a ordem de classificação for, praticamente, a mesma em ambos os períodos, então, a variação não é aleatória.

2. **Prática de denunciar.** *Pode ser que alguns estabelecimentos tenham o hábito de denunciar, sempre, os crimes à polícia, enquanto outros, que enfrentam o mesmo número de incidentes, denunciam pouco. Isso pode ser difícil de ser observado, mas devemos perguntar aos agentes policiais, familiarizados com os estabelecimentos, se as taxas dos crimes registados correspondem às percepções, próprias, que têm dos problemas nesses estabelecimentos.*
3. **Muitos alvos.** *Alguns estabelecimentos contêm muitos alvos. A loja com mais furtos em Danvers era uma das maiores da cidade. Mas isto não é tudo, porque quando se leva em conta o tamanho do estabelecimento, através do cálculo de furtos por 100pés<sup>2</sup> (ver a última linha da tabela), o estabelecimento continua sendo, ainda, um dos que tem mais riscos de furto (ver Passo 27).*
4. **Produtos quentes.** *Um estabelecimento de risco pode não ter um grande número de alvos, mas pode ter alvos que são, particularmente, mais apetecíveis. A loja 15 na lista de Danvers tinha a taxa mais alta de furtos na cidade por 1.000pés<sup>2</sup>. Esta loja é especializada na venda de pequenos artigos de eletrónica, de alto valor comercial, que vão ao encontro dos critérios do CRAVED descritos no Passo 31.*
5. **Localização.** *Os estabelecimentos localizados em áreas com muitos crimes, talvez, onde vivem muitos criminosos habituais, terão mais probabilidade de se encontrar em risco. Isso ocorre porque os infratores preferem não se deslocar para muito longe para cometerem os seus crimes (Passo 16).*
6. **Vítimas repetidas.** *Alguns locais atraem pessoas que são particularmente vulneráveis ao crime. Comparemos as pessoas que foram vitimizadas em estabelecimentos de risco e em estabelecimentos sem risco. Se a taxa de reincidência é diferente, então, a vitimização repetida pode ser a causa do risco elevado (Passo 29).*
7. **Atrativos de crime.** *Os estabelecimentos que atraem um grande número de criminosos são atrativos de crime (Passo 15). Os locais que atraem crime têm um número elevado de delitos e altas taxas de delito. Uma verificação de diagnóstico adicional envolve a análise dos registos das detenções e outras informações contendo os nomes dos infratores.*
8. **Gestão deficiente.** *Quando os proprietários ou os gerentes não exercem um controlo, ou uma gestão apropriada, um estabelecimento pode vir a tornar-se de risco. O quadro mostra como a gestão negligente do dono de uma propriedade, situada num bairro pobre, transformou a propriedade que adquiriu num estabelecimento de risco (Passo 44).*

**Furtos registados por loja, Danvers, MA.**

**De 01OUT03 a 30SET04**

<i>Loja*</i>	<i>Furto em lojas</i>	<i>Percentagem de furtos em lojas</i>	<i>Percentagem acumulada de furtos em lojas</i>	<i>Percentagem acumulada de lojas</i>	<i>Furto em lojas por 1000 Pés quadrados</i>
1	78	26.2	26.2	1.3	1.54
2	42	14.1	40.3	2.6	0.70
3	28	9.4	49.7	3.8	0.22
4	16	5.4	55.0	5.1	0.24
5	15	5.0	60.1	6.4	0.28
6	12	4.0	64.1	7.7	0.31
7	11	3.7	67.8	9.0	0.09
8	11	3.7	71.5	10.3	0.16
9	9	3.0	74.5	11.5	0.28
10	7	2.3	76.8	12.8	2.82
11	5	1.7	78.5	14.1	0.16
12	5	1.7	80.2	15.4	0.10
13	4	1.3	81.5	16.7	0.35
14	4	1.3	82.9	17.9	0.12
15	3	1.0	83.9	19.2	3.32
16	3	1.0	84.9	20.5	0.90
17	3	1.0	85.9	21.8	0.02
<i>7 Lojas com 2 incidentes</i>	14	4.7	90.6	30.8	0.08
<i>28 Lojas com 1 incidente</i>	28	9.4	100.0	66.7	0.06
<i>26 Lojas com 0 incidentes</i>	0	0.0	100.0	100.0	0.00
<i>Total de lojas = 78</i>	298	100.0	100.0	100.0	0.15

*\* As 17 principais lojas foram (por ordem alfabética): Best Buy, Boater's World, Circuit City, Costco, CVS Pharmacy, Galyan's, Home Depot, Kohl's, Linens & Things, Lowe's, Marshall's, Old Navy, Radio Shack, Stop & Shop, Target e Wal-Mart*



## Donos de propriedades sem escrúpulos de bairros pobres Crimes em apartamentos de baixo aluguer e em bairro degradado

Em todas as grandes cidades, alguns edifícios de apartamentos de aluguer de baixo custo exigem bastante do tempo da polícia. Estes “estabelecimentos de risco” são, frequentemente, adquiridos por “slumlords” - proprietários sem escrúpulos que adquirem as propriedades nos bairros pobres e fazem um investimento mínimo na gestão e na manutenção. Os serviços do prédio deterioram-se, os inquilinos respeitáveis mudam-se do local, e os seus apartamentos são ocupados por inquilinos menos respeitáveis - traficantes, proxenetas e prostitutas - que podem pagar o aluguer, mas que não passariam no exame de procedência e antecedentes feito por uma gerência mais responsável. No decurso de um projeto de policiamento orientado-aos-problemas em Santa Barbara, na Califórnia, os agentes Kim Frylsie e Mike Apsland analisaram as detenções efetuadas em 14 edifícios de aluguer de apartamentos, pertencentes a um “slumlord”, antes e depois da sua compra. A tabela mostra, claramente, um grande aumento no número de pessoas detidas naquelas propriedades, nos anos posteriores à sua compra. Havia, também, alguns indícios de que o aumento do crime e das desordens nessas propriedades se espalharam para outros prédios de apartamentos vizinhos - uma descoberta que sustenta a crença, generalizada, de que os “slumlords” contribuem para a deterioração dos bairros

Propriedade	Ano Aquisição	Nº. Unidades	Média de Detenções Anuais	
			Antes da aquisição	Depois da aquisição
1	1977	4	0	1.6
2	1982	15	0	16.9
3	1983	8	0	2.3
4	1985	8	0	4.5
5	1985	10	0.1	6
6	1986	16	0.2	27.9
7	1986	6/8	0	3.4
8	1987	5	0	8.3
9	1987	12	0	11.3
10	1988	6	0.4	8.1
11	1991	10	0.2	9.3
12	1991	10+	2.3	21.8
13	1992	4+	1.1	0.7
14	1992	4	0.2	10.7

Fonte: Clarke, Ronald e Gisela Bichler-Robertson (1998). "Place Managers, Slumlords and Crime in Low Rent Apartment Buildings". *Security Journal*, 11: 11-19.

### Leia Mais:

- Eck, John, Ronald Clarke e Rob Guerette, "Risky Facilities: Crime Concentration in Homogeneous Sets of Facilities." *Crime Prevention Studies*, in press.

## 29. ESTEJA PREPARADO PARA A VITIMIZAÇÃO REPETIDA

Algumas pessoas são, repetidamente, vitimizadas e, conforme a regra dos 80-20 (Passo 18), uma pequena proporção das vítimas são responsáveis por uma grande proporção de todas as vitimizações. Ken Pease e Graham Farrell documentaram, cuidadosamente, este facto numa publicação do Home Office intitulada "Once Bitten, Twice Bitten." Usando os dados do British Crime Survey (ver tabela), demonstraram que cerca de 4% das pessoas experienciaram, aproximadamente, 40% de todas as vitimizações durante um ano. Demonstraram, ainda, que as vitimizações repetidas ocorrem devido a uma série de crimes, incluindo a violência doméstica, as ofensas sexuais, as ofensas corporais, os assaltos e o furto de veículos. Também, revelaram que as repetições ocorrem num período de tempo muito curto, muitas vezes dentro de uma semana após a primeira vitimização, embora isso varie de acordo com o tipo de crime.

<b>Cerca de 4% das pessoas experienciaram cerca de 40% de todos os crimes</b>		
<b>Número de Crimes Experienciados</b>	<b>Porcentagem de Entrevistados</b>	<b>Porcentagem de Incidentes</b>
<b>0</b>	<b>59.5</b>	<b>0.0</b>
<b>1</b>	<b>20.3</b>	<b>18.7</b>
<b>2</b>	<b>9.0</b>	<b>16.5</b>
<b>3</b>	<b>4.5</b>	<b>12.4</b>
<b>4</b>	<b>2.4</b>	<b>8.8</b>
<b>5+</b>	<b>4.3</b>	<b>43.5</b>

Fonte: British Crime Survey, 1992, todos os crimes.

As pesquisas demonstraram que é fácil não se ter a noção do grau de vitimizações repetidas, por várias razões:

- Muitas vítimas não denunciam o crime à polícia, o que significa que a vitimização repetida é menos contabilizada nos registos policiais, oficiais. Por isso, os estudiosos tentaram a realização de pesquisas onde as pessoas foram entrevistadas a respeito dos delitos que não chegaram a comunicar à polícia. Infelizmente, o National Crime Victimization Survey - equivalente americano do British Crime Survey - conta menos vitimizações repetidas, porque esse inquérito público considera apenas os incidentes que são lembrados num período de 6 meses e não conta todos os crimes cometidos, em série, contra uma determinada vítima.
- Os analistas criminais, frequentemente, procuram as vitimizações repetidas fazendo a contagem do número de crimes por moradas, mas os dados da polícia, com frequência, contêm informações incompletas a respeito dos endereços, especialmente dos blocos de apartamentos. Isto leva a uma estimativa elevada das vitimizações singulares e que ocorreram apenas uma vez. Esta dificuldade tem vindo a ser reduzida pela utilização de sistemas de GPS e através da utilização de processos de identificação de endereços nos softwares de mapeamento (ou seja, georreferenciação).

- A vitimização repetida pode ser subestimada por causa do “espaço de tempo”.

Se, apenas, forem contadas as vitimizações durante um determinado período de tempo - um espaço de tempo de janeiro a junho de 2002, por exemplo -, então, alguém que tenha sido vitimizado em dezembro de 2001, e uma outra vez no espaço de seis meses, não seria contabilizado como vítima repetida. Se aquela tiver a infelicidade de voltar a ser vitimizada em julho de 2002, não ficaríamos a saber que esta pessoa tinha sido vítima por três vezes. Idealmente, um espaço de tempo flexível deve ser utilizado sempre que cada nova vítima é seguida por um ano, após o primeiro caso relatado.

Para explicar a vitimização repetida, Ken Pease distingue dois tipos de causas:

1. Os **impulsos** explicam as repetições em termos de experiências positivas no primeiro crime. Um assaltante, por exemplo, aprende muito sobre uma casa durante um assalto com arrombamento. Esse conhecimento pode incitá-lo a cometer novo assalto. Um assaltante, também, pode vir a informar outros sobre os bens que deixou para trás, levando a subsequentes assaltos por outros ladrões.
2. As **características marcantes** explicam as repetições em termos de atração, ou vulnerabilidade fora do comum, de alvos específicos que resultam na sua vitimização por uma diversidade de criminosos. Algumas profissões têm taxas de vitimização muito mais elevadas do que outras (os taxistas, por exemplo) e as pessoas que passam o tempo em estabelecimentos de risco (como os empregados das lojas de conveniência), também, são mais propensos a serem, repetidamente, vitimizados. Finalmente, a posse dos chamados “produtos quentes”, tais como viaturas atrativas para quem costuma furtar automóveis para fazer “corridas” a alta velocidade (Passo 31), também, poderá aumentar a probabilidade de vitimização repetida.

### **“Um relâmpago nunca cai duas vezes no mesmo lugar”**

**Os agentes policiais bem-intencionados, às vezes dizem isto para tranquilizar as vítimas de assalto, tentando assegurá-las de que não voltarão a ser vitimizadas. Infelizmente, as pesquisas aqui referidas demonstram o contrário.**

As vítimas repetidas “virtuais”, ou “próximas”, são tidas como as vítimas com características semelhantes à vítima ou ao alvo original. Após atacar com sucesso o primeiro alvo, os criminosos generalizam para alvos com características semelhantes. É de esperar que casas semelhantes, e situadas no mesmo bairro que a primeira casa assaltada, por exemplo, tenham maior risco de serem, também, assaltadas, porque os infratores aprenderam alguma coisa sobre elas nos assaltos anteriores.

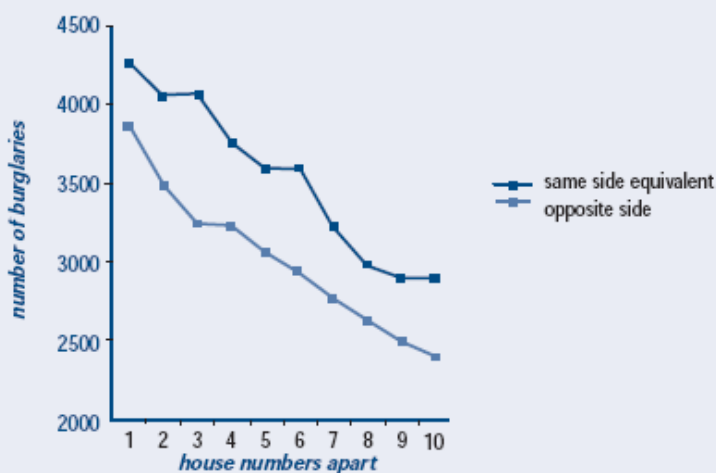
O conhecimento sobre a vitimização repetida é útil para prever quais as vítimas que estão expostas a maior risco e, também, quando elas estão em situação de risco efetivo. Isso significa que os recursos de prevenção criminal devem ser focalizados nestas pessoas, ao invés de serem

dispersos por uma grande quantidade de pessoas, a maior parte das quais terão baixas probabilidades de serem vitimizadas.

Muitas agências policiais, também, já utilizam uma "resposta gradual", quando se trata de vítimas repetidas. Isso significa que, quanto mais frequentemente alguém é vitimizado mais intensivas são as medidas preventivas adotadas pela polícia. Saber o período de tempo entre as vitimizações repetidas, também, torna possível empregar temporariamente medidas de prevenção criminal por períodos curtos, quando os riscos dos crimes ocorrerem é mais alto. Por exemplo, algumas agências policiais poderão instalar, temporariamente, alarmes contra intrusão quando o risco da ocorrência de assaltos, num curto período de tempo, é alto.

### Cuidado, vizinho!

A vitimização repetida refere-se a um elevado risco de que a mesma vítima venha a sofrer, novamente, com mais frequência nos dias imediatos, ou semanas, após o crime anterior. Mas este risco pode ser comunicado aos locais próximos. Kate Bowers e Shane Johnson, do Jill Dando Institute of Crime Science, mostraram como o risco de arrombamento é comunicado numa rua. Isto é ilustrado no gráfico. Uma casa é arrombada, à qual chamaremos "arrombamento referênciada". Os números na parte de baixo são uma medida da distância a partir do arrombamento referênciada. A distância de um refere-se a uma casa próxima à localização de um arrombamento, do mesmo lado da rua ou à casa em frente. A distância de dois refere-se a duas casas depois, do mesmo lado da rua ou diagonalmente oposta, e assim por diante. A ordenada mostra o número de arrombamentos que se seguem ao arrombamento referênciada. Os dados provêm da Merseyside Police, no Reino Unido. Podemos ver que o risco de outro arrombamento diminui quanto maior for a distância em relação ao arrombamento referênciada. Para qualquer distância, o risco é maior para as casas do mesmo lado da rua. Isso mostra que as casas devem ser protegidas na sequência de um arrombamento. Deve ser dada prioridade às casas perto da casa arrombada e, em especial, àquelas do mesmo lado da rua.



Fonte: Johnson, Shane e Kate Bowers (2004). "The Burglary as Clue to the Future: The Beginnings of Prospective Hot-Spotting." *European Journal of Criminology*, 1 (2), 237-255.

#### Leia Mais:

- Weisel, Deborah (2004) **Analyzing Repeat Victimization, Problem Solving Tool Series, No. 2.** Washington, D.C.: Office of Community Oriented Policing Services, U.S. Department of Justice. (disponível em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org) e em [www.cops.usdoj.gov](http://www.cops.usdoj.gov)).

### **30. TENHA EM CONSIDERAÇÃO A REINCIDÊNCIA DE CRIMES**

*Um dos princípios fundamentais da criminologia baseia-se no facto de que uma pequena proporção de indivíduos comete uma grande proporção de crimes. Os dados do famoso estudo realizado por Marvin Wolfgang, em Filadélfia, sugerem que cerca de 5% dos criminosos são responsáveis por 40% dos crimes. Existem duas explicações para os ataques repetidos: A primeira é a de que os indivíduos impulsivos, com vínculos sociais fracos, tendem a entrar em dificuldade mais frequentemente do que os indivíduos menos impulsivos e com mais vínculos sociais; A segunda explicação é a de que as pessoas expostas a mais oportunidades de crime e de desordem se aproveitam dessas situações e se adaptam de acordo com elas (ver Passo 9). Ambas as teorias podem ser verdadeiras. É necessário que os indivíduos impulsivos, com vínculos sociais fracos, estejam, habitualmente, expostos às oportunidades de crime para se tornarem criminosos reincidentes.*

*Os crimes repetidos podem ser detetados testando-se a presença da regra dos 80-20 (Passo 18). Isso pode ser difícil, na prática, porque os infratores tentam manterem-se anónimos, assim, os dados são raramente compreensíveis e, talvez, podem nem existir. As informações recolhidas podem-nos fornecer provas da reincidência de crimes, mas a qualidade da informação é altamente variável e raramente abrange a população de infratores. Frequentemente, sabemos muito mais, e sabemos com muita precisão, sobre os locais e as vítimas do que sabemos a respeito dos criminosos. No entanto, entrevistas sistemáticas, feitas aos criminosos e aos seus colaboradores, podem vir a revelar informações muito úteis para a compreensão e a abordagem dos problemas (Passo 10).*

*Entender os objetivos e as motivações dos criminosos reincidentes pode ajudar a criar estratégias de prevenção. Pode fazer diferença, para a solução de um problema de furto de veículo, se os ladrões querem-se divertir ao conduzir um carro luxuoso, ou para ter transporte para casa depois de uma noite de festa, ou para vendê-lo para arranjar dinheiro para manter o vício da droga. Pode fazer diferença, para a solução de um problema de graffiti, se os infratores estão demarcando o seu território de gangue, ou se estão a criar “arte pública” ao exhibir os seus sentimentos, ou o fazem na tentativa de aterrorizar os moradores locais por serem de diferente religião, raça, ou etnia.*

*Um crime bem sucedido pode levar a mais crimes. Isto acontece de três maneiras:*

- **Os criminosos, como outras pessoas quaisquer, aprendem ao fazer.** Um crime bem sucedido ensina-lhes coisas importantes. Isso pode resultar no ataque à mesma vítima, novamente, pelo mesmo ofensor (ver quadro). Mas os criminosos, como todas as pessoas, podem vir a generalizar. Então, aprendem que podem ser bem sucedidos se atacarem alvos semelhantes (ver Passo 29).
- **Os criminosos aprendem uns com os outros.** As informações podem ser disseminadas através de indivíduos que trabalham em pequenos grupos, em grupos que se separam, e em novos grupos que se formam. Isto ressalta a necessidade de se

conhecer a rede de contatos dos criminosos. A polícia pode usar essas redes para difundir informações que aprimorem a percepção dos criminosos sobre os riscos, ou a inconveniência de determinados alvos ou locais. Parte do esforço para reduzir homicídios juvenis em Boston, no Massachusetts, por exemplo, envolveu a difusão de mensagens, altamente direcionadas, a membros de gangues.

- **Os crimes bem sucedidos podem anular a prevenção**, tornando, assim, os crimes subsequentes, mais fáceis. Um pequeno buraco numa cerca, por exemplo, pode-se tornar maior quanto mais usado for. Se o afluxo de criminosos, e de comportamentos criminosos, é mais rápido do que as respostas dos vigilantes ou dos administradores do local, então, um pequeno problema tornar-se-á pior.

### **Detenha os criminosos prolíficos, Focando-se nas vitimizações repetidas**

*Ken Pease escreveu, recentemente, sobre os benefícios para a identificação dos criminosos resultantes da focalização na vitimização recorrente. Há evidências de que as vitimizações recorrentes são o trabalho da maioria dos criminosos mais empenhados no cometimento de crime. Ele assinala que isto levanta a intrigante possibilidade de que o criminoso-alvo pode ser alcançado pela simples descoberta dos crimes repetidos contra o mesmo domicílio ou pessoa, uma vez que esses delitos são cometidos por criminosos que seriam, em qualquer caso, alvos. Este tipo de ataque a criminosos evita acusações de violações das liberdades civis, uma vez que se foca nos subconjuntos de atos mais problemáticos que os criminosos prolíficos cometem.*

Muitas técnicas de prevenção criminal baseiam-se no pressuposto da existência de uma ameaça credível (Passo 40). Um circuito fechado de televisão (CFTV - videovigilância) tornar-se-á uma ameaça que pode impedir a ocorrência de crimes, na medida em que os potenciais criminosos tanto poderão acreditar que alguém está observando as suas movimentações - quem irá tomar medidas contra as atitudes que consideram de mau comportamento - quanto os delinquentes podem ser identificados, e detidos mais tarde, com base nas gravações feitas. Isso não significa que tenha que haver muitas detenções mas, algumas detenções bem divulgadas, podem reforçar uma mensagem importante. E a mensagem pode ser poderosa se for comunicada através das redes de contatos dos criminosos.

Quando há informações específicas de que algumas pessoas são responsáveis pela maior parte de um problema, pode ser produtivo focar a nossa atenção nesses indivíduos. O Departamento de Polícia de Boston reduziu a taxa de homicídios, entre jovens do sexo masculino, pelo acompanhamento que fez a, relativamente, poucos membros dos gangues. Francis Cullen e os seus colaboradores sugerem que as autoridades, que acompanham os criminosos que cumprem penas alternativas ou aqueles que estão em liberdade condicional, deveriam aprender sobre as circunstâncias específicas que leva cada criminoso a se envolver em problemas e, então, deveriam ajudá-los a desenvolver planos para evitarem aquelas circunstâncias e, finalmente, deveriam monitorizar o cumprimento, daqueles, da conformidade a esses planos.

Combater os crimes recorrentes, eliminando os ambientes que os favorecem, pode ser eficaz. Por exemplo, em Staining, uma vila na Inglaterra, um sucateiro servia como recetador de

veículos, de peças, e outros artigos furtados. Muitos dos criminosos associados a esses crimes eram conhecidos. Mas, apesar dos esforços da polícia no sentido de combater a recetação, o problema mantinha-se sem solução. Contudo, um agente da polícia conseguiu encerrar as instalações daquele sucateiro recorrendo-se das leis referentes à poluição e a outros perigos ambientais. Isto resultou em reduções substanciais do crime naquela vila. Do mesmo modo, a polícia dos Estados Unidos, frequentemente, utiliza leis civis para fechar estabelecimentos que fomentam o tráfico de droga, a prostituição, e outros crimes e desordens.

Inversamente, criar oportunidades para apanhar criminosos pode tornar as coisas piores. No final dos anos 70 e início dos anos 80, uma série de departamentos de polícia nos EUA realizaram operações, experimentais, através das quais criaram falsos mercados de artigos furtados, registando os nomes de quem estava a colaborar com a polícia na compra de tais mercadorias e, de seguida, detinham muitos ladrões. Algumas dessas operações foram avaliadas. Não existem provas de que essas operações tenham contribuído para reduzir o crime. Contudo, há algumas evidências de que elas podem ter aumentado o crime, ao sugerirem e fornecerem maneiras lucrativas, e convenientes, de vender bens furtados. Em todo este manual temos ressaltado a forte influência que os ambientes facilitadores de crime podem ter em promover comportamentos criminosos. Portanto, deve-se ter muita cautela ao se criarem oportunidades, artificiais, de crime para revelar os criminosos por tendência que nos sejam desconhecidos.

As informações sobre os criminosos reincidentes e seus associados podem ser usadas para identificar as características ambientais que facilitam o crime. Grande parte das primeiras medidas de prevenção criminal, implementadas em lojas de conveniência, foi desenvolvida a partir de entrevistas com criminosos (Passo 9). No início dos anos 70, o Departamento de Polícia de Lakewood, no Colorado, entrevistou assaltantes acusados, tendo aprendido muito com eles sobre como escolhiam as residências-alvo e como lidavam com os bens furtados. O Departamento de Newport News, na Virgínia, serviu-se de entrevistas com criminosos para ajudar a analisar o problema dos furtos de veículos. Pelas informações recolhidas, concluíram que ladrões escolhiam como alvo os veículos que acreditavam conterem drogas. Mais recentemente, quando o Departamento de Polícia de Chula Vista, na Califórnia, entrevistou ladrões de automóveis, os elementos policiais chegaram à conclusão que os ladrões tinham um método muito mais simples para furtar viaturas do que os investigadores suspeitavam. Isso alertou os investigadores para a desconhecida vulnerabilidade dos veículos mais velhos de uma determinada marca. Essa informação não estava, nem está ainda, disponível em nenhuma outra fonte.

#### **Leia Mais:**

- Cullen, Francis e colegas (2002). "**Environmental Corrections: A New Framework for Effective Probation and Parole Supervision.**" *Federal Probation*, 66 (2):28 - 37.
- Kennedy, David e colegas (2001). **Reducing Gun Violence: The Boston Gun Project's Operation Ceasefire.** Research Report. Washington, DC: National Institute of Justice.

### **31. CONHEÇA OS PRODUCTOS MAIS DESEJADOS (CRAVED) PELOS LADRÕES**

*Em consonância com a regra dos 80-20 (Passo 18), nem todos os produtos tem o mesmo risco de serem objeto de furto, porque os ladrões são muito seletivos em relação ao que querem furtar. Eles focam-se em relativamente poucos “produtos quentes”, tais como automóveis, computadores portáteis, leitores de DVD e telemóveis. O produto mais visado de todos é o dinheiro, o qual Marcus Felson descreve como “o leite materno do crime.” É o item mais frequentemente subtraído em pequenos delitos, furtos com arrombamento e roubos. Ele aumenta o número de roubos a bancos, assaltos a cabines telefónicas, e assaltos perto dos caixas multibanco.*

*Os objetos das pessoas podem ajudar a explicar os seus riscos de vitimização. Por exemplo, ter um carro dobra a probabilidade de uma pessoa vir a ser vítima, mesmo quando se tem em conta as variáveis demográficas e sociais. Além disso, um determinado modelo de carro pode, muitas vezes, aumentar esse risco. Para informar as pessoas sobre os automóveis com alto risco, e para pressionar os fabricantes a melhorarem a segurança, o Highway Loss Data Institute em Washington, D.C., publica dados anuais mostrando o número de reclamações das seguradoras relacionadas com os furtos cometidos por cada marca e modelo de viaturas no mercado. A tabela mostra os cinco modelos com as frequências mais altas e mais baixas de denúncias de furto (por 1.000 veículos em circulação) de entre os 305 novos modelos, durante 2001-2003. O Cadillac Escalade e o Nissan Maxima tinham frequências cerca de 30 vezes maiores do que os cinco modelos com menos denúncias. O Escalade era almejado pelas suas rodas personalizadas e o Maxima pelos faróis de alta intensidade, os quais, também, se adequam nos primeiros modelos fornecidos sem essas luzes.*

*Mesmo úteis, estes dados não mostram quais os automóveis que estão mais expostos ao risco de certas formas de furto. No entanto, pesquisas realizadas na década de 80 constataram que os modelos preferidos dos “joyriders” (ladrões que furtam as viaturas para se divertirem) eram carros possantes com aceleração potente, como o Chevrolet Camaro. Aqueles mais frequentemente furtados, e que nunca mais eram recuperados, eram os carros mais caros como os Lincoln e os Mercedes, e aqueles mais arrombados e com partes removidas eram os modelos europeus, como os Volkswagens, com ótimos rádios que correspondem a uma variedade de modelos. As station wagons domésticas, normalmente o transporte básico de uma família, não foram expostas ao risco de qualquer tipo de furto. Elas eram baratas, tinham rádios ruins, e os “joyriders” até tinham vergonha de as conduzirem.*

*As pesquisas realizadas pelo Loss Prevention Research Council mostram que os ladrões de lojas, consistentemente, escolhem CDs, cigarros, bebidas, itens de moda como Jeans Hilfiger e sapatilhas da Nike. Muitas dessas coisas podem ser, facilmente, vendidas na rua ou porta-a-porta nalguns lugares. A polícia tem dado pouca atenção à questão dos bens furtados, porque são difíceis de se provar a proveniência ilícita e resultam em sentenças relativamente leves, mas muitos departamentos de polícia, agora, recebem relatórios eletrónicos regulares sobre as transações das casas de penhores. Examinar esses relatórios poderá ajudar a mantermo-nos*



informados sobre o que os assaltantes, e outros criminosos, estão furtando na nossa área. Isto, também, ajuda a pensar sobre como os bens furtados são vendidos e sobre as possíveis formas de se interromper o mercado.

<b>Frequências mais altas de denúncias de roubo, 2001-03</b>		
		<b>Frequência de denúncias</b>
<b>Cadillac Escalade EXT (2002-03)</b>	<i>Pick-up grande de luxo</i>	<b>20.2</b>
<b>Nissan Maxima (2002-03)</b>	<i>Tamanho médio - 4 portas</i>	<b>17.0</b>
<b>Cadillac Escalade (2002-03)</b>	<i>SUV Grande e luxuoso</i>	<b>10.2</b>
<b>Dodge Stratus/Chrysler Sebring</b>	<i>Tamanho médio - 4 portas</i>	<b>8.3</b>
<b>Dodge Intrepid</b>	<i>Grande - 4 portas</i>	<b>7.9</b>
<b>Frequências mais baixas de denúncias de roubo, 2001-03</b>		
<b>Buick LeSabre Buick</b>	<i>Grande - 4 portas</i>	<b>0.5</b>
<b>Park Avenue Ford</b>	<i>Grande - 4 portas</i>	<b>0.5</b>
<b>Taurus Buick</b>	<i>Station Wagon grande</i>	<b>0.5</b>
<b>Rendezvous 4WD (2002-03)</b>	<i>Tamanho médio SUV</i>	<b>0.7</b>
<b>Saturn LW</b>	<i>Van – tamanho médio</i>	<b>0.7</b>
<b>Média de todos os carros</b>		<b>2.5</b>
<b>Fonte: Highway Loss Data Institute (<a href="http://www.hldi.org">www.hldi.org</a>)</b>		

A sigla **CRAVED** (desejado) irá ajudar a nos lembrarmos quais as mercadorias que são mais furtadas. Esta sigla surge de **Concealable** (fáceis de serem escondidas), **Removable** (removíveis), **Available** (disponíveis), **Valuable** (valiosas), **Enjoyable** (que dão gozo), e **Disposable** (fáceis de serem revendidas):

- **Fáceis de serem escondidas.** Coisas que possam ser escondidas nos bolsos, ou em bolsas, são mais vulneráveis aos ladrões de lojas e a outros ladrões sorrateiros. As coisas que são difíceis de identificar ou que podem, facilmente, ser ocultadas depois de terem sido furtadas, também são de maior risco. Nalguns casos, os furtos podem ser ocultados dos donos das mercadorias, como madeira ou tijolos que, deixados nos locais de construção, acabam por ser furtados.
- **Removíveis.** O facto de automóveis e bicicletas serem móveis ajuda a explicar porque é que eles são, frequentemente, furtados. Também, não é surpreendente que os computadores portáteis sejam furtados, uma vez que não só são desejáveis mas, também, são fáceis de serem carregados. O que é fácil de se carregar depende do tipo de furto. Tanto os ladrões por arrombamento como os que furtam em lojas roubam cigarros, bebidas alcoólicas, medicamentos, produtos de beleza dos supermercados, só que os arrombadores os subtraem em quantidades muito maiores.
- **Disponíveis.** Os objetos desejáveis, que estão amplamente disponíveis e fáceis de encontrar, são de maior risco. Isso explica porque razão as donas de casa tentam esconder joias e dinheiro dos assaltantes. Também, ajuda a explicar porque razão os automóveis se tornam mais expostos ao risco de furto à medida que envelhecem. É

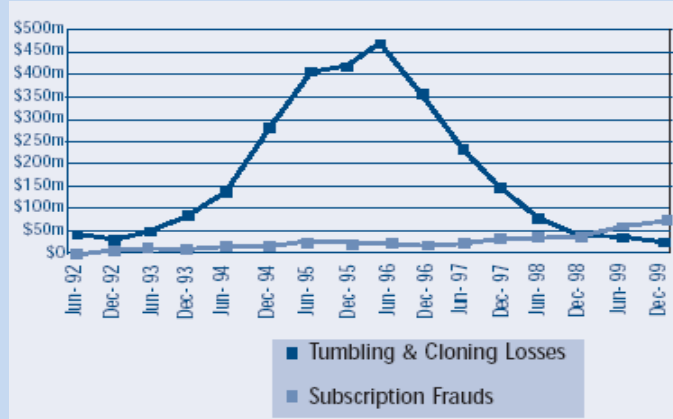
mais provável que as pessoas que vivem em bairros pobres possuam esses carros, onde há menos estacionamentos cobertos e mais criminosos que moram por perto. Finalmente, as ondas de furto podem resultar da disponibilidade atrativa de um produto novo, como um determinado tipo de telemóvel, o que, rapidamente, estabelece o seu próprio mercado ilegal (Ver quadro).

- **Valiosas.** Os ladrões escolhem, em geral, as mercadorias mais caras, especialmente, quando furtam propositadamente para as vender. Mas o valor não é definido, simplesmente, em termos do valor de revenda. Assim, quando furtam para o seu próprio uso, os jovens ladrões de lojas selecionam as mercadorias que lhes dão estatuto no seio do seu grupo. Do mesmo modo, os “joyriders” estão mais interessados no desempenho do carro do que no seu valor comercial.
- **Que dão gozo.** Os “produtos quentes” tendem a ser coisas que proporcionam diversão ao tê-las, ou consumi-las, como bebidas alcoólicas, tabaco, e DVDs. Desta forma, os assaltantes de residências são mais propensos a levar aparelhos de DVD e televisores do que aparelhos elétricos ou eletrónicos igualmente valiosos, como fornos de micro-ondas. Isto pode refletir o estilo “amante-do-prazer” de muitos ladrões (e dos seus clientes).
- **Fáceis de serem revendidas.** Só recentemente a pesquisa sistemática começou explorar a relação entre os “produtos quentes” e o mercado de bens furtados, mas é claro que os ladrões tenderão a selecionar as coisas que são de fácil revenda. Isso ajuda a explicar o porquê das pilhas e das lâminas de barbear descartáveis estarem entre os itens que, mais frequentemente, são furtados das drogarias americanas.

### O aumento e a queda dos telefones clonados

Quando os telemóveis se tornaram populares, os criminosos descobriram formas de os clonar, de modo que poderiam usá-los sem pagar as faturas. Utilizaram scanners, perto de aeroportos e hotéis, para capturar os números que cada telemóvel transmitia ao enviar e receber chamadas. De seguida, criavam “clones” dos telefones originais, através da reprogramação dos números furtados. O telemóvel original passava a ser cobrado pelas chamadas feitas pelos clones. Isto tornou-se, rapidamente, um grande negócio. A linha no topo do gráfico mostra que as perdas, com a clonagem, de todas as empresas de telemóveis, aumentaram muito rapidamente a partir de junho de 1992 e até junho de 1996, quando atingiram um total de quase US\$450 milhões, no último semestre. (As perdas correspondem aos custos que as empresas de telecomunicações retiraram das contas dos assinantes cujos telemóveis foram clonados.) Neste ponto, as empresas de telecomunicações começaram a introduzir novas tecnologias, o que tornou muito mais difícil o furto dos números de telemóvel e o uso de clones. Esta medida resultou numa rápida redução da clonagem, até que, por volta de dezembro de 1999, esta prática terminou por completo. Acidentalmente, a segunda forma mais comum de fraudes com telemóveis, a fraude com assinaturas, (Abertura de uma conta com nome e morada falsa), não cresceu muito quando a clonagem foi eliminada, como alguns pessimistas supunham. Isso pode ter ocorrido porque a clonagem era fácil de realizar em massa por criminosos organizados, enquanto a fraude de assinaturas não o é.

*Perdas em dólares por fraude,  
por semestre  
nos Estados Unidos,  
junho 1992 - dezembro 1999*



Fonte: Clarke, Ronald, Rick Kemper and Laura Wyckoff (2001). "Controlling Cell Phone Fraud in the U.S.," *Security Journal*, 14:7-22.

**Leia Mais:**

- Clarke, Ronald (1999). **Hot Products. Police Research Series. Paper 112.** London: Home Office. (Disponível em: [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)).

## 32. REALIZE ESTUDOS DE CASO-CONTROLO

*Ao analisar um problema, é sempre útil perguntarmo-nos: "Porque é que estas pessoas, locais, horários, ou eventos são problemáticos, quando outros semelhantes são muito menos problemáticos?" Responder a esta pergunta exige que comparemos os casos problemáticos com os casos que não são considerados problema.*

*Este tipo de comparação é denominado de "estudo de caso-controlo". Este envolve a comparação entre pessoas, lugares, horários, ou eventos problemáticos com pessoas, lugares, horários, ou eventos que não o são. Os casos problemáticos são chamados de "casos" e os casos a que são comparados são chamados de "controlos".*

*Os dados fornecidos por Susan Wernike, analista criminal do Departamento de Polícia de Shawnee, Kansas, são um exemplo. Para cada bar em Shawnee, ela calculou a taxa de chamadas por cada 100 pessoas, com base numa estimativa. Esse cálculo foi ajustado para bares de diferentes tamanhos (ver Passo 27). A figura mostra os bares, classificados a partir da taxa mais alta para a mais baixa. Um estudo de caso-controlo poderia ser aplicado aqui. Os bares com as taxas mais altas seriam comparados com aqueles com as taxas menores, para se verificar se existiam diferenças sistemáticas na maneira como funcionam, nos comportamentos observados nos bares, e nos tipos de clientes que são atraídos para esses estabelecimentos.*

*Estudos de caso-controlo são muito úteis quando os casos problemáticos são raros em relação aos não problemáticos. Esta é, frequentemente, a situação deparada em termos de resolução-de-problemas.*

*Para realizar um estudo de caso-controlo válido, devemos fazer o seguinte:*

- *Definir os casos de forma precisa.*
- *Escolher uma amostra representativa desses casos.*
- *Definir um grupo de controlos que poderiam ter sido problemáticos, mas que o não são apesar de terem sido expostos a condições semelhantes (por exemplo, no mesmo bairro ou cidade, atendem os mesmos tipos de clientes, etc.)*
- *Escolher uma amostra representativa de controlos.*
- *Comparar as características dos casos com as características dos controlos.*

*As diferenças substanciais indicam as características que podem contribuir para o problema. As semelhanças indicam as características que, provavelmente, não contribuem para o problema. Vamos explorar essas etapas com um exemplo: O simples exemplo dos bares em Shawnee ilustra as primeiras quatro etapas para um número muito pequeno de locais. Podemos, também, examinar um exemplo mais complexo para apontar alguns dos detalhes dos estudos de caso-controlo.*

**Defina os casos de forma precisa.** No início da década de 90, John Eck estava interessado em saber porque razão alguns lugares eram locais persistentes de tráfico de droga e muitos outros, nas redondezas, não eram locais de tráfico. Com a ajuda do Departamento de Polícia de San Diego, na Califórnia, foram referenciados mais de 300 casos de locais de tráfico num bairro daquela cidade. Esses locais foram identificados com base nos telefonemas de moradores, nas medidas de repressão à droga, nos registos dos interrogatórios das ocorrências, na apreensão de drogas e nas observações dos elementos policiais. Para ser classificado como persistente, cada local tinha que ter mais do que uma apreensão de drogas; no número de telefonemas para a polícia, em dias diferentes; ou no cumprimento de vários mandados de busca; ou ser identificado, como tal, por elementos policiais. Uma vez que múltiplos indicadores foram utilizados para a identificação desses locais, seria de esperar que a maioria, dos locais persistentes, fosse referenciada.

**Selecione uma amostra representativa dos casos problemáticos.** Cada quarteirão do bairro com um único local de tráfico era selecionado para estudo. Se havia dois pontos de tráfico no quarteirão, ambos eram selecionados. Se havia mais de dois, eram selecionados dois aleatoriamente. Isto proporcionou uma amostra representativa de 189 pontos. Selecionar todos os casos era outra opção válida, mas isso teria encarecido o estudo. Uma amostra aleatória simples, também, poderia ter sido utilizada, mas não garantiria a cobertura de todos os quarteirões afetados.

**Defina um grupo de controlos que poderiam ter sido problemáticos.** Os controlos eram locais do bairro que não mostravam nenhuma evidência de tráfico de droga. Os lugares próximos eram úteis, porque os vendedores de droga, à procura de um local para o tráfico, os conheceriam. Portanto, os locais próximos estavam expostos aos traficantes, mas não tinham sido escolhidos por eles. Os controlos deveriam ser locais singulares que poderiam ter sido casos mas que, por razões desconhecidas, não se tornaram assim. O objetivo do estudo seria descobrir o porquê disso.

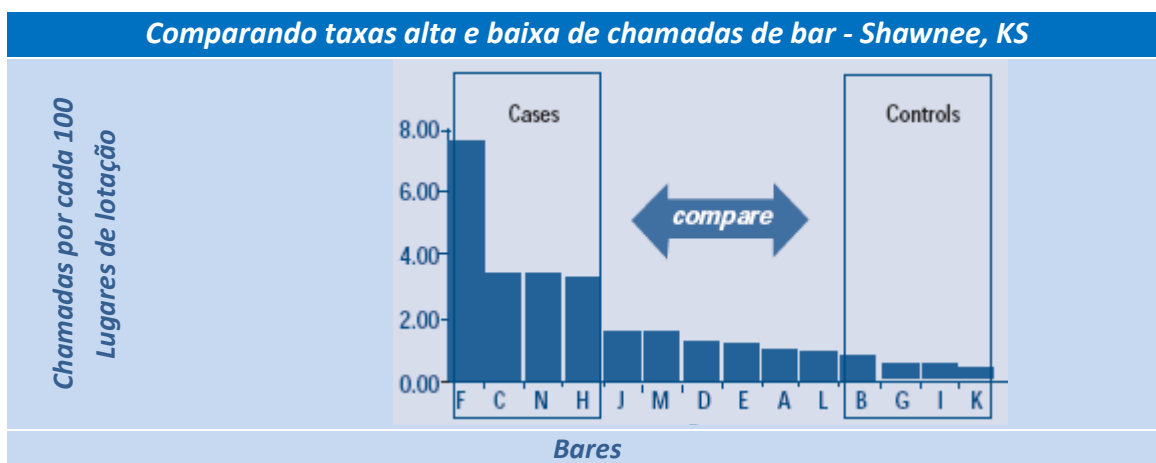
**Selecione uma amostra representativa dos controlos.** Em cada quarteirão, o mesmo número de locais sem tráfico foi selecionado, tal como foi feito para os locais de tráfico. Esses locais foram selecionados aleatoriamente a partir de uma lista de locais, em cada quarteirão, que não tinham indicadores de atividade de tráfico. Selecionar todos os locais sem tráfico teria sido impraticável, pois existiam imensos desses locais. Ao ter a certeza de que os casos e os controlos estavam no mesmo quarteirão, o processo de seleção garantiu que os controlos estavam expostos aos traficantes. A seleção aleatória garantiu-nos que os controlos eram representativos de todos os locais sem tráfico de drogas.

**Compare os casos com os controlos.** Foram enviados observadores para os casos e para os controlos, para recolherem informações sobre esses locais. Isso incluía informações sobre: o tipo de estrutura (a empresa, o edifício de apartamentos, a casa de uma só família, o loteamento vago, etc.); o tipo de rua onde estavam localizados (o número de vias, uma/duas direções, etc.); a distância a que ficava da via rápida mais próxima; os tipos de edifícios em redor; a proximidade da iluminação pública; o número de apartamentos; a presença de vedações e outros meios de segurança; a proximidade de becos e ruelas; e muitos outros fatores. O objetivo era verificar se os pontos de tráfico se diferenciavam, substancialmente, dos locais sem tráfico, em relação a qualquer uma daquelas características. Dois padrões foram encontrados, um para os locais de tráfico de crack e o outro para os locais de venda de

metanfetaminas. Comparado com os controlos, os pontos de crack tinham mais probabilidade de serem encontrados em pequenos prédios de apartamentos com vedações e portões trancados. Comparado com os controlos, os pontos de venda de metanfetaminas tinham mais probabilidade de serem encontrados em casas unifamiliares e próximos a ruelas. A aparente preferência dos traficantes por apartamentos de aluguer em edifícios pequenos (ou edifícios com poucos apartamentos, ou casas unifamiliares) sugeria que eles procuravam locais com baixo nível de gestão do local. Numa experiência posterior, Eck descobriu que intervindo com os proprietários dos imóveis resultava, realmente, na redução dos crimes ligados à droga.

Os estudos de caso-controlo são diferentes de muitos outros estudos e exigem técnicas especiais para se analisar os dados. O Passo 33 descreve uma técnica que é bastante útil.

Esses estudos são muito úteis na análise de problemas. A abordagem é suficientemente flexível para ser aplicada a um pequeno número de locais (como no exemplo de Shawnee) ou a um número muito grande (como o exemplo de San Diego). Embora os exemplos citados se tenham focado em locais, o mesmo processo pode ser aplicado a pessoas, a horários e a ocorrências.



### Não realize um estudo de caso sem controlo

Um erro comum consiste na recolha de dados apenas sobre pessoas, lugares, horários ou ocorrências que são problemáticas. Isto pode resultar em resultados enganadores, pois aprendemos apenas sobre as características comuns entre os casos problemáticos, mas não se eles forem diferentes dos casos sem problemas. Um exemplo disso é um estudo realizado pelo FBI, no início dos anos 90, para compreender os assassinatos de polícias. Os investigadores recolheram informações sobre os agentes mortos em serviço, mas não recolheram informações sobre os agentes que não foram assassinados, mas que estavam expostos a condições semelhantes. Consequentemente, não sabemos quais, se alguma houver, das características dos polícias mortos que contribuíram para a sua morte. Os agentes policiais vivos que foram expostos às mesmas condições podem partilhar muitas dessas mesmas características.

#### Leia Mais:

- Loftin, Colin e David McDowall. (1988). "The Analysis of Case-Control Studies in Criminology." *Journal of Quantitative Criminology* 4:85-98.

### **33. APRENDA COMO AVALIAR AS ASSOCIAÇÕES**

*Será que os parques de estacionamento com porteiro, por exemplo, têm menos furtos de, e em, veículo do que os parques sem porteiro? Será que os edifícios de apartamentos com os gerentes no local têm menos risco de ter tráfico de droga do que aqueles sem a presença dos seus gerentes? Para responder a essas perguntas vamos precisar determinar se existe uma associação estatística entre algumas características das pessoas, dos lugares, ou das ocorrências e alguma contabilização do problema (quantos crimes, ferimentos, etc.)*

*Há muitas formas de se calcular as associações. Frequentemente, um coeficiente de correlação é utilizado. Os coeficientes de correlação estendem-se de -1 a 1. Uma correlação negativa significa que um aumento numa característica está associado com o declínio noutra (e um declínio numa está associado com um aumento noutra). A correlação positiva significa que um aumento numa característica está associada a um aumento noutra (e um declínio numa está associado com um declínio noutra). Grandes coeficientes significam fortes associações (positiva ou negativa). Se um coeficiente de correlação é quase nulo, não há associação – a mudança numa característica não está relacionada com mudanças na outra. Qualquer folha de cálculo ou programa de análise estatística pode realizar os cálculos.*

*A Unidade de Análise Criminal do Departamento do Xerife de Jacksonville - Duval County (FL) examinou complexos de apartamentos em 50 unidades. Eles descobriram que, para os 269 apartamentos, a correlação entre o número de unidades e o número de crimes era de cerca de 0,57: uma modesta correlação positiva. Há uma elevada correlação positiva (0,91) entre o número de crimes contra a propriedade e o número de crimes violentos nesses complexos de apartamentos.*

*Não podemos utilizar um coeficiente de correlação para medir a associação num estudo de caso-controlo (Passo 32). Ao invés disso, devemos utilizar odds ratio.*

*Os odds ratio (razões hipotéticas) pode ser qualquer número maior que zero. Quando o valor do odds ratio é igual a um, não existe nenhuma associação entre as características e os resultados. Ou seja, o risco do resultado é o mesmo, esteja a característica presente ou não. Se o odds ratio está entre 0 e 1, o risco é maior quando a característica está ausente do que quando ela está presente (uma associação negativa). Odds ratio igual a 0,1 indica que o risco do resultado, quando a característica está presente, é um décimo daquele quando a característica está ausente. Se o valor do odds ratio é superior a 1, o risco é maior quando a característica está presente do que quando ela está ausente (uma associação positiva). Odds ratio igual a 3 significa que o risco do resultado é três vezes maior quando a característica está presente do que quando ela está ausente.*

*Para usar odds ratio, tanto o resultado quanto a característica devem ter apenas dois valores. Por exemplo, para o resultado, 1 significa que um bar é um local com um número alto de crime e 0 significa que é um bar com um número baixo de crime. Para a característica, 1 significa que*

*os funcionários foram instruídos a prevenirem agressões e 0 significa que os funcionários não foram tão bem instruídos. O cálculo do odds ratio dirá se há uma associação entre os bares que têm pessoal treinado a prevenir agressões e um bar onde ocorre muito crime. Aqui esperaríamos uma associação negativa, de modo que o odds ratio teria que ser inferior a 1 para satisfazer as nossas expectativas.*

*A tabela 1 mostra a forma de se calcular o odds ratio. O resultado está na linha e a característica na coluna. O número de casos com o valor apropriado para ambos, resultado e característica, encontra-se nas células. A célula A contém o número de casos que têm a característica em questão. A célula C contém o número de casos sem a característica. A célula B contém o número de controlos que têm a característica. A célula D contém o número de controlos sem a característica. O odds ratio pode ser calculado com uma calculadora utilizando-se a fórmula na parte inferior da tabela, mas muitos pacotes de softwares de estatística também fazem o mesmo cálculo.*

*A Tabela 2 ilustra a aplicação do odds ratio num estudo de caso-controlo de locais de tráfico de droga, em San Diego (ver Passo 32). O resultado é tráfico persistente de cocaína ou heroína. Havia 58 edifícios de apartamentos, no estudo, que tinham indicadores de tráfico persistente (casos). Havia, também, 47 apartamentos, no estudo, que não mostravam qualquer indicação de tráfico de droga (controlos). Será que a presença de portões fechados, ou abertos, ou gerentes no local, influencia na escolha do local por um traficante de droga? Quando os apartamentos com portões destrancados foram comparados com os trancados, ou sem portões, a razão hipotética foi maior do que 1, mas isso não foi, significativamente, diferente de 1 (Veja Passo 53), portanto, não podemos excluir a possibilidade de que não exista qualquer relação entre portões destrancados e tráfico de drogas (lembre-se, quando a razão hipotética é igual a 1, não há associação). A associação entre os portões fechados e o tráfico de droga é, significativamente, positiva. Edifícios com portões trancados eram quase três vezes e meia mais suscetíveis à presença do tráfico de cocaína, ou heroína, do que outros edifícios de apartamentos. Edifícios com gerentes no local eram cerca de três décimos mais suscetíveis a tornarem-se pontos de tráfico do que os apartamentos sem gerentes.*

*Esta é uma associação negativa, estatisticamente, significativa. Mas lembre-se, a correlação não é o mesmo que causalidade. A correlação sugere que a característica em questão poderia ser uma causa contributiva mas, por si só, a correlação é insuficiente para demonstrar a causalidade.*



**Tabela 1: Cálculo de Odds Ratio**

<b>Resultado</b>	<b>Característica</b>		
	<b>Sim (1)</b>	<b>Nenhum (0)</b>	<b>Total</b>
<b>Sim (1) - Casos</b>	<b>A</b>	<b>C</b>	<b>A+C</b>
<b>Não (0) - Controlos</b>	<b>B</b>	<b>D</b>	<b>B+D</b>
<b>Odds Ratio = (A / B) / (C / D) = (A * D) / (C * B)</b>			

**Tabela 2: Segurança do Edifício de Apartamento e Tráfico de Drogas**

	<b>Portões Destrancados</b>	<b>Destrancados ou sem Portões</b>	<b>Odds Ratio</b>
<b>Tráfico</b>	<b>16</b>	<b>42</b>	<b>1,857</b>
<b>Sem tráfico</b>	<b>8</b>	<b>39</b>	
	<b>Portões trancados</b>	<b>Destrancados ou sem Portões</b>	<b>Odds Ratio</b>
<b>Tráfico</b>	<b>33</b>	<b>25</b>	<b>3,452</b>
<b>Sem tráfico</b>	<b>13</b>	<b>34</b>	
	<b>Gerente no Local</b>	<b>Sem Gerente</b>	<b>Odds Ratio</b>
<b>Tráfico</b>	<b>14</b>	<b>44</b>	<b>0,305</b>
<b>Sem tráfico</b>	<b>24</b>	<b>23</b>	

### 34. PROCURE OS FACILITADORES DO CRIME

Os “facilitadores do crime” ajudam os criminosos a cometerem delitos ou atos de desordem. Existem três tipos de facilitadores:

- **Facilitadores físicos:** são coisas que aumentam a habilidade dos criminosos, ou os ajudam a ultrapassar as medidas preventivas. Por exemplo, os camiões aumentam a capacidade dos ladrões para transportarem bens furtados; os telefones permitem que as pessoas façam telefonemas obscenos; e as armas permitem-lhes superar a resistência aos roubos. Alguns facilitadores físicos são ferramentas, mas outros são parte do ambiente físico. Felson e os seus colaboradores descrevem como a antiga fachada do terminal de transportes públicos de passageiros de Port Authority, em Nova York, facilitou o cometimento de uma variedade de crimes. Alguns tipos de crimes estavam associados a nichos específicos, criados pela diversidade das características de conceção da antiga estação.
- **Facilitadores sociais:** estimulam o crime ou as desordens reforçando as recompensas obtidas com os ilícitos, legitimando as justificações para prática do crime, ou incentivando o crime. Os grupos de homens mais jovens, por exemplo, podem proporcionar a atmosfera social que leva aos comportamentos desordeiros nos eventos desportivos. Os gangues e as redes criminosas organizadas facilitam a atividade criminosa através dos seus membros.
- **Facilitadores químicos:** aumentam a propensão dos criminosos para ignorarem os riscos ou as proibições morais. Alguns delinquentes tomam bebidas alcoólicas, ou usam drogas, antes de um crime, a fim de diminuir o seu nervosismo.

Cada tipo de facilitador age contra formas específicas de prevenção situacional do crime (Passos 39-43). Isso é mostrado na tabela. Cada facilitador (nas colunas) pode opor-se a métodos de prevenção específicos (marcados por pontos). Os facilitadores físicos ajudam os infratores a superar as medidas preventivas que aumentam o risco ou o esforço. Podem, também, atuar como estímulo para os comportamentos desviantes. Os facilitadores sociais podem compensar cada um dos métodos de prevenção. Os subornos, por exemplo, compensam os riscos. Alguns crimes exigem vários criminosos para compensar o esforço. As percepções de desejo pelo alvo são, frequentemente, influenciadas por aquilo que é desejado por outros. O que é uma desculpa aceitável depende, muitas vezes, do que os outros irão aceitar. E os colegas podem provocar o crime ou a desordem, através de incentivos. Os facilitadores químicos permitem que criminosos ignorem os riscos e os esforços envolvidos na execução de um crime, e o justifiquem de forma aceitável, para si próprios.

Devido à sua capacidade de enfraquecer a prevenção criminal, é importante identificar o papel dos facilitadores num determinado problema. Os indícios de facilitadores podem ser encontrados em relatórios de investigação e junto dos investigadores, através de entrevistas com as vítimas e os criminosos, e com a observação de situações sociais. A análise de relatórios criminais pode ser utilizada para determinar a associação entre os crimes e os diversos

facilitadores. Se estes, realmente, influenciam o problema, então, o próximo passo é encontrar as suas fontes. As fontes irão, evidentemente, variar em função do tipo de facilitador. Os facilitadores físicos podem ser, imediatamente, evidentes, como é o caso de pedras para os desordeiros, ou os telefones públicos para os traficantes. Ou podem ser adquiridos legalmente, como é o caso de muitas ferramentas usadas em arrombamentos de residências. Ou podem ser furtados, como é, muitas vezes, o caso dos veículos utilizados em crimes mais graves. Encontradas as suas origens, é possível fazer algo em relação a eles. Os quadros mostram as medidas tomadas para se lidar com o uso de telefones públicos no tráfico de drogas e com os ambientes facilitadores próximos dos caixas multibanco.

<b>Facilitadores utilizados pelos criminosos</b>			
<b>Para vencerem os métodos de prevenção criminal</b>			
<b>Método de Prevenção de Crime</b>	<b>Tipo de Facilitador Utilizado</b>		
	<b>Físico</b>	<b>Social</b>	<b>Químico</b>
<b>Aumento do risco</b>	*	*	*
<b>Aumento do esforço</b>	*	*	*
<b>Redução das recompensas</b>		*	
<b>Remoção das justificações</b>		*	*
<b>Redução das provocações</b>	*	*	

**Medidas para prevenir o uso de telefones públicos**  
**Por traficantes nas cidades americanas**

Antes dos telemóveis se tornarem amplamente disponíveis, os traficantes, quase sempre, utilizavam os telefones públicos para fazerem contatos com os seus fornecedores e clientes. Muitas formas de detê-los foram experimentadas, incluindo:

- **Posturas Municipais para licenciar e proibir os telefones públicos, ou para limitar o seu número em locais específicos, ou em certos tipos de locais.**
- **A instalação de dispositivos de marcação dos números que não permitia a realização de chamadas para "pagers".**
- **A alteração dos telefones para bloquear o recebimento de chamadas.**
- **A pressão da comunidade sobre as companhias de telefones locais, ou sobre as autarquias, para remover telefones públicos ou deslocá-los para áreas melhor iluminadas ou supervisionadas.**
- **A permissão, apenas, de chamadas através de telefonistas, ou chamadas de emergência durante a noite, com o bloqueio das operações com moedas (ou cartões).**
- **A remoção ou alteração de telefones públicos pelas empresas, como as lojas de conveniência e as bombas de gasolina.**
- **Outros tipos de intervenção, como o aumento das patrulhas policiais, avisos com advertências colados nos telefones, e "linhas diretas" para denúncias.**

**Fonte: Natarajan, Mangai and colleagues (1996). "Drug Dealing and Pay Phones: The Scope for Intervention." Security Journal 7: 245-251**

Os facilitadores sociais dependem, bastante, das pessoas com quem os criminosos se associam e as condições existentes para a associação. Os estabelecimentos de risco (Passo 28), por

exemplo, podem possibilitar condições para os facilitadores sociais. Os gangues fornecem o apoio social para a prática de crimes. Mas, mesmo as atividades legais podem, ocasionalmente, estimular a facilitação social, tais como a violência politicamente motivada, ou as desordens de estudantes universitários, após as partidas de jogos contra rivais históricos.

Os facilitadores químicos são abundantes e, frequentemente, associados ao crime e à desordem. O álcool é, especificamente, considerado como um facilitador. Diversas misturas de facilitadores são comuns, especialmente entre os químicos e os sociais em locais de diversão. Várias das 25 técnicas de prevenção situacional do crime foram criadas para reduzir o efeito dos três tipos de facilitadores de crime (Passos 39-43).

<b>Provisões de segurança para caixas multibanco Em Nova York e Los Angeles</b>		
	<b>Nova York</b>	<b>Los Angeles</b>
<b>Caixa multibanco fechado dentro de cabine protegida</b>	✓	
<b>Aumento da iluminação</b>	✓	✓
<b>Janelas transparentes na cabine do estabelecimento.</b>		
<b>Espelhos elevados para os utentes</b>	✓	
<b>Quantidade de plantas perto de máquina</b>		✓
<b>Câmaras de vigilância</b>	✓	➤
<b>Lembretes de Segurança para os utentes</b>	✓	✓
<b>Avisos de provisões de segurança aos potenciais criminosos</b>	✓	✓
<b>Avaliação do crime antes da instalação dos caixas multibanco</b>		✓
<b>Funcionários de Segurança</b>	✓ *	
<b>Redução do tempo de operação dos caixas multibanco baseado no padrão temporal da criminalidade da área</b>		➤
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Exigido pela legislação</li> <li>➤ Não é exigido pela legislação, mas é, comumente, implementado de acordo com os critérios do banco.</li> <li>* Obrigatório, apenas, durante os horários de não funcionamento do banco para os caixas multibanco localizados dentro dos bancos abertos para o uso dos clientes.</li> </ul>		
<p>Fonte: Guerette, Rob e Ronald Clarke (2003). "Product Life Cycles and Crime Automated Teller Machines and Robbery." <i>Security Journal</i> 16: 7-18.</p>		

### 35. ENTENDA O CRIME DO COMEÇO AO FIM

*Pensamos no crime como algo que acontece rapidamente. Leva apenas alguns segundos para se arrancar o colar a alguém na rua, a furtar algo do bolso de uma pessoa, ou a arrombar a porta de um carro. E são raros os ladrões que procuram cada um dos esconderijos possíveis. Em vez disso, eles tentam sair do local logo que encontraram algo que valha a pena furtar – normalmente, em poucos minutos, após entrarem numa residência. Apanhar um colar ou arrombar uma casa é, na verdade, apenas uma etapa de uma série de passos necessários para completar cada um desses crimes.*

*Devemos tentar compreender a sequência dos passos envolvidos no nosso problema. Há várias abordagens que podemos seguir:*

- *Leslie Kennedy da Rutgers University e Vincent Sacco separam os passos em **precursores**, **operações** e **consequências**, tendo publicado um livro de criminologia - *The Criminal Event* - organizado em torno dessas três etapas.*
- *William Haddon desenvolveu uma classificação similar para ajudar a pensar sobre a prevenção de acidentes rodoviários. Ele divide as ações preventivas em **pré-colisão**, **colisão** e **pós-colisão**.*
- *Derek Cornish utiliza o conceito de “**crime scripts**” (guiões criminais) para orientar a análise. A ideia subjacente é a de que uma determinada categoria de crime exige um conjunto de ações a serem executadas por uma determinada ordem, tal como num guião de uma peça de teatro. As cenas são as várias etapas sequenciais do crime; o elenco é composto pelos criminosos, pelas vítimas e pelos observadores; e os adereços são as ferramentas utilizadas.*

*Seja qual for a abordagem que usemos, devemos tentar listar a sequência de passos que o criminoso deve seguir para consumir o crime. A tabela abaixo é uma representação simplificada de Cornish sobre os vários passos que os “joyriders” devem completar, mostrando que o ato específico que consideramos ser o crime (neste caso, apropriar-se da viatura) é precedido pela preparação, seguido da fuga e da diversão com as consequências do ilícito. Isto chama-nos à atenção para a razão de se analisar os crimes de forma cuidadosa: passo-a-passo. Compreender, claramente, a sequência das ações necessárias para a conclusão bem sucedida do crime revelará muito mais pontos para intervenção. Ou seja, isto ampliará a escolha de respostas que podemos ter em consideração no nosso projeto. A última coluna da tabela lista as possíveis respostas, introduzidas por cada etapa do “joyriding”.*

<b>Passos do “joyriding” e respostas associadas</b>		
<b>Etapas</b>	<b>Passos</b>	<b>Respostas</b>
<b>Preparação</b>	<i>Obter ferramentas (por exemplo, chaves-de-fenda, chaves duplicadas, martelo, tubo de aço). Seleção do co-autor.</i>	<i>Controlar as vendas de equipamentos como scanners manuais e chaves duplicadas</i>
<b>Entrando em cena</b>	<i>Entrar no estacionamento</i>	<i>Barreiras nos estacionamentos; funcionários no local; poucas entradas.</i>
<b>Possibilitando as condições</b>	<i>Caminhar dentro do estacionamento sem nenhum impedimento</i>	<i>CFTV e / ou rondas regulares para dissuadir delinquentes.</i>
<b>Selecionando o Alvo</b>	<i>Rejeitar carros com alarme. Escolher o veículo adequado.</i>	<i>Proteção visível dos veículos atrativos.</i>
<b>Completando o Furto</b>	<i>Entrar no carro (usar chaves duplicadas, chave-de-fenda). Quebrar fechadura de ignição (com o tubo ou martelo). Ignição com os fios e ligar o carro.</i>	<i>CFTV para monitorizar comportamentos suspeitos; melhorar a vigilância natural do local; alarme de veículo para alertar a segurança; imobilizador de veículo.</i>
<b>Saindo da cena</b>	<i>Sair do estacionamento.</i>	<i>Vigilantes do parque ou barreiras na saída.</i>
<b>Depois do crime</b>	<i>Usar o carro para “joyriding.” Abandonar o carro num local deserto. Incendiar o carro.</i>	<i>Sistema de monitorização dos veículos ativados; programa de toque de recolher; vigilância dos possíveis locais de abandono das viaturas.</i>
<i>Fonte: Cornish, Derek (1994). "The Procedural Analysis of Offending and its Relevance for Situational Prevention." Crime Prevention Studies, volume 3. Monsey, NY: Criminal Justice Press</i>		

O “Joyriding” é um dos crimes mais simples, mas podemos seguir o mesmo processo de desmontagem do crime, nos passos que o constituem, para os crimes muito mais complexos. Por exemplo, os tumultos (incluindo os motins). Clark McPhail, um líder especialista em multidões, criou um processo de três passos para analisar todo o tipo de aglomerações: o **processo de reunião**, o **grupo reunido**, e o **processo de dispersão**. Tamara Madensen, estudante de pós-graduação da Universidade de Cincinnati, acrescentou dois passos preliminares: o **planeamento inicial** e a **preparação pré-reunião**. A polícia pode difundir avisos, sobre a organização de grandes festas com bebidas, que antecipem o planeamento inicial. Para evitar fogueiras, o lixo, facilmente inflamável, deve ser removido durante os preparativos pré-reunião. A polícia pode constituir um comité de receção para cumprimentar os estudantes que chegam para incentivar ao bom comportamento durante o processo de reunião. Quando a multidão está reunida, a polícia pode monitorizar os comportamentos e intervir se ocorrer problemas. Durante o processo de dispersão, a polícia deve-se assegurar que a multidão se dilua de forma rápida e pacificamente.

## Prevenindo as mortes de imigrantes ilegais

*Num uso de prevenção situacional do crime, fora do comum, Rob Guerette da Universidade Internacional da Flórida, elaborou um estudo cuidadoso, para a Patrulha de Fronteira dos EUA, a respeito das circunstâncias sob as quais os imigrantes clandestinos costumam morrer ao atravessar a fronteira E.U.A – México. Em cada ano, cerca de 300 imigrantes morrem em circunstâncias trágicas – por exemplo, por afogamento em canais e rios, por exposição ao calor em regiões desérticas, ou em acidentes de carro. Traçando os passos que os imigrantes ilegais dão ao atravessarem a fronteira, e tentando compreender as circunstâncias que levam à perda de vidas, Guerette propôs uma série de sugestões para salvar vidas. Ele classificou-as numa tabela de duas vias:*

- *No topo da tabela, seguiu o método de William Haddon e classificou as sugestões preventivas naquelas que foram usadas antes, durante e após a situação de risco de morte.*

- *Na parte de baixo da tabela, seguiu o triângulo de crime e classificou as medidas, consoante eram destinadas (1) ao imigrante ou à "vítima", (2) ao "coiote", que é contratado pelos imigrantes para os levar, com segurança, para o outro lado da fronteira (o "criminoso"), e (3) ao "lugar" ou ambiente, ou seja, o deserto, rios, áreas urbanas, etc.*

*Algumas destas sugestões eram extensões, ou melhorias, de medidas já em vigor, mas outras eram novidade, o que demonstra o valor da sua abordagem. Muitas das sugestões são auto explicativas, porém mais conhecimento prévio é necessário para se compreender algumas delas (a numeração segue a tabela):*

1. *A sua pesquisa mostrou que, proporcionalmente, morrem mais mulheres do que homens de exposição ao calor.*
2. *Os imigrantes, tipicamente, reúnem-se em cidades próximas à fronteira com o México, onde contatam com os "coiotes".*
3. *Quando os agentes de busca e salvamento são enviados para fazerem um salvamento, Guerette descobriu que os imigrantes têm mais probabilidades de sobreviverem do que quando os agentes normais da Patrulha de Fronteira são enviados.*
4. *Para impedir as tentativas imediatas de cruzarem novamente o deserto, nos meses mais quentes, os imigrantes detidos nessa época, no deserto do Arizona, foram repatriados lateralmente, em 2003, para cidades do México perto da fronteira com o Texas. Esta experiência foi eficaz no salvamento de vidas.*
5. *Em 2004, as autoridades mexicanas concordaram em aceitar repatriamentos do Arizona para destinos no interior do México.*
6. *Os motoristas no Arizona, comumente, veem pequenos bandos de imigrantes ilegais a tentar cruzar o deserto na época mais quente. Na procura em os auxiliar a salvar vidas foi feita uma campanha de divulgação da linha direta do número 1-800 para denunciarem os seus avistamentos.*
7. *Os agentes da Patrulha da Fronteira no Arizona relataram a Guerette que, muitas vezes, tinham grande dificuldade em localizar um imigrante denunciado.*

<b>Risco de Morte</b>			
	<i>Antes da ocorrência</i>	<i>Durante a ocorrência</i>	<i>Após a ocorrência</i>
<b>Imigrante</b>	<p><b>1. Informar as mulheres imigrantes sobre os perigos da travessia do deserto.</b></p> <p><b>2. Implementar um sistema de alerta das condições perigosas.</b></p>	<p><b>3. Distribuir instruções nas cidades de maior concentração de imigrantes para os casos de perigo.</b></p> <p><b>4. Expandir a capacidade de busca e salvamento da Patrulha da Fronteira</b></p>	<p><b>5. Repatriamento lateral.</b></p> <p><b>6. Repatriamento interior.</b></p>
<b>“Coioote”</b>	<p><b>7. Implementar um sistema de alerta das condições perigosas.</b></p> <p><b>8. Avisar os “coiotes” sobre as ações penais em caso de mortes de imigrantes.</b></p>	<p><b>9. Focalização nas detenções dos “coiotes”.</b></p>	<p><b>10. Criar uma força-tarefa para perseguir os “coiotes” quando ocorrem mortes.</b></p>
<b>Ambiente</b>	<p><b>11. Focalizar nos períodos e nas áreas problemáticos.</b></p> <p><b>12. Erguer barricadas em pontos de travessia perigosos.</b></p> <p><b>13. Colocar placas visíveis nas áreas de risco.</b></p>	<p><b>14. Campanha publicitária "Salve uma vida/Denuncie os imigrantes"</b></p> <p><b>15. Indicadores no deserto.</b></p>	<p><b>16. Rever os dados continuamente para detetar novos padrões de perigo</b></p>



### 36. CERTIFIQUE-SE QUE RESPONDEU ÀS PERGUNTAS DOS 5 “W” (e um “H”)

Ao completar a nossa análise, usando os conceitos referidos nos passos anteriores, devemos indagar se a mesma satisfaz o teste de uma boa história de jornal. Será que ela responde adequadamente às seis perguntas seguintes: **what** (o quê), **where** (onde), **when** (quando), **who** (quem), **why** (por quê), e **how** (como)?

Essas perguntas estruturam o método de análise criminal de Barry Poyner que divide um grande problema em vários pequenos problemas, ou seja, nas partes que o constituem. Por exemplo, quando o Home Office lhe pediu para estudar os "assaltos na via pública" nos centros de Coventry e Birmingham, na Inglaterra, ele constatou que a polícia classificava esses assaltos como furtos e roubos contra pessoas, mas acabou por descobrir que, a maioria dos incidentes, se encaixavam numa série de problemas bastante diferentes:

- Furtos em barracas de rua.
- Roubo a bêbados.
- Dinheiro roubado quando era retirado do banco.
- Furto por esticção de bolsas a mulheres.
- Carteiras/dinheiro roubado das mãos da vítima após manobras verbais.
- Furto por esticção de sacos de compras.
- Furto de carteirista em paragens de transportes públicos.

Esta caracterização foi muito mais significativa do que "assaltos na via pública", e foi um primeiro passo, importante, para a compreensão das ocorrências. Poyner, então, começou a sua classificação a partir dos relatórios de incidentes (participações das ocorrências), tentando retratar cada problema o que o ajudaria a encontrar uma resposta.

As participações das ocorrências variam bastante em termos das informações registadas, especialmente quando a vítima não está presente e não há testemunhas. No entanto, Poyner tentou juntar as partes dos relatórios para obter um retrato específico de cada problema (Veja o quadro). Para cada incidente ele tentou descobrir:

- **O QUE foi que ocorreu?** Isto envolve discriminar, claramente, a sequência dos acontecimentos e as ações das pessoas envolvidas (Passo 35).
- **ONDE ocorreu?** Às vezes, a sequência dos acontecimentos ocorrem em vários locais. Por exemplo, um carro pode ser furtado num estacionamento, seguindo-se a sua transferência para uma garagem para a remoção de peças valiosas e, em seguida, enterrado em pedaços num terreno baldio. Poderemos dispor, apenas, de informações sobre o primeiro e o último local. Uma visita a esses locais poderá ajudar a explicar porque razão o criminoso os escolheu.
- **QUANDO ocorreu?** Os chefes de família ou os proprietários de uma viatura saberão, apenas, que o carro lhes foi furtado, ou a casa assaltada "em hora indeterminada durante o fim-de-

*semana". No entanto, em muitos crimes contra as pessoas, a vítima será capaz de relatar, com precisão, quando o crime ocorreu, o que nos poderá permitir inferir sobre questões como, se as ruas estavam desertas.*

- **QUEM esteve envolvido?** *Haverá sempre, pelo menos, um criminoso; pode haver uma ou mais vítimas, mesmo que elas não tenham tido contato direto com o autor do crime; pode haver testemunhas e terceiros envolvidos. As declarações registadas na polícia, feitas por testemunhas e vítimas, podem proporcionar muita informação útil mas, algumas vezes, poderá ser importante questionarmos por amostragem, a respeito da ocorrência.*

- **PORQUE é que agiram dessa forma?** *É importante entendermos as vantagens específicas, para o criminoso, de um determinado tipo de crime. Em muitos casos de furto, o motivo é evidente, mas para alguns crimes contra as pessoas, e para o vandalismo, as razões podem surgir, apenas, durante as entrevistas com os criminosos (Passo 10). Igualmente importante, para a prevenção, pode ser a compreensão das razões que levam as vítimas e as testemunhas a se comportarem de uma certa forma, e responder a perguntas como "Porque razão algumas vítimas respondem, defendendo-se, aos ataques do agressor?" " e "Porque razão, muitas vezes, as testemunhas não intervêm?"*

- **COMO foi que o criminoso consumou o crime?** *Pode-se pensar no crime como um processo, com várias etapas do início à sua conclusão, ao invés de um ato circunscrito que ocorre numa altura temporal específica. Em cada etapa, o criminoso toma decisões: talvez venha a precisar de agir em parceria com outros, e poderá ter de utilizar ferramentas ou conhecimentos específicos. Esta é a ideia essencial da abordagem "crime scripts" de Cornish, referida no Passo 35. Pode ser que, nem sempre, seja possível desenvolver guiões detalhados, mas a análise dever-nos-á dar uma imagem clara de como o crime foi realizado.*

*A análise feita por Poyner ao ato de furtar carteiras, nas paragens dos autocarros, ilustra esta abordagem. Ele conseguiu fazer uma descrição detalhada do crime complementando o incidente, incompleto, com observações sobre como as filas de espera dos autocarros se processavam. Descobriu que a maior incidência deste crime ocorria na hora de ponta da tarde, em especial às sextas-feiras, quando as filas eram mais longas. Grupos de três ou quatro jovens ficavam perto das filas, olhando para as montras das lojas em redor, para não levantarem suspeitas, enquanto, ao mesmo tempo, observavam as potenciais vítimas. Estas eram, invariavelmente, homens de meia-idade, ou mais velhos, que mantinham as suas carteiras no bolso de trás das calças. (os homens mais jovens usavam calças mais justas e não tinham as suas carteiras nos bolsos de trás).*

*Quando as vítimas começavam a entrar nos autocarros, que utilizavam dinheiro para o pagamento, os jovens dirigiam-se à frente da fila, saltavam sobre a plataforma de embarque do autocarro e empurravam os passageiros e faziam algumas perguntas irrelevantes ao motorista sobre o destino do transporte. Entretanto, um dos jovens furtava a carteira do bolso da vítima. A vítima irritava-se por ter sido empurrada e não percebia o que lhe estava a acontecer. O motorista repreendia os jovens mandando-os descer do autocarro, ao mesmo*

tempo que os outros passageiros reclamavam. Os jovens, então, desciam do autocarro e desapareciam no meio da multidão, sem nunca se conseguir identificá-los ou detê-los, e a vítima só descobria depois de a sua carteira ter desaparecido.

Esta análise sugere quatro respostas possíveis:

- Ao invés de pagar com dinheiro, os bilhetes podem ser vendidos antecipadamente para utilização nas paragens do autocarro.
- As paragens de autocarro podem ser recolocadas longe das principais calçadas e organizadas em plataformas, como numa estação rodoviária. Isto tornaria difícil aos infratores ficarem à espreita.
- A conceção da cabine da paragem do autocarro pode ser modificada para poder separar as linhas de espera, de modo a que os criminosos não possam identificar, antecipadamente, as suas potenciais vítimas.
- A construção de barreiras físicas, para organizar as filas na paragem de embarque e para impedir que os ladrões possam saltar para dentro da plataforma do autocarro.

É de referir que todas estas soluções estão fora das atribuições normais da polícia. Os elementos policiais, raramente, consideram que seu papel envolva, por exemplo, o replaneamento das paragens de autocarros de passageiros. Mas, como analista criminal solucionador-de-problemas, a nossa missão consiste em contribuir para reduzir o crime, e podemos ter que necessitar de persuadir os nossos colegas policiais de que, num sentido mais amplo, tal tarefa também é sua.

### **Trabalhando como um arqueólogo**

*"Existe uma outra vantagem em se combinar os incidentes. Nalguns casos, pode-se ter muito menos detalhes do que noutros casos mas, por outro lado, os fatos que deles conhecemos são os mesmos. Pode ser possível reconstruir os dados ausentes, nestes incidentes menos bem detalhados, da mesma forma como um arqueólogo reconstrói a cerâmica quebrada encontrada numa escavação. Ele poderá ter apenas alguns pedaços do vaso quebrado mas, com o conhecimento que tem sobre outros vasos semelhantes, ele pode ter a certeza quanto à forma total do vaso. Esta abordagem é bastante útil quando, por exemplo, há algumas explicações detalhadas sobre o que os criminosos fizeram nos poucos casos em que foram detidos. Parece lógico crer que um comportamento semelhante ocorreu em crimes semelhantes, embora os infratores não tenham sido detidos".*

*Fonte: Poyner, Barry (1986). "A Model for Action." Situational Crime Prevention, Gloria Laycock and Kevin Heal. London: Her Majesty's Stationery Office.*

### 37. RECONHEÇA QUE ERRAR É HUMANO

A prevenção criminal, frequentemente, envolve a previsão. Será que os criminosos, associados ao problema, continuarão com as suas atividades criminais? As vítimas recentes tornar-se-ão vítimas, de novo, num futuro próximo? Será que os “hot-spots” continuarão a ser “hot-spots”? Embora o comportamento passado possa ser o melhor indicador do comportamento futuro, ele não é um indicador perfeito.

Os exemplos acima tratam de prever o futuro. Mas, também, tentamos sondar o desconhecido de outras maneiras, incluindo nas nossas respostas aos problemas. O examinador do polígrafo tenta avaliar se o indivíduo está a mentir ou não. Os exames anti-doping são utilizados para determinar se as pessoas usaram drogas ilícitas, recentemente. Os detetores de metal e os dispositivos de rastreio de bagagens, nos aeroportos, são utilizados para determinar se os passageiros trazem armas, consigo ou na sua bagagem. Em todos estes exemplos quem examina está a tentar tirar conclusões acerca de uma condição desconhecida. E, assim como as previsões do futuro, o examinador poderá dar uma avaliação que é exata ou inexata. Por conseguinte, é muito importante compreender a forma como as previsões, e outros tipos de julgamento, podem falhar.

Uma forma útil de analisar os erros de previsão e de julgamento é comparando a previsão com o que realmente acontece. As colunas da tabela 1 mostram duas possíveis previsões: Sim, o resultado vai ocorrer e; Não, o Resultado não irá ocorrer. As linhas mostram dois resultados reais: Sim, o resultado ocorreu e; Não, o resultado não ocorreu.

<b>Resultado atual</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
<b>SIM</b>	<b>A. Exatos Verdadeiros Positivos</b>	<b>B. Falsos Negativos</b>
<b>NÃO</b>	<b>C. Falsos positivos</b>	<b>D. Exatos Verdadeiros Negativos</b>
<b>Taxa de exatidão</b>	$(A + D) / (A + B + C + D)$	
<b>Taxa de falso negativo</b>	$B / (A + B + C + D)$	
<b>Taxa de falso positivo</b>	$C / (A + B + C + D)$	

Imagine um grande número de previsões. Quando uma previsão corresponde à realidade, então, ela é exata. As células A e D contêm somas das previsões exatas. Pode-se calcular uma taxa de precisão acrescentando o número de previsões que se enquadram nessas duas categorias e dividindo por todas as previsões feitas.

Nas células B e C, quando a pessoa que toma a decisão acredita que o resultado não vai ocorrer, mas o resultado acontece, então, irá para a célula B. Isto é chamado de Falso Positivo. Os casos na célula C representam situações nas quais quem tomou a decisão previu que o resultado iria ocorrer, mas este não ocorreu. Estes são os Falsos Negativos. Pode-se calcular taxas de erro para ambos os tipos, dividindo-se o número de previsões, em cada célula, pelo número total de previsões.

*Vejamos um exemplo hipotético. Para diminuir o crime em habitações de aluguer, um departamento de polícia facilita e incentiva os proprietários a realizarem uma investigação aos antecedentes criminais dos potenciais inquilinos. Aqueles com histórico recente de comportamento criminoso não são aceites. Tal política implica uma previsão de que as pessoas com histórico recente de envolvimento criminoso continuarão envolvidas no crime local, ou nas áreas próximas à propriedade alugada, e que as pessoas sem tais antecedentes não se envolverão nesse tipo de comportamento.*

*Mesmo os defensores de tal política iriam concordar que tais previsões não são perfeitas, mas seria útil saber duas coisas: Primeiro, “Tal política reduz os crimes em propriedade de aluguer?” Uma avaliação poderia responder a esta pergunta. Mas, mesmo que ela reduza o crime, “Quais são as consequências negativas?” Para responder a essa questão é necessária uma análise da previsão dos erros.*

*Se foi possível recolher os dados relevantes, é possível, também, criar uma tabela como a Tabela 2. Vemos que as previsões da política são precisas. Mas, “Como reagir com os erros?” “Deve-se fazer algo em relação às pessoas sem antecedentes criminais mas que cometem crimes?” “Há antigos criminosos que não estão envolvidos em comportamentos criminosos tendo-lhes sido negado o alojamento?”*

<b>Tabela 2: Exemplo de Análise de Previsão de Erro</b>			
<i>Envolvimento Criminal Anterior</i>			
<i>Envolvimento Criminal Posterior</i>	<i>SIM</i>	<i>NÃO</i>	<i>Total</i>
<i>SIM</i>	<b>35</b>	<b>10</b>	<b>45</b>
<i>NÃO</i>	<b>35</b>	<b>496</b>	<b>531</b>
<i>Total</i>	<b>70</b>	<b>506</b>	<b>576</b>
	<i>Taxa de Precisão</i>		<b>72.2%</b>
	<i>Taxa de Falso negativo</i>		<b>1.7%</b>
	<i>Taxa de Falso positivo</i>		<b>6.1%</b>

*Restrições mais rigorosas, para inibir o crime cometido por pessoas que não têm nenhum registo criminal recente, podem reduzir a taxa dos falsos negativos, mas poderão aumentar a taxa de falsos positivos, especialmente, se as informações para a tomada de decisões são menos precisas que as informações realmente utilizadas. Por outro lado, fazer distinção entre os candidatos com um antecedente criminal recente poderia vir a diminuir a taxa de falsos positivos, mas à custa do aumento da taxa de falsos negativos. Estes intercâmbios são bastante comuns.*

*Além disso, podemos lamentar um tipo de erro mais do que outro. Se os tipos de crimes impedidos pelos proprietários são relativamente pequenos, então a taxa de falsos positivos pode ser muito alta. Mas se forem evitados crimes violentos e graves, então a taxa de falso negativo pode ser de maior preocupação. As consequências dos erros são muito importantes e, muitas vezes, há quem discorde delas.*

*Outra fonte de discordância é as próprias taxas de erro. Estas taxas são, frequentemente, muito difíceis de se estimar. Consideremos os quadros sombreados na Tabela 2. Na maioria das circunstâncias, estes valores serão desconhecidos. Os proprietários poderão contar quantas pessoas rejeitaram por causa do registo criminal, mas não podem dizer o que essas pessoas fariam se não tivessem sido rejeitadas. Noutras situações, acontece o oposto; falsos positivos podem ser conhecidos com alguma precisão, mas os falsos negativos são desconhecidos. No detetor do aeroporto, os falsos positivos são conhecidos porque as previsões de haver contrabando são seguidas de uma fiscalização mais detalhada. Um passageiro suspeito de trazer uma arma de fogo será revistado cuidadosamente, revelando, então, se a previsão inicial era ou não exata. No entanto, os falsos negativos não são conhecidos com muita precisão. Uma passageira que traga contrabando, e que passe pela segurança do aeroporto, pode não ser revistada novamente. Então, não podemos saber se ela era um falso negativo.*

*Nalgumas circunstâncias, é possível utilizar um teste-piloto para se estimar com precisão os erros, fazendo as previsões, não agindo sobre elas, e observando cuidadosamente o que acontece. Isto pode ser difícil de ser feito com criminosos, que preferem manter os seus atos ocultos, mas poderia funcionar com potenciais vítimas ou locais de crime. Por exemplo, uma resposta a um problema poderia incluir a previsão de locais com maior probabilidade de serem locais de crime e, de seguida, intervir nesses locais. Antes da execução da presente resposta, um estudo-piloto poderia ser realizado e no qual as previsões são feitas, mas nenhuma ação é tomada. Se as taxas de erro forem, inaceitavelmente, elevadas, então, poderá não valer a pena implementar a resposta.*

## ENCONTRE UMA RESPOSTA

### 38. ASSUMA O SEU PAPEL CENTRAL NA RESPOSTA

*A primeira decisão da polícia, mesmo quando está envolvida na análise detalhada de um problema, é tentar resolvê-lo através do reforço da coerção. Deve esperar por isso e não nos devemos opor a tal, mesmo que o impacto seja, geralmente, de curta duração. Mas, desde o início, devemos ajudar os nossos colegas policiais a encontrarem soluções mais duradouras. Os parceiros da comunidade local poderiam fornecer algum tipo de ajuda mas, ao invés disso, eles, frequentemente, promovem as suas próprias agendas e estimulam soluções com impacto limitado. O resultado é, muitas vezes, um conjunto de concessões de medidas que beneficiam um ou outro partido. De facto, as divergências sobre as soluções podem conduzir a uma perda de dinamismo e nada irá ser devidamente implementado.*

*Podemos ajudar a terminar com este problema mas, em primeiro lugar, devemos-nos tornar em especialistas em soluções. Por exemplo, se o problema é o furto de carros, devemos ser capazes de falar com autoridade sobre a ineficácia das campanhas de alerta sobre os carros-isca, ou do tipo "tranque o seu carro". Se for um problema de arrombamento a residências, devemos conhecer os resultados da investigação sobre os alarmes contra ladrões, ou sobre a melhoria da iluminação pública, que podem ser sugeridas como soluções. Também, devemos estar, absolutamente, familiarizados com os resultados obtidos sobre as deslocalizações, uma vez que as soluções inovadoras são, frequentemente, bloqueadas por alegações inopinadas dessa teoria.*

*Para nos tornarmos num especialista em soluções devemos saber como descobrir mais sobre determinadas respostas, fazendo pesquisas rápidas na literatura (Passo 19). Devemo-nos, também, tornar num especialista em prevenção situacional de crime - a ciência da redução das oportunidades para o crime. A prevenção situacional utiliza a mesma metodologia da pesquisa-ação que o policiamento orientado-aos-problemas e que tem tido bastante sucesso, devidamente avaliado a seu favor. Grande parte do conhecimento sobre a deslocalização, a difusão de benefícios, a vitimização recorrente, e muitos outros conceitos discutidos neste manual, foram desenvolvidos por pesquisadores na área da prevenção situacional. As próximas cinco etapas discutem as 25 técnicas de prevenção situacional do crime que se dividem em cinco grandes grupos (veja o quadro). Estes são definidos por aquilo a que Nick Tilley, da Universidade de Nottingham Trent, no Reino Unido, chama de "mecanismo através do qual as técnicas atingem os seus efeitos preventivos": aumentar o esforço do crime, aumentar os riscos, reduzir as recompensas, reduzir as provocações e remover as desculpas.*

*Neste ponto poderá surgir as perguntas "Porque razão devo assumir a responsabilidade de identificar soluções?", "Não é, já de si, suficiente termos que carregar a maior parte do pesado trabalho relativo às etapas de identificação, de análise e de avaliação?" e, mesmo assim, tendo assumido esse papel, "Porque é que alguém nos deve prestar atenção?" mas, para nos*

tornarmos num analista solucionador de problemas é preciso ir além de nossa tradicional função analítica. Devemos tornar-nos num membro, igual e de pleno direito, da equipa de resolução de problemas. Podemos ser incitadores, mas a nossa autoridade vem dos nossos conhecimentos especializados, não da nossa posição. As pessoas irão ouvir-nos se trouxermos sugestões inovadoras, ou se fornecermos elementos que dão suporte às boas ideias de outras pessoas.

<b>Vinte e cinco técnicas de prevenção situacional do crime</b>	
<b>Aumentar o Esforço</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Dificultar o alvo / a vítima</li> <li>2. Controlar o acesso a estabelecimentos</li> <li>3. Inspeccionar as saídas</li> <li>4. Desviar a atenção dos infratores</li> <li>5. Controlar as ferramentas / armas</li> </ol>
<b>Aumentar os Riscos</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>6. Estender a vigilância</li> <li>7. Ajudar à vigilância natural</li> <li>8. Reduzir o anonimato</li> <li>9. Usar os gerentes dos locais</li> <li>10. Reforçar a vigilância formal</li> </ol>
<b>Reduzir as Recompensas</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>11. Ocultar os alvos</li> <li>12. Remover os alvos</li> <li>13. Identificar as propriedades</li> <li>14. Interromper os mercados</li> <li>15. Negar os benefícios</li> </ol>
<b>Reduzir as Provocações</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>16. Reduzir as frustrações e o stress</li> <li>17. Evitar as disputas</li> <li>18. Reduzir o estímulo e a atracção</li> <li>19. Neutralizar a pressão de grupo</li> <li>20. Inibir a imitação</li> </ol>
<b>Remover as Desculpas</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>21. Definir regras</li> <li>22. Publicar instruções</li> <li>23. Alertar as consciências</li> <li>24. Ajudar na obediência às regras</li> <li>25. Controlar as drogas e as bebidas alcoólicas</li> </ol>

Devemos, sempre, optar por soluções que poderão vir a trazer uma redução rápida do problema. Isto significa que devemos centrar-nos nas causas, imediatas e directas, de um problema, ao invés das causas mais distantes e indirectas. Esta distinção, importante, foi desenvolvida por Paul Ekblom do Home Office, e pode ser ilustrada pelo problema de ferimentos em lutas de bares, causados por garrafas e vidros partidos. As causas “de raiz” distante podem incluir a discriminação racial que produz uma geração de uma minoria de jovens insatisfeitos, a falta de oportunidades de emprego local, que resulta em exclusão social generalizada e, a maior de todas, a reputação “rígida” de que uma comunidade é desfavorecida e anárquica. As causas situacionais, mais imediatas, podem incluir práticas de serviço irresponsáveis que promovem a embriaguez em bares locais, bem como a disponibilidade, imediata, de garrafas e de copos que poderão ser, facilmente, utilizados como armas de agressão.

As reduções rápidas e sustentáveis do crime só podem resultar da abordagem às causas situacionais; da abordagem às causas de raiz, mesmo sabendo-se o que fazer com elas, podem



apenas vir a compensar num futuro relativamente distante – muito depois que os atuais colaboradores tenham algum interesse remanescente pelo problema. Entretanto, a menos que as causas, imediatas, sejam resolvidas, os vidros quebrados e as garrafas continuarão a provocar vítimas.

<b>Sete críticas da prevenção situacional do crime - e refutações</b>	
<b>Críticas</b>	<b>Contradição</b>
1. <i>É simplista e sem teoria.</i>	<i>Baseia-se nas três teorias da oportunidade do crime: as atividades rotineiras, o padrão do crime, e a escolha racional. Também recorre à psicologia social.</i>
2. <i>Demonstra não funcionar; deslocaliza o crime e muitas vezes o torna pior.</i>	<i>Dezenas de estudos de casos mostram que esta técnica pode reduzir os crimes, geralmente com pouca deslocalização.</i>
3. <i>Desvia a atenção das causas do crime.</i>	<i>Alcança resultados imediatos e proporciona tempo para a descoberta de soluções de longo prazo para o crime.</i>
4. <i>É uma abordagem conservadora e gestora do problema criminal.</i>	<i>Não promete mais do que aquilo que pode oferecer. Exige que as soluções sejam económicas e socialmente aceitáveis.</i>
5. <i>Promove uma sociedade egoísta e exclusiva.</i>	<i>Oferece proteção para os pobres e para os ricos.</i>
6. <i>Promove o Big Brother (controlo autoritário e omnipresente) e restringe as liberdades individuais</i>	<i>O processo democrático protege a sociedade contra esses perigos. As pessoas estão dispostas a suportarem as inconveniências e as pequenas violações da liberdade quando estas as protegem do crime.</i>
7. <i>Culpa a vítima.</i>	<i>Fortalece as vítimas, fornecendo-lhes informações sobre os riscos dos crimes a que estão expostas e como evitá-los.</i>

Algumas soluções situacionais, também, podem levar muito tempo a serem implementadas. Por exemplo, o perigo representado por pedaços de vidros e garrafas poderia ser abordado pela legislação obrigando os bares a utilizarem apenas copos e garrafas que se desintegrem em estilhaços quando partidos. Isto, provavelmente, levaria anos a concretizar. Muito mais realista seria levar a comunidade a exercer pressão sobre os bares locais para servirem bebidas apenas em copos mais rígidos, ou de plástico, e a recusarem-se a vender garrafas no bar. Isto poderia ser alcançável num tempo muito mais curto. Poderíamos ter um papel especial, enquanto analista, na promoção desta solução, ao reunir dados sobre os custos prováveis para os bares e sobre a redução dos custos das lesões e dos cuidados de emergência. Na verdade, provavelmente, seremos nós quem iremos recolher os dados sobre a viabilidade, os custos e a aceitação pública de quaisquer das medidas, seriamente, consideradas pela parceria de resolução do problema.

O fundamental é que se adquira conhecimentos a partir de uma ampla gama de soluções, e que estejamos preparados para lutar por boas ideias, se o nosso trabalho analítico, cuidadoso, vier a dar frutos.

#### **Leia Mais:**

- Clarke, Ronald (1997). **Situational Crime Prevention: Successful Case Studies** (2.ª edição). Monsey, NY: Criminal Justice Press.
- Von Hirsch, Andrew, David Garland e Alison Wakefield (2000). **Ethical and Social Perspectives on Situational Crime Prevention**. Oxford: Hart Publishing.

### 39. AUMENTE O ESFORÇO DO CRIME

Vamos, agora, descrever a categoria mais básica das medidas de prevenção situacional do crime – aquelas elaboradas para aumentar as dificuldades do crime. A prevenção situacional é, às vezes, descartada como sendo nada mais do que isso, porém, esta é apenas uma das 25 técnicas envolvidas no modelo. É de notar que existe uma considerável sobreposição entre as técnicas. Por exemplo, dificultar o alvo torna o crime mais difícil mas, também, pode revelar os criminosos e aumentar as hipóteses de serem detidos. Algumas medidas podem, também, servir a mais do que um propósito. Ao utilizar esta classificação, não devemos gastar muito tempo a preocuparmo-nos sobre quando uma determinada medida se enquadra – usemo-la, apenas, para garantir que consideramos um relatório, o mais amplo possível, de respostas situacionais a um determinado problema.

**Dificultar os alvos.** Um meio óbvio, muitas vezes altamente eficaz de impedir um vândalo, ou um ladrão, é através de barreiras físicas, tais como fechaduras, grades, ou materiais reforçados. A introdução das trancas de direção, há mais de 30 anos atrás, neste país e no estrangeiro, levou a reduções no furto de carros a longo prazo pelo que os imobilizadores de ignição, agora, reforçam esses benefícios. Os gradeamentos antifurto, usados nos correios em Londres, reduziram os furtos em 40%, e os vidros blindados reduziram, substancialmente, os roubos e os assaltos cometidos contra taxistas em Nova York (ver *Robbery of Taxi Drivers, Problem-Oriented Guides for Police No. 27*, disponível em [www.cops.usdoj.gov](http://www.cops.usdoj.gov) e em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)).

**Controlar o acesso aos estabelecimentos.** Manter as pessoas fora dos locais onde elas não têm direito de estar, como campos militares, fábricas, e blocos de apartamentos é uma prática muito antiga – basta pensar nas pontes levadiças na entrada dos castelos medievais e nos fossos que os rodeavam. Este é, também, a componente central do conceito de espaço defensivo de Oscar Newman, sem dúvida, o precursor do interesse científico na prevenção situacional. Barry Poyner demonstrou que a instalação de intercomunicadores e a demolição de passagens ligando edifícios reduziram, significativamente, os assaltos num conjunto habitacional em Londres (Passo 24). Nalguns casos, os controlos de acesso destinam-se a assegurar a posse de bilhetes e documentos. A reformulação dos bilhetes, para torná-los de mais fácil verificação, contribuiu para uma forte redução na evasão ao pagamento de tarifas nos embarcadouros de Vancouver, no Canadá. No exemplo mais famoso, os detetores de bagagens e de passageiros em aeroportos, no início dos anos 70, contribuíram para uma redução do número de sequestros de aviões, mundialmente, de cerca de 70 para 15 por ano.

**Inspeccionar as saídas.** O objetivo dos detetores nas saídas é assegurar que aqueles que saem de um edifício, de um estabelecimento, ou de qualquer outro lugar, não tenham furtado nada, ou que tenham pago todos os bens, taxas e impostos. Os passageiros do metro de Washington, D.C., devem inserir os seus bilhetes nas portas automáticas, tanto na entrada como na saída do metro. Isto proporciona duas oportunidades para verificar que a tarifa foi paga. No metro de Nova Iorque, os passageiros devem inserir os seus bilhetes nas portas apenas uma vez, na

entrada do metro, reduzindo, assim, as hipóteses de deteção por evasão ao pagamento de tarifa. Outros exemplos de detetores em saídas incluem os controlos de fronteira, na saída de um país, e a utilização de etiquetas eletrónicas em livros e mercadorias. Estas etiquetas ativam um alarme, se os livros não tiverem passado pelo balcão da biblioteca ou se um ladrão tentar apropriar-se de um artigo, com tais etiquetas, de uma loja. Os estudos têm demonstrado que as etiquetas reduzem, significativamente, os furtos em lojas e em bibliotecas.

**Desviar a atenção dos infratores.** Os grupos rivais das claques de futebol, no Reino Unido, são separadas no estádio para reduzir os conflitos entre eles, e sua chegada e partida são agendadas para evitar períodos de espera que promovam os problemas. Programar o horário do último autocarro de passageiros, para sair imediatamente após o horário de encerramento dos bares, procura interferir com outra tradição britânica menos admirável, as brigas que costumam ocorrer após o encerramento dos bares. Estes são alguns exemplos do desvio da atenção dos infratores dos alvos de crime, uma técnica situacional sugerida pela teoria da atividade rotineira. Outros exemplos são fornecidos pelos esquemas de encerramento de estradas que têm reduzido vários tipos de crimes (ver *Closing Streets and Alleys to Reduce Crime, Problem-Oriented Guides for Police, Response Guide No.2*, disponível em [www.cops.usdoj.gov](http://www.cops.usdoj.gov) e em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)). Até tiroteios no trânsito em Los Angeles foram reduzidos pelo encerramento de ruas (ver quadro).

<b>Aumentar o esforço do crime</b>
<i>Dificultar alvos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Trancas de direção e imobilizadores de ignição.</b></li> <li>• <b>Proteção anti-roubo em bancos e correios.</b></li> <li>• <b>Proteção blindada para motoristas de táxi.</b></li> </ul>
<i>Controlar o acesso a estabelecimentos</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Intercomunicadores na entrada de complexos de apartamentos.</b></li> <li>• <b>Cartão eletrónico de acesso a garagens e escritórios.</b></li> <li>• <b>Planeamento de espaço defensivo para habitação pública.</b></li> </ul>
<i>Inspecionar as saídas</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Necessidade de ticket para sair.</b></li> <li>• <b>Documentos de exportação.</b></li> <li>• <b>Etiquetas eletrónicas para lojas e bibliotecas.</b></li> </ul>
<i>Desviar a atenção dos infratores</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Separação das claques rivais nos estádios.</b></li> <li>• <b>Encerramento de ruas.</b></li> <li>• <b>Banheiros separados para as mulheres.</b></li> </ul>
<i>Controlar ferramentas e armas</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Pistolas mais seguras.</b></li> <li>• <b>Copos de cerveja mais resistentes.</b></li> <li>• <b>Bloquear o recebimento de chamadas para interceptar traficantes.</b></li> <li>• <b>Fotografias em cartões de crédito e impressões digitais nos cheques.</b></li> </ul>

**Controlar ferramentas e armas.** Os bares (saloon) no antigo Far-West, rotineiramente, exigiam que os clientes entregassem as suas armas à entrada, devido ao risco de virem a ocorrer brigas

com armas entre bêbados. Mais recentemente, as chamadas "armas seguras" foram desenvolvidas para que só possam ser disparadas pelo proprietário, ou que disparem projéteis de cera ou tranquilizantes. Para que os pedaços de vidro não sejam usados como armas, quando quebrados, muitos bares no Reino Unido, agora, usam copos de cerveja mais rígidos. O primeiro uso comercial do identificador de chamadas (em New Jersey, no final da década de 80) reduziu em 25% as ligações obscenas. O Passo 34 enumera as diferentes formas que algumas cidades tentaram usar para controlar o uso de telefones públicos no tráfico de drogas, incluindo os bloqueios das chamadas recebidas e proibindo-as em locais específicos. A reprogramação dos telefones públicos, no terminal rodoviário de Manhattan, impediu o acesso ilegal aos serviços de telefone internacionais, terminando, assim, com fraudes de milhões de dólares perpetradas por pessoas ligadas à prostituição. Os procedimentos introduzidos, para melhorar a segurança na entrega de cartões de crédito, produziram uma queda substancial nas fraudes com cartão de crédito, no país, em meados da década de 90 (Passo 11).

### **Uma solução para os tiroteios em trânsito**

*Os gangues rivais, frequentemente, resolvem as suas disputas disparando, contra os membros dos gangues adversários, de automóveis em movimento. Estes tiroteios "em trânsito" são difíceis de evitar através do trabalho com jovens ou pela intensificação do policiamento. Uma solução nova, a Operação Cul de Sac (Rua sem Saída), foi experimentada numa área de 10 quarteirões em Los Angeles, que tinha sofrido o nível mais alto de tiroteios "em trânsito" e os homicídios de membros de gangues da cidade. A polícia instalou barreiras de trânsito nas ruas mais afetadas. Estas ruas sem saída impediam os carros de entrar numa das extremidades e exigiam que aqueles que entravam na outra extremidade voltassem pelo mesmo caminho. Isto não só se tornou mais difícil para os atiradores mas, também, aumentou os seus riscos porque, quando voltavam pelo mesmo caminho, os seus alvos poderiam estar à sua espera com as armas prontas.*

*As barreiras resultaram numa redução imediata dos tiroteios e dos homicídios "em trânsito". No ano anterior à Operação Cul de Sac, em 1989, sete homicídios foram cometidos na área. Nos 2 anos posteriores, depois de as barreiras serem instaladas, apenas um homicídio foi registado. Não houve qualquer evidência de que os homicídios tivessem sido deslocalizados para outro bairro. No final daquela operação, quando as barreiras foram removidas, os homicídios aumentaram novamente, regressando ao seu nível anterior.*

*Fonte: Lasley, James (1998) "Designing Out" Gang Homicides and Street Assaults. Research in Brief, National Institute of Justice. Washington, D.C.: U.S. Department of Justice.*

#### **40. AUMENTE OS RISCOS DO CRIME**

*De acordo com entrevistas feitas a criminosos, eles preocupam-se mais com os riscos de serem detidos do que com as consequências resultantes da sua detenção. Isto faz sentido, porque eles pouco podem fazer para evitar a punição, no caso de serem detidos, mas podem-se esforçar para reduzir os riscos da detenção ao serem mais cuidadosos. Por esta razão, a prevenção situacional visa aumentar os riscos dos criminosos virem a ser detidos pela polícia e não faz qualquer tentativa de manipular a punição.*

**Aumente a vigilância.** *Cohen e Felson mostraram que o aumento dos arrombamentos em residências, durante as décadas de 60 e 70, deveu-se, em parte, ao aumento do número de mulheres que trabalhavam fora de casa. Isto significava que, durante a maior parte do dia, muitos lares, se não bairros inteiros, não dispunham de “guardiões” eficazes. Outras pesquisas revelaram que os arrombadores preferem cometer crimes da parte da tarde, durante a semana, quando é mais provável que as pessoas estejam fora de casa. Isto explica porque razão as pessoas devem cancelar a entrega de jornais e devem informar os seus vizinhos quando se ausentam para férias. Trazer consigo um telemóvel, ou sair à noite em grupo, são outros meios de fazer aumentar a vigilância. Pouco se sabe sobre a eficácia dessas precauções de rotina, e as avaliações feitas aos grupos de vigilância de bairros - o único esforço sistemático feito, conhecido, para aumentar a vigilância - ainda não são animadoras. No entanto, um estudo feito a bairros tipo “casulo” (bem protegidos), no qual os moradores das residências eram alertados após a ocorrência de uma residência assaltada no bairro, constituiu um elemento importante de um projeto bem sucedido realizado em Kirkholt, na Inglaterra.*

**Ajude à vigilância natural.** *Os chefes de família costumam podar os arbustos perto de suas janelas e portas e aplicam lâmpadas que iluminam o interior da residência, à noite, para aproveitar a vigilância “natural” prestada pelos vizinhos nos seus afazeres diários. Reforçar a vigilância natural, também, é o principal objetivo da melhoria da iluminação pública e da conceção de espaços defensivos. Os estudos realizados no Reino Unido constataram que a melhoria da iluminação das moradias reduz os crimes, com poucas evidências de deslocalização. Uma componente de uma intervenção anterior do CPTED, para reduzir os furtos numa zona comercial em Portland, no Oregon, foi a melhoria da iluminação no exterior das lojas. Oscar Newman tem referido os inúmeros casos de êxito, na redução do crime em moradias, através da implementação dos princípios da vigilância natural. Finalmente, linhas diretas e programas de combate ao crime são tentativas de aproveitamento da vigilância natural prestada pela população.*

**Reduza o anonimato.** *A democratização da posse de automóvel tem permitido às pessoas trabalharem longe de suas casas. O desenvolvimento de shoppings, fora das cidades, levou ao declínio das compras no centro das cidades. As viagens de baixo custo aumentaram o turismo, tanto dentro do país como para o exterior. Como resultado, as pessoas passam cada vez mais tempo entre estranhos. A construção de grandes escolas tem contribuído para essa tendência,*

pois os alunos são menos bem conhecidos pelo corpo de funcionários e pelos outros alunos. A redução do anonimato é uma técnica situacional bastante promissora, mas raramente utilizada. Algumas escolas começaram, de novo, a exigir o uso de uniformes, em parte para reduzir o anonimato dos alunos no seu caminho para a escola e de volta a casa. Os crachás de identificação dos taxistas e autocolantes nas viaturas do tipo "Como estou conduzindo?" com números 0800 (linhas diretas) em camiões, são duas formas de se reduzir o anonimato.

**Use os gerentes de local.** Além da sua principal função, alguns funcionários, também, desempenham a função de vigilância. Dentro da categoria dos "gerentes de local" podemos incluir os vendedores das lojas, os porteiros de hotéis, e os vigilantes dos parques de estacionamento. Pesquisas feitas no Canadá verificaram que os complexos de apartamentos com porteiro são menos vulneráveis a assaltos. Premiar os funcionários pela deteção de cartões de crédito falsos, ou furtados, ajudou a reduzir as perdas anuais, por fraude, em quase US\$ 1 milhão numa loja de eletrodomésticos de Nova Jersey. O vandalismo cometido numa grande frota de autocarros de passageiros de dois andares, no norte da Inglaterra, foi, substancialmente, reduzido quando alguns dos autocarros foram equipados com câmaras de vigilância para uso dos motoristas. Ter dois funcionários de serviço, especialmente, durante a noite, tem sido uma medida eficaz na prevenção dos furtos em lojas de conveniência (veja tabela).

**Reforce a vigilância formal.** A vigilância formal é fornecida pela polícia, por elementos da segurança privada e por detetives particulares, todos aqueles que representam uma ameaça para os criminosos potenciais. Os alarmes anti-roubo, a videovigilância, e as câmaras de controlo da velocidade podem aumentar essa vigilância. Um estudo realizado numa comunidade limítrofe perto da Filadélfia constatou que a posse generalizada de alarmes anti-roubo reduziu os custos da polícia, através da redução das taxas de assalto na comunidade como um todo. Estudos do Home Office encontraram reduções significativas numa variedade de crimes, após a instalação de câmaras de vídeo em cidades britânicas (ver *Video Surveillance of Public Spaces, Problem-Oriented Guides for Police, Response Guide No.3*, disponível em [www.cops.usdoj.gov](http://www.cops.usdoj.gov) e em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)). Uma avaliação feita ao sistema de aparelhos de radar fotográfico, instalado em todo o estado de Victoria, na Austrália, demonstrou que o radar conseguiu reduzir o excesso de velocidade e contribuiu para 45% na redução de mortes em acidentes de trânsito. Um serviço de patrulhas em motos, convenientemente divulgado pelos OCS, prestado por uma empresa privada de segurança, num grande parque de estacionamento situado nos subúrbios de Vancouver, no Canadá, levou a uma queda, substancial, dos furtos de carros. Quando a segurança começou a fazer contagens sistemáticas e diárias das mercadorias de alto risco, com videovigilância e gravação de imagens, os furtos feitos por empregados diminuíram mais de 80% no armazém de uma grande loja de eletrodomésticos em New Jersey. Novas formas do reforço da vigilância formal são obtidos através do cruzamento de conjuntos de dados sobre determinados indivíduos, como foi demonstrado num estudo realizado por Eckhart Kuhlhorn. Ele conseguiu demonstrar que o teste cruzado das declarações de rendimentos pessoais, feitas por requerentes a dois departamentos diferentes do governo sueco, conseguiu reduzir as fraudes à segurança social. Quando as pessoas requeriam a concessão de ajudas para pagar o aluguer elas tinham

tendência a omitir informações sobre os seus rendimentos mas, quando requeriam benefícios por motivos de doença, elas tinham tendência a exagerar nas informações. A habilidade de cruzar informações sobre as declarações de rendimento reduziu essas fraudes substancialmente.

<b>Medidas que reduzem os furtos em lojas de conveniência</b>	
<i>(RESULTADOS DE 14 ESTUDOS)</i>	<i>Número de estudos de apoio*</i>
<i>Dois ou mais funcionários a atender</i>	<b>10</b>
<i>Boa manipulação do dinheiro</i>	<b>8</b>
<i>Sem entradas escondidas</i>	<b>6</b>
<i>Lojas próximas</i>	<b>5</b>
<i>Visão clara da frente da loja</i>	<b>5</b>
<i>Fechado durante a noite</i>	<b>5</b>
<i>Tecnologia de segurança</i>	<b>5</b>
<i>O funcionário que atende, em cabine segura</i>	<b>4</b>
<i>Treino dos funcionários</i>	<b>4</b>
<i>Visão clara dentro da loja</i>	<b>3</b>
<i>Bombas de gasolina na frente</i>	<b>3</b>
<i>O funcionário que atende, no centro da loja</i>	<b>3</b>
<i>Loja em rua movimentada</i>	<b>2</b>
<i>Segurança presente</i>	<b>2</b>

*\* Nem todos os estudos incluíram todas as medidas*

*Fonte: Hunter and Jeffery (1997). "Preventing Convenience Store Robbery through Environmental Design." Situational Crime Prevention: Successful Case Studies, Ronald Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.*

<b>Aumentar os riscos do crime</b>
<p><b>Vigilância estendida</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover precauções de rotina, tais como deixar sinais de que há alguém em casa se ausentar, trazer um telemóvel, e sair à noite em grupo.</li> <li>• Vigilância de bairro tipo "casulo."</li> </ul>
<p><b>Ajudar na vigilância natural</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhoria da iluminação pública.</li> <li>• Planeamento do espaço defensivo.</li> <li>• Vigilância do bairro e linhas diretas para denúncia.</li> </ul>
<p><b>Reduzir o anonimato</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação de taxistas.</li> <li>• Autocolantes nas viaturas do tipo "Como estou conduzindo?"</li> <li>• Uniformes escolares.</li> </ul>
<p><b>Usar os gerentes de local</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Treinar funcionários para a prevenção de crimes.</li> <li>• Recompensar a vigilância.</li> <li>• Apoiar informadores para alertar a polícia.</li> </ul>
<p><b>Reforçar a vigilância formal</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Câmaras de controlo da velocidade e testes de alcoolemia.</li> <li>• Videovigilância dos centros das cidades.</li> <li>• Bike-patrolhas concentradas em parques de estacionamento.</li> </ul>

**Leia mais:**

- Painter, Kate e Nick Tilley (1999). "Surveillance of Public Space: CCTV, Street Lighting and Crime Prevention." Crime Prevention Studies, volume 10. Monsey, NY: Criminal Justice Press. (Disponível em parte em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)).

## 41. REDUZA AS RECOMPENSAS DO CRIME

A teoria da escolha racional afirma que os criminosos estão, sempre, à procura de se favorecerem com seus delitos. Essas vantagens não são, simplesmente, materiais, como nos furtos, pois existem muitas outras recompensas que advêm do crime, incluindo o prazer sexual, a intoxicação, a excitação, a vingança, o respeito dos companheiros, e assim por diante. Uma vertente, importante, da prevenção situacional de crime consiste, portanto, em se compreender as recompensas de qualquer categoria específica de crime e em se encontrar as formas de as reduzir, ou de as eliminar.

**Ocultar Alvos.** Os chefes de família tentam enganar os assaltantes ao esconderem joias, ou outros objetos de valor. Também, mantêm as suas cortinas fechadas para impedirem que ladrões olhem para dentro de suas casas, através das janelas, para verem o que possuem. Algumas pessoas não usam correntes de ouro em público, e outras evitam deixar os seus carros na rua, durante a noite, se esses forem de modelos atraentes para os “joyriders”, como os Hondas e os Acuras. O quadro abaixo apresenta dados do British Crime Survey que mostram que os automóveis, deixados na rua, estão em muito maior risco de furto do que os carros deixados em garagens, ou nas entradas laterais das residências dos proprietários. Essas são formas de ocultar alvos e de reduzir as tentações. Algumas outras estratégias de ocultação são menos evidentes. Por exemplo, as listas telefônicas que não distinguem os utilizadores pelo género ajudam a proteger as mulheres de telefonemas obscenos, e os camiões blindados, sem sinais de identificação da mercadoria que transportam, podem reduzir o risco de roubos em trânsito.

<b>Furto de carros em locais de estacionamento na Inglaterra e País de Gales</b>	
<b>British Crime Survey</b>	
<b>Local de Estacionamento</b>	<b>Crimes em veículos *</b>
	<b>Por 100.000 viaturas cada 24 horas</b>
<b>Garagem em casa</b>	<b>2</b>
<b>Entradas laterais das residências / abrigo de carros</b>	<b>40</b>
<b>Outra rua</b>	<b>327</b>
<b>Estacionamento público</b>	<b>454</b>

*\* Inclui o furto de carros, furtos de objetos ou partes dos carros, tentativas e danos deliberados*

**Fonte: Clarke, Ronald e Pat Mayhew (1998). "Preventing Crime in Parking Lots." Reducing Crime through Real Estate Development and Management, Marcus Felson e Richard Peiser. Washington, DC: Urban Land Institute.**

**Remover alvos.** A instalação de uma máquina de pagamentos, que aceitava cartões de crédito, numa igreja espanhola, trouxe muitas vantagens: os dadores recebiam recibos para efeitos fiscais, a igreja recebia maiores doações e, uma vez que o dinheiro não era depositado, a igreja reduziu o risco de furto com a remoção dos alvos. Uma aplicação anterior, desta mesma técnica situacional, vem dos tempos da corrida do ouro na Califórnia. Atormentados pelos roubos de carruagens, uma mina começou a fundir ouro em lingotes de 400 libras. Esses eram muito pesados para os ladrões levarem a cavalo. Exemplos mais atuais são as mudanças feitas nas cabines telefônicas (orelhões). Para evitar que as pessoas estraguem as cabines de vidro, em locais de alto risco, no Reino Unido, estas foram substituídas por quiosques e cartões pré-



*pagos que dispensam a necessidade da guarda de grande quantidade de dinheiro, removendo-se, assim, um importante alvo de furtos. Talvez, o exemplo mais impressionante de remoção dos alvos seja dado pela introdução do sistema de tarifa única, e de cofres, nos autocarros de passageiros, que reduziram, drasticamente, os roubos aos motoristas de transportes públicos, em Nova Iorque e noutras 18 cidades, na década de 60.*

**Identificar a propriedade.** *Os veículos nos países desenvolvidos devem ser registados, e devem conter um número exclusivo de identificação do veículo (Vehicle Identification Number - VIN). O propósito é o de ajudar na tributação de impostos, mas esta medida, também, reduz os roubos e os furtos. Um dos últimos estados a exigir o registo de automóveis foi o Illinois, em 1934, e portanto, os roubos e furtos de veículos diminuíram de 28.000 no ano anterior, para cerca de 13.000. Mais recentemente, o Ato de Reforço da Lei relativa ao Furto e Roubo de Veículos (Motor Vehicle Theft Law Enforcement Act), de 1984, decretou a identificação de todas as principais partes dos automóveis, consideradas de "alto risco", com os respetivos VINs. Os programas do tipo "operação de identificação" da polícia têm tido pouco sucesso nos EUA, mas Gloria Laycock, do Jill Dando Institute of Crime Science, constatou que a identificação da propriedade, empreendida em três pequenas comunidades do País de Gales, combinada com uma extensa publicidade, reduziu para metade o número de furtos em residências denunciadas.*

**Eliminar os mercados.** *Os criminologistas e os polícias têm-se dedicado pouco a compreender e a desmantelar os mercados de bens furtados. Os criminologistas têm tido dificuldade em obter dados sobre esses mercados e a polícia tem preferido prestar mais atenção à detenção dos assaltantes do que nas pessoas que vendem e compram as mercadorias furtadas, em parte porque as sanções para venda e compra de bens furtados são, relativamente, leves. No entanto, se não houvesse mercado para os bens furtados, ou roubados, haveria poucos assaltantes reincidentes e poucos roubos de camiões que transportam grandes cargas de tabaco e álcool. Os recentes trabalhos de Mike Sutton, para o Home Office, têm despertado o interesse na eliminação dos mercados de bens furtados/roubados. As medidas de eliminação precisam ser adaptadas à natureza dos mercados e elas incluem o acompanhamento, sistemático, da polícia das lojas de penhores que fazem transações hipotecárias de objetos valiosos em troca de empréstimo de dinheiro, a repressão dos vendedores ambulantes ilegais, e o acompanhamento dos pequenos anúncios de vendas nos jornais, para identificação dos vendedores e compradores reincidentes de mercadorias furtadas/roubadas. As operações policiais que instalam lojas falsas de mercadorias usadas devem ser evitadas porque, de acordo com os resultados da pesquisa, elas podem estimular o furto e o roubo na área próxima do local onde a operação foi executada.*

**Negar os benefícios.** *Instalar lombas nas estradas é a maneira certa de se retirar as vantagens dos motoristas que conduzem a alta velocidade. Os auto-rádios com código de segurança e com etiquetas à base de tinta, para proteção contra o furto, são alguns exemplos de técnicas de prevenção do crime. Os auto-rádios com códigos de segurança não podem ser usados, a menos que o ladrão saiba o PIN e, de acordo com estudos realizados nos Estados Unidos e na Austrália, os automóveis com estes aparelhos têm taxas mais baixas de furto. As etiquetas de tinta são usadas em lojas de roupas para evitar os furtos. Elas libertam uma tinta quando se*

tenta mexer indevidamente e, indelevelmente, mancham a peça em que estão colocadas. O ladrão não pode vestir a peça de roupa ou vendê-la, o que remove o incentivo para o furto.

<b>Reduzir a recompensa</b>
<b>Ocultar os alvos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estacionamentos particulares para carros que atraem “joyriders.”</li> <li>• Lista telefónica sem distinção de género.</li> <li>• Camiões blindados sem sinais de identificação das mercadorias transportadas.</li> </ul>
<b>Remover os alvos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Auto-rádios e aparelhagens de som removíveis.</li> <li>• Abrigos para mulheres.</li> <li>• Cartões pré-pagos para telefones públicos.</li> </ul>
<b>Identificar a propriedade</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marcação da propriedade.</li> <li>• Licenciamento de veículos e marcação das peças.</li> <li>• Marcação de gado.</li> </ul>
<b>Eliminar os mercados</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Controlo das lojas de penhores.</li> <li>• Controlo dos anúncios classificados.</li> <li>• Licenciar os vendedores ambulantes.</li> </ul>
<b>Negar os benefícios</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Etiquetas de tinta nas mercadorias.</li> <li>• Limpeza de graffiti.</li> <li>• Desativar os telemóveis furtados.</li> </ul>

<b>Negar as vantagens das pichagens</b>						
<p>As pichagens (graffiti) nas carruagens do metropolitano tornaram-se quase uma marca comercial da cidade de Nova York, nas décadas de 70 e 80, as quais, frequentemente, apareciam na abertura de filmes que ali eram gravados. As autoridades do metro tentaram, através da aplicação de inúmeras leis de reforço e estratégias, livrar as carruagens das pichagens, mas com pouco resultado. Eventualmente, a polícia teve uma ideia simples que trouxe resultados: Assim que uma carruagem havia sido limpa das pichagens ela seria, imediatamente, colocada em serviço e limpa, novamente, se atraísse mais pichagens. Isso, efetivamente, negava aos grafiteiros a recompensa de verem as suas obras exibidas em público. Devido ao grande número de comboios metropolitanos, levaram seis anos até que todos os comboios fossem limpos. Hoje em dia, eles não estão piores do que os metros em outras cidades.</p>						
<b>Carruagens de metropolitano limpas</b>						
<b>Ano</b>	<b>1984</b>	<b>1985</b>	<b>1986</b>	<b>1987</b>	<b>1988</b>	<b>1989</b>
<b>Meta</b>	---	<b>1720</b>	<b>3434</b>	<b>4707</b>	<b>5946</b>	<b>6221</b>
<b>Atual</b>	<b>400</b>	<b>1915</b>	<b>3454</b>	<b>4839</b>	<b>6077</b>	<b>6245</b>
<p>Fonte: Sloan-Howitt, Maryalice e George Kelling (1997) "Subway Graffiti in New York City: „Gettin up“ vs. „Meanin it and Cleanin it.“" <i>Situational Crime Prevention: Successful Case Studies</i>, Ronald Clarke, Monsey, NY: Criminal Justice Press.</p>						

### Leia Mais:

- Sutton, Mike e colegas (2001). **Tackling Stolen Goods with the Market Reduction Approach.** Crime Reduction Research Series Paper 8. London: Home Office.

## 42. REDUZA AS PROVOCAÇÕES

Ao estudar as prisões e os bares, Richard Wortley observou que a multidão, o desconforto, e o tratamento rude, provocavam violência em ambos os tipos de locais. Isto levou-o a afirmar que a prevenção situacional se concentrara, muito exclusivamente, nas oportunidades do crime e que negligenciava as características da situação que precipitam ou induzem ao crime. Como resultado do seu trabalho, Clarke e Cornish incluíram cinco técnicas para reduzir o que eles chamaram de "provoações" na sua nova classificação das técnicas situacionais. Essas técnicas são explicadas abaixo, inspirando-se nos exemplos de Wortley.

**Reduzir a frustração e o stress.** Todas as pessoas ficam indignado quando são mal tratadas por empregados, quando alguém lhes passa à frente numa fila para ser servido, ou quando um transporte público está atrasado sem explicação. Às vezes, as pessoas ficam tão irritadas que se tornam violentas. Esta situação poderia ser evitada pela melhoria do serviço, o qual é, cada vez mais, exigido e oferecido. No entanto, as queixas costumam ser ignoradas quando aqueles que foram maltratados têm pouco poder. Por exemplo, os presos são, frequentemente, ignorados quando se queixam de que não podem comer quando sentem fome, ou quando não podem escolher os programas de TV que querem ver, embora essas queixas pudessem ser resolvidas, muito facilmente, com uma reorganização do horário das refeições, ou com o fornecimento de mais televisores. A espera para usar o telefone, outra fonte de frustração dos indivíduos presos, poderia ser reduzida através dum sistema informatizado, com o racionamento da utilização do telefone (ver quadro). Os surtos de cólera e de violência podem, também, resultar da sujeição das pessoas a condições de extremo desconforto – muito barulho, sobrelotação, ou à falta de lugar para se sentarem. Essas condições, comuns em muitos clubes, bares, e voos atrasados têm, consistentemente, provocado problemas. Mais lugares para se sentar, músicas relaxantes, e iluminação atenuada, são formas de reduzir a tensão nesses cenários.

**Evitar os confrontos.** No Reino Unido, os grupos rivais de claques desportivas são separados nos estádios de futebol e a sua chegada e partida são programadas, evitando-se, assim, os períodos de espera que causam problemas. As tarifas de táxi do Aeroporto de Kennedy de Nova Iorque para Manhattan são fixas no valor de \$45 dólares, evitando-se as fraudes e as discussões sobre as tarifas. Na tentativa de ser feita uma gestão consensual da multidão, no Australian Motorcycle Grand Prix, foi permitido aos corredores de motociclismo fazerem-se acompanhar dos seus adeptos motociclistas até locais a eles destinados, incentivando-os a desenvolverem normas para utilização das instalações. Isto ajudou a eliminar os confrontos entre a polícia e os motociclistas que perturbaram o evento nos anos anteriores.

**Reduzir os estímulos e a tentação.** Os médicos não devem realizar exames físicos detalhados a pacientes do sexo feminino sem uma enfermeira ou uma funcionária presente. Isto protege o médico contra falsas acusações mas, também, reduz a tentação de querer abusar sexualmente da paciente, ou de fazer manobras inapropriadas. As leis que proíbem os pedófilos condenados de terem empregos que propiciem o contato com crianças, não só protegem as crianças mas,

também, ajudam os pedófilos a controlarem seus impulsos sexuais. A descoberta de que o facto de, simplesmente, se olhar para uma arma de fogo ser capaz de desencadear sentimentos de agressão, fornece uma boa razão para a existência de regulamentação relativa à simples exibição de armas. Do mesmo modo, o facto de uma alta proporção de criminosos sexuais possuírem, ou usarem, pornografia violenta, fornece argumentos lógicos para o controlo desses materiais. Finalmente, reduzir a tentação é o que está na base da advertência sobre o cuidado que se deve ter ao exhibir dinheiro em público, bem como sobre o cuidado que mulheres jovens devem ter quando saírem sozinhas à noite.

**Neutralizar a pressão exercida pelo grupo.** Muitos pais persuadem os seus filhos a não confiarem nos amigos que consideram serem "má influência" para eles, e as escolas separam os grupos de desordeiros por diferentes salas de aula. Mas, tanto os adultos como as crianças estão sujeitos à pressão de grupo. Os antigos funcionários podem induzir os novos trabalhadores a furtar aos seus patrões, e os homens jovens são, frequentemente, incentivados por amigos a beberem em excesso. Uma campanha publicitária organizada na Austrália, para reforçar o poderoso impacto dissuasório da realização de testes de alcoolemia, de forma aleatória, usou o slogan "Os bons amigos não deixam os amigos beber e conduzir." Uma campanha publicitária, idêntica, nos Estados Unidos da América usou a frase "Os amigos não deixam os amigos conduzir bêbados".

**Desencorajar a imitação.** Todos os novos aparelhos de televisão contém um "V-chip", para que os pais possam programar as suas televisões, de forma a impedirem as crianças de assistirem a programas violentos. Embora a relação entre os filmes violentos e a violência na sociedade seja muito contestada, há algumas evidências de delitos "imitados", porque algumas reportagens dos OCS sobre crimes fora do comum, às vezes, provocam imitação noutros lugares. Também foi mostrado, por exemplo, que os estudantes que veem os seus professores envolvidos em atividades ilegais ao usarem os computadores, são mais propensos a cometerem crimes informáticos, e que outros peões, também, atravessarão a estrada quando alguém atravessa com o sinal vermelho. Na verdade, quantas vezes já ultrapassamos com o sinal vermelho e verificamos, numa olhadela pelo espelho retrovisor, que o carro atrás de nós fez o mesmo? Também, foi demonstrado que as mesas de piquenique dos parques, que foram riscadas e perfuradas, têm duas vezes mais probabilidade de voltarem a ser, de novo, danificadas. Descobertas como estas dão-nos argumentos lógicos para sensibilizar para a importância de programas de "reparação rápida" para lidar com o vandalismo. Wilson e Kelling ampliaram este princípio, no seu famoso artigo "janelas quebradas", argumentando que a falha em se lidar, rapidamente, com os pequenos sinais de decadência numa comunidade, como a mendicidade ou a solicitação das prostitutas, podem resultar num processo rápido de deterioração à medida que os criminosos se deslocam para determinada área para beneficiarem do colapso em curso.

#### **Leia Mais:**

- Wortley, Richard (2001). "A Classification of Techniques for Controlling Situational Precipitators of Crime." *Security Journal*, 14: 63-82.

### **43. REMOVA AS DESCULPAS PARA O CRIME**

*Esta quinta categoria de técnicas situacionais reconhece que os criminosos fazem julgamentos morais sobre os seus comportamentos e que, frequentemente, racionalizam a respeito da sua conduta, para "neutralizarem" aquilo que, de outra forma, poderia levar ao seu enfraquecimento, devido a sentimentos de culpa ou de vergonha. Eles alegam coisas como: "Ele merecia", "Eu só levei emprestado" e "Eu só lhe bati". Estas desculpas podem ser, especialmente, importantes para as pessoas comuns que dão resposta às tentações do dia-a-dia: para se esquivarem do pagamento de impostos, pelo facto de conduzirem embriagados, por assediarem sexualmente empregadas novas e por furtarem pertences dos seus patrões.*

**Definir as regras.** *Todas as organizações dispõem de um conjunto de regras sobre a conduta adequada dos seus membros, nos seus campos de atuação. Por exemplo, as empresas regulam o registo do horário dos trabalhadores e as lojas exigem que vendedores sigam rigorosos procedimentos de manipulação do dinheiro. As organizações como os hospitais, as bibliotecas públicas e os hotéis devem, além disso, regulamentar o comportamento dos clientes que servem. Quaisquer ambiguidades nesses regulamentos serão exploradas se, eventualmente, beneficiarem o cliente. Uma vertente importante da prevenção situacional, portanto, é a definição de regras – a introdução de novas regras ou procedimentos (e o esclarecimento sobre aqueles já em vigor) para eliminar qualquer ambiguidade relativa à aceitabilidade da conduta. Por exemplo, na tentativa de reduzir os "não comparecimentos", muitos restaurantes apenas aceitam reservas se o cliente deixar um número de telefone para que o restaurante possa entrar em contato. Alguns requerem, ainda, um cartão de crédito de modo que uma taxa será paga se o cliente não comparecer. Exigir que os pescadores na Califórnia usem a sua licença de pesca fez com que muitos, deles, cumprissem com as regras subjacentes à aquisição da licença.*

**Publicar as instruções.** *As regras de trabalho são, frequentemente, definidas nos contratos de trabalho e as regras estabelecidas pelas empresas de cartões de crédito, de serviços telefónicos, e das companhias de seguros estão contidas nos respetivos contratos de serviços. Os regulamentos que regem os locais ou os estabelecimentos públicos devem ser visíveis para todos, tanto para impedir que as pessoas argumentem sobre o seu desconhecimento, em relação às regras, como para mostrar, de forma precisa, onde e como as regras se aplicam. As estradas, em particular, fazem um uso extensivo de sinais que regem a condução ou o estacionamento. Os estudos realizados revelaram que os sinais de advertência reduzem, significativamente, o estacionamento ilegal nos espaços reservados para deficientes físicos. Muitos outros estabelecimentos – parques, faculdades, filas de trânsito e projetos habitacionais – também, colocam sinais para controlarem uma grande diversidade de comportamentos. Apesar da sua ampla utilização, ainda existem poucas avaliações da eficácia preventiva das instruções publicadas – mas elas são um instrumento essencial da aplicação da lei e são, frequentemente, utilizadas nos esforços para a resolução de problemas.*

**Despertar a consciência.** *Esta técnica situacional difere do "controlo social informal", em dois aspetos importantes: Primeiro, o enfoque está nas formas específicas de crime que ocorrem em*

cenários discretos e muito limitados e; segundo, o objetivo é despertar a consciência em relação à ação de cometer um determinado tipo de delito, ao invés de procurar modificar, de forma duradoura, as atitudes comuns de violação das leis. Por exemplo, as placas nas entradas das lojas anunciam "Levar produtos de uma loja, sem pagar, é furto", e no terminal de transportes públicos de Port Authority, em Manhattan, as placas dizem "Fumar neste recinto é ilegal, egoísta e grosseiro". Os radares que detetam a velocidade dão feedback imediato (sem emitir multas) aos motoristas que conduzem acima da velocidade permitida.

**Facilitar a obediência às regras ou a lei.** Quando o criminologista italiano Cesare Lombroso sugeriu, no século XIX, que as pessoas deveriam ser presas por urinarem nas ruas, o seu aluno Enrico Ferri sugeriu uma forma mais prática de resolver o problema: a construção de casas de banho públicas. Este é um exemplo de como facilitar o cumprimento das leis, uma técnica de ampla aplicação. Isto, também, poderá incluir medidas para subsidiar os fretes de táxi para quem ingeriu bebidas alcoólicas, fornecer cestos de lixo e "painéis para grafiteiros" (para a colocação de mensagens públicas das pessoas), e a melhoria dos procedimentos para o empréstimo de livros das bibliotecas que reduzam a demora e as justificações pelo não cumprimento das regras de empréstimo de livros. Num artigo clássico sobre a Disney World, Shearing e Stenning fornecem uma visão fascinante de como as formas de controlo e de gestão sofisticada de multidões – que envolvem o uso de indicações, placas, e barreiras físicas nos pavimentos (que dificultam, às pessoas, tomarem a direção errada) e as instruções dos funcionários da Disney – reduzem, significativamente, os potenciais crimes e as incivildades no parque temático (ver quadro).

**Controlar as drogas e o álcool.** O crime é facilitado pelo álcool e pelas drogas que desinibem, ou prejudicam a perceção e a cognição, de tal maneira que os criminosos ficam menos conscientes da violação da lei. O valor dos controlos situacionais sobre a bebida tem sido demonstrado com bastante frequência. Johannes Knutsson, diretor de pesquisa do Norwegian Police College, demonstrou que a limitação da quantidade de álcool que os indivíduos poderiam trazer consigo, para uma estância de férias da cidade, no Midsummer Eve, ajudou a reduzir a embriaguez e as condutas desordeiras. A pequena comunidade de Barrow, no Alaska, instituiu, em 1994, uma proibição total sobre a venda de álcool, para impedir as festas com bebida, o que levou a uma queda de 81% nas chamadas de serviço, relacionados com o consumo de álcool, numa redução de 43% nos crimes graves e em mais de 90% das remoções de pessoas embriagadas dos lugares públicos (ver a apresentação do Goldstein Award em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)). Os acordos voluntários entre os estabelecimentos locais de venda de bebidas, para promoverem a ingestão responsável de bebidas, têm reduzido a criminalidade relacionada com o álcool em muitas áreas de diversão noturna da Austrália. A Rutgers University decretou que a cerveja deve ser fornecida em barris, ao invés de grades com garrafas, nas festas dos dormitórios de estudantes, porque as grades são mais facilmente escondidas e, como um aluno disse: "Se tivermos um barril e uma fila de 20 pessoas atrás dele, as pessoas irão beber menos álcool do que se tivermos uma geladeira e as pessoas estiverem a desperdiçar a cerveja".

## Remover as desculpas

Definir as regras	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acordos de aluguer.</li> <li>• Códigos de comportamento sobre o assédio.</li> <li>• Registo nos hotéis.</li> </ul>
Publicar instruções	<ul style="list-style-type: none"> <li>• "Não estacione."</li> <li>• "Propriedade Privada."</li> <li>• "Apague as fogueiras no acampamento."</li> </ul>
Despertar a consciência	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Painéis de exibição da velocidade nas estradas.</li> <li>• Assinaturas para as declarações aduaneiras.</li> <li>• "Levar itens da loja, sem pagar, é furto."</li> </ul>
Ajudar ao cumprimento das regras	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fácil saída da biblioteca.</li> <li>• Banheiros públicos.</li> <li>• Caixotes do lixo.</li> </ul>
Controlar o uso de drogas e de álcool	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Auto exame sanguíneo de álcool.</li> <li>• Intervenção do prestador de serviços.</li> <li>• Eventos sem álcool.</li> </ul>

## Chegando ao Disney World

- Placas dizem aos visitantes, que chegam de carro, para sintonizar o rádio na estação da Disney para obterem informações.
- Placas direcionam os visitantes para o estacionamento que devem utilizar e marcações nas ruas mostram o caminho.
- Assistentes de estacionamento, sorridentes, direcionam os visitantes ao seu espaço e alto-falantes recomendam os condutores a trancarem os seus automóveis.
- Os visitantes são direcionados para os comboios com rodas de borracha que os levam para o mono carril.
- Anúncios gravados aconselham os visitantes a ficarem seguros por trás do guarda-freio.
- Para serem lembrados sobre a localização do local de estacionamento das suas viaturas os parques têm nomes sugestivos (por exemplo, Pato Donald 1).
- Eles são (educadamente) solicitados a sentarem-se, a manterem os seus braços e pernas dentro dos limites do carro, e para se certificarem de que as crianças fazem o mesmo.
- Antes de desembarcarem, são informados de como chegar ao mono carril e existem barreiras que os impedem de ir pelo caminho errado.
- Na plataforma, os assistentes encaminham as pessoas às cercas de dimensão certa para ocupar cada compartimento do mono carril.
- Os portões de segurança, na borda da plataforma, abrem somente quando o mono carril chega.
- Quaisquer atrasos do serviço são anunciados e são dadas as estimativas do horário de chegada.
- A bordo, os passageiros são convidados a permanecerem sentados, "para a sua própria segurança".
- Os passageiros são informados sobre como desembarcarem e como se dirigirem para o primeiro passatempo.
- São, mais uma vez, alertados para cuidarem das suas crianças e de não se esquecerem dos seus pertences.
- Enquanto esperam para entrar em cada exposição, os visitantes são organizados em filas, onde são entretidos pelos personagens da Disney que lhes indicam o horário de espera.
- Ao deixarem a exposição, os visitantes são guiados por placas, barreiras e assistentes para a atracção seguinte.

Fonte: Shearing, Clifford e Phillip Stenning (1997). "From the Panopticon to Disney World: The Development of Discipline". *Situational Crime Prevention: Successful Case Studies* (2.ª ed.), Ronald V. Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

#### **44.   DESCUBRA O RESPONSÁVEL PELO PROBLEMA**

*Muitos problemas surgem do fracasso de algumas instituições – empresas, órgãos do governo, ou outras organizações – em conduzirem os seus assuntos de uma maneira que previna o crime, ao invés de causá-lo. Em suma, muitos problemas ocorrem porque uma ou mais instituições são incapazes, ou se recusam a empreender uma determinada estratégia preventiva, ou porque essas instituições estabeleceram, intencionalmente, circunstâncias que estimulam os crimes ou as desordens. Isso cria estabelecimentos de risco (Passo 28) e outras concentrações de crime.*

*Resolver os problemas, por norma, requer a cooperação ativa das pessoas e das instituições que falharam em assumir a sua responsabilidade pelas condições que conduziram ao problema. Estes responsáveis pelo problema transferiram a sua responsabilidade dos seus ombros para os ombros do público e da polícia. Por conseguinte, um importante objetivo de qualquer processo de resolução de problemas é fazer com que assumam a sua responsabilidade. Assim, para qualquer problema, precisaremos responder a três perguntas relacionadas com quem tem responsabilidades no assunto:*

- *Quem é o responsável pelo problema?*
- *Porque é que o responsável permitiu que o problema se desenvolvesse?*
- *O que é necessário para que o responsável leve a efeito a prevenção?*

**Quem é o responsável pelo problema?** *Quando um problema é localizado num local específico, geralmente, é fácil identificar-se quem é o responsável por ele. O responsável pelo problema é o dono do local. O responsável por um determinado problema num parque, por exemplo, é o órgão com a responsabilidade pelo funcionamento daquele parque - normalmente, é a autarquia local ou alguma agência privada.*

*É mais difícil identificar os responsáveis pelos problemas que se espalham por grandes áreas. Se um problema que se espalha está concentrado num local específico, então, esse local pode ser a fonte da ocorrência desses eventos nas áreas próximas, e o proprietário desse local central pode ser o responsável pelo problema. Um especulador imobiliário, que possui muitas propriedades em más condições num determinado bairro, possui, também, os crimes associados a essas propriedades (porque esses problemas são seus, logo são da sua responsabilidade).*

*Se existe um grupo especial de pessoas - idosos, crianças com necessidades especiais, ou vítimas de violência doméstica - e essas pessoas são alvos de crime ou de desordem, então, os responsáveis potenciais do problema são os membros da sua respetiva família. Se existem órgãos encarregados de assistir ao bem-estar desses grupos especiais, esses órgãos são os possíveis co-responsáveis dos problemas. Ao tentar reduzir as mortes de trabalhadores imigrantes nas estradas, a Patrulha Rodoviária da Califórnia identificou as empresas especializadas no transporte desses trabalhadores. Elas eram as responsáveis pelo problema,*



mas não se responsabilizavam por ele. A definição da responsabilidade implicou uma intensificação da regulamentação dessas empresas, incluindo as inspeções dos veículos, a exigência de assentos individuais e de cintos de segurança, para determinados tipos de veículos de transporte de imigrantes, e uma maior repressão policial em relação às violações das medidas de segurança. O resultado foi uma grande redução nos acidentes fatais que envolviam trabalhadores agrícolas imigrantes. Esse esforço recebeu o Prémio Goldstein por Excelência em Solução de Problemas, em 2002.

**Porque é que o responsável pelo problema permitiu que este se desenvolvesse?** Há quatro explicações genéricas que, sozinhas ou combinadas, se enquadram na maioria dos problemas:

1. *Uma instituição pode ser incapaz de prevenir o crime. Isso pode ser causado pela ignorância em relação aos efeitos das suas operações no crime, ou ao desconhecimento sobre a forma de evitá-lo. Ou pode ser causado pela falta de recursos, mesmo quando a instituição sabe que suas operações ajudam a gerar crimes. É, também, importante reconhecer a importância dos procedimentos institucionalizados. Mudar os procedimentos pode ser demorado e custoso, tanto em termos dos recursos económicos como do pessoal envolvidos. Um novo procedimento de controlo de inventário, para evitar os furtos em lojas, praticados por funcionários das próprias lojas, pode ser difícil de ser implementado, porque exige mudanças complexas na maneira como os funcionários realizam as suas atividades normais.*
2. *Algumas instituições podem resistir à prevenção do crime, facilitado pelas suas operações, porque elas acreditam que corrigir o crime é de competência exclusiva da polícia (por exemplo, as bombas de gasolina com uma elevada taxa de ocorrências, em que o condutor foge sem pagar a gasolina, podem considerar os ladrões de gasolina como sendo o problema, ao invés da falta de uma política de pré-pagamento nos seus postos de abastecimento). Ao invés de reconhecerem o papel da oportunidade na génese dos crimes, algumas pessoas enfatizam, exclusivamente, o papel dos criminosos. A partir dessa perspectiva, é função da polícia reduzir o crime através da imposição da lei de uma forma mais rigorosa. As limitações dessa abordagem foram destacadas no Passo 3. Outra fonte de relutância é a crença de que a polícia está a invadir os direitos de propriedade do dono. Um comerciante pode alegar que tem o direito de exibir as suas mercadorias da maneira que quiser, e que a polícia não o deve obrigar, ou mesmo sugerir, a alternativas que poderiam vir a reduzir os furtos na loja.*
3. *Algumas instituições opõem-se devido aos custos envolvidos na resolução do problema; elas ganham mais do que perdem por ignorarem o crime. Elas podem chegar à conclusão que os custos de prevenção são mais altos do que os benefícios. O pessoal de segurança numa área de diversão custa caro e o pessoal de segurança qualificado é muito mais caro. Se os custos do problema não são assumidos pelo estabelecimento, então, existe uma necessidade muito pequena para que os custos da prevenção sejam assumidos. Em essência, esses estabelecimentos estão a transferir os custos da criminalidade e da prevenção para outros e, assim, reduzem os seus próprios custos.*

4. Algumas instituições podem, até, lucrar com os crimes, como pode acontecer quando uma loja de produtos usados que não se esforça em verificar quem é o legítimo proprietário da mercadoria que exhibe nos seus mostruários. As oficinas de reparações de automóveis podem comprar peças furtadas muito mais baratas do que as peças compradas legalmente, aumentando assim a sua margem de lucro.

**O que é necessário para que o responsável leve a efeito a prevenção?** Herman Goldstein delineou uma hierarquia, aproximada, das intervenções destinadas a enviarem a responsabilidade pelos problemas da polícia de volta para as instituições responsáveis pelo problema (ver quadro).

Partindo-se da base para o topo da lista de Goldstein, as intervenções vão-se tornando cada vez menos cooperativas e cada vez mais coercivas. Por essa razão, a dificuldade de intervenção aumenta, juntamente com os custos do fracasso para a polícia, à medida que nos movemos para o cimo na lista. Consequentemente, o valor da informação e da análise minuciosa aumenta de baixo para cima. De acordo com Goldstein, esta hierarquia é um indicador aproximado dessas tendências, e não uma descrição exata. No entanto, é útil para o planeamento de um conjunto de respostas sequenciais para um determinado problema - iniciando-se com a intervenção mais cooperativa e trabalhando no sentido ascendente, apenas se necessário, e apenas quando tal for apoiado por informações.

Devolver a responsabilidade ao responsável pelo problema pode resultar em conflitos jurídicos e políticos. Uma instituição que aprendeu alguma coisa com o problema, ou que prevê custos pela sua responsabilização, é provável que, simplesmente, não concorde com uma sugestão para que faça algo a respeito do assunto. O problema dos falsos alarmes foi abundante durante mais de duas décadas mas, em muitas jurisdições, é difícil superar o respaldo político e financeiro da indústria dos alarmes, que são os principais responsáveis pelo elevado nível de falsos alarmes. Claramente, as medidas preventivas menos onerosas e intrusivas encontrarão a menor resistência (Passo 45). Mas se essas respostas se revelarem ineficazes, então, a polícia, frequentemente, enfrenta uma escolha difícil: exigir uma maior responsabilidade aos donos do problema e arriscar um conflito político, ou continuar a gastar o dinheiro público num problema criado por alguns indivíduos ou instituições. Em resumo, a resposta parece clara mas, na prática, é muitas vezes uma decisão difícil.

**Herman Goldstein e a sua hierarquia dos meios  
Para mudar o responsável pelo problema**

*Menos cooperativa / Mais difícil*



*Mais cooperativa / Menos Difícil*

*Iniciar uma ação cível.  
Adotar legislação obrigando à adoção da prevenção.  
Cobrar taxas pelos serviços da polícia.  
Retirar o serviço policial.  
Envergonhamento público.  
Criar uma nova organização para assumir a resolução do problema.  
Envolver outra organização existente.  
Pedidos de confronto com alvos definidos.  
Pedidos informais diretos e programas educacionais.*

**Leia Mais:**

- Scott, Michael (2005). **"Policing for Prevention: Shifting and Sharing the Responsibility to Address Public Safety Problems."** Handbook of Crime Prevention and Community Safety, Nick Tilley. Cullompton U.K.: Willan.

## 45. ESCOLHA RESPOSTAS POSSÍVEIS DE SEREM IMPLEMENTADAS

*Encontrar uma resposta adequada pode ser um processo penoso. Podemos ficar, repetidamente, dececionados quando as intervenções promissoras são vetadas por causa das despesas, ou de outras dificuldades, ou por falta de cooperação. Mas há mais do que uma forma de se resolver um problema. Portanto, eventualmente, a sua equipa irá chegar a um acordo a respeito de uma resposta que satisfaça alguns requisitos básicos:*

- *Não é muito ambiciosa ou cara.*
- *É concentrada em causas próximas, e não em causas mais indiretas ou distantes, o que oferece boas hipóteses de causar um impacto imediato.*
- *Envolve um claro mecanismo articulado, através do qual cada resposta possa vir a afetar o problema.*

*Portanto, finalmente, as nossas preocupações acabaram e já podemos relaxar, certo? Errado! Ainda, mais difícil do que se concordar com uma boa resposta é certificarmo-nos de que ela está a ser, realmente, implementada. Não podemos garantir isso, sozinhos, mas se conhecermos as armadilhas que existem na implementação podemos impedir que os nossos colaboradores escolham respostas que os possam fazer cair nessas armadilhas. Tim Hope e Dan Murphy identificaram essas ciladas quando estudaram um projeto de prevenção do vandalismo, levado a efeito em 11 escolas em Manchester, na Inglaterra.*

*As respostas a serem implementadas em cada escola foram selecionadas por grupos de funcionários da autarquia, por funcionários da escola e por elementos policiais. Grande parte dos danos ocorreram mais por descuido do que intencionalmente. Isto sugeriu duas soluções: a implementação de respostas situacionais, para protegerem os edifícios ou para fornecerem atividades recreativas para desviar as crianças das atividades menos prejudiciais. Apenas um dos onze grupos recomendou melhorias nas condições de lazer. As respostas situacionais recomendadas eram, na maioria e basicamente, relacionadas a tornarem o alvo mais difícil (grades nas janelas, vedações altas e vidros mais rígidos), embora as propostas, também, incluíssem um plano para incentivar os moradores locais a vigiarem duas daquelas escolas e um plano para deslocalizar um parque infantil para uma zona menos vulnerável.*

*As recomendações foram todas implementadas em apenas duas escolas. Em três delas, nenhuma foi posta em prática e, nas seis escolas restantes, uma ou mais recomendações fracassaram. Estas falhas na implementação significaram que tiveram pouco impacto no combate ao vandalismo. Hope e Murphy identificaram cinco principais obstáculos à implementação, todos encontrados em projetos de resolução de problemas nos EUA:*

1. ***Dificuldades técnicas inesperadas.*** *Para oito daquelas escolas, os grupos recomendaram a substituição de janelas frágeis por vidraças de policarbonato ou vidro mais rígido. No entanto, nem uma única vidraça, de qualquer daqueles tipos, foi instalada. Os arquitetos da cidade tinham proibido as vidraças de policarbonato*

porque, em caso de incêndio, elas iriam impedir a fuga e poderiam libertar gases tóxicos. Os vidros mais rígidos tiveram de ser cortados no tamanho certo antes de serem endurecidos, mas as 170 placas de vidro vieram em muitos tamanhos diferentes e foi difícil armazená-los, de imediato, antes da sua aplicação. A alternativa de fornecer uma placa por encomenda foi excluída por causa de um prazo demasiado longo (seis semanas) que levariam para fazer isso.

2. **Supervisão inadequada da execução.** Numa escola foi acordado que o parque infantil seria deslocado para uma área menos vulnerável. O parque original seria substituído por canteiros, mas isso tinha de ser feito por um departamento da autarquia que não fez mais do que fornecer um orçamento para o trabalho. A transferência do parque foi subcontratada a uma empresa de construção civil privada mas, devido a um mal-entendido, apenas metade da área proposta foi pavimentada. Após dois anos, portanto, o problema do vandalismo manteve-se inalterado, os canteiros nunca foram criados e a escola adquiriu uma área pavimentada estreita e inútil.
3. **Falha na coordenação da ação entre diversos organismos.** Cada uma das recomendações que eram da responsabilidade exclusiva da secção de manutenção dos edifícios escolares foi executada, embora nenhuma daquelas recomendações que envolviam outros departamentos ou agências tivessem sido realizadas. Por exemplo, foi recomendado que as pessoas que viviam perto das duas escolas, atrás referidas, deveriam ser encorajadas a vigiá-las depois do horário de funcionamento e para denunciarem quaisquer suspeitas à polícia. Isto exigia a cooperação da administração escolar, do diretor, dos funcionários e dos alunos das escolas e de três áreas da polícia - prevenção de crimes, relações comunitárias e polícia local. Todos apoiaram a ideia, mas ninguém assumiu a liderança.
4. **Prioridades concorrentes.** Durante o período de execução muitas outras solicitações foram feitas ao sistema escolar, como resultado da incansável luta trabalhista dos funcionários da autarquia e tornou-se necessária uma reorganização das escolas por causa da diminuição da população em idade escolar. As mudanças que foram feitas com os funcionários da escola resultaram em mudanças na redistribuição do pessoal envolvido no projeto de combate ao vandalismo. Não foi uma surpresa o facto dos funcionários da escola darem pouca prioridade ao projeto sobre o vandalismo.
5. **Custos inesperados.** Nalguns casos, as consequências mais amplas de um determinado curso de ação superam as suas vantagens imediatas. Por exemplo, na escola com o problema de vandalismo mais grave foi decidido que uma patrulha de segurança fosse montada no período de férias imediato. Os trabalhadores de manutenção da escola foram contratados para patrulharem a escola durante os seus tempos livres. Essa ação teve um sucesso imediato na redução do vandalismo e foi estendida para além das férias escolares, para dar cobertura durante a noite e os fins-de-semana. Outras escolas exigiram a mesma proteção e mais trabalhadores da manutenção queriam a

mesma oportunidade para fazerem horas extraordinárias. Em última análise, o custo desta medida tornou-se inoportável e o projeto foi abandonado.

Podemos ver, na lista acima, que alguns dos problemas de implementação não podem ser previstos e que uma grande proporção das respostas selecionadas nunca será implementada. No entanto, fica claro, também, que certos tipos de resposta podem encontrar problemas, estando estes resumidos no quadro. Nalguns casos, certamente, a resposta pode ser tão promissora que vale a pena prosseguir, apesar dos riscos de falha na sua implementação. Mas, “ser alertado é estar preparado”.

### **Espere problemas, durante a implementação, Quando uma resposta:**

- **Requer uma ação coordenada entre vários órgãos distintos.**
- **Vai levar muito tempo a ser introduzida e envolve uma série de passos sequenciais a serem completados.**
- **Deve ser executada por um conjunto de funcionários com pouca compreensão da sua finalidade.**
- **Não existe uma liderança forte, e que preste grande apoio, entre a equipa da parceria.**
- **Carece de apoio dos administradores nos mais altos cargos.**

### **Espere problemas, também, quando a resposta tem de ser implementada por um organismo:**

- **Que está fora da parceria.**
- **Que têm poucos recursos ou tem problemas internos.**
- **Que terá poucos ganhos diretos com a solução.**

#### **Leia Mais:**

- Hope, Tim e Daniel Murphy (1983). **Problems of Implementing Crime Prevention: The Experience of a Demonstration Project.** *The Howard Journal*, XXII, 38-50.
- Laycock, Gloria e Nick Tilley (1995). **Implementing Crime Prevention.** In **Building a Safer Society**, editado por Michael Tonry e David Farrington, University of Chicago Press.

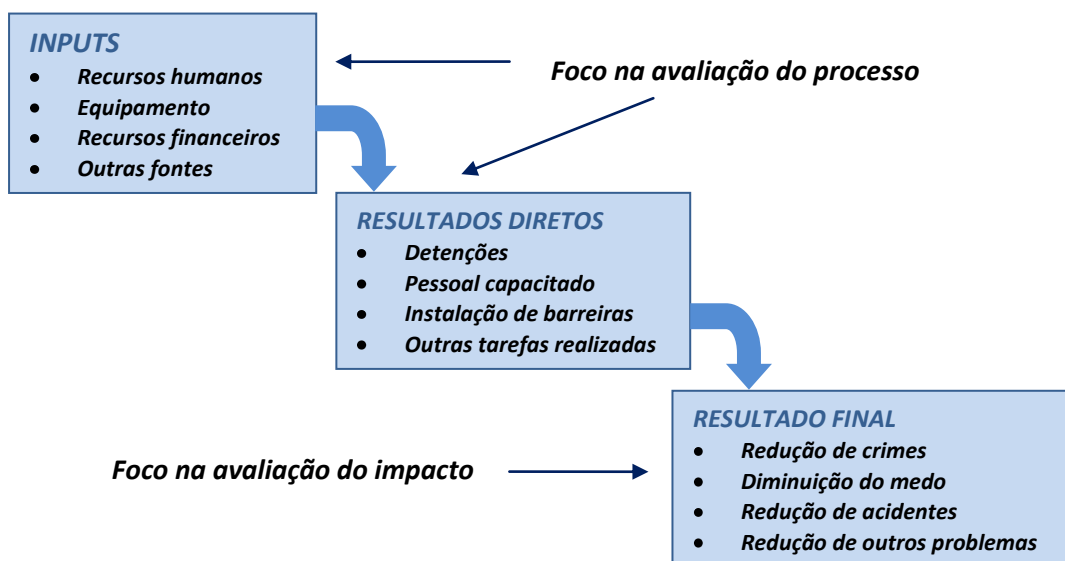
## AVALIE O IMPACTO

### 46. REALIZE UM PROCESSO DE AVALIAÇÃO

O primeiro passo, crítico, na avaliação é a realização de uma avaliação do processo. Isso responde às perguntas: "A intervenção foi colocada em prática como o planejado? E de que forma ela foi alterada pela implementação?" Como mostra a figura, a avaliação do processo focaliza-se nos recursos que foram empregues pela resposta (os inputs) e nas atividades feitas com esses recursos (os resultados), mas não examina se a resposta foi eficaz na redução do problema (nos resultados). Para isso precisamos de uma avaliação do impacto, que nos informará se o problema se alterou (Passos 47 à 53).

#### O PAPEL DOS PROCESSOS DE AVALIAÇÃO E DE IMPACTO

Ambos os tipos de avaliações são necessários num projeto POP. A tabela abaixo resume as possíveis conclusões, com base nas descobertas em ambos os tipos de avaliação: A) A resposta foi implementada de acordo com os planos e não há outra explicação lógica para a diminuição do problema. Portanto, há provas confiáveis de que a resposta causou a redução pretendida; B) A resposta foi executada de acordo com o planejado, mas não se registou uma redução do problema. Portanto, há provas confiáveis de que a resposta foi ineficaz. Mas, e se a resposta não foi executada como planejado? Neste caso, é difícil chegar a uma conclusão útil; C) Se o problema diminuiu, isso pode significar que a resposta foi acidentalmente eficaz ou pode-se atribuir a responsabilidade a algum outro fator; D) Se o problema não diminuiu, então, nenhuma conclusão útil é possível. Talvez a resposta implementada tenha tido falhas e a resposta original teria sido eficaz se isso não tivesse ocorrido, ou nenhuma delas é eficaz. A menos que a resposta planejada seja implementada, é difícil aprender algo a partir de uma avaliação do impacto.



## Interpretando resultados das avaliações de processo e impacto

		Resultado da Avaliação do Processo	
		A resposta foi implementada conforme o planejado.	A resposta não foi implementada conforme o planejado.
Resultados da Avaliação do Impacto	Redução do problema e nenhuma outra causa similar.	A. Evidência de que a resposta causou a redução.	C. Sugere que a resposta foi, acidentalmente, eficaz ou que outros fatores podem ter causado a redução.
	O problema não diminuiu.	B. Evidência de que a resposta foi ineficaz.	D. Pouco se aprendeu.

Uma resposta é uma peça complexa do processo com uma variedade de componentes em que qualquer um deles pode não funcionar (Passo 45). Uma avaliação do processo examina quais as componentes que foram executadas com sucesso. A lista de verificação da avaliação do processo destaca as perguntas que devemos fazer.

Frequentemente, a programação das atividades envolvidas na resposta a um problema é de importância crítica. Por este motivo, é útil criar-se um cronograma do projeto que demonstre quando as componentes importantes devem ser implementadas. Também, é útil mostrar quando os acontecimentos imprevistos ocorreram e observar a publicidade que é feita à resposta, para que possamos notar a ocorrência dos Benefícios Antecipados (Passo 52).

Apesar de poderem surgir evoluções inesperadas que nos possam forçar a ter que modificar uma resposta, algumas delas poderão ser antecipadas através da compreensão do que poderá correr mal com as respostas. Algumas das respostas possíveis são as seguintes:

- 1. Podemos ter uma compreensão inadequada do problema.** Podemo-nos ter focalizado muito pouco nas vítimas recorrentes, por exemplo. Isto pode ser causado por hipóteses sem validade a respeito do problema ou por causa de análises insuficientes (porque não procuramos pela vitimização recorrente, por exemplo). Se, durante o desenvolvimento da resposta, pudermos identificar os pontos fracos da nossa análise, então, poderemos criar planos de contingência (um plano para abordar as vítimas recorrentes, caso isso se revele necessário).
- 2. As componentes do projeto falharam.** A lista de avaliação do processo demonstra que há muitos pontos críticos que levam a falhas. No entanto, nem todas as componentes são igualmente importantes para o sucesso. Além disso, é possível antecipar as componentes com taxas elevadas de fracasso. Os grupos de cidadãos, em geral, são bastante diversos na sua capacidade em cumprir tarefas, por exemplo. Ser redundante ou formular planos de reserva pode atenuar as falhas das componentes.



3. **Os criminosos podem reagir negativamente à nossa resposta** (Passo 11). Algumas formas de adaptação negativa podem ser antecipadas e planeadas. Por vezes, os locais de deslocalização geográfica podem ser identificados antes da resposta, por exemplo, e podem ser tomadas ações avançadas de proteção para imunizá-los.
4. **Existem mudanças externas inesperadas que têm um impacto na resposta.** O orçamento de um organismo parceiro pode ser cortado inesperadamente, por exemplo, obrigando-o a diminuir os seus esforços para com o problema. Como o problema não se dissipará, por si próprio, o único recurso é alterar os planos.

As avaliações do processo exigem informações. Estas informações virão, em grande parte, dos membros da equipa de resolução de problemas, por isso, é importante que eles documentem as suas atividades. Quais as atividades que devem ser documentadas, quem as arquiva e com que nível de detalhes devem ser elaboradas, são questões que devem ser resolvidas durante o planeamento da resposta.

<b>Lista dos principais pontos do processo de avaliação</b>		
<b>Componentes da Resposta</b>	<b>A componente é essencial?</b>	<b>A resposta foi executada conforme o planeado?</b>
<b>Quem deve atuar?</b>		
<b>Unidades policiais</b>		
<b>Parceiros governamentais</b>		
<b>Grupos comunitários</b>		
<b>Empresas</b>		
<b>Outros</b>		
<b>O que é que devem fazer? Eles têm competência para agir?</b>		
<b>Autoridade legal</b>		
<b>Autoridade local</b>		
<b>Fontes de recursos</b>		
<b>Perícia</b>		
<b>Quando é que devem agir?</b>		
<b>Datas e horários</b>		
<b>Coordenação com outros</b>		
<b>Quem, ou o quê, deve beneficiar da ação?</b>		
<b>Pessoas</b>		
<b>Locais</b>		
<b>A ação foi distribuída de forma apropriada?</b>		
<b>Intensidade</b>		
<b>Duração</b>		
<b>Existem planos de substituição para...</b>		
<b>Falhas no plano</b>		
<b>Adaptação</b>		
<b>Mudanças externas</b>		

## 47. SAIBA COMO USAR CONTROLOS

Devemos pensar em três questões ao avaliar uma determinada resposta:

1. "Qual foi a resposta implementada?" Uma avaliação ao processo responde a essa pergunta (Passo 46).
2. "O problema diminuiu?" Devemos comparar o nível do problema antes da resposta, com o nível do problema após a resposta, antes de responder a esta pergunta.
3. Se a resposta diminuiu o problema, então, devemos perguntar: "Foi a resposta que causou essa diminuição, ou foi outra coisa?" Geralmente, existem muitas explicações alternativas para a diminuição do problema.

Responder à terceira questão requer o uso de controlos. O objetivo dos controlos é o de excluir as explicações alternativas. Diferentes explicações alternativas exigem diferentes tipos de controlos, conforme o descrito abaixo:

**Mudanças na dimensão.** Se tivesse havido uma redução no número de inquilinos num edifício de apartamentos seria de esperar que o número de furtos diminuísse, pois há menos vítimas potenciais. A redução do número de alvos é uma alternativa para a explicação do porquê da diminuição ter ocorrido devido à intervenção. Para controlar as mudanças, levando em conta a dimensão do problema, dividimos o número de furtos, antes e depois da resposta, pelo número de apartamentos ocupados, antes e depois da resposta. Na tabela, o que parece ter sido uma diminuição dos furtos foi, parcialmente, causado pela queda no número de apartamentos ocupados. Quando isso é tido em consideração, ainda notamos um efeito da resposta. Se os períodos, antes e depois da resposta, são de dimensões, substancialmente, diferentes, o controlo para isso consiste em se dividir, novamente, o número de meses antes pelo número de meses depois, para se obter o número de furtos por unidades ocupadas por mês.

<b>Usando taxas para controlo pelas mudanças na dimensão</b>			
	<b>6 Meses antes</b>	<b>6 Meses depois</b>	<b>Mudança</b>
<b>Furtos em residências</b>	<b>41</b>	<b>20</b>	<b>-21</b>
<b>Unidades ocupadas</b>	<b>83</b>	<b>73</b>	<b>-10</b>
<b>Furtos/Unidade ocupada</b>	<b>494</b>	<b>286</b>	<b>-208</b>

**Ciclos de atividade.** A atividade humana oscila ao longo dos dias, das semanas, e dos meses. Alguns dos ciclos mais comuns incluem o deslocamento diário a longas distâncias, para ir à escola, ao trabalho, ou para se divertir e viajar nas épocas festivas e nos feriados. Esses ciclos causam mudanças regulares nos problemas. Para controlar por ciclos, devemos comparar a mesma parte do ciclo antes da resposta, com a mesma parte do ciclo após a resposta.

**Tendências, a longo prazo, do problema.** Os problemas podem piorar (ou melhorar) antes da resposta (Passo 26). Sem termos em consideração as tendências, pode-se concluir que a

resposta foi a responsável quando, na realidade, o resultado poderia ter ocorrido de qualquer maneira. Existem duas formas de controlar por tendências:

- O primeiro método consiste em se medir o problema por um longo período, antes da resposta, para que qualquer tendência possa ser identificada. Desvios significativos da atual tendência, depois da resposta, são indícios do efeito da resposta. Os efeitos antecipados (Passo 52) são as reduções do problema devido à resposta, mas que ocorrem antes de a resposta ter sido, plenamente, implementada. Esses efeitos têm de ser diferenciados das tendências de longo prazo anteriores a implementação;

- O segundo método consiste em se comparar as pessoas ou os lugares que receberam a resposta com um grupo similar de pessoas ou lugares que não receberam a resposta. Isto é chamado de grupo-controle, ou uma comparação de grupo. Um grupo-controle deve ser similar ao grupo-resposta, em relação ao problema, mas não pode receber a resposta. Um grupo-controle diz-nos o que teria acontecido com o grupo-resposta, se o grupo-resposta não tivesse recebido a intervenção. Se o grupo-resposta muda de forma diferente da do grupo-controle, isso é uma prova do efeito da resposta.

**Outros eventos inesperados.** Muitas outras coisas mudam quando a resposta é implementada, podendo cada uma das quais ter causado a diminuição do problema. Ao invés de uma resposta para a redução dos acidentes de trânsito que causa a diminuição do número de acidentes numa estrada, por exemplo, o tráfego lento da estrada devido a reparações, que ocorrem ao mesmo tempo que a resposta, pode ter sido a causa dessa diminuição. A abordagem padrão consiste em se utilizar um grupo-controle, como discutimos para a análise das tendências. A área de controle só é útil se for afetada pelos mesmos fatores que a área de resposta. Portanto, contar acidentes nas estradas de resposta e de controle, ambas as quais são influenciadas pelas reparações na estrada, poder-nos-ia dizer se as obras de reparação contribuíram para a diminuição do número de acidentes.

**Mudança na medição do problema.** Uma comparação feita, antes e depois, só é válida se o problema tiver sido medido da mesma forma antes e depois da resposta. As diferenças nas medições podem causar uma mudança visível no problema. Devemos usar os mesmos procedimentos de medição, antes e depois, da implementação da resposta. As observações, antes e depois, devem ocorrer nos mesmos locais e ao mesmo tempo, observando os mesmos fatores, e registrando-os da mesma forma. As fotografias e as gravações em vídeos, registrados antes e depois, devem ser realizados sob a mesma luz e sob os mesmos ângulos, à mesma distância, e usando o mesmo tamanho da área da imagem. Os entrevistadores deverão ser os mesmos, antes e depois, fazendo as mesmas perguntas, pela mesma ordem. Devemos examinar os registros oficiais para determinar se as práticas de gravação são estáveis ao longo do tempo.

**Redução natural de uma extremidade muito elevada.** Muitos problemas são abordados porque as coisas tornaram-se bastante ruins. Portanto, a resposta costuma ser implementada quando o problema está anormalmente elevado. Mas, mesmo um problema relativamente

*estável tem variações. Um problema que agora é anormalmente elevado pode regressar ao seu nível normal, mesmo que nada seja feito (Isso é chamado de "regressão à média" e aplica-se, também, às baixas anormais). A comparação com os controlos pode não ser útil, aqui, se a área de resposta estiver no auge do problema e a área de controlo não estiver. Ao invés disso, devemos examinar a variação a longo prazo, antes da resposta, para ver se o problema era extremamente grande.*

*A figura abaixo ilustra alguns dos usos de controlos. No sentido horário, em torno desta figura, o painel A mostra uma série de 24 meses com uma resposta implementada no início de novembro do primeiro ano. Há um ciclo anual pronunciado e uma tendência descendente que não são causados pela resposta. O pico em novembro, na sequência da resposta, sugere que a resposta teve um impacto contrário ao que se esperava.*

*O painel B mostra uma comparação, antes e depois, (a média de agosto-outubro de 2003 comparada com a média de novembro de 2003 a janeiro de 2004) o que sugere um agravamento do problema após a resposta.*

*No painel C foi adicionada uma área de comparação. A comparação imediata de antes-e-depois mostra a área de resposta melhor do que a sua área de comparação, mas por causa dos efeitos cíclicos não teríamos muita confiança nesses resultados. Comparar os 3 meses, antes da resposta, com os mesmos três meses um ano depois, explica o comportamento cíclico da série de crimes.*

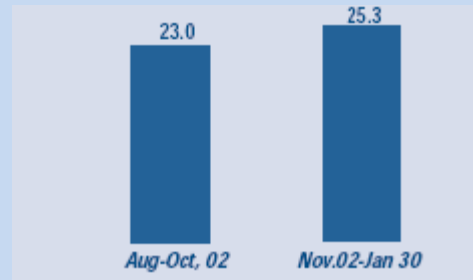
*Mas, porque parte do declínio em ambos os grupos, talvez, seja devido à tendência descendente geral, o painel D fornece uma melhor imagem do impacto da resposta. Antes da resposta, a área a ser tratada é, consistentemente, pior do que a área de comparação. Depois da resposta, ambas estão praticamente da mesma forma. Além disso, o pico problemático registado em novembro parece ser independente da resposta, porque ele aparece, até, também, na tendência de controlo. A resposta parece ser eficaz, mas não é dramática, de modo que os seus resultados foram, facilmente, encobertos por fatores que necessitam de serem controlados - tendências, ciclos, e eventos inesperados.*

## Alguns usos de controlos

*Série Temporal Mensal para Resposta na Área*



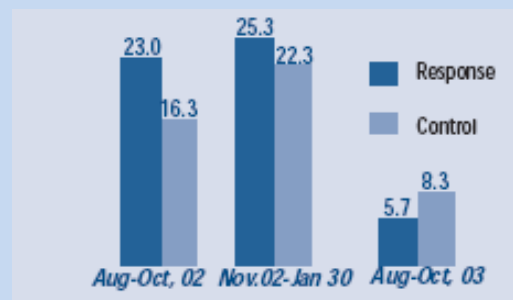
*B. Antes e depois numa média de 3 meses*



*D. Série Temporal Mensal para Áreas de Resposta e Controlo*



*C. Antes e depois da mesma média de 3 meses*



#### **48. TENHA EM CONSIDERAÇÃO A DESLOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E TEMPORAL**

*A deslocalização geográfica ocorre quando a intervenção bloqueia as oportunidades de crime, ou de desordem, num estabelecimento, ou numa área, e quando os infratores se deslocam para outros estabelecimentos, ou áreas para cometerem crimes. A deslocalização temporal, também, resulta de uma prevenção bem sucedida mas, neste caso, os infratores mudam o período das suas atividades criminais para outras horas ou dias.*

*Os criminosos podem ter dificuldade em se deslocarem para outros locais, porque as oportunidades que facilitam o crime, ou a desordem, são limitadas (Passo 16). Os infratores podem estar concentrados nalguns locais e não noutros (Passo 16). As vítimas potencialmente vulneráveis podem ser encontradas nalgumas localidades, mas não noutras (Passo 29). Alguns estabelecimentos têm controlos de comportamento baixos, mas outros não (Passo 28). As oportunidades que existem são hot-spots, ou estão ocultas para os infratores – ou distantes, ou não reconhecidas como lugares promissores para o cometimento de crimes.*

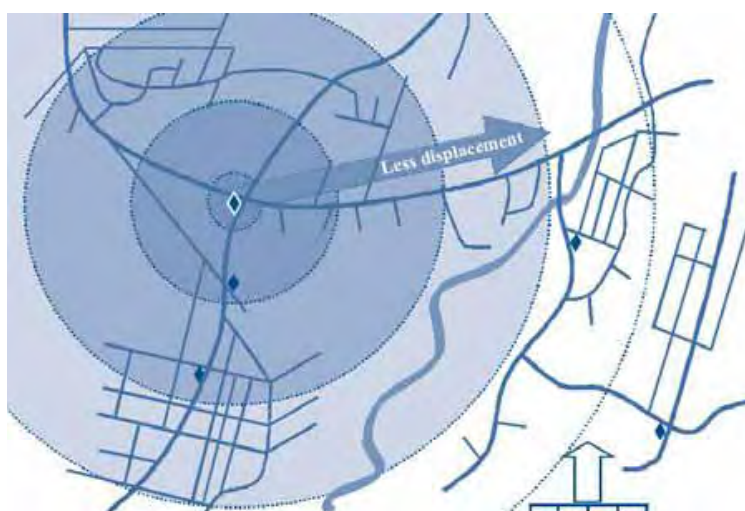
*Os criminosos, normalmente, não perdem tempo a procurar oportunidades em locais distantes do seu hot-spot quando este é suprimido. Portanto, se eles se deslocalizarem, terão maior probabilidade de o fazerem para um lugar próximo do seu hot-spot original. A probabilidade dos criminosos se deslocarem para outro local diminui à medida que esse local é mais distante do seu hot-spot original, conforme é ilustrado na figura. Além disso, nem todos os espaços são adequados para os infratores. As oportunidades não são distribuídas, equitativamente, por todo o mapa.*

*Neste mapa, os diamantes são os lugares com características iguais às do hot-spot original. Quanto mais próximo do local original, mais suscetíveis são as áreas de serem afetadas pela deslocalização. Além da distância, a existência de obstáculos naturais pode limitar a deslocalização. Na figura, o rio que flui de nordeste a sudoeste reduz as hipóteses de deslocalização para leste. Com isto, as contra medidas à deslocalização podem ser aplicadas juntamente com a resposta, nos locais mais vulneráveis.*

*Se a deslocalização geográfica ou temporal ocorrer, é mais provável que o crime mude para locais e horários muito semelhantes aos locais e horários afetados pela prevenção. Tais mudanças exigem menos esforço, aprendizagem, e riscos para os infratores do que se deslocassem para lugares e horários muito diferentes. É mais provável que os criminosos tentem esperar até ao final do efeito da resposta, o que explica a constatação de Lawrence Sherman de que os efeitos da supressão diminuem. Se os infratores não puderem esperar até ao final de uma resposta, serão os locais e os horários mais familiares que terão as maiores hipóteses de estarem sujeitos à deslocalização do crime. Como Paul e Patricia Brantingham notaram, é possível prever quais as áreas com maior probabilidade de deslocalização. Mas isto exige um conhecimento pormenorizado das oportunidades de crime na situação atual.*

Se a deslocalização geográfica ocorrer, isso pode distorcer as conclusões sobre a eficiência da resposta. A Tabela 1 ilustra como isto pode acontecer. Neste exemplo, há três áreas semelhantes com igual número de crimes, antes do tratamento: (1) uma área de tratamento; (2) uma zona adjacente à área de tratamento, e (3) uma área distante da área de tratamento. A área tratada tem uma redução de 25 crimes. No entanto, a zona adjacente tem um aumento de 10 crimes. Isso parece sugerir que, se nada tivesse sido feito na área de tratamento, ela, também, teria sofrido o aumento de 10 crimes. Portanto, a redução líquida é de 35 (redução de 25 delitos na área de tratamento e aumento de 10 crimes que foram evitados).

**Redução da deslocalização geográfica  
Com a distância do hot-spot ao epicentro**



**Tabela 1: uso de áreas de controlo distantes e adjacentes  
No controlo do deslocamento geográfico**

	Antes	Após	Diferença	Efeito líquido esperado
Área de Tratamento	100	75	-25	
Área adjacente	100	110	+10	-35
Área distante	100	100	0	-25

Mas esses 10 crimes a mais podiam ter sido causados pela deslocalização geográfica. Alguém poderia obter resultados melhores usando a área distante de controlo para uma comparação. Como controlo, a área distante sugere que, se nenhum tratamento fosse implementado, o crime não teria sofrido modificações, nem na área de tratamento, nem nas áreas adjacentes. Isso implica que o tratamento causou um declínio de 25 crimes na área de tratamento, mas um aumento de 10 crimes na área adjacente (deslocalização), por causa de uma redução combinada de 15 ocorrências. Embora tenha sido eficiente, o programa não foi tão eficaz quanto se esperava inicialmente. O Passo 51 descreve as fórmulas para se levar em consideração a deslocalização ao avaliar-se a efetividade da resposta.

Tentemos selecionar duas áreas de comparação, como parte das avaliações: uma próxima à área de tratamento que tenha oportunidades similares de crime, para se detetar a deslocalização geográfica (e a difusão geográfica). Uma seleção válida das áreas de controlo e de deslocalização exige que tenhamos alguma ideia dos padrões de movimentação normais dos criminosos, já que a área de controlo precisa estar fora do território de mobilidade daqueles, enquanto a área de deslocalização deve ficar dentro dela.

A deslocalização temporal pode ser mais fácil para os criminosos, porque requer menos esforço. Ele pode acontecer dentro de 24 horas se, por exemplo, a prevenção se restringir a certos horários e se deixar outros horários desprotegidos. Pode, também, acontecer dentro de uma semana, ou em períodos mais longos.

Se a avaliação comparar os horários com uma resposta de prevenção com os horários sem essa resposta de prevenção, pode ocorrer uma contaminação dos controlos temporais. Na Tabela 2 foi aplicado um tratamento no sábado e no domingo. O número médio de crimes naqueles dias caiu para 25 crimes depois do tratamento, enquanto os crimes nas segundas e sextas-feiras aumentaram em 10. Será que Isso foi devido à deslocalização temporal? Os dias no meio da semana podem ser controlos mais válidos, porque têm menos em comum com o final de semana do que as segundas e as sextas-feiras.

Esperar até ao final dos efeitos da prevenção é uma forma comum de deslocalização. As intensificações do policiamento repressivo são, particularmente, vulneráveis a esse tipo de deslocalização temporal, porque essas medidas são temporárias por definição. Se uma intervenção puder ser permanente (diferente de uma medida repressiva) então, os criminosos não poderão esperar até que diminuam os seus efeitos. Então, eles são obrigados a enfrentar a difícil opção de terem que se deslocar para locais e alvos menos atrativos, ou a terem que adotar novas táticas, ou realizar outros tipos de crime. Se essas opções forem muito difíceis, arriscadas, insatisfatórias, ou de qualquer forma desmotivadoras, eles poderão vir a cometer menos crimes.

**Tabela 2: usando os dias da semana para controlar o deslocamento temporal**

	<i>Dia da semana</i>	<i>Antes</i>	<i>Depois</i>	<i>Diferença</i>	<i>Efeito estimado remanescente</i>
<i>Dias de tratamento</i>	<b>Sáb. e Dom.</b>	100	75	-25	
<i>Dias próximos</i>	<b>Seg. e Sex.</b>	100	110	+10	-35
<i>Dias distantes</i>	<b>Ter. e Qui.</b>	100	100	0	-25

**Leia Mais:**

- Brantingham, Paul e Patricia Brantingham. (2003). **"Anticipating the Displacement of Crime Using the Principles of Environmental Criminology."** Crime Prevention Studies, volume 16. Monsey, NY: Criminal Justice Press.
- Eck, John (2002). **Assessing Responses to Problems: An Introductory Guide for Police Problem-Solvers.** Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services. (Disponível em: [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org) e em [www.cops.usdoj.gov](http://www.cops.usdoj.gov)).



#### **49. EXAMINE A SUBSTITUIÇÃO DE ALVOS, TÁTICAS, E TIPOS DE CRIMES**

*Para além da deslocalização geográfica e temporal, os criminosos podem mudar os seus alvos, táticas, ou delitos.*

*A substituição de alvo acontece quando os criminosos mudam dos alvos recém-protegidos para outros alvos. Em 1970, quando se tornou necessária a aplicação de sistemas de bloqueamento da direção em todos os veículos novos vendidos na Grã-Bretanha, os furtos de carros novos passou de 20,9%, de todos os carros furtados em 1969, para 5,1% em 1973. No entanto, a taxa geral de furtos de automóveis permaneceu, praticamente, constante, porque os criminosos trocaram os carros novos e protegidos pelos veículos mais velhos e desprotegidos. Este é um dos poucos casos documentados em que a deslocalização anulou a maioria dos ganhos com a prevenção, pelo menos a curto prazo. Durante um período mais longo, estes dispositivos pareciam ter controlado os furtos para uso temporário. Como este caso mostra, é fácil para os infratores mudarem para alvos muito semelhantes. A substituição de alvo é menos provável quando os alvos alternativos são diferentes dos antigos alvos.*

*O Passo 42 mostra como a deslocalização geográfica ou temporal pode contaminar os grupos de controlo. Se a avaliação de um esforço de prevenção utilizar um grupo-controlo-alvo então, uma forma similar de contaminação pode ocorrer. Imaginemos uma resposta para inibir o furto por esticção de bolsas de mulheres com mais de 60 anos de idade num shopping center. Para estimar qual seria a tendência do furto de bolsas de idosas, se nada tivesse sido feito, é contabilizado o furto de bolsas de mulheres entre 45 a 59 anos. Se, sem que o soubéssemos, os ladrões substituíssem o grupo das mulheres mais velhas protegidas pelo outro grupo de mulheres de meia-idade desprotegidas, iríamos concluir que o furto de bolsas teria aumentado sem uma resposta. Quando se compara esta mudança do grupo de alvos-controlo com a mudança do grupo de tratamento a tendência é a de inflacionarmos, por engano, a eficácia do tratamento. Um grupo-controlo mais adequado poderia incluir as consumidoras mais jovens (entre 30 e 44 anos, por exemplo) ou, ainda melhor, o furto de carteiras dos consumidores do sexo masculino. Embora nenhuma destas alternativas seja perfeita, elas são adaptações melhores, pois seria de esperar muito menos deslocalização para alvos diferentes. Ou, então, selecionemos outra zona comercial como área-controlo - neste caso teríamos que nos prevenir contra a difusão geográfica ou a contaminação por deslocalização, Passos 48 e 51.*

*A mudança de tática ocorre quando os criminosos mudam as suas táticas ou procedimentos. Eles podem usar ferramentas diferentes para arrombarem fechaduras mais seguras, por exemplo. Ou os piratas informáticos podem vir a alterar o software para contornar as medidas de segurança mais efetivas. Na medicina, algumas bactérias podem, rapidamente, sofrer mutações, e um medicamento que era eficiente contra uma determinada forma de bactérias tornar-se-á menos eficiente à medida que as variedades mutantes se tornam mais prevalentes. Uma forma de contrariar isso é através da utilização de tratamentos de dimensão ampliada que são eficientes contra uma ampla gama de mutações. Da mesma forma, as respostas de amplo espectro protegem contra os métodos existentes utilizados pelos*

*criminosos e as muitas modificações destas táticas. As intervenções de dimensão ampla exigem que os criminosos façam grandes mudanças de comportamento, as quais eles poderão não ser capazes de fazer. Paul Ekblom descreve a tentativa de mudança de tática após a instalação de barreiras nos correios britânicos, para evitar os furtos “pela surra”; alguns criminosos tentaram o uso de marretas. No entanto, esta mudança de tática não foi particularmente bem sucedida e a deslocalização foi limitada. Aquelas barreiras são um exemplo de uma intervenção de amplo espectro uma vez que foram capazes de superar as novas táticas.*

*Trocar o tipo de crime é outro tipo de deslocalização que deveremos investigar. Os infratores podem mudar do furto de veículos para o furto no interior de veículos, ou para o roubo de viaturas (carjacking). Às vezes avaliamos as respostas a um tipo de crime, comparando a tendência dum tipo semelhante de crime que não foi sujeito a uma resposta de prevenção. Por exemplo, poderemos selecionar o furto de veículos como controlo na avaliação de uma intervenção contra o roubo de veículos.*

*Os mesmos princípios de contaminação e proteção aplicam-se à deslocalização da tática e do tipo de crime, tal como encontramos noutras formas de deslocalização. Se a tática ou o tipo de crime é muito semelhante à tática ou ao tipo de crime em discussão, então, a deslocalização poderá contaminar esses controlos. As táticas ou os tipos de crimes diferentes são menos propensos à contaminação. Mas, se eles forem muito diferentes, não os podemos considerar como controlos úteis.*

*Não existe uma solução perfeita para este problema, por isso devem-se assumir compromissos. A consequência disso é a de que é difícil apurar se a deslocalização está a ocorrer e é difícil avaliar a eficácia da intervenção. Acrescentando a estas dificuldades, as várias formas de deslocalização podem ocorrer simultaneamente. De facto, às vezes, uma forma de deslocalização exigirá, também, uma outra forma. As mudanças de alvo podem exigir uma mudança de tática e, se os novos alvos não estiverem nos mesmos locais dos antigos, a deslocalização geográfica, também, ocorrerá.*

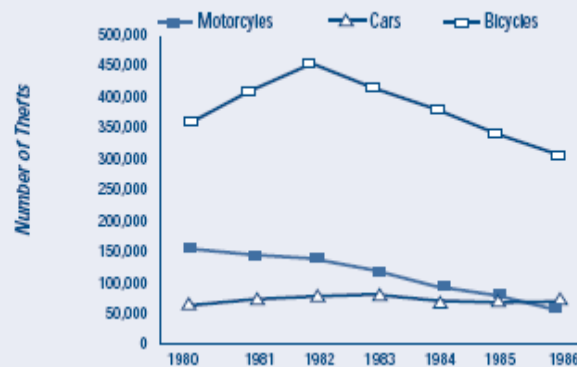
*Não iremos conseguir encontrar uma deslocalização, a não ser que andemos à sua procura. Isto significa que devemos analisar um problema de perto e imaginar as formas mais prováveis de deslocalização. Existem outras oportunidades para o crime ou para a desordem que sejam semelhantes às oportunidades que os nossos esforços estão a tentar bloquear? Os criminosos que estamos a analisar irão descobrir essas oportunidades com facilidade? Procurar pelas oportunidades de deslocalização, antes de se finalizar uma resposta, traz duas vantagens: Primeiro, podemos desenvolver as medidas necessárias para detetá-la, caso ela surja e; mais importante, ainda, podemos ser capazes de desenvolver contra medidas que impeçam a deslocalização.*

## Um estudo sobre a deslocalização do alvo: leis sobre o uso de capacete e a redução do furto de motocicletas

Na Alemanha (tal como noutros países) a promulgação de leis sobre o uso do capacete foi seguida de grandes reduções nos furtos de motocicletas. Depois de a lei ter sido introduzida, em 1980, os criminosos que queriam furto uma moto tiveram que trazer um capacete ou seriam notados rapidamente. A figura mostra que, até 1986, os furtos de motos haviam diminuído para cerca de um terço, comparando com o nível de 1980, passando de cerca de 150.000 para cerca de 50.000. (O declínio progressivo, provavelmente, reflete uma coerção policial mais forte e um crescente conhecimento sobre aquela exigência.) Este facto sugere que o furto de motos tem uma componente oportunista muito maior do que alguém teria pensado. A existência de excelentes dados sobre o furto na Alemanha permitiu que os pesquisadores investigassem se a diminuição do furto de motos resultou numa substituição de alvo para o furto de automóveis ou de bicicletas, outras formas de transporte de pessoas.

As outras duas linhas mostram os totais nacionais de furtos de automóveis e de bicicletas durante os mesmos anos. Isto fornece-nos algumas evidências, limitadas, de deslocalização, em que o furto de carros aumentou quase 10%, entre 1980 e 1986, de cerca de 64.000 para 70.000. Os furtos de bicicletas também aumentaram, entre 1980 e 1983, mas até o final do período diminuíram novamente para um nível inferior ao de 1980. De modo geral, é evidente que, no máximo, apenas uma pequena proporção dos 100.000 furtos de motos, salvos pela lei sobre o uso do capacete, foram substituídos por furtos de outros veículos.

Um pouco de reflexão mostra porque razão isto não é surpreendente. As motos podem ser particularmente atraentes para serem furtadas. Elas são muito mais divertidas de se conduzir, do que andar de bicicleta, para a maioria dos jovens ladrões. Mesmo que a sua intenção seja, apenas, para chegar a casa a altas horas da noite, uma moto oferece vantagens significativas, em especial se a distância é mais do que alguns poucos quilómetros. As motos também podem ser mais fáceis de serem furtadas do que carros, uma vez que estes têm de ser arrombados antes de poderem ser ligados. Tal como as bicicletas, os carros também oferecem menos emoção do que as motos e podem exigir mais conhecimentos para serem conduzidos.



Fonte: Mayhew, Pat and colleagues (1989). *Motorcycle Theft, Helmet Legislation and Displacement*. *Howard Journal of Criminal Justice* 28:1-8.

### Leia Mais:

- Ekblom, Paul (1987). *Preventing Robberies at Sub-Post Offices: An Evaluation of a Security Initiative*. Crime Prevention Unit Paper 9. London: Home Office.
- Webb, Barry (1994). *"Steering Column Locks and Motor Vehicle Theft: Evaluations from Three Countries"*. Crime Prevention Studies, volume 2, Ronald Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press. (Disponível em: [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org)).

## **50. ESTEJA ATENTO À CHEGADA DE NOVOS INFRADORES**

*Os três princípios deste manual são: (1) é preciso mais do que criminosos para que os problemas sejam criados, (2) as pessoas não conseguem cometer os crimes se não houver uma estrutura de oportunidade que leve a esse comportamento e (3) alterar as estruturas de oportunidade pode reduzir os problemas drasticamente. Consequentemente, as respostas concentradas, apenas, na neutralização dos infratores têm efeitos limitados na resolução dos problemas. Depois de alguns infratores terem sido neutralizados, pode haver uma diminuição do problema por um curto período de tempo, então, ou os antigos infratores voltam para tirar proveito das oportunidades, ou os novos infratores começam a tirar proveito delas. Isto é, por vezes, chamado de deslocalização do ofensor. A substituição natural dos criminosos pode ser lenta, principalmente se as oportunidades lhes forem desconhecidas. Mas se alguém descobriu as oportunidades para o crime no passado, outros irão redescobri-las no futuro. E, se os antigos criminosos foram neutralizados através da sua detenção e condenação, alguns podem voltar a se aproveitar das oportunidades depois de serem soltos.*

*Novos infratores, atraídos pelas oportunidades, podem contribuir para os ciclos de crimes a longo prazo. Os assaltos a bancos, nalgumas partes dos Estados Unidos, podem ser um exemplo disso. Nalguns anos haverá um grande número desses crimes e, em seguida, eles entraram em declínio por vários anos, para depois surgirem novamente, mais tarde, para reiniciar o ciclo. Uma hipótese para esses ciclos é a de que, durante os anos de maior incidência de roubos, os bancos começam a instituir uma série de medidas preventivas e a maioria dos ladrões são detidos e encarcerados. Esses esforços diminuem os roubos aos bancos. Após vários anos, com poucos roubos, a segurança dos bancos diminui e as oportunidades para esses crimes aumentam. Em seguida, novos criminosos começam a se aproveitar da baixa segurança, iniciando-se uma nova onda de roubos e de novas medidas de prevenção. Esta hipótese chama a atenção para o facto de que é necessário mais do que aplicação da lei, através de medidas repressivas, para ser eficaz, e os ganhos com a prevenção devem ser mantidos para que resultem.*

*De facto, é muito comum ler-se descrições de tentativas de resolução de problemas que começam com uma descrição da falha dos esforços de natureza mais repressiva. Em qualquer situação, ou os antigos infratores voltam ou os novos infratores os substituem. Existem três maneiras pelas quais novas pessoas são expostas às oportunidades de crime:*

- 1. Elas estão expostas aos crimes através das suas rotinas diárias normais. A polícia detém os jovens que furtam bens do interior dos carros que estão abertos no centro da cidade, por exemplo, mas continuam a existir carros abertos, com bens expostos, no local. Das muitas pessoas que utilizam o centro da cidade, diariamente, poucas irão notar esses veículos e tentarão furtar bens do seu interior. Se forem bem sucedidos, alguns desses indivíduos irão continuar a cometer esses furtos.*

2. *Os potenciais ofensores estão expostos às oportunidades de crime através dos contactos informais com amigos e conhecidos. As pessoas que já tiraram proveito de uma oportunidade para cometer crimes, ou desordens, podem convidar outras pessoas a ajudá-las, ou para terem a mesma experiência. Sabendo-se que, raramente, somos 100% bem sucedidos na neutralização de todos os criminosos por longos períodos, geralmente, há muitas pessoas que podem introduzir novas pessoas às oportunidades existentes.*
  
3. *Elas descobrem as oportunidades através do recrutamento. Um criminoso recetador de mercadorias furtadas pode empregar novos assaltantes se os antigos já não lhe puderem trazer mercadorias. Se a prostituição for organizada, então, um proxeneta de mulheres pode recrutar novas prostitutas para preencher os postos de trabalho deixados vagos pelas ex-prostitutas. Os gangues podem recrutar novos membros em substituição dos antigos. Tem sido sugerido que os traficantes adultos, confrontados com penas mais rígidas devido às condenações por tráfico, começaram a contratar jovens delinquentes para executarem as tarefas mais arriscadas, porque as penas para os delinquentes de menor de idade, detidos com droga, são muito menores do que para adultos.*

*Como é que descobrimos se os criminosos se estão a mudar para uma determinada área? O método mais simples consiste em se comparar os nomes dos criminosos associados ao problema, antes da resposta, com os nomes daqueles associados ao problema, depois da resposta. Se os nomes são diferentes, então os infratores podem-se estar a mudar para a área. A dificuldade com esta abordagem é a de que uma lista completa dos criminosos envolvidos raramente está disponível. Portanto, não fica claro se os novos nomes são realmente de novos infratores, ou se eles fizeram parte do problema por algum tempo mas só, recentemente, foram descobertos.*

*As entrevistas com os criminosos, também, podem ser úteis. Eles podem-nos informar sobre quando se envolveram no problema, como se envolveram, e quem mais está envolvido. Podem-nos, também, fornecer informações sobre a substituição de táticas e outras formas de deslocalização. Contudo, eles podem cooperar pouco e podem não ser confiáveis (Passo 10).*

*Às vezes, uma análise pormenorizada dos métodos usados para cometer os crimes pode-nos levar a descobrir se estarão envolvidos novos criminosos. Se as táticas forem, radicalmente, diferentes daquelas utilizadas anteriormente, existe a possibilidade de que novos infratores estejam a trabalhar. No entanto, também é possível que os criminosos antigos tenham mudado de tática.*

### **Combinando medidas severas com modificações no ambiente: controlando as prostitutas “ocasionais” em Finsbury Park**

*Roger Matthews descreveu o problema da prostituição, no bairro de Finsbury Park, em Londres. As medidas severas da polícia, ao longo de muitos anos, não tinham conseguido controlar o mercado da prostituição, uma vez que as prostitutas, simplesmente, regressavam constantemente à mesma área. Quando estas medidas foram combinadas com barreiras na rua, para dificultar a que os homens encontrassem prostitutas quando conduziam viaturas na área, o nível de prostituição caiu drasticamente. Matthews sugere que foi a combinação de estratégias – a neutralização dos infratores, através da repressão, e o bloqueio das oportunidades, com as barreiras nas ruas – a responsável pelo declínio. Uma importante razão para o sucesso dessas intervenções foi a de que as prostitutas não estavam, profundamente, comprometidas com esta forma de ganhar a vida. Algumas delas eram toxicodependentes ou estavam sob o controlo de proxenetas. De facto, os motivos mais comuns para trabalharem como prostitutas eram atribuídos ao facto de poderem ganhar mais dinheiro que noutras formas de trabalho, de gostarem da independência e de se divertirem conhecendo vários homens. Muitas delas vieram para Finsbury Park de áreas periféricas com bilhetes de comboio mais baratos. Junto com outras mulheres, elas alugavam quartos numa das muitas pensões ou hotéis residenciais da área ou, então, trabalhavam nos carros dos clientes. Quando não estavam a trabalhar como prostitutas, muitas delas trabalhavam como funcionárias em bares, como dançarinas, ou como funcionárias de lojas. O seu compromisso, relativamente leve, com a prostituição e as suas formas alternativas de ganhar dinheiro pode ajudar a explicar porque razão os investigadores encontraram poucas evidências de deslocalização das prostitutas, de Finsbury Park para outras áreas próximas, em Londres.*

#### **Leia Mais:**

- Matthews Roger (1997). *“Developing More Effective Strategies for Curbing Prostitution”* Situational Crime Prevention Studies: Successful Case Studies (2<sup>a</sup> ed.), Ronald Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

## 51. ESTEJA ATENTO AOS BENEFÍCIOS INESPERADOS

*Podemos subestimar os efeitos da nossa intervenção se não levarmos em conta a difusão de benefícios (Passo 13). Podemos concluir que a intervenção não vale o esforço, ou que a mesma falhou em reprimir o problema. Isto é particularmente verdade quando a difusão contamina o nosso grupo-controlo.*

*Os grupos-controlo mostram o que teria acontecido com os problemas se nada tivesse sido feito (Passo 47). Eles precisam ser tão similares ao grupo de tratamento quanto possível, mas não podem ser influenciados pelo tratamento. Se a prevenção se difunde na área de controlo, podemos ter a impressão, enganosa, de que as coisas teriam melhorado se nenhuma resposta tivesse ocorrido. Esta conclusão, inválida, levar-nos-á a subestimar a eficácia do nosso programa. (Veja Passo 48 para questões relacionadas com a deslocalização).*

*Kate Bowers e Shane Johnson sugerem duas maneiras de selecionar as áreas de controlo quando a deslocalização ou a difusão de benefícios são possíveis: A primeira é criando duas zonas concêntricas em torno da área de tratamento. A prevenção pode-se difundir nas áreas limites adjacentes, mas não contamina a área de controlo externa. Isto é viável se as áreas de controlo e de tratamento forem muito semelhantes e a difusão ou a deslocalização não atingirem a zona de controlo. Se estas condições não forem atendidas, então a opção 2 deve ser utilizada; Aqui, as áreas de deslocalização/difusão, perto da área de tratamento, são utilizadas, mas as áreas de controlo serão amplamente separadas das áreas de tratamento e de difusão/deslocalização. Os controlos são selecionados, especialmente pela sua similaridade e isolamento relativamente à área de tratamento. As áreas de controlo múltiplas podem ser selecionadas e a sua respetiva média de crimes calculada.*

*A figura mostra um exemplo da opção 2. Imaginemos uma resposta para o furto de veículos em parques de estacionamento, no centro de Charlotte (Passo 27). Uma área hot-spot de furto é selecionada para implementação de uma resposta. Os hot-spots vizinhos são bons locais para difusão/deslocalização. A análise anterior mostrou que uma linha ferroviária, através destes parques de estacionamento, facilitou o problema, assim, um terceiro estacionamento hot-spot ao sul e a oeste desta linha ferroviária é, também, um local útil de difusão/deslocalização. Os estacionamentos-controlo não estão sobre a linha ferroviária e estão suficientemente longe do local de resposta, onde a difusão e a deslocalização serão improváveis.*

*Para determinar o efeito global da resposta para o problema (incluindo qualquer efeito de difusão ou de deslocalização) precisamos responder a quatro perguntas. Cada uma obedecendo a uma fórmula simples em que as letras nas fórmulas seguem esse padrão:*

- (R) é o número ou taxa de crimes na área de resposta.
- (D) é o número ou taxa de crimes na área de deslocalização/difusão.
- (C) é o número ou taxa de crimes na área de controlo.

• Os subscritos, (a) e (b), indicam quando o crime é contado, depois ou antes de a resposta ter sido implementada. Por exemplo, (Ra) é o índice de crimes na área de resposta antes de a resposta ter sido implementada, e (Cb) é a taxa de crimes na área de controlo depois de a resposta ter sido implementada.

1. **O problema modificou-se depois da resposta?** Subtrai-se o crime na área de tratamento antes da resposta, da área de tratamento depois da resposta, para se obter o Efeito Bruto (Gross Effect - GE):

$$GE = R_b - R_a$$

Um número positivo indica uma diminuição do problema. Um resultado zero indica nenhuma mudança. E um número negativo indica que o problema piorou.

2. **A resposta foi a provável causa da mudança?** Bowers e Johnson sugerem um exame da diferença, em termos de razões ou da relação de associação entre a área de tratamento e a área de controlo, antes e depois da intervenção; isto é, dividir a resposta anterior pelo controlo de antes e diminuir o resultado da divisão entre a resposta, após a intervenção, pelo controlo, e após a intervenção. Este é o Efeito Líquido (Net Effect - NE):

$$NE = \frac{R_b}{C_b} - \frac{R_a}{C_a}$$

Se o efeito líquido é próximo de zero, a resposta provavelmente foi ineficaz e, caso o NE seja negativo, a resposta pode ter piorado o problema. Em ambos os casos, a deslocalização e a difusão são irrelevantes, assim, podemos parar com a resposta a esta pergunta. Mas se o NE é positivo, existem razões para se acreditar que a resposta pode ter causado a melhoria. Isto levanta a possibilidade de existir difusão e/ou deslocalização. Então, precisamos responder a próxima pergunta.

3. **Qual é a dimensão relativa da deslocalização ou difusão?** Bowers e Johnson propõem o Quociente de Deslocamento com Peso (Weighted Displacement Quotient – WDQ) para medir isso:

$$WDQ = \frac{\frac{D_a}{C_a} - \frac{D_b}{C_b}}{\frac{R_a}{C_a} - \frac{R_b}{C_b}}$$

(Da) é a taxa de crime na área de difusão/deslocalização após o programa e (Db) é a taxa de crime nesta área antes do programa. O denominador é uma medida da eficácia da resposta, relativa, ao controlo. Um programa eficiente produzirá um número negativo no denominador. O numerador mostra a quantidade relativa de



difusão ou de deslocalização. O numerador é negativo quando a difusão está presente e positivo quando há deslocalização. Se é próximo de zero, nenhum dos dois está presente e o WDQ é zero (assim podemos ignorar a pergunta 4). Se o WDQ é positivo, existe difusão (lembremo-nos que a razão de dois números negativos é positiva), e se for maior do que um, então o efeito de difusão é maior do que o efeito de resposta. Se o WDQ é negativo, há deslocalização. Quando o WDQ é entre zero e um negativo (-1), a deslocalização enfraquece alguns, mas não todos, dos efeitos da resposta. Teoricamente, o WDQ poderá ser inferior a um negativo, indicando que a resposta piorou o problema. No entanto, as pesquisas sugerem que isto é improvável que aconteça.

4. **Qual é o Efeito Líquido Total** (Total Net Effect – TNE) **da resposta** (incluindo a difusão e a deslocalização)? Bowers e Johnson sugerem a seguinte fórmula para calcular o TNE:

$$TNE = \left[ R_b \frac{C_a}{C_b} - R_a \right] + \left[ D_b \frac{C_a}{C_b} - D_a \right]$$

A primeira parte mostra o efeito da resposta, na área de resposta. Quanto mais eficiente o tratamento maior este termo. A segunda parte mostra o nível de difusão ou de deslocalização. Será positivo quando houver difusão e negativo quando houver deslocalização. Quanto mais positivo o TNE mais eficiente será a resposta.

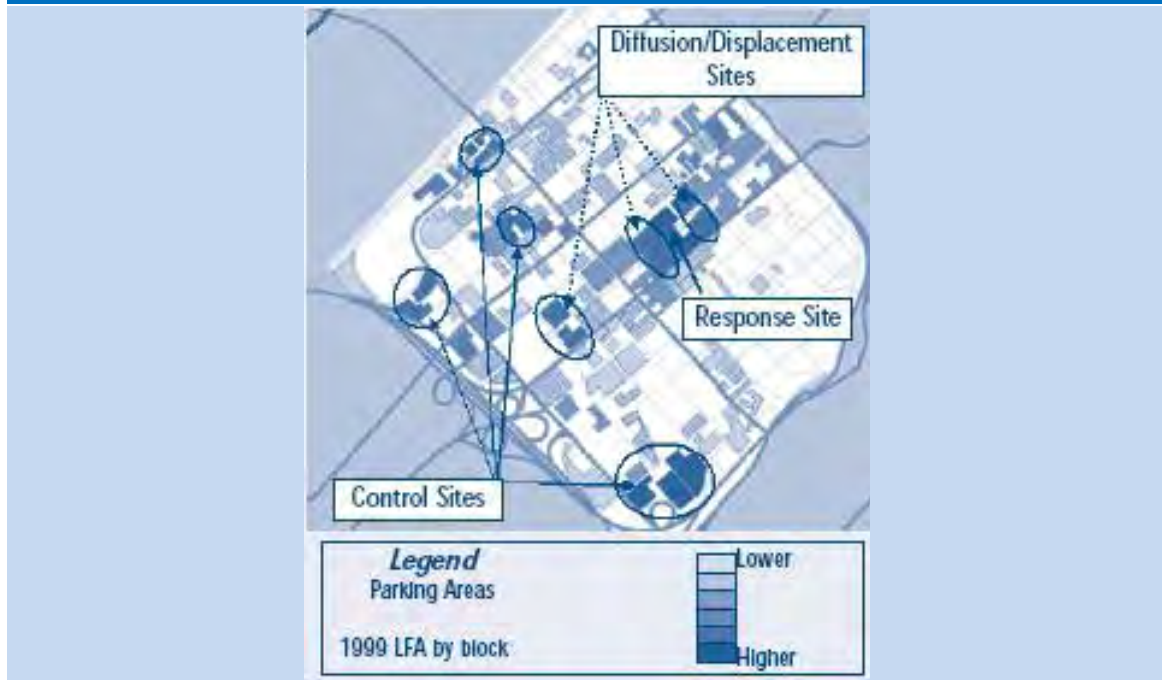
Vamos ver agora como essas fórmulas são usadas. Imaginemos uma resposta para o furto de veículos estacionados no centro de Charlotte (Passo 25). Neste exemplo, ilustrado na Figura 2, um hot-spot de furto é selecionado para a implementação da resposta. Os hot-spots vizinhos são áreas de difusão/deslocalização (D). A análise demonstrou que a linha de comboio, através daqueles estacionamentos, facilitava o problema, assim um terceiro hot-spot, a sul e a oeste, é, também, usado como área de difusão/deslocalização. Os estacionamentos-controlo não estão junto à linha de comboio e estão suficientemente distantes da área de resposta, onde a difusão e a deslocalização são diferentes. Calculamos as taxas de furto (por exemplo, 20 furtos por 1000 vagas de estacionamento por ano), assim podemos fazer comparações entre as áreas com números diferentes de clientes. Isto, também, permite-nos calcular a média entre os múltiplos estacionamentos-controlo.

A tabela mostra os resultados hipotéticos. Podemos ver que a difusão contribuiu substancialmente para a eficácia da intervenção, e o efeito TNE resultou numa redução de 10 furtos de veículos por cada 1000 vagas por ano.

### Calculando os efeitos da resposta

	Antes	Depois	A-B
Área de tratamento (R)	20	12	-8
Área de difusão ou buffer (D = média de múltiplas áreas)	15	11	-4
Área de controlo (C = média de múltiplas áreas)	18	17	-1
GE = 8	NE = 0.405	WDQ = 0.459	TNE = 10

### Selecionando os locais de controlo da difusão/deslocalização



#### Leia Mais:

- Bowers, Kate e Shane Johnson (2003). "Measuring the Geographical Displacement and Diffusion of Benefit Effects of Crime Prevention Activity." *Journal of Quantitative Criminology* 19 (3): 275-301.

## 52. ESPERE PELA DIMINUIÇÃO ANTECIPADA NO CRIME

Os infratores, muitas vezes, acreditam que as medidas preventivas entraram em vigor antes delas, realmente, terem sido implementadas. Isto leva ao que foi chamado de "antecipação dos benefícios" da prevenção. Embora estes benefícios antecipados possam ocorrer por acidente, a polícia pode fazer esforços deliberados para criá-los ou intensificá-los. Para fazê-lo com sucesso, a polícia deve ter noções úteis sobre como os criminosos percebem a situação e deve ter métodos para enganá-los quanto à verdadeira natureza da intervenção.

Martha Smith e os seus colaboradores encontraram indícios de antecipação dos benefícios em 40% dos estudos de prevenção situacional, cujos dados poderiam ter revelado tais benefícios. Eles sugeriram seis possíveis explicações para a antecipação de benefícios observada:

1. **Os efeitos da antecipação da preparação** ocorrem quando os infratores acreditam que o programa está em funcionamento, antes de ele estar a funcionar na realidade. Por exemplo, um programa de identificação de propriedade pode ter sido anunciado ao público, mas os moradores ainda não foram mobilizados, ou um circuito de videovigilância pode já estar instalado, mas ainda não estar a monitorizar.
2. **Os efeitos da publicidade/desinformação** ocorrem quando os infratores acreditam, como resultado da publicidade ou dos rumores, de que as medidas de prevenção encobrem respostas repressivas. A percepção dos infratores pode ser manipulada, pelo menos a curto prazo, através da desinformação. Ao invés da desinformação, as comunicações direcionadas podem, às vezes, ser eficientes. Um projeto de Boston, para reduzir o homicídio juvenil, usou de comunicações diretas aos potenciais criminosos para os advertir de que determinados comportamentos resultariam em medidas severas.
3. **Os efeitos da interrupção da preparação** ocorrem quando a preparação, para o programa de prevenção, resulta em vigilância nos locais de prevenção. Os inquéritos de opinião, ou as pesquisas junto dos residentes, podem alertar os criminosos. Os projetos de resolução de problemas podem criar respostas antecipadas, durante a sua fase de análise, se houver uma pesquisa de opinião conduzida de forma consideravelmente visível na comunidade. No final dos anos 80, como parte da análise de um problema de assaltos com arrombamento, os membros do Departamento da Polícia de Newport News conduziram um inquérito porta-a-porta, em todas as casas dum bairro com alto índice de furtos em residências. Isto pode ter contribuído para a subsequente queda nos furtos. Na sua revisão das estratégias para um policiamento eficiente, Sherman e Eck notaram que os contatos deste tipo, entre a polícia e a comunidade, geralmente têm efeitos na redução do crime.

4. **A implementação gradual** ocorre quando partes da resposta são colocadas em prática antes da data oficial do início da implementação. O avaliador pode, por exemplo, usar o dia 1 de junho como a data de início do programa, mas os infratores apercebem-se dessa implementação, por fases, nas semanas que antecederam o 1º de junho, e alteram o seu comportamento em conformidade.
5. **Os efeitos do treino/preparação** ocorrem quando o planeamento, o treino, e os inquéritos de opinião ou as sondagens tornam o público ou a polícia melhor preparados para abordar os problemas e os novos conhecimentos obtidos são utilizados, por eles, antes de o programa entrar em vigor. Um programa coordenado de medidas antifurto envolvendo múltiplos negócios, por exemplo, pode ser programado para começar numa data específica, mas as discussões e o treino dos empregados fazem com que se tornem mais atentos antes dessa data.
6. **A motivação** dos elementos policiais ou do público ocorre por razões semelhantes às do treino/preparação, com exceção das pessoas envolvidas que são mais altamente motivadas do que melhor equipadas. Uma maior motivação leva a um melhor desempenho antes da implementação da resposta.

Usar de um cronograma, para cuidadosamente documentar quando cada parte da resposta é implementada, é um instrumento útil para demonstrar que um efeito antecipado é plausível (ver Passo 46).

Smith e os seus colaboradores, também, identificaram quatro circunstâncias diferentes que se disfarçam de efeitos antecipados, mas que são realmente os resultados de uma má interpretação ou de uma análise incompleta:

1. **As mudanças sazonais** podem criar falsos efeitos antecipados quando uma intervenção começa logo após uma diminuição sazonal do crime. Os controlos de sazonalidade (Passos 26 e 47) podem eliminar este problema.
2. **Os efeitos de regressão** referem-se aos declínios naturais dos níveis muito altos no crime, que ocorrem mesmo que nada seja feito (Passo 47). Considerando um determinado problema, e se a sua tendência criminal diminuiu devido a um efeito de regressão e, ao mesmo tempo, um programa de prevenção for implementado, o declínio natural assemelhar-se-á a um efeito antecipado. Examinar o nível médio de crime a longo prazo (Passo 26), antes da resposta, como foi sugerido no Passo 47, pode revelar um efeito de regressão disfarçando um efeito antecipado.
3. Se um tipo de crime (A) foi **registado repetidamente**, ao alterar-se a classificação de um outro crime, é possível obter-se o que se parece com um efeito antecipado. Isto pode ocorrer se um tipo de crime foi inflacionado a fim de se obter fundos para abordar esse tipo de crime e, então, seguindo a receita do financiamento, a classificação foi mudada de volta ao normal. Este falso efeito antecipado pode ser

detetado observando-se as tendências opostas nos outros crimes. Encontrar dois crimes semelhantes, que tenham tendências opostas, fornece um indício de que as mudanças de classificação podem ser as responsáveis.

4. **Suavizar os dados** (Passo 26), para revelar uma tendência mascarada pela variação aleatória, pode produzir resultados que se pareçam com efeitos antecipados. Quanto mais vasta é a média móvel (5 períodos, ao invés de 3, por exemplo) e quanto maior e mais abrupto for o declínio do crime, na sequência da intervenção, tanto mais provavelmente a suavização poderá criar um falso efeito antecipado. Comparar os dados suavizados com os dados não suavizados revelará este falso efeito antecipado.



#### Leia Mais:

- Sherman, Lawrence e John Eck. 2002. **Policing for Crime Prevention**. Pp. 295-329 in *Evidence-Based Crime Prevention*, editado por Lawrence Sherman e colegas. New York: Routledge.
- Smith, Martha e colegas (2002). **Anticipatory Benefits in Crime Prevention**. In *Analysis for Crime Prevention*. *Crime Prevention Studies*, Volume 13. Monsey, New York: Criminal Justice Press.

### 53. TESTE A SIGNIFICÂNCIA DOS RESULTADOS

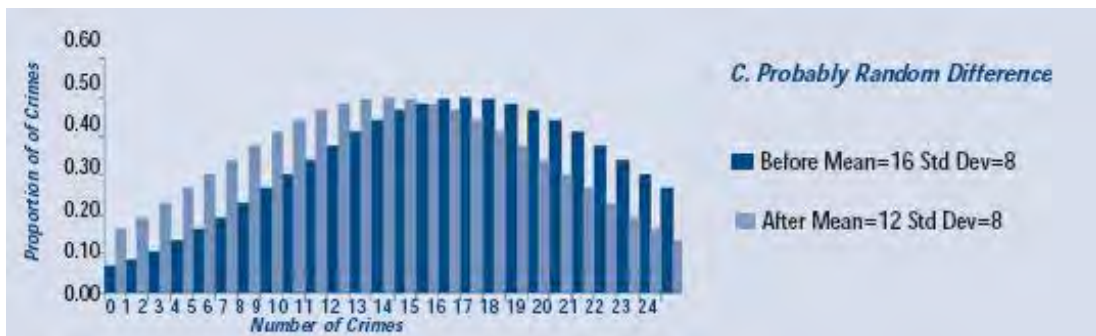
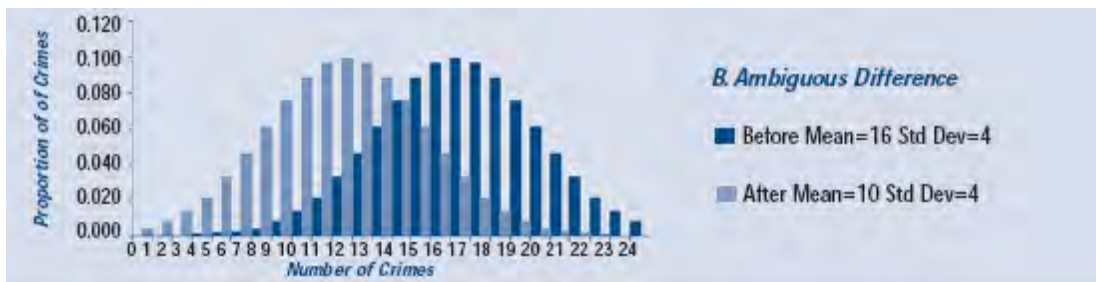
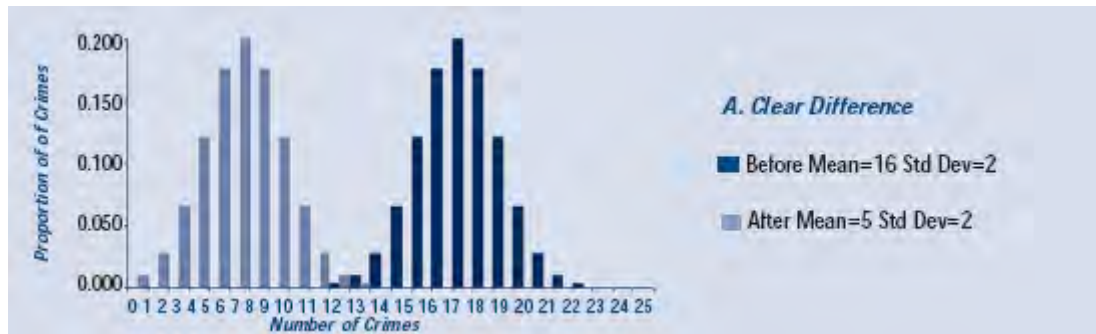
*Como é que sabemos que uma resposta causou uma redução do problema? A maioria dos problemas varia de intensidade, mesmo quando nada é feito para os remediar. Por exemplo, suponhamos que, em média, há 32 furtos de veículos por semana no centro de uma determinada cidade mas, raramente, há semanas com exatamente 32 furtos. Porém, 95% das semanas têm entre 25 e 38 furtos e, em 5% das semanas, menos de 25 ou mais de 38 furtos são registados. Tal variação aleatória é comum. A redução do número de furtos de veículo, de uma média de 32 por semana para 24 por semana, pode ser resultado, apenas, da aleatoriedade e não de uma determinada resposta. Devemos entender a aleatoriedade como as flutuações imprevisíveis do crime devido a um grande número de pequenas influências, assim, mesmo que a polícia não faça nada o crime mudará.*

*O teste de significância mede as hipóteses de que uma mudança no crime seja resultado da aleatoriedade. Uma diferença significativa é aquela que tem pouca probabilidade de ser causada pela aleatoriedade. É mais difícil discernir se uma pequena diferença é significativa do que encontrar significância numa grande diferença. É, também, mais difícil de se encontrar uma diferença significativa num problema de crime normalmente volátil, mesmo que a resposta seja eficiente. E é mais difícil encontrar valor se estivermos, apenas, a observar alguns casos (pessoas, lugares, ocorrências, ou horários) do que se estivermos a observar muitos (novamente, mesmo que a resposta foi eficiente.) Não podemos controlar o tamanho da diferença ou a volatilidade do problema, mas podemos ser capazes de recolher dados sobre mais casos.*

*Consideremos a seguinte situação: Queremos determinar se o crime diminuiu numa área como resultado de uma resposta; Temos um número de dados por semana sobre os crimes antes da resposta e um número de dados por semana sobre os crimes da mesma área depois da implementação da resposta. Calculamos a média (média aritmética) do número de crimes por semana, para cada conjunto de semanas, e descobriremos que o crime diminuiu.*

*A figura mostra três resultados possíveis. Em cada painel existem duas distribuições, uma para as semanas antes da resposta e uma para as semanas após a resposta. As barras verticais em, cada gráfico, mostram a proporção de semanas com 0, 1, 2, ou mais crimes (por exemplo, no topo da tabela, ocorreram 6 crimes em 20% das semanas, após a resposta). No painel (A), as distribuições quase não se sobrepõem porque a diferença na média é grande e os desvios padrão dos dois grupos são pequenos (ver Passo 22). Mesmo com poucas semanas de dados, um teste de significância poderia excluir a aleatoriedade como causa. No painel (B), há uma maior sobreposição nas distribuições, menor diferença nas médias, e os desvios padrão são maiores. É preciso muitos mais casos para se detetar uma diferença não aleatória em situações como esta. No painel (C), há uma sobreposição quase completa, a diferença média é ainda menor, e os desvios padrão são ainda maiores. Somente um estudo com um grande número de casos tem mais probabilidade de encontrar uma diferença significativa aqui.*

A conclusão é a de que quanto menos óbvia é a diferença no crime, mais casos precisaremos analisar para ter certeza de que a aleatoriedade não foi a causa da diferença.



A teoria da probabilidade permite-nos utilizar a média, o desvio padrão, e o número de casos para o cálculo da probabilidade da aleatoriedade ser a causa da diferença. Se houver menos de 5% de hipóteses, de que a mudança do problema foi devido às oscilações aleatórias, rejeitamos a explicação da aleatoriedade como uma das causas da mudança. Aqui, 5% é o nível de significância. Em suma, porque a probabilidade da aleatoriedade ser a causa está abaixo do nível de significância (5%), "supomos" que algo diferente da aleatoriedade causou a mudança. Embora 5% seja um nível de significância convencional, podemos escolher um nível mais rigoroso, tal como 1%. Quanto mais rigoroso o nível de significância que selecionarmos, maior é a probabilidade de concluirmos, erroneamente, que a resposta foi ineficaz quando, na verdade, ela funcionou. Este tipo de erro é chamado de "falso negativo" (veja o Passo 37). Podemos escolher um nível de significância rigoroso se o custo da resposta for tão alto ao ponto de precisarmos ter a certeza que ela funciona.

Ocasionalmente, os analistas utilizam um nível de significância menos rigoroso, como 10%. Quanto menos rigoroso for o nível, maior a possibilidade de que iremos aplicar, erradamente, uma resposta que não surtirá qualquer efeito. Este tipo de erro é chamado de um "falso positivo" (veja o Passo 37). Podemos escolher um nível menos rigoroso se o problema for grave, se as medidas do problema não forem particularmente boas e se estivermos muito preocupados em rejeitar, acidentalmente, uma boa resposta.

Existem duas maneiras de utilizar os níveis de significância. Na discussão acima, eles foram usados como limiares de rejeição: abaixo do nível rejeitamos a hipótese aleatória e acima do nível aceitamos-a como a causa. Devemos escolher, sempre, o nível de significância antes de realizar o teste de significância para evitar "endrominar" com os números para obter os resultados pretendidos.

É melhor usar o nível de significância como um auxílio à decisão, juntamente com outros factos (a gravidade do problema, os custos do programa, a redução absoluta nos problemas e assim por diante), para se fazer uma escolha informada. Muitas ciências, como a medicina, seguem esta abordagem. Se seguirmos esta abordagem, devemos usar um valor-p no lugar do teste de significância. O valor-p é uma probabilidade exata de que a mudança no problema seja obra do acaso. Portanto, um valor-p de 0,062 indica que há cerca de 6% de hipóteses de se cometer um erro falso positivo ao aceitar a resposta. Isto pode ser interpretado, grosso modo, no sentido de que, em 100 dessas decisões, a decisão de rejeitar a aleatoriedade, em favor da resposta, será errada cerca de seis vezes. Se nós ou os nossos colaboradores iremos apostar nisso, depende de muitas coisas.

É importante distinguirmos entre *significante* e *significativo*: "*Significante*" significa que a diferença é improvável de ser devida ao acaso; "*Significativo*" significa que a diferença é tão grande para poder ser tida em consideração. Com casos suficientes, mesmo uma pequena diferença é *significante*. Mas isto não quer dizer que ela seja útil. A significância pode ser calculada. A *significabilidade* é um julgamento feito pelo perito.

A investigação da aleatoriedade pode tornar-se muito complexa, uma vez que existem muitos tipos diferentes de testes de significância para muitas situações diferentes. Há alguns websites muito úteis, bem como livros, que nos poderão ajudar a escolher entre eles, e há muitos softwares de estatística que podem fazer os cálculos necessários. Mas se há muitas coisas que dependem do resultado de um teste de significância, ou de um valor-p, e se não estivermos bem treinados na teoria da probabilidade ou estatística, devemos procurar a ajuda de um especialista universitário ou de outras organizações que utilizam estatísticas regularmente.

#### **Leia mais:**

- Crow, Edwin e colegas (1960). **Statistics Manual**. New York: Dover.
- Website com muitos links úteis sobre estatísticas [www.prndata.com/statistics\\_sites.htm](http://www.prndata.com/statistics_sites.htm)



## COMUNIQUE EFICIENTEMENTE

### 54. CONTE UMA HISTÓRIA CLARA

*O objetivo do nosso trabalho é ajudar as pessoas a tomarem melhores decisões. Para as assistir, devemos contar uma história clara que parta de uma pergunta importante para se obter as respostas possíveis e, em seguida, para as ações efetivas. Para comunicarmos com eficácia precisamos saber quem é o nosso público-alvo e quais as questões que eles querem que sejam respondidas. A nossa história tem que abordar as necessidades específicas do nosso público. Essa história pode ser contada através de um relatório escrito ou oralmente durante uma apresentação (Ver Passo 58).*

*Não devemos, simplesmente, recontar o que fizemos para detetar, para analisar, responder, ou para avaliar. Isto é entediante e não ajuda as pessoas a tomarem decisões práticas com o nosso trabalho. Devemos traduzir o nosso trabalho analítico numa história que aborde as necessidades do nosso público-alvo.*

*O nosso trabalho pode ajudar a responder a quatro questões básicas. Elas correspondem às fases do processo IARA:*

- 1. Qual é a natureza do problema? (Identificação)*
- 2. O que causa o problema? (Análise)*
- 3. O que deve ser feito em relação ao problema? (Resposta)*
- 4. A resposta reduziu o problema? (Avaliação)*

*Obviamente, estas questões devem ser feitas de maneira mais específica com base nos factos que constituem o problema a ser analisado. Os moradores locais, por exemplo, podem queixar-se do barulho a altas horas da noite e do lixo na rua. Em vez de diretamente se optar por responder à questão mais geral da Identificação do problema, poderemos elaborar um conjunto de perguntas específicas, com base no teste CHEERS (Community-Harm-Events-Expectation-Recurring-Similarity) (Passo 14):*

- Qual é a natureza dos incidentes de barulho? (Events - Eventos)*
- De que modo são estes incidentes semelhantes? (Similarity - Semelhança)*
- Há casos recorrentes de barulho noturno e lixo espalhado nas ruas que perturbam os moradores? (Recurring - Recorrência)*
- Quem, quando e onde ocorrem estes incidentes? (Community - Comunidade)*
- Como é que estes incidentes perturbam as pessoas? (Harm - Dano)*
- Quem espera que a polícia resolva o problema? (Expectation - expectativa)*

Responder à pergunta genérica “Qual é a natureza do problema?” exige que respondamos a um conjunto de perguntas mais específicas.

A nossa primeira tarefa é contar uma história coerente para decidir qual o tipo de pergunta que estamos a tentar responder. Em seguida, devemos tentar estruturar a nossa descrição em torno das teorias e das abordagens básicas descritas neste manual (por exemplo, o teste CHEERS, o triângulo do crime, ou a regra dos 80-20). Estas são estruturas. Uma estrutura geral é o “envolvimento da história” ligando vários fatores que interagem entre si e que podem ser aplicados a uma diversidade de problemas. A escolha da estrutura depende do problema, das nossas conclusões, e das necessidades daqueles que precisam tomar uma decisão. Devemo-nos certificar de que existe um discurso lógico a partir da questão básica, através da estrutura e das conclusões para as respostas. Devemos verificar se existem lacunas na lógica e, então, devemos delinear a nossa história. Existem quatro esboços de história, básicos, que podem orientar o nosso trabalho. Os detalhes da história dependerão das especificidades do nosso problema.

Não nos devemos apegar muito a esses esboços; fornecemos-los como ponto de partida para orientar as ideias. Ao invés disso, adaptemo-las à quantidade de tempo que dispomos e, acima de tudo, às preocupações das pessoas a quem nos estamos a dirigir. Tentemos antecipar as suas perguntas, e a modificar o esboço escolhido em conformidade. Embora tenhamos utilizado termos técnicos deste manual nos esboços, poderemos ter que utilizar um vocabulário comum na nossa apresentação. Se o nosso público-alvo ainda não estiver familiarizado com a terminologia de análise de problemas, provavelmente, deveremos utilizá-lo com moderação, ou não utilizá-lo.

## QUATRO ESBOÇOS DE HISTÓRIA

### 1: Qual é a natureza do problema?

- A. Organizar a estrutura lógica para a identificação da natureza do problema - por exemplo, elementos do CHEERS.
- B. Descrição sistemática das evidências sobre o tipo e a existência do problema:
  - Qual é a natureza dos eventos?
  - De que modo estes eventos são semelhantes?
  - Com que frequência estes eventos se repetem?
  - Quando e onde estes eventos ocorrem?
  - Quem é prejudicado por estes eventos, e como?
  - Quem espera que a polícia resolva o problema?
- C. Implicações para a análise e para a solução colaborativa do problema:
  - As perguntas que precisam de resposta.
  - Questões de definição e medidas.
  - Colaboradores que precisam estar envolvidos.
- D. Resumo.

## **2: O que causa o problema?**

- A. *Organizar a estrutura lógica para a descrição detalhada do problema - por exemplo, o triângulo de análise do problema.*
- B. *Descrição sistemática do problema para responder às seguintes perguntas:*
  - *Quem são os criminosos?*
  - *Quem ou o que são os alvos?*
  - *Em que lugares e horários o problema ocorre?*
  - *O que reúne os criminosos e os alvos nos mesmos lugares?*
  - *Porque razão outras pessoas não intervêm para evitar esses encontros?*
  - *O que facilita ou inibe o problema?*
- C. *Implicações para a forma geral das respostas que se ajustam à descrição do problema:*
  - *Acesso ou controlo do criminoso.*
  - *Comportamentos ou proteção da vítima/alvo.*
  - *Acesso ou gestão do estabelecimento.*
- D. *Resumo.*

## **3: O que deve ser feito sobre este problema?**

- A. *Organizar a estrutura da resposta – por exemplo, prevenção situacional do crime:*
  - *Criminosos.*
  - *Alvos/vítimas.*
  - *Locais.*
- B. *Descrição sistemática da estratégia de resposta:*
  - *Aumento do risco ou do esforço.*
  - *Redução da recompensa, das justificações, ou das provocações.*
  - *Quem irá colocar as ações em prática, quando, e onde?*
  - *Recursos adicionais necessários.*
- C. *Implicações e resultados antecipados:*
  - *Resultados diretos.*
  - *Deslocalização.*
  - *Difusão.*
  - *Outros efeitos secundários.*
  - *Como a avaliação deve ser conduzida.*
- D. *Resumo.*

## **4: A resposta reduziu o problema?**

- A. *Organizar a estrutura lógica para avaliação da resposta – por exemplo, os princípios de avaliação.*
- B. *Descrição sistemática da avaliação:*
  - *A resposta foi implementada conforme o planeado?*
  - *Houve mudanças no problema?*
  - *Porque razão é provável que a resposta tenha sido uma causa direta da mudança?*

- *Qual a magnitude da deslocalização, da difusão e de outros efeitos secundários?*
- C. *Implicações para ações posteriores:*
- *Essa tentativa de resolver o problema foi concluída?*
  - *Que outras ações são necessárias?*
  - *Deverá ser realizada uma análise mais aprofundada?*
  - *A resposta deve ser alterada?*
- D. *Resumo.*

## 55. FAÇA MAPAS CLAROS

*Os mapas têm um papel importante quando se usa uma história convincente a respeito dos problemas. Mas eles precisam ser claros para se conseguir isso. Isto é, os mapas devem conter o máximo de informações pertinentes possíveis e nenhuma informação irrelevante. Existem disponíveis inúmeros guias excelentes versando sobre os princípios da cartografia (ver quadro e em Leia Mais).*

*Vamos ilustrar o uso de mapas para contar histórias, com um conjunto de mapas de um projeto de resolução de problemas, desenvolvido pela polícia Norueguesa. As Figuras 1 e 2 ilustram como os mapas podem ser usados para descrever os problemas e as soluções. Johannes Knutsson, da National Norwegian Police Academy, e Knut-Erik Søvik, do Distrito Policial de Vestfold, tentavam resolver o problema dos táxis ilegais (clandestinos) numa pequena vila costeira de Tønsberg (com uma população de 36.000 pessoas). Nos fins-de-semana, os 30 estabelecimentos de venda de bebidas atraíam grandes multidões e as pessoas iam e vinham por uma determinada estrada, de modo que a mesma era fechada nas noites de sexta-feira e de sábado. Uma área de estacionamento também era fechada. No entanto, os táxis e os autocarros de passageiros ilegais podiam deslocar-se ao longo daquela estrada. Os táxis "clandestinos" e, portanto, não licenciados açambarcaram a maior parte dos negócios daquela área, em parte intimidando os taxistas licenciados. Uma série de crimes graves eram atribuídos aos motoristas daqueles táxis ilegais os quais, devido às queixas apresentadas, foram processados judicialmente.*

*O cenário do problema é mostrado nos dois mapas da Figura 1. O painel esquerdo é o mapa de uma rua. Este mapa mostra muitas das características irrelevantes para o problema e não ilustra muitas das características que são importantes. O painel direito é uma versão melhorada desse mapa. Este contém, apenas, as características pertinentes do mapa básico e acrescenta os traços importantes que foram omitidos, dando uma imagem mais clara do cenário.*

*A Figura 2 contém dois mapas que resumem as conclusões, a partir da análise, e as características importantes da resposta. O mapa da esquerda mostra o itinerário primário dos taxistas clandestinos. Os táxis clandestinos faziam uso das obstruções da rua e dos estacionamentos para recolher passageiros. Este mapa mostra, também, que as paragens de autocarro e dos táxis legais estão muito longe das pessoas que usam a área. Quando os bares fecham, após as 03H00 da manhã, existe uma grande procura de transporte e os táxis ilegais estão em melhor posição para satisfazer essa procura. O mapa da resposta, à direita da Figura 2, mostra como a barreira da estrada foi deslocada para evitar que os táxis clandestinos cheguem aos clientes, como os estacionamentos foram bloqueados à noite, para manterem esses táxis longe e como as paragens dos táxis e dos autocarros de passageiros legais foram transferidos para locais mais convenientes para os passageiros. Este mapa é uma parte importante da avaliação do processo (Passo 46).*

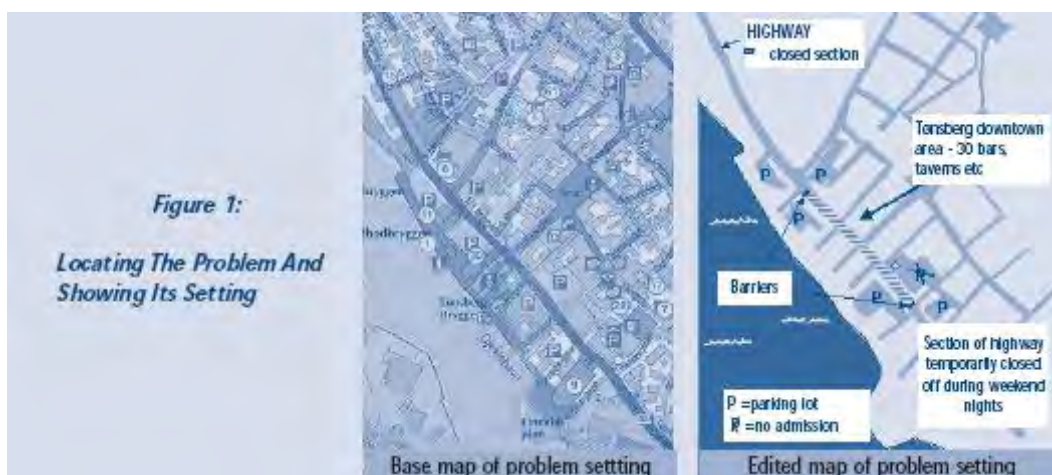
Juntos, estes três mapas ilustram bem a natureza do problema e o que foi feito a respeito do assunto. O resultado deste projeto foi a eliminação do eventual problema dos táxis clandestinos em Tønsberg, sem aumentar a desordem.

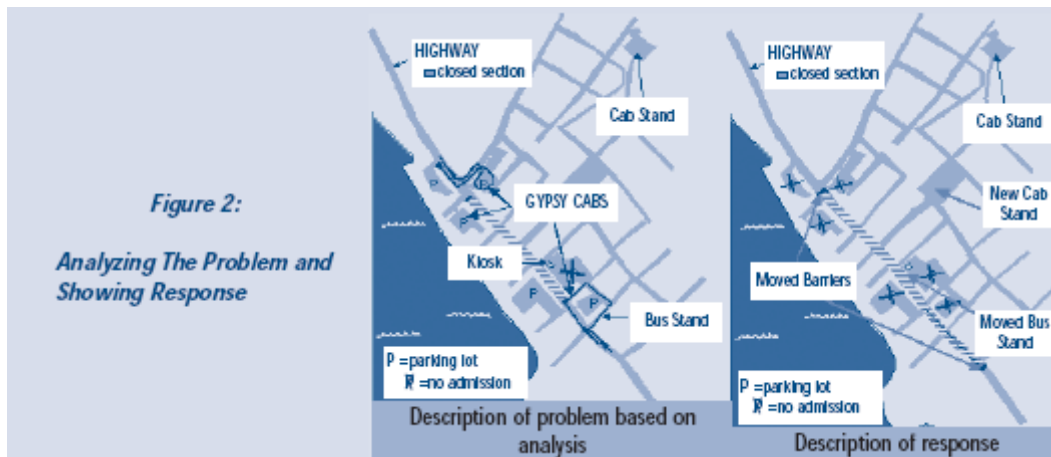
Knutsson e Søvik adicionaram bastantes notas nestes mapas para ilustrarem as características que um típico sistema de informação geográfica não mostraria. Esta é uma boa prática. Muita informação sobre os problemas não está vertida nos computadores.

Ainda assim, Existe toda uma série de características que fazem falta para a elaboração de bons mapas. Não existe uma rosa-dos-ventos que indique a direção. No entanto, a direção não é necessária no problema, assim, a sua ausência não retira a clareza dos mapas. Também, não existe uma escala mostrando a importância relativa das características do mapa. Isto dificulta a compreensão daqueles que não estejam familiarizados com a área.

### Criando mapas úteis

1. Saiba quais informações o seu público achará úteis (e qual informação é confusa).
2. Mantenha os mapas simples. Elimine todos os elementos que não contribuem para a compreensão do problema.
3. Evite gráficos que chamam mais a atenção para si do que para os dados.
4. Inclua detalhes que ajudam o espetador entender o problema, mesmo que isso signifique adicionar esta informação à mão.
5. Inclua uma escala e, se necessário, uma bússola de orientação (normalmente o Norte fica na parte superior).
6. Use gradações significativas para mostrar a intensidade dos hot-spots. Por exemplo, mostre cores que se intensificam (do amarelo ao vermelho), na medida em que o problema se agrava.
7. Aplique a dimensão correta da concentração de crimes: pontos para lugares (e às vezes para vítimas); linhas de concentrações ao longo das ruas e estradas; e áreas para bairros.
8. Faça uso de tabelas e figuras, juntamente com os mapas.





**Leia Mais:**

- Boba, Rachel (2005) **Crime Analysis and Crime Mapping: An Introduction**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Harries, Keith (1999). **Mapping Crime: Principle and Practice**. Washington, DC: National Institute of Justice, Crime Mapping Research Center.
- Knutsson, Johannes e Knut-Erik Sjøvik (2004) **Gypsy Cabs in Tønsberg**.
- Submetido aos Prémios Herman Goldstein. (Disponível em [www.popcenter.org](http://www.popcenter.org))
- Jerry Ratcliffe disponibiliza uma lista de conselhos sobre mapeamento em [www.jratcliffe.net](http://www.jratcliffe.net)

## 56. USE TABELAS SIMPLES

*As tabelas são instrumentos eficazes para a apresentação de uma história convincente, se forem simples. Mas o software utilizado para criar tabelas acrescenta recursos desnecessários e que distraem a atenção - as linhas e os rótulos utilizados para interpretar os dados - e os analistas nem sempre organizam as tabelas para que tenham um sentido intuitivo.*

*Suponhamos que estamos a tentar demonstrar que o modo como as garrafas de cervejas são exibidas dentro das lojas facilita o furto de cerveja, nesses estabelecimentos. Algumas lojas exibem as cervejas perto da entrada da frente e algumas outras no fundo da loja. Tentamos demonstrar que as lojas que têm aquele produto nos fundos têm menos ocorrências relativas a furtos de garrafas de cerveja do que aquelas que mostram as bebidas na frente. A tabela 1 ilustra esta ideia. Os dados estão mal organizados e os recursos causam distração.*

*A tabela 2 organiza os dados devidamente. As percentagens são os elementos centrais da história. Porque os números brutos não explicam tudo, mas porque podem ser úteis para um leitor que queira fazer uma leitura mais de perto, eles são secundários aparecendo entre parêntesis. Finalmente, no lugar das linhas para as percentagens (como na primeira tabela), temos as percentagens nas colunas.*

*Quando examinamos uma relação em que algo pode estar a causar uma outra coisa qualquer, é melhor colocar a causa em colunas e usar estas para as percentagens. Então, fazemos comparações entre as linhas. Aqui, vemos imediatamente que 29% das lojas que exibem os produtos na frente não tinham furtos, em comparação com quase 83% das lojas que exibem as bebidas nos fundos. No extremo oposto, quase 46% das lojas com mostruário de bebidas na frente tinham três ou mais furtos, mas nenhuma das outras lojas os tinham.*

*A tabela 2 tem menos efeitos visuais. As bordas a negrito foram removidas e substituídas por linhas finas. No interior, a única linha restante separa o título do conteúdo. Ao invés de linhas, o espaço é utilizado para orientar o leitor para as linhas e para as colunas. Ao informar o leitor, no título, que os números importantes são percentagens (os números brutos estão entre parêntesis) não houve necessidade de incluir o símbolo de percentagem em cada célula. Apenas o total da coluna permanece. Isto diz ao leitor que a soma que importa está na vertical. Finalmente, todas as percentagens são arredondadas para uma casa decimal, permitindo, assim, que os valores da coluna se alinhem, facilitando a interpretação. Com todas estas mudanças, a maior parte do conteúdo da tabela consiste de dados e não apenas de efeitos visuais.*

*Muitas vezes um problema tem múltiplas causas. Embora as tabelas possam ser criadas para ilustrarem um grande número de causas, uma única tabela comunica mal o que se pretende quando a usamos para examinar mais do que duas causas. Os princípios básicos para a formatação de tabelas são os mesmos:*



- *Todas as causas ficam na mesma direção (normalmente em colunas).*
- *A soma vai no sentido da causa (no fim das colunas).*
- *A comparação das causas vai na direção oposta (nas linhas, se as causas estiverem nas colunas).*

*A tabela 3 é uma tabela tridimensional, porque são analisadas três coisas (as tabelas anteriores eram bidimensionais). Esta tabela responde à pergunta: A relação entre o local do mostruário e os furtos é diferente para duas redes de lojas diferentes (Drink-Lots e Tippers)? A resposta é “Não”. Existe o mesmo padrão básico em ambas as redes que vimos na Tabela 2. Em ambos os casos, somamos a coluna e comparamos os dois tipos de lojas em termos de mostruário. Isto implica que qualquer loja que exhibe cerveja nos fundos terá menos furtos, independentemente da rede comercial à qual ela pertença.*

*Com efeito, a Tabela 3 mantém constante o tipo de loja. Outros fatores podem ser mantidos constantes se os considerarmos importantes. Por exemplo, poderíamos agrupar as lojas por tamanho (pequenas, médias e grandes) e analisarmos, separadamente, a relação entre a localização do mostruário e os furtos para cada categoria. Isso exigiria três painéis mas, por outro lado, aplicam-se os mesmos princípios.*

*É de notar outras características diferentes da Tabela 3:*

- *Se adicionarmos os números brutos (entre parêntesis) nas células do Drink-Lots às suas células correspondentes abaixo, da Tippers, obtemos os números brutos da Tabela 2. Por outras palavras, a Tabela 2 é um resumo da Tabela 3. Mas não se pode derivar a Tabela 3 da Tabela 2.*
- *Uma vez que a Tabela 3 contém duas possíveis causas do problema, acrescentamos uma linha vertical para chamar à atenção para os dois tipos de lojas.*
- *A linha de rótulos aplica-se aos dois tipos de loja, por isso não houve necessidade de repeti-los.*
- *Devido ao arredondamento das percentagens, às vezes, elas acrescentam mais de 100. Nalguns casos, estes montantes podem ser pouco menos de 100, geralmente 99,9. Esses desvios menores raramente são preocupantes.*

*Se, rotineiramente, produzirmos a mesma tabela para as mesmas pessoas que devem tomar uma decisão, mostremos-lhes diversos formatos de tabela com os mesmos dados. Devemos determinar qual o formato que mais os ajudará e, em seguida, devemos usar este formato como padrão.*

**Tabela 1: Furto de Cerveja e Localização (junho)**

<b>Número de Furtos Reportados</b>	<b>Localização do Mostruário</b>		<b>Total</b>
	<b>Frente</b>	<b>Fundos</b>	
<b>0</b>	7 (17.5%)	33 (82.5%)	40
<b>1-2</b>	6 (46.15%)	7 (53.85%)	13
<b>3 ou mais</b>	11 (100%)	0 (0%)	11
<b>Total</b>	24 (37.5%)	40 (62.5%)	64

**Tabela 2: Porcentagem de Lojas com Furtos de Cervejas Reportados (números em parênteses)**

<b>Furtos em junho</b>	<b>Localização do Mostruário</b>	
	<b>Frente</b>	<b>Fundos</b>
<b>0</b>	29.2 (7)	82.5 (33)
<b>1-2</b>	25.0 (6)	29.2 (7)
<b>3 ou mais</b>	45.8 (11)	0.0 (0)
<b>Total</b>	100.0 (24)	100.1 (40)

**Tabela 3: Porcentagem de Lojas com Furtos de Cerveja Reportados pela Associação Comercial (números em parênteses)**

<b>Furtos em junho</b>	<b>Drink-Lots Stores</b>		<b>Tippers Stores</b>	
	<b>Mostruário na frente</b>	<b>Mostruário nos fundos</b>	<b>Mostruário na frente</b>	<b>Mostruário nos fundos</b>
<b>0</b>	30.8 (4)	84.2 (16)	27.3 (3)	81.0 (17)
<b>1-2</b>	23.1 (3)	15.8 (3)	27.3 (3)	19.0 (4)
<b>3 ou mais</b>	46.2 (6)	0.0 (0)	45.5 (5)	0.0 (0)
<b>Total</b>	100.1 (13)	100.0 (19)	100.1 (11)	100.0 (21)

## 57. USE FIGURAS SIMPLES

*Tal como as tabelas e os mapas, as figuras e os gráficos são ferramentas eficazes para se transmitir informações, mas apenas se forem simples. Todas as figuras consistem de duas partes: os efeitos visuais e o conteúdo. O conteúdo corresponde às informações que temos interesse em transmitir aos outros. O objetivo dos efeitos visuais é assegurar que o conteúdo possa ser interpretado rapidamente, com facilidade e com precisão. Com simplicidade significa manter poucos efeitos visuais. O erro mais comum é adicionar elementos que entram no meio da história. Para ilustrar esta situação, começaremos com um exemplo de uma figura mal feita. Em seguida, mostraremos como as figuras se tornam mais claras e mais poderosas, quando as tornamos mais simples.*

*A Figura 1 é um gráfico que deveria mostrar como os arrombadores entraram nas casas. A imagem em 3-D distorceu a mensagem. Como veremos mais adiante, as portas são o maior problema, e a janela dos fundos fica em quarto lugar, atrás de "outro", como a entrada de escolha para estes arrombadores. O efeito 3D acentua a importância das partes da frente (neste exemplo, as janelas frontais, o ponto de entrada menos provável) enquanto diminui a importância das características da parte de trás. A única característica valiosa de um gráfico do tipo pizza é que ele mostra como as partes contribuem para o todo. Isto é perdido quando um efeito 3D é utilizado. É de notar que foi usada uma variedade de sombras e de padrões para exibir as seis categorias. Isto causa confusão.*

*A Figura 2 mostra a distorção que os efeitos 3D podem produzir nos gráficos de barra. Torna-se difícil comparar as alturas das barras, porque se tem que escolher entre a margem superior frontal e a borda superior de trás da barra. Os efeitos 3D nunca devem ser utilizados.*

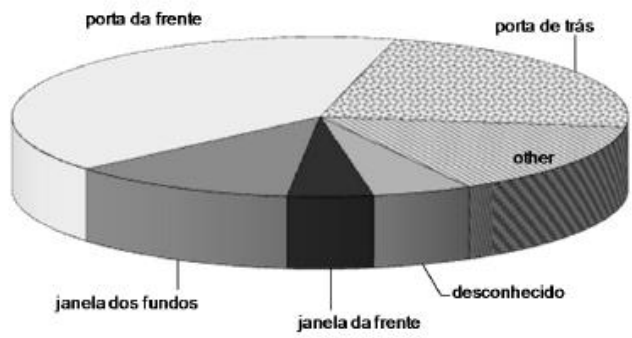
*Este gráfico tem um número de outras características que o tornam difícil de ser usado: o sombreado da superfície que esconde os contrastes entre as barras e o fundo, os rótulos de barras e do eixo vertical que são redundantes e as linhas horizontais que causam distração. A moldura em torno da figura é supérflua.*

*O gráfico de barras simples na Figura 3 transmite as informações de maneira muito eficaz, pois todos os traços confusos da Figura 2 foram removidos. Se quiséssemos que cada barra mostrasse a percentagem exata, poderíamos rotular os topos das barras. Mas, então, deveremos remover o eixo vertical, uma vez que ele comunica as mesmas informações.*

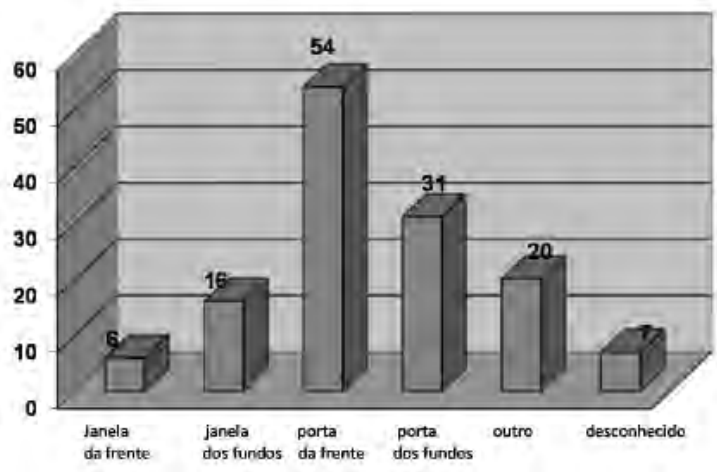
*Além disso, os dados na Figura 3 foram reorganizados. Ao invés dos números brutos relativos aos furtos, o gráfico mostra a percentagem do total. Isso comunica dois pontos: quais os métodos que são mais frequentes e; que parte do todo, de cada método, representam. Se precisarmos demonstrar a contribuição relativa para o todo, usemos as percentagens num gráfico de barras no lugar de um gráfico de pizza.*

Outra característica da Figura 3 é que as categorias estão organizadas de uma forma significativa: de mais para menos. Isso mostra para onde os leitores devem voltar a sua atenção. A ordem significativa é difícil de se comunicar num gráfico de pizza, porque ele não tem início ou fim óbvios. Realmente, não há necessidade de utilizar esse tipo de gráfico, porque os gráficos de barra podem comunicar melhor. Quando tivermos dados por categorias, os gráficos de barra são simples e eficazes.

**Gráfico 1: Métodos de Entrada**



**Gráfico 2: Métodos de Entrada**

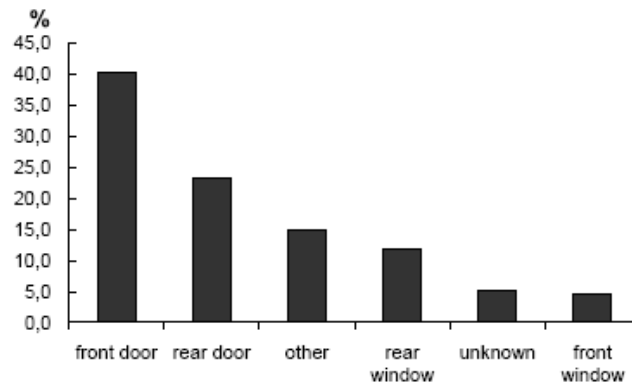


Não nos esqueçamos do título da figura. Na Figura 3 o título, ousadamente, diz o que houve. Além de muito mais interessante do que "Métodos de Entrada", esse título tira qualquer ambiguidade. Em suma, a Figura 3 diz o que tem a dizer, por si só. Sem qualquer ajuda externa - o leitor entende a mensagem.

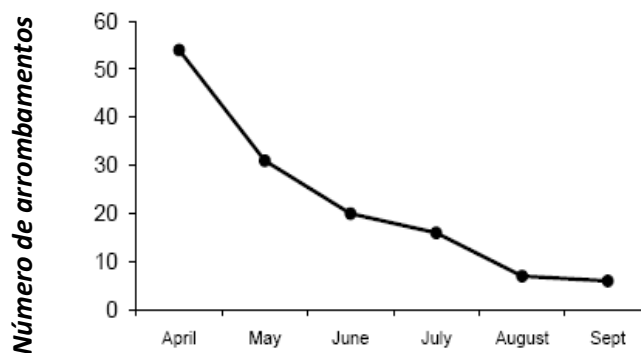
A última figura descreve um gráfico de linha. Eles são, tipicamente, usados quando se rastreia dados ao longo do tempo. Na Figura 4 os dados cobrem um período de 6 meses. Os pontos simbolizam a contagem dos assaltos com arrombamento e as linhas indicam uma conexão contínua ao longo do tempo. Devemos rotular o eixo vertical para que somente, a figura, comunique a história. Nesta figura sabemos, à primeira vista, que o eixo vertical mostra o número de arrombamentos, ao invés da taxa destes crimes.

Se preferirmos mostrar o número de ocorrências em cada período de tempo, devemos rotular os pontos, mas devemos remover o eixo vertical: porque, agora, ele é redundante. No entanto, devemos ter cuidado. Os rótulos numéricos em cada ponto de tempo podem dificultar a leitura do gráfico. Se vários gráficos forem mostrados na mesma figura (por exemplo, a tendência dos roubos/furtos em residências para vários distritos policiais) devemos nos certificar de que as diferentes linhas estão claramente marcadas e facilmente diferenciadas ao longo do gráfico.

**Gráfico 3: As Portas são o problema**



**Gráfico 4: Os arrombamentos estão a diminuir**



### **Criando figuras eficientes**

- **Mantenha-as simples. Não exagere nos efeitos visuais.**
- **Não utilize efeitos superficiais, como o 3D.**
- **Evite gráficos de pizza.**
- **Use gráficos de barra para dados em categorias.**
- **Use gráficos de linha para tendências ao longo do tempo.**
- **Use rótulos eficazes.**
- **Escolha os títulos cuidadosamente.**
- **Faça-as comunicarem por si próprias, sem a ajuda de textos.**

### **Leia Mais:**

- Kosslyn, Stephen (1994). *Elements of Graph Design*. New York: W. H. Freeman.

## 58. ORGANIZE APRESENTAÇÕES INFLUENTES

*Uma apresentação deve começar com uma pergunta básica, devemos usar uma estrutura lógica para se direcionar a partir da exposição descritiva das nossas descobertas, e devemos terminar a apresentação com um conjunto de conclusões específicas (Veja o Passo 54). O material gráfico deve ser preparado de acordo com as orientações dos Passos 55 ao 57. Neste Passo, iremo-nos concentrar na história que pretendemos contar. No Passo 59, analisaremos como a apresentação deve ser feita, incluindo a utilização do PowerPoint.*

*O principal foco da nossa apresentação deve ser o de responder a questões específicas que irão ajudar à tomada de decisões, e deve ser composta pelos seguintes elementos:*

- *Um conjunto de slides organizados em torno da nossa história.*
- *Um conceito central, ilustrado num gráfico, ou um slide do roteiro da apresentação, para manter a nossa audiência concentrada na história.*

*Os slides ilustram uma apresentação da análise dos resultados. O apresentador, o sargento Smith, tem dois objetivos: O primeiro é o de responder à pergunta "O que causa o problema?"; O segundo é o de abrir uma discussão a respeito das possíveis respostas. O slide título faz aquela pergunta (e introduz o apresentador). Este e os slides 2 a 4 constituem a introdução. O slide 2 reforça um conjunto de pontos já expostos que servirão de base para o que se segue. O Slide 3 mostra o roteiro da apresentação e o 4 resume a recolha de dados.*

*A estrutura concetual é apresentada no quinto slide. O sargento Smith usa o triângulo do crime. Ele discrimina todas as conclusões que seguem aquele triângulo. (É de notar que isto só funciona se o público dele já estiver familiarizado com aquele triângulo. Se não estiverem, Smith deve usar uma estrutura diferente.) Para reforçar esta mensagem, e para evitar que o público se distraia, o Sgt. Smith utiliza o triângulo ao longo de toda a apresentação dos resultados, com ligeiras, mas importantes, modificações: o lado sombreado e a cor são modificados na medida em que os slides se movem dos alvos e dos guardiães para os locais e os gestores, e para os criminosos e os protetores. A seta circular no slide 5 indica a ordem no sentido anti-horário em que o Sgt. Smith apresentará as conclusões. Portanto, neste slide, o Sgt. Smith descreveu, simultaneamente, a estrutura concetual e forneceu uma descrição das principais conclusões.*

*Os slides 6 a 13 apresentam tabelas, figuras e mapas que mostram, ao público, a respeito dos elementos descritos na estrutura concetual. O gráfico de barras poderia mostrar as ações utilizadas para proteger os alvos. Um mapa do local pode mostrar os locais onde o problema é particularmente presente, em contraste com os locais onde ele está ausente. As fotografias poderiam mostrar as características particularmente importantes desses locais. Uma tabela pode mostrar a frequência com que os criminosos são detidos.*

O slide 14 resume estas descobertas. Aqui, o triângulo mostra todas as partes sombreadas, reforçando o ponto principal de que cada uma das descobertas apresentadas faz parte de um todo maior. Os slides finais listam as opções de resposta que são coerentes com as conclusões e as opções que são inconsistentes. Embora o Sgt. Smith forneça o seu parecer como especialista, estes slides foram feitos para abrir o debate orientado pelas descobertas apresentadas previamente. São as pessoas que têm o poder de tomar a decisão que têm a última palavra na questão apresentada.

É importante manter o nosso público concentrado na história, mais geral, e evitar que se perca nos detalhes. Dois métodos de conseguir isso são: o uso de um conceito padrão, que seja repetido ao longo da apresentação (como o triângulo na figura); ou destacar o slide do roteiro. Quando usar um slide de roteiro, este é mostrado antes de cada tema. O tema a ser apresentado é destacado no roteiro e os outros temas permanecem sem destaque. Na apresentação do Sgt. Smith, o slide do roteiro seria mostrado quatro vezes, antes de cada um dos tópicos principais.

A entrega do resumo dos nossos slides ao público é útil, mas há algumas limitações. Podemos fazer modificações de última hora, nos slides, mais facilmente do que nesses resumos. Se esperarmos grandes modificações, à última da hora, os resumos podem não corresponder às imagens. Os slides coloridos são, muitas vezes, ilegíveis quando copiados a preto e branco. Se estivermos a usar o PowerPoint, então, a opção "puro preto e branco" no menu "Print" irá, temporariamente, converter os nossos slides coloridos para preto e branco para serem impressos.

A maioria das pessoas que tem o poder da tomada de decisão não está tão interessada, como nós, nos métodos que usamos para analisar o problema. Portanto, não devemos perder muito tempo a descrever os nossos métodos, a menos que seja, este, o objetivo da apresentação. Ao invés disso, devemos resumir os principais elementos (ver slide 4). Podemos preparar slides separados sobre os métodos, mantidos em reserva, caso o público tenha dúvidas a respeito dos nossos métodos.

<p><b>1</b>      <i>What Causes the XYZ Problem ?</i></p>  <p><i>Sgt. Rodney Smith</i> <i>Problem Analysis Section</i></p>	<p><b>2</b>      <i>What is the XYZ Problem ?</i></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- High number of reported X events.</li><li>- Concentrated in sector Y.</li><li>- First documented in 1986.</li><li>- Does not respond well to enforcement.</li><li>- Common to other police forces.</li></ul>
--	--

**3** *This Presentation Shows*

- Data sources used
- How the data was organized
- Why we have this problem
- Possible responses

**4** *Analysis of XYZ Problem*

- Undertaken by Problem Analysis Section
- Data from a Variety of Sources
  - Reported X events
  - Interviews with Merchants & Shoppers
  - Offender Interviews
  - Review of CCTV recordings
- Experts from other Police Forces

**5** *Elements of the XYZ Problem*

**6-13**

- Slides describing targets and guardians
- Slides describing places and managers
- Slides describing offenders and handlers

**14** *Causes of the XYZ Problem*

A bulleted summary of the previous slides

**15** *Inconsistent Responses*

- Targets and Handlers
  - a.
  - b.
- Places and Managers
  - a.
  - b.
- Offenders and Handlers
  - a.
  - b.

**16** *Consistent Responses*

- Targets and Handlers
  - a.
  - b.
- Places and Managers
  - a.
  - b.
- Offenders and Handlers
  - a.
  - b.

*Leia Mais:*

- **RAND**, *Linhas-mestras para preparar Briefings, em Santa Monica, Califórnia, 1996*, [www.rand.org/publications/CP/CP269/CP269.pdf](http://www.rand.org/publications/CP/CP269/CP269.pdf)
- **Ratcliffe, Jerry H**, (2004) "Jerry's Top Ten Crime Mapping Tips." <http://www.jratcliffe.net/papers/Jerry%27s%20top%20ten%20mapping%20tips.pdf>



## 59. SEJA UM APRESENTADOR COMPETENTE

*Todos os profissionais são obrigados a fazerem apresentações, e a habilidade para se fazer apresentações está-se a tornar tão importante quanto a elaboração de um bom texto. A chave para uma boa apresentação é uma preparação cuidadosa de todos os detalhes envolvidos. Os seguintes pontos são provenientes de uma diversidade de fontes, incluindo as nossas próprias experiências – boas e más.*

### Preparação

*Nunca se deve tentar improvisar. Mesmo os apresentadores experientes, com frequência, ficam nervosos, por isso não nos devemos preocupar com a ansiedade durante a apresentação. Uma preparação cuidadosa ajuda a manter o nervosismo sob controlo:*

1. *Conheça o seu tópico.*
2. *Conheça o seu público-alvo, inclusive quem mais está a fazer a apresentação.*
3. *Estabeleça a duração da apresentação.*
4. *Prepare-se para terminar alguns minutos antes, mas use todo o tempo que precisar.*
5. *Ensaie a apresentação e controle o tempo.*
6. *Ensaie novamente, se necessário.*

### Confira a sala no dia da apresentação

*Certifique-se que conhece o ambiente da sua apresentação e que cumpre três objetivos: Primeiro, evite ter surpresas; Segundo, permita-se fazer planos para lidar com os possíveis problemas que possam ocorrer; Em terceiro lugar, ajude-se a ficar calmo. Isto aplica-se, principalmente, quando estiver a fazer uma apresentação numa conferência ou nalgum outro local fora de sua organização. As salas de conferência dos hotéis variam consideravelmente em termos de dimensão.*

1. *O equipamento de que precisa está no lugar?*
  - *Anotações organizadas em listas.*
  - *Quadro negro/branco.*
  - *Giz/marcador.*
  - *Projetores*
  - *Microfone.*
  - *Ponteiro laser.*
2. *Sabe usar o equipamento?*
3. *Verificou-o?*
4. *Sabe como chamar o técnico?*
5. *Sabe como diminuir as luzes?*

6. Há alguma parte da sala onde a plateia irá ter problemas para o ver ou o ouvir?

### **Projektor**

*O equipamento de apresentação moderno é complexo e propenso a falhar. Certifique-se de que sabe como funciona e tenha um plano B. Se o tempo o permitir efetuamos, sempre, uma verificação ao equipamento da sala. E, durante este ensaio, achamos útil sentarmo-nos em diferentes partes da sala e visualizar os slides mais complexos. Mesmo que não possa fazer ajustamentos poderá, depois, pôr de sobreaviso o seu público. (Por exemplo, “Vocês à esquerda podem passar para o centro, uma vez que há alguns gráficos que são difíceis de se ver da maioria dos assentos à esquerda”)*

1. Coloque o projetor na melhor posição para o público e para si.
2. Certifique-se de que ele não bloqueia a visão da tela.
3. Se necessário, obtenha ajuda para a apresentação dos slides.
4. Certifique-se de que os slides podem ser lidos do fundo da sala.
5. Feche as cortinas ou persianas, se necessário.
6. Nunca assuma que as coisas irão funcionar como o planeado!

### **Estilo da apresentação**

*Embora sabendo que o material é importante, precisará de ter um estilo que o público goste. No mínimo, tenha a certeza que o seu público não seja obrigado a “batalhar” com o seu estilo para poder compreender a sua apresentação. Tratar o público com respeito é absolutamente crucial.*

1. Não leia o seu papel, mesmo que tenha uma versão escrita.
2. Use notas (usar cartões evita que se perca).
3. Comece educadamente (agradeça as presenças, apresente-se, cumprimente o público, etc.)
4. Se possível, levante-se e fale (isto ajuda a manter o público sob controlo).
5. Para apresentações longas, podemos variar a nossa posição (mas não podemos ficar a andar de um lado para o outro incessantemente).
6. Não bloqueie a visão das imagens ao público.
7. Certifique-se de que pode ser ouvido.
8. Não fale muito rápido (cerca de 120 palavras por minuto é o ideal).
9. Mantenha o contato visual com o público (mas não unicamente com uma pessoa!).
10. Certifique-se de que o público sabe qual o momento certo para fazer perguntas - durante ou após a apresentação.
11. Repita as perguntas para que as outras pessoas possam ouvir, responda precisamente, e pergunte se respondeu corretamente à pergunta.
12. Certifique-se de que os resumos dos slides, entregues ao público, são claros (e que temos o suficiente para distribuir).
13. Termine no tempo previsto.

#### 14. Tente divertir-se!

### Software de Apresentação

O PowerPoint e outros softwares semelhantes de apresentação permitem, ao público, receber a informação simultaneamente de dois modos: visualmente e auditivamente. O público é, portanto, mais suscetível a compreender e a lembrar os pontos importantes. Existem quatro perigos com as apresentações eletrônicas: Primeiro, podem resultar em apresentações padronizadas que, rapidamente, se tornam entediadas para um público mais sofisticado; Em segundo lugar, elas podem-se tornar tão complexas que o público presta mais atenção aos aparelhos do que à mensagem; Terceiro, as falhas são mais comuns quanto maior a complexidade; Quarto, elas podem reprimir as perguntas do público. Ver-nos a consertar um aparelho extravagante deixa o público entediado e desperdiçamos o nosso tempo. Lembre-se do princípio KIS: (Keep It Simple – Mantenha as coisas simples):

1. Não leia os seus slides – as nossas falas não devem ser, apenas, uma repetição dos slides.
2. Olhe para a plateia, e não para os slides!
3. Comece com o título da apresentação, o seu nome e naturalidade (mas não as suas qualificações).
4. Use, apenas, uma forma de transição entre todos os slides e use, apenas, uma transição simples que não distraia a plateia dos pontos principais.

### Slides individuais do PowerPoint

Mantenha, também, cada slide simples. Muito texto num slide é difícil de ler. O seu objetivo é apresentar informações resumidas em cada slide. Cada slide deverá centrar a atenção sobre um ponto crítico e evitar as distrações a esse ponto. Assim, faça-os fáceis de ler e de serem compreendidos:

1. Tenha apenas um ponto.
2. Apresente apenas detalhes suficientes para abordar a questão e nada mais.
3. Evite efeitos sonoros, animação, tipo de fontes, e transições que distraem.
4. Use um fundo escuro (por exemplo, azul) e cores claras para o texto (por exemplo, amarelo).
5. Use fontes grandes e cores contrastantes (não conflituantes, como o azul com o laranja).
6. Evite linhas finas e letras que não podem ser facilmente diferenciadas do fundo. Este pode ser um problema particular com os gráficos de linha e os mapas.
7. Evite muito vermelho - deve usar o vermelho, seletivamente, para enfatizar pontos importantes.
8. Use, tanto quando possível, gráficos visuais no lugar de palavras.
9. Use fotos, figuras, tabelas e mapas claros e simples.
10. Use frases curtas com marcadores, não narrativas, em quadros com palavras.

11. *Certifique-se de que cada marcador está relacionado com o ponto principal do slide.*

### **Finalmente, sinta-se seguro**

*Assuma que as coisas podem correr mal! Se o projetor falhar, esteja preparado com slides de retroprojeção e um retroprojetor. Se isso também falhar, use os seus resumos dos slides como substitutos. Se estiver preparado para uma falha, ficará menos nervoso e o seu público será solidário consigo:*

- 1. Evite tecnologias que avariam com frequência, ou aquelas com as quais não esteja familiarizado.*
- 2. Tenha um plano de apoio para as falhas no equipamento e nos softwares.*
- 3. Forneça resumos dos slides como suplemento.*

### **Leia Mais:**

- Ratcliffe, Jerry H, (2004) "Jerry's Top Ten PowerPoint Tips."  
<http://www.jratcliffe.net/papers/Jerry%27s%20top%20ten%20powerpoint%20tips.pdf>

## **60. CONTRIBUA PARA A ACUMULAÇÃO DE CONHECIMENTO**

*Muito do que sabemos hoje, sobre os problemas, era desconhecido há 20 anos atrás. Esta acumulação de conhecimentos deve-se, em grande parte, à partilha de conhecimentos pelos profissionais de polícia e pelos investigadores nos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, e outros Países. Os Passos 54 a 57 descreveram como comunicar o que achamos importante às pessoas com competência para tomar decisões, na sua organização policial e na sua comunidade. Também, temos o dever de melhorar a nossa profissão, partilhando o nosso trabalho fora de nossa comunidade e da nossa instituição.*

*Existem duas abordagens para a comunicação com o nosso grupo: A primeira é através de matérias escritas. Estas podem ser publicadas como relatórios, em jornais e revistas profissionais, ou artigos de imprensa; A segunda é através de apresentações em conferências e reuniões de trabalho. A estratégia mais eficaz para a comunicação de informações é através do uso duma combinação destas abordagens.*

*Os relatórios escritos podem apresentar uma riqueza de informações, detalhadas e úteis, que outros poderão usar como material de referência. Há uma série de formas para a divulgação de informação escrita: Pode ser disponibilizada num formato para download em websites; Pode ser publicada em jornais e revistas profissionais - partes pequenas destinadas a chamar à atenção das pessoas podem ser publicadas em boletins profissionais e outros periódicos; Finalmente, incentivar os jornalistas profissionais a escreverem sobre os nossos esforços pode alcançar um público ainda mais vasto - partes menores e mais facilmente acessíveis alcançam um público maior, mas contêm menos informação.*

*As conferências permitem fazer comunicações diretas, fazer perguntas e dar respostas, e discutir os últimos avanços. As discussões informais são úteis para a troca de opiniões sobre as ideias que não se desenvolveram o suficiente para serem publicadas. E elas permitem-nos procurar o aconselhamento de colegas especialistas sobre os problemas mais difíceis.*

*Os Estados Unidos e o Reino Unido promovem conferências anuais sobre o policiamento orientado-aos-problemas. Existe, também, um grande número de análises criminais disponíveis e outras conferências policiais por todo o mundo onde poderemos apresentar novas informações sobre a resolução de problemas.*

*Finalmente, devemos ter em consideração, também, as conferências de outras profissões, principalmente se já trabalhamos com parceiros de outras áreas. As principais desvantagens das conferências são o pouco tempo disponível para a apresentação das matérias, a falta de registos permanentes, detalhados, dos processos das conferências e o número relativamente pequeno de pessoas que assistem a esses encontros profissionais. Mas há sempre a hipótese dos participantes poderem disseminar as informações para aqueles que não puderam estar presentes.*

*Uma estratégia de comunicação mais analítica deve incluir o seguinte:*

- 1. Para as pessoas interessadas em detalhes, um relatório técnico que possa ser descarregado de um website que seja facilmente utilizado.*
- 2. Para um grande público e de interesse geral, um ou mais artigos curtos publicados em periódicos profissionais ou generalistas, com referências para o website.*
- 3. Para os colegas profissionais e os professores, um artigo longo num jornal profissional.*
- 4. Para um grupo pequeno, mas influente, de colegas profissionais, pelo menos uma apresentação numa conferência profissional.*

*Além disso, é útil enviar cópias de artigos para as pessoas que estão interessadas no assunto que estamos a investigar. Isto não só transmite as nossas ideias mas, também, permite que solicitemos aconselhamento sobre a forma de comunicarmos as nossas ideias aos outros.*

*Os profissionais estão particularmente interessados no seguinte:*

- 1. Descobertas de problemas novos ou modificados.*
- 2. Avanços nas técnicas analíticas que possam responder às novas perguntas, ou responder às perguntas antigas, com mais precisão e com menos erros.*
- 3. Novas respostas para os problemas ou novas aplicações de respostas antigas.*
- 4. Evidências sobre a eficiência e a falta de eficiência, ou os efeitos colaterais das respostas.*

*Cada um destes tópicos pode ser escrito como um estudo de caso do nosso problema específico. O esquema básico de um estudo de caso útil abrange quatro aspetos:*

- 1. A insatisfação com a situação antiga - porque razão o entendimento ou a prática padrão é insuficiente em determinadas circunstâncias particulares.*
- 2. Pesquisar alternativas - como uma nova compreensão do assunto ou prática que foi descoberta.*
- 3. Os elementos que apoiam as alternativas - comparação das abordagens antigas com as novas.*
- 4. As conclusões e as implicações – um resumo daquilo que as pessoas devem ter em consideração, tendo em conta as novas informações.*

*Este esquema segue o processo SARA (ou IARA). A identificação revela a insatisfação com uma circunstância em particular. A análise é uma busca por uma nova compreensão do problema. A resposta requer uma comparação sistemática das abordagens alternativas e da seleção de uma determinada abordagem nova. E a avaliação resume o que se tem aprendido com a experiência.*

*A tabela mostra como este esquema pode ser aplicado a cada um dos quatro temas do estudo de caso. Estes tipos de estudos de caso podem ser combinados conforme as circunstâncias o exigirem. Uma nova técnica de análise de problemas poderia vir a revelar um novo tipo de problema, por exemplo. Em tal circunstância, os dois primeiros tipos de estudo de caso podem ser combinados.*

Do mesmo modo, uma descrição de uma nova resposta para um problema poderia incluir informação sobre a avaliação, de modo a combinar os dois últimos tipos de estudo de caso. Outras combinações são possíveis.

Finalmente, oferecemos um apelo em nome da análise criminal como profissão e da criminologia como disciplina. Por mais que desejemos tornar-nos, claramente, compreendidos, nunca devemos ceder à tentação de exagerar as nossas evidências.

Nada é mais suscetível de prejudicar a nossa reputação, e a dos nossos colegas, do que ser descoberto a exagerar os factos. As outras pessoas podem poupar-se a esforços ou ir direto às conclusões. Os analistas criminais são pessoas diligentes que trabalham cuidadosamente, com esforço e integridade, para tornar compreensivo aquilo que é, muitas vezes, um processo não organizado e planeado. Se não soubermos a resposta, ou apenas parcialmente compreendemos o problema, devemos admiti-lo. Desta maneira, quando soubermos a resposta, as pessoas estarão mais dispostas a confiar no nosso julgamento profissional.

O século 21 está a tornar-se no século da análise em termos de policiamento e, nesse sentido, podemos dar uma grande contribuição. No futuro, a análise estará firmemente estabelecida no policiamento e muito se terá alterado. As tecnologias, certamente, serão diferentes. Mas, o mais importante, os nossos sucessores saberão muito mais sobre o crime e a sua prevenção do que nós. E eles saberão isso porque, nós e as pessoas como nós, fizemos as perguntas importantes, recolhemos e analisamos dados e relatamos os nossos resultados com honestidade e com clareza.

<b>Quatro tipos de estudos de caso</b>				
<b>Esquema</b>	<b>1. Novo Problema</b>	<b>2. Nova Técnica Analítica</b>	<b>3. Nova Resposta</b>	<b>4. Nova Evidência Sobre</b>
<b>I. Insatisfação</b>	<i>Descoberta de uma situação anómala.</i>	<i>Por que a técnica antiga é limitada.</i>	<i>Por que a resposta antiga é limitada.</i>	<i>Incerteza da eficiência da resposta sob certas circunstâncias.</i>
<b>II. Pesquisa</b>	<i>Explorar o que é diferente</i>	<i>Como a nova técnica foi descoberta.</i>	<i>Como a nova resposta foi descoberta.</i>	<i>Dificuldades em avaliar a resposta nessas circunstâncias.</i>
<b>III. Provas</b>	<i>Comparação dos problemas antigos com os problemas novos.</i>	<i>Comparação sistemática de uma técnica antiga com uma nova com base em critérios objetivos.</i>	<i>Comparação sistemática da antiga resposta com a nova com base em critérios objetivos.</i>	<i>Métodos de avaliação utilizados e seus resultados</i>
<b>IV. Conclusões</b>	<i>O que isso implica para solução de problemas.</i>	<i>Circunstâncias em que a nova técnica é particularmente útil.</i>	<i>Circunstâncias em que a nova resposta é particularmente útil.</i>	<i>Circunstâncias em que resposta deve ser utilizada e os resultados esperados.</i>

## Glossário

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Adaptação</b>	<i>Mudanças a longo prazo nos comportamentos da população de criminosos em resposta à prevenção do crime.</i>	<b>11, 46</b>
<b>Aglomeração temporal aguda</b>	<i>Uma elevada concentração de crime dentro de uma pequena parte de um ciclo de 24 horas.</i>	<b>25</b>
<b>Aglomerado temporal</b>	<i>Concentração de crime em 24 horas (ver agregação aguda, difusa e temporal focalizada).</i>	<b>25</b>
<b>Aglomerado temporal difuso</b>	<i>Propagação relativamente constante, ou aleatória, do crime em ciclos de 24 horas.</i>	<b>25</b>
<b>Aglomerado temporal focalizado</b>	<i>Agrupamento de crimes em distintos Intervalos de tempo durante períodos de 24 horas.</i>	<b>25</b>
<b>Alvo</b>	<i>A pessoa ou coisa que um criminoso ataca, toma, ou danifica.</i>	<b>2, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17,</b>
<b>Alvos em risco</b>	<i>Pessoas ou coisas vulneráveis de serem atacadas, tomadas ou danificadas.</i>	<b>26, 27</b>
<b>Ambientes</b>	<i>Um critério de classificação de problemas descrevendo onde o problema acontece (ver Comportamentos).</i>	<b>15, 28, 30</b>
<b>Amplo espectro de tratamentos</b>	<i>Medidas de prevenção de crime que são eficazes contra uma ampla variedade de métodos para cometer um único tipo de crime.</i>	<b>49</b>
<b>Análise</b>	<i>A segunda etapa do Processo SARA/IARA, envolvendo análise sistemática do problema para Identificar as possíveis causas que poderiam ser suscetíveis de respostas.</i>	<b>4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 18, 20,23, 32, 33, 35, 36, 38, 44, 46, 52,</b>
<b>Análise Aorística</b>	<i>Um método estatístico para determinar o ritmo de 24 horas de crimes quando a hora exata do cometimento do crime é desconhecida.</i>	<b>25</b>
<b>Antecipação de benefícios</b>	<i>Benefícios de prevenção do crime que começam antes do início de implementação da resposta de prevenção de crime.</i>	<b>11, 46, 52</b>
<b>Antecipação de benefícios, pseudo</b>	<i>O aparecimento de benefícios antecipados de prevenção de crime causado pela suavização de dados (ou seja, a utilização de uma média móvel).</i>	<b>52</b>
<b>Área de tratamento</b>	<i>Áreas que recebem a resposta em contraste com as áreas-controlo (ver grupo-resposta).</i>	<b>48, 51</b>



<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Áreas de difusão/deslocalização</b>	Áreas utilizadas para detetar a difusão de benefícios e de deslocalização que são separadas do grupo-controlo e do grupo de tratamento.	<b>51</b>
<b>Áreas neutras de Crime</b>	Áreas que não atraem nem infratores nem vítimas, com controlos adequados de comportamentos.	<b>17</b>
<b>Áreas Quentes</b>	Tipos de áreas que mostram as zonas onde o crime está concentrado.	<b>23</b>
<b>Atrativos, Crimes</b>	Áreas de oportunidades de crimes bem conhecidas pelos infratores.	<b>17, 28</b>
<b>Avaliação</b>	A quarta etapa da processo SARA/IARA, que envolve a avaliação da eficácia da resposta.	<b>1, 4, 7, 24, 37, 38, 46, 54, 55, 60</b>
<b>Avaliação de Impacto</b>	Um estudo para determinar se a resposta alterou o problema.	<b>46</b>
<b>Avaliação do Processo</b>	Avaliar como uma resposta foi implementada.	<b>46, 47, 55</b>
<b>Caminho</b>	Rotas que ligam nós.	<b>16</b>
<b>Caso-estudo sem controlo</b>	Uma comparação de pessoas, lugares, horários, ou eventos problemáticos sem examinar aqueles não-problemáticos. Os resultados de tal estudo são frequentemente altamente equivocados.	<b>32</b>
<b>Casos</b>	Pessoas, lugares e eventos que se está a estudar - criminosos, alvos, vítimas, estabelecimentos, períodos de tempo (por exemplo, meses ou semanas), delitos e assim por diante. Em estudos de caso-controlo, os casos são as pessoas, os lugares, ou os eventos problema (ver caso-controlo e controlos)	<b>22, 32, 33, 37, 53</b>
<b>CHEERS</b>	Sigla para os elementos que definem um problema: community (comunidade), harm (dano), expectation (expectativa), events (eventos), Recurring (recorrência ou repetição), e similarity (semelhança).	<b>14, 15, 54</b>
<b>Ciclos</b>	Flutuações regulares no crime que correspondem a mudanças longas na atividade humana sejam diárias, semanais, mensais, ou anuais.	<b>22, 25, 26, 47, 50</b>
<b>Comportamentos</b>	Um dos dois critérios de classificação de problemas descrevendo aspetos do dano, da intencionalidade, e das relações criminoso-alvo (ver ambientes).	<b>15</b>

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>CompStat</b>	<i>Sistema de gestão policial, pioneiro em Nova Iorque, que usa informações atualizadas sobre os padrões dos crimes (muitas vezes processadas com um sistema de informações geográficas) para delimitar áreas de comando (por exemplo, de esquadra e distrital) responsáveis pela redução do crime.</i>	<b>3, 4, 5</b>
<b>Contaminação de difusão</b>	<i>Ocorre quando a difusão de benefícios influencia o grupo ou área-controlo durante a avaliação. Leva à desvalorização do tratamento (Ver Contaminação da deslocalização).</i>	<b>51</b>
<b>Contaminação por deslocalização</b>	<i>Ocorre quando o crime é deslocalizado para o grupo ou área-controlo durante uma avaliação. Conduz à inflação da eficácia (ver contaminação por difusão).</i>	<b>48, 49</b>
<b>Conteúdo</b>	<i>Informação substancial de uma tabela ou figura.</i>	<b>56, 57</b>
<b>Contramedidas de deslocalização</b>	<i>Prevenção implementada para prevenir a deslocalização esperada.</i>	<b>48</b>
<b>Controlos (em criminosos)</b>	<i>Pessoas e situações que reduzem a vontade ou a capacidade dos criminosos potenciais para cometerem crimes.</i>	<b>9, 15, 17, 39, 42, 43, 48</b>
<b>Controlos (nos Estudos de caso-controlo)</b>	<i>Num estudo de caso-controlo, os controlos são as pessoas, os locais, os horários ou os eventos que não têm o seu resultado a ser estudado, em contraste com os casos que têm o seu resultado. Por exemplo, num estudo de caso-controlo em bares com muitas ocorrências, os casos são os bares com muitas ocorrências e os controlos são os bares com poucas ou nenhuma ocorrência.</i>	<b>32, 33</b>
<b>Controlos (para análise)</b>	<i>Procedimentos de estatística e de conceção da avaliação para isolar o efeito de um fator nalguns resultados dos efeitos de outros fatores. Um grupo de pessoas ou áreas que não estão a ter uma resposta e que são comparadas com aquelas que recebem a resposta, para mostrar o que teria acontecido ao grupo-resposta se tal grupo não tivesse recebido a intervenção (ver grupo-controlo).</i>	<b>47, 48, 49, 51</b>
<b>Correlação</b>	<i>Uma medida de associação entre duas características.</i>	<b>33</b>
<b>CPTED</b>	<i>Veja Prevenção Criminal através da Conceção Ambiental.</i>	
<b>CRAVED</b>	<i>Sigla que descreve as características dos itens mais prováveis de serem furtados e que significa: Concealable (que podem ser escondidos), Removable (removíveis), Available (disponíveis), Valuable (valioso), Enjoyable (agradável), e Disposable (que podem ser disponibilizados a terceiros).</i>	<b>28, 31</b>

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Custos</b>	<i>Despesas ou dificuldades associadas com eventos criminosos ou com as medidas preventivas.</i>	<b>6, 12, 38, 40, 44</b>
<b>Desafio (resistência)</b>	<i>Os criminosos desafiam a legitimidade dos esforços de prevenção e cometem mais crimes, ao invés de menos como se esperava.</i>	<b>11</b>
<b>Deslocalização</b>	<i>Mudança no comportamento dos infratores para contrariar as ações preventivas.</i>	<b>1, 4, 11, 12, 13, 38, 40, 46, 48, 49, 50, 51, 54</b>
<b>Deslocalização, alvo</b>	<i>Os infratores alteram o seu tipo de alvo ou vítima.</i>	<b>12, 13, 19</b>
<b>Deslocalização, geográfica</b>	<i>Os infratores movem-se para outro espaço.</i>	<b>12, 13, 46, 48</b>
<b>Deslocalização, tática</b>	<i>Os infratores alteram o seu método de cometer crimes.</i>	<b>12, 13, 49</b>
<b>Deslocalização, temporal</b>	<i>Os infratores alteram o horário ou o dia.</i>	<b>12, 13, 48, 49</b>
<b>Deslocalização, tipo de crime</b>	<i>Os infratores mudam o tipo de crime.</i>	<b>12, 13, 49</b>
<b>Desvio padrão</b>	<i>Uma medida comum de difusão por distribuições.</i>	<b>22, 53</b>
<b>Difusão de benefícios</b>	<i>Redução da criminalidade além do enfoque do regime de prevenção; é um multiplicador da eficácia.</i>	<b>11, 13, 38, 47, 49, 51</b>
<b>Difusão de benefícios, alvo</b>	<i>Alvos adicionais são protegidos.</i>	<b>13</b>
<b>Difusão de benefícios, geográfica</b>	<i>Prevenção adicional relativamente ao espaço.</i>	<b>13</b>
<b>Difusão de benefícios, tática</b>	<i>Métodos Adicionais frustrados.</i>	<b>13</b>
<b>Difusão de benefícios, temporal</b>	<i>Prevenção adicional ao longo do tempo.</i>	<b>13</b>
<b>Difusão de benefícios, tipo de crime</b>	<i>Tipos de crimes adicionais bloqueados.</i>	<b>13</b>
<b>Distribuição</b>	<i>Uma distribuição mostra quantos casos ou que proporção dos casos têm cada um dos valores de uma variável.</i>	<b>22</b>
<b>Efeito da janela-temporal</b>	<i>A subestimação da vitimização recorrente devido ao uso de um conjunto de períodos de tempo.</i>	<b>29</b>

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Embalagem</b>	<i>As linhas e rótulos utilizados nas tabelas e nas figuras (ver conteúdo). Poucas linhas e rótulos são necessários para ajudar a interpretar o conteúdo, mas grande quantidade de linhas e de rótulos obscurecem o conteúdo.</i>	<b>56, 57</b>
<b>Escala de proporção</b>	<i>Uma escala de medida na qual há intervalos iguais entre os valores classificados e um zero teoricamente significativo. Qualquer procedimento matemático pode ser utilizado em dados medidos numa escala de proporção.</i>	<b>22</b>
<b>Escala nominal</b>	<i>Valores que apenas nominam e não podem ser classificados.</i>	<b>22</b>
<b>Escala ordinal</b>	<i>Uma escala de medida em que os valores podem ser classificados, mas nenhum outro processo matemático pode ser aplicado a eles.</i>	<b>22</b>
<b>Estudo de caso-controlo</b>	<i>Uma comparação sistemática de pessoas, lugares, horários, ou eventos problemáticos com aqueles não-problemáticos para descobrir as características que poderão estar a causar o problema. Este tipo de estudo é particularmente útil quando os casos problemáticos são uma proporção muito pequena do total de casos.</i>	<b>17, 32, 33</b>
<b>Facilitadores</b>	<i>Objetos físicos, situações sociais, ou substâncias químicas que ajudam os criminosos a cometerem os seus crimes ou atos de desordem.</i>	<b>34</b>
<b>Facilitadores físicos</b>	<i>Coisas que melhoram as capacidades dos infratores e que os ajudam a superarem as medidas preventivas, ou os incitam à delinquência.</i>	<b>34</b>
<b>Facilitadores químicos</b>	<i>Substâncias que aumentam as habilidades dos infratores para ignorar o risco, a recompensa, ou aumentar as suas desculpas.</i>	<b>34</b>
<b>Facilitadores sociais</b>	<i>Situações que oferecem suporte que estimula o crime ou a desordem e que reforçam a recompensa do crime, que legitimam as suas justificações, ou encorajam a sua ocorrência.</i>	<b>34</b>
<b>Falso negativo</b>	<i>Um erro em que o responsável pela decisão que prevê algo que não ocorreria, mas que ocorre. Também conhecido como erro tipo 1.</i>	<b>37, 53</b>
<b>Falso Positivo</b>	<i>Um erro em que o responsável pela decisão que prevê que algo ocorreria, mas que não ocorre. Também conhecido como um erro Tipo 2.</i>	<b>37, 53</b>

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Flutuações aleatórias</b>	<i>Mudanças a curto prazo em problemas causados por um grande número de efeitos muito pequenos.</i>	<b>26, 53</b>
<b>Geradores de crimes</b>	<i>Áreas a que um grande número de pessoas são atraídas por razões alheias à motivação criminosa.</i>	<b>17</b>
<b>Gerente</b>	<i>Uma pessoa que tem alguma responsabilidade de controlar os comportamentos num local específico.</i>	<b>5, 8, 24, 28, 30, 33, 38, 40, 58</b>
<b>Grupo-controlo</b>	<i>Um grupo de pessoas ou uma área que é similar ao grupo ou área de tratamento, mas que não recebe tratamento. Utilizado em avaliações para o controlo do impacto de outras influências de não-tratamento sobre o crime.</i>	<b>47, 49, 51</b>
<b>Grupo de tratamento</b>	<i>Ver grupo-resposta.</i>	<b>49, 51</b>
<b>Grupo-resposta</b>	<i>Pessoas ou lugares que recebem medidas de prevenção, em contraste com grupo-controlo.</i>	<b>47</b>
<b>Guias POP</b>	<i>Resumos de pesquisas e de práticas que lidam com problemas específicos e recomendam respostas particulares. Disponível em <a href="http://www.popcenter.org">www.popcenter.org</a> e em <a href="http://www.cops.usdoj.gov">www.cops.usdoj.gov</a></i>	<b>3, 19</b>
<b>Hipótese</b>	<i>Uma resposta a uma pergunta sobre um problema que pode ser verdadeira ou falsa, e pode ou não ser apoiada por provas.</i>	<b>20, 50</b>
<b>Home Office</b>	<i>O equivalente britânico do Departamento de Justiça dos EUA, ou do Ministério da Administração Interna em Portugal, que tem financiado muitas pesquisas sobre o combate ao crime.</i>	<b>10, 19, 36, 38, 40, 41</b>
<b>IARA</b>	<i>Sigla para o processo de resolução de problemas (ver Identificar, Análisar, Responder, e Avaliar).</i>	<b>7, 21</b>
<b>Identificação</b>	<i>Ações-padrão realizadas numa ordem específica, pelos infratores, para cometer crimes.</i>	<b>35, 36</b>
<b>Impulso</b>	<i>Uma explicação para a existência de vítimas repetidas que sugere que as recompensas para o criminoso, no primeiro crime, o incentiva a repetir o ataque contra a mesma vítima ou, mesmo, para dizer a outros criminosos que, então, ataquem a mesma vítima.</i>	<b>29</b>
<b>Indicadores</b>	<i>Uma explicação para vitimização repetida que sugere que algumas pessoas são particularmente vulneráveis devido à sua ocupação ou à sua posse de produtos atrativos. (ver razões de impulso).</i>	<b>29</b>

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Infratores reincidentes</b>	Muitas pessoas que cometem muitos crimes ou atos de desordem (ver Wolf/Lobo).	3, 18, 30
<b>Infrator</b>	Uma pessoa que comete um crime ou um ato de desordem.	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12,13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 28,29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 39, 40,41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 52,54, 58
<b>Input (entradas)</b>	Recursos usados numa resposta.	46
<b>Instalações</b>	Locais que têm funções especiais, tais como as escolas, as empresas, e os restaurantes.	15, 18, 20, 23, 25, 27, 28, 30, 34, 38, 39, 42, 43, 44, 48
<b>Instalações de perigo</b>	Instalações que são locais frequentes de crime e de desordem.	18, 20, 23, 27, 28, 29, 34, 44
<b>Intervenção</b>	A resposta a ser aplicada a um problema (também chamada de tratamento ou resposta - ver Resposta).	4, 7, 11, 20, 35, 40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52
<b>Linhas Quentes</b>	Tipos de pontos quentes mostrando segmentos de ruas onde o crime se concentra.	23
<b>Local-problema (de injustiça/desigualdade)</b>	Problema caracterizado pelo envolvimento substancial de lugares repetidos (Ver triângulo de análise do problema). Ocorre quando novos potenciais criminosos e novos potenciais alvos se encontram num lugar onde a supervisão é fraca.	8, 15
<b>Lugar</b>	Uma pequena área, como um endereço, esquina, ou na frente de um bloco de apartamentos (Ver Triângulo de crime).	8, 12, 13, 17, 18, 20, 27, 30, 32,38, 39, 40, 48
<b>Mapeamento de Crimes/ Mapas</b>	Análise dos padrões geográficos do crime em mapas. Ver Sistemas de Informação Geográfica.	1, 4, 5, 16, 17, 21, 23, 24, 29, 55, 58
<b>Mapeamento em 3-D</b>	Mapeamento em alta definição que retrata pontos dentro de edifícios.	24
<b>Margens</b>	Fronteiras entre as áreas onde as pessoas vivem, trabalham, fazem compras, ou procuram diversão.	16
<b>Média</b>	Uma medida de tendência central, também conhecida como média aritmética, calculada pela soma dos valores para todos os casos e dividindo-se o montante pelo número de casos. Útil para os dados de proporção e para distribuições simétricas.	22

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Média móvel</b>	<i>Um método para reduzir a flutuação aleatória numa série temporal refazendo o valor de cada ponto de dados baseado na média de períodos anteriores (Ver Suavização)</i>	<b>26, 52</b>
<b>Mediana</b>	<i>Uma medida de tendência central que divide os casos em dois grupos iguais, metade abaixo do valor da mediana e metade acima.</i>	<b>22</b>
<b>Moda</b>	<i>Uma medida de tendência central que mostra o valor que o maior número de casos possui.</i>	<b>22</b>
<b>Modelo padrão</b>	<i>Policiamento que se baseia, principalmente, no uso do patrulhamento, na resposta rápida e em investigações de acompanhamento para prevenir os crimes.</i>	<b>3</b>
<b>Nível de significância</b>	<i>Um limiar baixo em que se rejeita a possibilidade de que a diferença, entre dois conjuntos de estatísticas, seja devida à aleatoriedade. Frequentemente, 0,05 (ou 5%) é o limiar de rejeição (ver teste de significância).</i>	<b>53</b>
<b>Nódulos</b>	<i>Lugares de destino, como a casa, o local de trabalho, os locais de compras, de diversão, e a escola (ver caminhos).</i>	<b>16</b>
<b>Oportunidade</b>	<i>Forma reduzida da "estrutura da oportunidade de crime", o que significa que as estruturas físicas e sociais tornam possível a ocorrência do crime.</i>	<b>9, 12, 38, 44, 48, 50</b>
<b>Perceções dos criminosos</b>	<i>Como os criminosos veem as situações e as medidas preventivas.</i>	<b>11, 34</b>
<b>Policiamento "Janelas Quebradas"</b>	<i>Uma proposta de estratégia de policiamento baseada nos princípios de que os pequenos crimes acabam por destruir a vida comunitária e que os pequenos crimes incentivam crimes maiores, consequentemente a polícia deve prestar atenção particular nos problemas relativos à desordem.</i>	<b>5</b>
<b>Policiamento comunitário</b>	<i>O policiamento comunitário foca-se no crime e na desordem social através do fornecimento dos serviços da polícia que incluem aspetos da aplicação da lei tradicional, bem como a prevenção, a resolução de problemas, o envolvimento da comunidade e das parcerias.</i>	<b>1, 3, 4, 5</b>
<b>Policiamento orientado-aos-problemas</b>	<i>Policiamento que altera as condições que dão origem a problemas recorrentes de criminalidade e não, apenas, baseando-se em responder aos incidentes imediatos ou evitando-os através de patrulhas preventivas.</i>	<b>1, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 15, 19, 21, 28, 38, 55, 60</b>

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Pontos Quentes</b>	<i>Tipos de áreas que mostram as localidades com altos níveis de crime.</i>	<b>23</b>
<b>Pontos Quentes</b>	<i>Concentrações geográficas de crime.</i>	<b>3, 5, 16, 17, 18, 23, 48, 55</b>
<b>Pontos Quentes agudos</b>	<i>Pontos quentes que aparecem subitamente, ou seja, não estavam presentes durante muito tempo; não são crônicos (Ver pontos quentes crônicos e problemas crônicos).</i>	<b>23</b>
<b>Pontos quentes crônicos</b>	<i>Hot-spots que persistem por um longo período de tempo (ver focos agudos).</i>	<b>23</b>
<b>POP</b>	<i>Veja Policiamento Orientado-aos-Problemas.</i>	<b>4, 5, 6, 8, 14, 19, 46</b>
<b>Prevenção do Crime através da Conceção Ambiental (CPTED)</b>	<i>Um conjunto de princípios para desenhar e projetar edifícios e espaços públicos seguros.</i>	<b>24</b>
<b>Prevenção situacional de crime</b>	<i>A ciência de reduzir as oportunidades para o crime</i>	<b>1, 13, 16, 34, 38, 41, 54</b>
<b>Problemas lobo</b>	<i>Problemas caracterizados pelo envolvimento substancial de criminosos reincidentes (ver triângulo do crime). Ocorre quando os criminosos são capazes de localizar alvos e locais temporariamente vulneráveis.</i>	<b>8, 15</b>
<b>Problemas agudos</b>	<i>Conjuntos transitórios de eventos recorrentes que podem desaparecer sem necessariamente da implementação de atividades de resolução de problemas mas que, também, poderão evoluir para problemas crônicos.</i>	<b>14</b>
<b>Problemas crônicos</b>	<i>Conjuntos de eventos recorrentes a longo prazo que não mostram nenhum sinal de redução e são, em grande parte, resistentes ao trabalho tradicional da polícia.</i>	<b>14</b>
<b>Problemas Pato</b>	<i>Problemas caracterizados pelo substancial envolvimento de vítimas reincidentes (ver triângulo do crime). Ocorre quando as vítimas interagem continuamente com os potenciais infratores em lugares diferentes, mas as vítimas não aumentam as suas medidas de precaução e os seus guardiões estão ausentes ou são ineficazes.</i>	<b>8, 15</b>
<b>Produtos quentes</b>	<i>Coisas que são particularmente atraentes para o furto.</i>	<b>18, 28, 28, 31</b>
<b>Proporção de probabilidade</b>	<i>Uma medida de associação entre duas características úteis quando um estudo de caso-controlo é usado.</i>	<b>33</b>
<b>Protetor</b>	<i>Alguém que conhece bem o criminoso e que está em posição de exercer algum controlo sobre as suas ações.</i>	<b>25, 28</b>



<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Provocações</b>	Concepções físicas ou a maneira como os lugares são supervisionados que provocam a má conduta.	34, 38, 42, 54
<b>Quadro/estrutura da história</b>	Um "casulo de histórias" ligando vários fatores que interagem entre si e que pode ser aplicada a uma variedade de problemas.	54, 58
<b>Regra 80-20</b>	O princípio de que poucas pessoas ou locais estão envolvidos numa grande proporção de eventos.	18, 20, 22, 30, 31, 54
<b>Regressão à média</b>	A tendência dos níveis de criminalidade anormalmente altos ou baixos de volta aos seus níveis normais.	47, 52
<b>Reincidências próximas</b>	Ver Reincidências virtuais.	29
<b>Reincidências virtuais</b>	Vitimização de alvos que são muito similares, embora não idênticos (como no caso de vítimas e de locais reincidentes). Também chamadas de reincidências-próximas.	29
<b>Resposta</b>	A terceira etapa do Processo IARA que envolve o desenvolvimento e a implementação de uma intervenção destinada a reduzir um problema. Também é um termo para o tratamento preventivo ou a intervenção aplicada (ver Intervenção ou Tratamento).	2, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 23, 26, 29, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 60
<b>Resposta gradativa</b>	A resposta aumenta de intensidade ou de forma à medida que o número das vitimizações aumenta. Uma Intervenção utilizada para reduzir a vitimização repetida.	29
<b>Resultado</b>	O impacto da resposta no problema.	11, 33, 37, 46, 54
<b>Resultados</b>	Atividades conseguidas numa resposta.	46
<b>Risco, crime</b>	A oportunidade de que um alvo venha a estar envolvido num crime.	6, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 38, 39, 41
<b>SIG</b>	Sigla para "Sistemas de Informação Geográfica". Estes são bancos de dados informáticos onde todas as informações estão ligadas a locais geográficos, a fim de que os dados possam ser mapeados. Isto permite a comparação de diferentes áreas e locais para a mesma informação, e o exame de como dois ou mais tipos de informações variam, juntas, geograficamente. Os SIG estão no cerne de todos os processos modernos de mapeamento do crime.	2, 24, 29

<b>Termo</b>	<b>Definição</b>	<b>Passo</b>
<b>Sistema de Informação Geográfica</b>	Ver SIG.	
<b>Suavização</b>	Remoção das flutuações aleatórias de uma série temporal usando uma média móvel.	26, 52
<b>Taxas de crime</b>	A proporção de crimes por alvos por área. Utilizada para controlar as diferenças no número de alvos (ver Risco, Crime).	9, 17, 20, 24, 26, 27, 28, 32, 37, 42, 44, 49, 51
<b>Tendência</b>	Um aumento constante, diminuição ou nível estável de crime nalgum período de tempo.	2, 20, 22, 26, 47, 49, 52, 57
<b>Teste de significância</b>	Um procedimento estatístico usado para determinar se a diferença entre dois grupos de números se deve à aleatoriedade.	53
<b>Tratamento</b>	Ver Resposta ou Intervenção,	48, 49, 51
<b>Triângulo de análise do problema</b>	Um gráfico que mostra os seis principais elementos da teoria de atividade rotineira – os infratores, os agentes, os alvos/vítimas, os guardiões, os lugares e os gestores - e que é utilizado para organizar a análise de problemas.	8, 16
<b>Triângulo do crime</b>	Ver triângulo de análise do problema.	8, 35, 54, 58
<b>Valor - P</b>	A probabilidade de que a diferença entre dois conjuntos de estatísticas seja devida à aleatoriedade (ver teste de significância).	43
<b>Varição do interquartil</b>	Os limites, superior e inferior, dos 50% dos casos, centrados na mediana.	22
<b>Varição/extensão</b>	Uma medida de dispersão mostrando os valores, mínimo e máximo, numa distribuição.	22, 25
<b>Viabilizadores de crime</b>	Lugares com pouca regulação de comportamentos.	17
<b>Vítima</b>	Um alvo humano ou o proprietário de bens subtraídos ou de propriedade danificada.	1, 2, 4, 6, 8, 10, 14, 15, 16, 18,
<b>Vítima reincidente (repetida)</b>	Uma pessoa ou local com crimes múltiplos ou atos de desordem.	18, 23, 28, 29
<b>Vitimização repetida</b>	O processo que leva às vítimas reincidentes.	8, 28, 29, 30, 33, 38, 46
<b>Zona de proteção</b>	Espaço em volta de um lugar ou área. Muitas vezes uma área em torno de um estabelecimento, ponto-quente, ou área de tratamento.	16, 51